

PUCRS

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO 2019/1

REGINA ZIMMERMANN GUILHERME

O MARMORISTA ITALIANO LEONE DOMENICO LONARDI EM PORTO ALEGRE (1927 – 1961): UM ESTUDO DE CASO SOBRE IMIGRAÇÃO QUALIFICADA, REDES SOCIAIS E TRANSNACIONALISMO.

Porto Alegre
2019

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

REGINA ZIMMERMANN GUILHERME

**O MARMORISTA ITALIANO LEONE DOMENICO LONARDI EM PORTO
ALEGRE (1927 – 1961): UM ESTUDO DE CASO SOBRE IMIGRAÇÃO
QUALIFICADA, REDES SOCIAIS E TRANSNACIONALISMO.**

Dissertação apresentada como requisito para a
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-
graduação em História da Escola de Humanidades
da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande
do Sul.

Orientador: Dr. Antonio de Ruggiero

Porto Alegre
2019

Ficha Catalográfica

G956m Guilherme, Regina Zimmermann

O marmorista italiano Leone Domenico Lonardi em Porto Alegre (1927-1961) : um estudo de caso sobre imigração qualificada, redes sociais e transnacionalismo / Regina Zimmermann Guilherme . – 2019.

177.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Antonio de Ruggiero.

1. Imigração italiana. 2. Imigração urbana. 3. Imigrante qualificado. 4. Redes sociais. 5. Transnacionalismo. I. Ruggiero, Antonio de. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Salete Maria Sartori CRB-10/1363

REGINA ZIMMERMANN GUILHERME

**O MARMORISTA ITALIANO LEONE DOMENICO LONARDI EM PORTO
ALEGRE (1927 – 1961): UM ESTUDO DE CASO SOBRE IMIGRAÇÃO
QUALIFICADA, REDES SOCIAIS E TRANSNACIONALISMO.**

Dissertação apresentada como requisito para a
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-
graduação em História da Escola de Humanidades
da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande
do Sul.

Aprovada em: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Antonio de Ruggiero – PUCRS – Orientador

Prof. Dra. Vania Beatriz Merlotti Herédia – PUCRS

Prof. Dr. Leonardo de Oliveira Conedera – UFPEL

Porto Alegre
2019

Ao meu filho e ao meu pai.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, pela confiança que sempre depositou em mim e em meu trabalho e por sua incansável disponibilidade, orientando e apoiando, desde os primórdios da pesquisa.

Ao Programa de Pós-graduação em História da Escola de Humanidades da PUCRS, que proporcionou os diversos recursos necessários para a realização deste trabalho. Agradeço, principalmente, ao apoio dos professores e funcionários.

Ao CNPq que me concedeu bolsa integral, possibilitando, assim, dedicação integral à pesquisa, ao desenvolvimento deste trabalho, às demais atividades do PPG e à difusão do conhecimento apreendido, através da participação em eventos e publicação de trabalhos.

À família Lonardi, especialmente ao senhor Julio Lonardi, que disponibilizou o acervo documental de seu pai Leone Lonardi e sempre se mostrou disposto a colaborar com o desenvolvimento da pesquisa.

À amiga Egiselda Brum Charão, pelo companheirismo nas inúmeras pesquisas realizadas durante os últimos 15 anos. E, especialmente, pelo incentivo para que eu retornasse aos bancos acadêmicos e realizasse este trabalho.

Ao meu filho, pela paciência quando lhe fui desatenta, por seu apoio logístico e por todos os lanchinhos preparados para que eu não precisasse interromper as leituras.

Aos ex-professores que se tornaram grandes amigos, Harry Rodrigues Bellomo e Arnoldo Doberstein, que despertaram o meu interesse pela pesquisa e pela escultura e continuam sendo grandes incentivadores.

Aos colegas e amigos do Instituto Cultural Emilio Sessa, pelos incentivos.

Ao amigo Fábio Augusto Steyer, pela revisão ortográfica e pelo estímulo.

Aos funcionários da biblioteca da PUCRS, principalmente à Gislene Monticelli por sua infalível atenção durante a pesquisa no Acervo Benno Mentz - Delfos - Espaço de Documentação e Memória Cultural do Instituto de Cultura/PUCRS.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo entender o universo dos imigrantes qualificados italianos e sua participação no desenvolvimento urbano ocorrido em Porto Alegre desde o final do século XIX, através da análise da trajetória do marmorista italiano Leone Domenico Lonardi e dos seus diversos contextos, espaciais e temporais. Da mesma forma, busca-se entender a dinâmica de mobilidade própria dos imigrantes urbanos que se apoiavam na proteção e na solidariedade de suas redes sociais, baseados nos laços de amizade, parentesco e vizinhança. A partir da segunda metade do século XIX, deram origem a uma cadeia migratória “espontânea” de indivíduos direcionados aos centros urbanos em desenvolvimento. Através do estudo de caso de Leone Lonardi e da análise das breves biografias de imigrantes italianos presentes em sua rede de sociabilidade, busco compreender a importância da imigração qualificada no processo de modernização de Porto Alegre. A análise busca também um melhor entendimento de questões étnicas relacionadas à mobilidade humana e as características do *transnacionalismo* gerado pelo fluxo de imigração qualificada.

Palavras-chave: Imigração italiana. Imigração urbana. Imigrante qualificado. Redes sociais. Transnacionalismo.

RIASSUNTO

Questo lavoro si propone di comprendere l'universo degli immigrati italiani qualificati e la loro partecipazione allo sviluppo urbano cominciato a Porto Alegre dalla fine del XIX secolo, attraverso l'analisi della traiettoria dell'artista marmoreo italiano Leone Domenico Lonardi e dei suoi vari contesti spaziali e temporali. Allo stesso tempo, si è cercato di analizzare le dinamiche della mobilità degli immigranti urbani, che si appoggiavano sulla protezione e solidarietà delle loro reti sociali, basate su legami di amicizia, parentela e vicinato. Dalla seconda metà del XIX secolo, diedero origine ad una catena migratoria “spontanea” di individui diretti nei centri urbani in fase di grande sviluppo. Attraverso il caso studio di Leone Lonardi e l'analisi delle brevi biografie degli immigrati italiani presenti nella sua rete sociale, ho cercato di comprendere l'importanza dell'immigrazione qualificata nel processo di modernizzazione di Porto Alegre. L'analisi mira anche ad una migliore comprensione delle questioni etniche legate alla mobilità umana e alle caratteristiche del transnazionalismo generato dal flusso di emigrazione qualificata.

Parole-chiave: Immigrazione italiana. Immigrazione urbana. Immigrati qualificati. Reti social. Transnazionalismo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Anúncio do <i>Emprestimo Littorio</i>	25
Figura 2 - Detalhe do projeto do Viaduto Otávio Rocha.....	31
Figura 3 - Detalhe do projeto do Viaduto Otávio Rocha.....	31
Figura 4 - Detalhe do projeto do Viaduto Otávio Rocha.....	31
Figura 5 - Detalhe do projeto do Viaduto Otávio Rocha.....	32
Figura 6 - Estátua do Conde de Porto Alegre.....	45
Figura 7 - Balancete dos valores referentes à estátua do Conde de Porto Alegre.....	46
Figura 8 - Aviso de mudança de endereço da oficina Carlos Fossati.....	49
Figura 9 - Anúncio do depósito e oficina de mármore José Obino, 1877.	53
Figura 10 - Anúncio da oficina de mármore José Obino (Sucessor), 1885.....	54
Figura 11 - Anúncio da oficina José Obino e Sucessor recrutando aprendiz.....	54
Figura 12 - Anúncio da oficina de José Obino Sucessores.	54
Figura 13 - Anúncio da oficina de José Obino Sucessor na Rua dos Andradas.....	54
Figura 14 - Aviso de mudança de endereço da oficina José Obino Sucessor.	55
Figura 15 - Anúncio das oficinas de mármore de Egisto Girolami, 1895.....	56
Figura 16 - Anúncio da oficina de mármore de Egisto Girolami, 1900.	56
Figura 17 - Caterina e Giulio Lonardi.	61
Figura 18 - Teresa Maria Lonardi.	
Figura 19 - Carolina Lonardi.....	61
Figura 20 - Erminia Lonardi e Amália Lonardi.....	61
Figura 21 - Maria Lonardi.	
Figura 22 - Elvira Lonardi.....	62
Figura 23 - Aurora Lonardi.	
Figura 24 - Pasqua Lonardi.	62
Figura 25 - Fioravante Lonardi.	
Figura 26 - Luigi Lonardi.	62
Figura 27 - Primeira página da lista de passageiros do navio Conte Verde, no qual Leone viajou da Itália para os EUA.....	67
Figura 28 - Leone Lonardi e o irmão Luigi nos EUA.	68
Figura 29 - Registro de saída da Filadélfia no passaporte de Leone.	70
Figura 30 - Ofício de casamento de Leone e Maria Lonardi.....	70
Figura 31 - Passaporte de Leone Lonardi com visto do consulado brasileiro em Gênova.	71
Figura 32 - Atestado de liberação de passaporte de emigrante de Maria Beghini.	71
Figura 33 - Primeira página da lista de passageiros do navio Conte Verde, no qual Leone viajou da Itália para o Brasil.....	72
Figura 34 - Conde Matarazzo na lista de passageiros do navio Conte Verde	72
Figura 35 - Leone e Maria Lonardi na lista de passageiros do navio Conte Verde.	73
Figura 36 - Busto de Getúlio Vargas em relevo.	
Figura 37 - Molde do busto de Otávio Rocha.	79
Figura 38 - Anúncio da marmoraria Floriani Filho, 1916.....	80
Figura 39 - Anúncio de Floriani, 1927.	
Figura 40 - Anúncio de Floriani, 1928.	81

Figura 41 - Assinatura da marmoraria Bertanha, Keller & Cia.....	87
Figura 42 - Pietá no túmulo da família Sebastião Moura.....	88
Figura 43 - Registro de estrangeiro de Benjamin Bottari.....	89
Figura 44 - Registro de estrangeiro de Valente Bottari.....	90
Figura 45 – Valente Bottari no atelier da Marmoraria Lonardi, Teixeira & Cia.....	90
Figura 46 - Casamento de Pedro Biondani com Helenita Coelho Caldas.....	94
Figura 47 – Leonildo Sartori no Álbum Comemorativo da Casa Aloys.....	97
Figura 48 – Leonildo Sartori na lista de grevistas de 1914 da Casa Aloys bronze.....	97
Figura 49 – Primeira página do primeiro livro caixa da Marmoraria Lonardi & Teixeira.	99
Figura 50 – Primeiro caixa da Marmoraria Lonardi, p. 6, outubro de 1928.	101
Figura 51 – Diploma de Leone Lonardi, de 1912, com menção honrosa.	109
Figura 52 – Diploma de Leone Lonardi, de 1912, com o prêmio de segundo lugar.....	110
Figura 53 – Monumento aos mortos em Sant’Anna d’Alfaedo, Verona, Itália, 1920.	111
Figura 54 - Assinatura dos artistas no monumento aos mortos de Sant’Anna d’Alfaedo....	111
Figura 55 – Estátuas da fachada da Igreja de Fumane, Verona, 1920.....	112
Figura 56 – Medalhões da fachada da Igreja de Fumane, Verona, 1920.	113
Figura 57 – Familiares de Lonardi diante do monumento aos mortos da 1ª Guerra de Fumane.	113
Figura 58 – Detalhes do monumento aos mortos de Fumane, Verona, 1922.....	113
Figura 59 – Contribuições de Lonardi à Associação de Escultores Arquitetônicos e Entalhadores da Filadélfia e Vizinhança, 1924.	115
Figura 60 - Contribuições de Lonardi à Associação de Escultores Arquitetônicos e Entalhadores da Filadélfia e Vizinhança, 1925.	115
Figura 61 - Notícia do jornal <i>A Federação</i> sobre marmoristas italianos nos EUA.....	116
Figura 62 – Folha de rosto do catálogo da Companhia de Artes Plásticas Florentina.	117
Figura 63 – Apresentação do catálogo da Companhia Florentina de Artes Plásticas.	117
Figura 64 – Foto do show room da Companhia de Artes Plásticas Florentina, no catálogo.	118
Figura 65 – Moldes de ornamentos, bustos e baixos-relevos – Catálogo da Companhia de Artes Plásticas Florentina.	118
Figura 66 - Monumento aos mortos de Sant’Andrea de Badia Calavena, 1925.	119
Figura 67 – Monumento aos mortos de Badia Calavena, Verona, 1926.....	120
Figura 68 – O casal Maria Beghini e Leone Lonardi em Veneza, em “Lua de Mel”.	120
Figura 69 – Anúncio da legião organizada para angariar fundos para as obras da Catedral dirigidas pelo monsenhor João Maria Balen.	126
Figura 70 - Anúncio da Marmoraria Pietrasanta.	127
Figura 71 - Anúncio da Marmoraria Pietrasanta em idioma italiano.	127
Figura 72 – Registro de despesa com cartas enviada para a Itália e o Rio de Janeiro.	128
Figura 73 – Registro de pagamento de máquinas adquiridas, no primeiro livro caixa.	129
Figura 74 – Croqui de túmulo projetado por Leone Lonardi.	130
Figura 75 – Aquarela de túmulo projetado por Leone Lonardi.....	130
Figura 76 – Leone Lonardi e seu atelier, esculpindo o Sagrado Coração de Jesus.....	131
Figura 77 – Túmulo da família Aranha no Cemitério da Santa Casa.....	131
Figura 78 – Cartão de visitas da Marmoraria Lonardi, Teixeira & Cia. Ltda.	132

Figura 79 - Anjo da Ressureição no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre.	133
Figura 80 - Monumento ao bispo Dom Sebastião Dias Laranjeiras na Cúria Metropolitana.	133
Figura 81 - Coração de Jesus – Jazigo de Caetana Graziano.	135
Figura 82 - Pietá - Jazigo da Família Horácio Carvalho.	135
Figura 83 - Anúncio da Marmoraria Lonardi, Teixeira e Cia.	140
Figura 84 – Anúncio da Marmoraria Lonardi, Teixeira e Cia.	140
Figura 85 - Anúncio de marmorarias e escultores.	141
Figura 86 - Visto de permanência definitiva de Leone no Brasil, em 1940, no SRE-RS.	142
Figura 87 – Nota fiscal referente à construção do túmulo da família Abraão Sada.	143
Figura 88 – Monumento ao Irmão Weibert na Praça São Sebastião.	144
Figura 89 – Molde do busto do Irmão Weibert.	144
Figura 90 – Molde do relevo em bronze roubado do monumento.	145
Figura 91 – Anúncio da Firma Lonardi, Teixeira & Cia. Ltda.	146
Figura 92 – Ghino Biondani e família na chegada ao Brasil, no Porto do Rio de Janeiro.	147
Figura 93 – Cartões de imigração da família Biondani, Ghino, Maria, Renzo e Anna Maria.	147
Figura 94 – Carta enviada pelo prefeito de Novo Hamburgo a Leone Lonardi.	148
Figura 95 – Monumento a Rui Barbosa.	149
Figura 96 – Molde do busto de Rui Barbosa.	149
Figura 97 – Croqui do túmulo do Coronel Assis Brasil para o cemitério de São Gabriel, 1956.	150
Figura 98 – Monumento a Leonardo Truda, Praça da Alfândega.	151
Figura 99 - Rubrica da marmoraria Lonardi, Teixeira & Cia.	151

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Trabalhadores da marmoraria no livro ponto de junho de 1931 a julho de 1932.	136
Quadro 2 – Anúncios de marmorarias, oficinas de mármore, oficinas ou fábricas de esculturas e fábricas de imagens no <i>Almanak Laemmert</i> , nos anos de 1902-11, 1930-31, 1935-38 e 1940.	137
Quadro 3 – Empresas anunciadas nas colunas de marmorarias, oficinas de mármore, oficinas de esculturas e fábricas de imagens no <i>Almanak Laemmert</i> , nos anos de 1902-11, 1930-31, 1935-38 e 1940. Alguns anunciavam em mais de uma coluna, portanto o número de empresas anunciadas não coincide com o número de anúncios.	138
Quadro 4 – Endereços de todas as marmorarias, oficinas de mármore, oficinas de esculturas e fábricas de imagens que anunciaram no <i>Almanak Laemmert</i> , nos anos de 1902-11, 1930-31, 1935-38 e 1940.	139

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Fábricas de artigos de mármore pertencentes a italianos ou descendentes, em Porto Alegre, 1916.....	41
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 LEONE DOMENICO LONARDI E O CONTEXTO DOS MARMORISTAS ITALIANOS EM PORTO ALEGRE	20
1.1 Leone Lonardi, a imigração italiana e o desenvolvimento urbano	20
1.2 A imigração qualificada e a atividade dos marmoristas italianos.....	33
1.3 Os antecedentes: os primeiros marmoristas italianos, século XIX	44
2 LEONE DOMENICO LONARDI , A IMIGRAÇÃO E A INSERÇÃO NA NOVA SOCIEDADE	60
2.1 A mobilidade na família de Leone Domenico Lonardi	60
2.2 O mercado da escultura italiana encontrado por Leone Domenico Lonardi em Porto Alegre e o transnacionalismo.....	74
2.3 O apoio das redes sociais nos eventos migratórios e na inserção na sociedade porto-alegrense	92
3 A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE LEONE DOMENICO LONARDI.....	109
3.1 A formação e a experiência profissional antes de chegar ao Brasil.....	109
3.2 Os primeiros anos de atuação do escultor marmorista Leone Domenico Lonardi em Porto Alegre (1927-1940).....	122
3.3 A consolidação profissional e a contribuição de Leone Lonardi para o desenvolvimento urbano de Porto Alegre (1940-1961)	141
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	154

INTRODUÇÃO

O objetivo geral deste trabalho é entender o universo dos imigrantes qualificados que foram partícipes do desenvolvimento urbano ocorrido em Porto Alegre desde o final do século XIX, através da análise da trajetória do marmorista italiano Leone Domenico Lonardi e dos seus diversos contextos, espaciais e temporais. Mais especificamente, busco analisar a dinâmica do processo imigratório urbano no início do século XX, na perspectiva da imigração qualificada; contextualizo a trajetória de Leone Lonardi - a partir da bibliografia, da sua documentação pessoal e dos jornais e de relatos - entre os imigrantes italianos, os marmoristas e a cidade Porto Alegre no período estudado; examino as peculiaridades relacionadas à mobilidade do imigrante qualificado, principalmente dos marmoristas italianos; avalio como se constituíram e funcionavam as redes sociais estabelecidas por Leone Lonardi, bem como a forma de organização social e de identificação étnica dos marmoristas italianos; assim como, identifico as atividades transnacionais de Leone Lonardi e dos marmoristas italianos estabelecidos em Porto Alegre.

As escolhas na delimitação do tema dentro dos campos profissional e étnico surgiram a partir de minhas antigas pesquisas em torno da escultura cemiterial e do trabalho dos escultores italianos. O conhecimento de que havia um interesse acadêmico em estudos sobre *imigrantes qualificados* – imigrantes com qualificação profissional em nível superior ou técnico – tipologia na qual os escultores marmoristas italianos se inserem, foi o principal estímulo para o desenvolvimento do meu projeto.

Autores como Oswaldo Truzzi, Núncia Constantino, Antonio de Ruggiero, Leonardo Conedera, entre outros, demonstraram em seus trabalhos que, diferentemente dos imigrantes camponeses, da chamada imigração de massa, amparada em programas de governo, houve um grande número de imigrantes que se dirigiu às zonas urbanas. Estes se apoiaram em suas redes sociais, em seus vínculos de parentesco, vizinhança e amizade para viabilizarem recursos para o financiamento de viagem, emprego, alojamento e integração nos locais de destino.

Assim, sólidas redes, baseadas na proteção e na solidariedade, deram origem a uma verdadeira cadeia de imigração “espontânea”, como categorizam alguns autores. Neste grupo, entre comerciantes, operários e outros imigrantes urbanos, estão incluídos os imigrantes qualificados, que não estavam ligados aos programas imigratórios do governo. Imigrantes anteriores forneciam informações a respeito das dificuldades e das oportunidades no local de

destino. As redes de sociabilidade tiveram um importante papel nos fluxos imigratórios, tanto na sociedade de origem, quanto na sociedade receptora.

Tendo em mente estas ideias iniciais, eu precisava dar o primeiro passo para começar a pesquisa empírica. Tomei, então, como ponto de partida da investigação a procura por familiares de marmoristas que concedessem depoimentos orais ou disponibilizassem acervos documentais. A partir de informações obtidas por amigos, cheguei à família Lonardi, que preserva um rico acervo de documentos pessoais do escultor Leone Domenico Lonardi, assim como registros de sua marmoraria, Lonardi, Teixeira e Cia. Trata-se de um *corpus documental* de origem bastante variada, constituído por: livros caixas, livro ponto, cartões, notas fiscais, cartas, fotografias, certidões, passaportes, diplomas, moldes das esculturas, desenhos, entre outros documentos. A leitura flutuante desta documentação deu origem aos roteiros das entrevistas realizadas ao longo da pesquisa.

A escolha pelo estudo de trajetória se deu tanto pelo encontro com esta rica documentação quanto por minhas experiências anteriores com biografias, como a realizada em minha monografia da graduação em História. Baseada na micro-história italiana que mostra que o estudo das redes sociais possibilita o entendimento de um universo maior, relacionado aos diversos contextos, espaciais e temporais, nos quais os indivíduos se inserem, optei por estudar a trajetória de Lonardi como marmorista e como imigrante, a partir de suas redes de relacionamento.

Considero que não é possível estudar imigração sem abordar questões relacionadas à etnicidade. Entendo que o estudo de grupos étnicos não pode, em hipótese alguma, servir para exaltar esta ou aquela etnia. Antes, sim, deve servir para um entendimento maior dos esquemas étnicos e das fronteiras que marcam o sistema social, balizadas por seus atores. Considero que os estudos sobre as questões étnicas se tornam cada vez mais pertinentes e de suma importância para o entendimento das dinâmicas sociais e da questão identitária, frente à atual ideia de globalização.

O homem sempre migrou. A constante mobilidade humana originou uma imensa diversidade étnica e cultural que, por sua vez, sofre constantes alterações geradas por novos contatos que não cessam. Estudar a mobilidade humana se faz cada vez mais necessário, uma vez que, atualmente, os fluxos imigratórios têm causado grandes preocupações aos governos e às populações de todo o mundo. Esta mobilidade teve diferentes motivações, ao longo do tempo.

No Brasil, a partir do século XIX, o governo começou a investir numa imigração de massa, com fins colonizadores das vastas terras brasileiras, principalmente da região sul. De

várias partes da Europa chegaram camponeses, alemães, italianos, suecos, poloneses, russos, entre muitos outros, que, saídos do sistema feudal, tinham como maior ambição a propriedade da terra.

Com o crescimento populacional se desenvolveram novos centros urbanos, que, por sua vez, atraíram novos imigrantes, que mesmo sem incentivo de governo buscavam pelas oportunidades de trabalho geradas pela urbanização. No início do século XX, imensas cadeias migratórias traziam operários, artesãos, artistas, arquitetos, engenheiros, construtores, entre outros profissionais, para ocuparem espaço no crescente sistema industrial e na construção de centros urbanos em desenvolvimento. A busca por novas oportunidades de trabalho se tornou o grande mecanismo propulsor da mobilidade humana. Mais recentemente, a busca por conhecimento passou a movimentar grande número de estudantes pelo mundo inteiro. E, atualmente, novas demandas humanas têm condicionado a mobilidade, como ocorre com grandes legiões de refugiados de países em guerra ou em situação de miséria. Neste cenário, dentre as várias questões a serem observadas e analisadas, estão as questões étnicas, como: as fronteiras estabelecidas e as alterações nos comportamentos étnicos, por exemplo.

Barth relativiza o conceito de etnicidade focando suas pesquisas no indivíduo. Para ele, as múltiplas identidades de um indivíduo são negociadas conforme o contexto de transações que envolvem estratégias e negociações para maximizar ganhos ou minimizar perdas. Neste processo, no contexto inter-étnico são elaboradas novas identidades que dão origem a comunidades transnacionais. Portanto, o estudo das transações, negociações e estratégias relacionadas às imigrações pode, além de revelar sociabilidades, trazer novas questões, esclarecimentos e reflexões sobre etnicidade.

Assim, o estudo da trajetória do marmorista italiano Leone Domenico Lonardi surgiu como pretexto para um estudo mais amplo, acreditando que o entendimento da atuação dos marmoristas italianos no processo do desenvolvimento urbano de Porto Alegre poderá revelar questões sobre importantes aspectos relacionados à imigração qualificada, como: a mobilidade, as redes de sociabilidade que sustentaram cadeias migratórias e o transnacionalismo produzido por elas.

Apoiada, portanto, nos métodos da micro-história italiana que utiliza conceitos de outras disciplinas, como a sociologia e antropologia, e que busca entender processos históricos mais amplos através da redução da escala de análise, parti para o estudo do desempenho do marmorista em sua esfera local, em diferentes temporalidades, contextos e situações, para alcançar a compreensão do mundo em que atuaram os imigrantes italianos qualificados, no processo de modernização da cidade de Porto Alegre.

Considerando Leone Lonardi como representativo de um grupo, relaciono sua trajetória a de indivíduos presentes em seus diversos contextos, a partir de sua rede de sociabilidade e da teia de acontecimentos em que estiveram envolvidos, levando em conta as observações de Oswaldo Truzzi, que considera fundamental buscar, a partir de cada indivíduo, a identificação de sua rede de relações, pois mesmo os que migraram sozinhos, o fizeram como participantes de um processo social que se estendia muito além deles próprios (TRUZZI, 2008, p. 210-214). Assim, procurei reconstruir a rede de sociabilidade de Leone Lonardi, realizando uma busca por nomes em diversas fontes, como: livros caixas e livro ponto da empresa, jornais, almanaques, inventários e outros documentos.

Ao realizar a busca por nomes nos jornais, encontramos histórias corriqueiras ou muitas vezes pitorescas dos nossos personagens. Apesar destas histórias muitas vezes não estarem diretamente relacionadas com nosso objeto de pesquisa, considero-as também importantes, na medida em que humanizam estes personagens, que fazem coisas comuns, que cometem erros e enganos. Estas histórias contribuem para o principal objetivo da pesquisa, que é conhecer o universo dos indivíduos, a fim de entender os processos e as dinâmicas daquele período. Por isso, todos os fragmentos encontrados sobre a vida cotidiana dos indivíduos pesquisados foram apresentados neste trabalho, de alguma forma. Ainda sobre as apresentações das fontes, é importante explicar que optei por utilizar os nomes como aparecem nas fontes, e, por isso, alguns nomes de imigrantes italianos são apresentados tanto nas versões originais, em italiano, quanto nas versões abreviadas.

A partir deste primeiro levantamento de nomes, busquei novas fontes em arquivos públicos e hemerotecas – físicos e digitais –, sites de genealogias e entrevistas. A teia começava a se “desenhar” na medida em que avançava a pesquisa. Novos nomes surgiam e, com eles, novos questionamentos. A construção das trajetórias de cada um dos envolvidos nesta teia – marmoristas, artesãos, construtores, arquitetos e engenheiros – reconstruía, pouco a pouco, o panorama da urbanização de Porto Alegre. Por isso, considero que o estudo das redes de sociabilidade de um indivíduo, além do aporte teórico que o envolve, constitui-se em um método de pesquisas, na medida em que fornece o fio condutor para a pesquisa e o elo entre as fontes.

A realização de um trabalho sistemático de categorização das fontes, durante todo o período de coleta de dados, facilitou significativamente a redação do texto final, na medida em que a partir das categorias estabelecidas a priori foi possível produzir textos sínteses com as observações e interpretações referentes àqueles conjuntos de fontes. Para a produção e análise de entrevistas me apoiei nos trabalhos José Carlos Sebe Bom Meihy. Apesar desta

pesquisa não ter como foco a interpretação de imagens, foram levados em conta também os pressupostos de Boris Kossoy e Susan Sontag para o uso das fotografias como fontes.

Sendo a trajetória de Leone Lonardi importante para mostrar um contexto mais amplo no qual ele está inserido, relacionado às atividades dos comerciantes, artistas, artesãos, construtores e operários que contribuíram para a construção da capital, procuro enquadrar o fenômeno da “imigração qualificada” na dinâmica de história social, das relações internacionais e da imigração da Itália em direção ao Brasil, buscando uma abordagem que se coloca entre a abordagem macro social, como de Marx e Durkheim, que trata de grandes estruturas e a abordagem micro social, que aborda o indivíduo isoladamente. Busquei, portanto, um enfoque que procura o meio termo, vendo o homem relacionado ao seu contexto social e seu valor ligado à sua capacidade de se relacionar e de se inserir socialmente através de redes de sociabilidade.

Resta necessário esclarecer alguns pontos deste trabalho, como as escassas menções às mulheres. Explico que não foi por escolha pessoal. Como era de se esperar, não encontrei, em minha pesquisa, nenhuma mulher exercendo as funções estudadas, no período analisado. Como funcionária de uma marmoraria, apenas um nome feminino emergiu da documentação estudada. O nome de Gerda Pfeiffer está em uma lista de funcionários da Casa Aloys que ofereceram uma homenagem, esculpida em bronze, ao chefe Jacob Aloys Friederichs pelo cinquentenário de sua entrada na casa.¹ Considerando que o histórico comemorativo da Casa Aloys, de 1950, celebrava os 65 anos da firma, deduz-se que tal homenagem tenha sido realizada em 1935. Segundo o *Histórico da Casa Aloys*², Hans Pfeiffer era gerente-caixa da firma, o que leva a crer que Gerda fosse parenta de Hans e que exercesse uma função na área administrativa, como datilógrafa ou caixa, por exemplo. Ao levarmos em conta o silêncio das fontes, podemos perceber que este trabalho fala mais sobre a mulher do que se propõe, na medida em que mostra que a mulher, comumente, não ocupou espaço no campo da construção civil, que envolveu marmoristas, construtores, arquitetos e operários, no período estudado.

Acho relevante comentar também o quanto foi importante para o desenvolvimento deste trabalho a digitalização de documentos que tem sido realizada por algumas instituições, que além de facilitar o acesso impede o desaparecimento destes documentos pela ação do tempo e de desastres como os que temos observado em nossos arquivos históricos e museus, nos últimos tempos. Muitos dos jornais, almanaques e revistas que pesquisei estão disponíveis

¹ O documento se encontra junto ao acervo da Casa Aloys, do Arquivo Delphos, Biblioteca da PUCRS.

² **Noticiário Semanal – Histórico da Casa Aloys, indústria do mármore, granito e bronze.** Oferecido aos seus amigos e fornecedores em comemoração aos 65 anos de sua fundação e atividade 1884-1949 para o ano de 1950, n.p.

na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional que tem, constantemente, ampliado o seu acervo. Essa inovação tecnológica possibilitou um grande avanço em minha pesquisa, na medida em que pude acessar um grande número de fontes, de forma muito mais rápida e econômica.

Por fim, cabe dizer que Leone Lonardi se constitui num exemplo de como os marmoristas italianos se inseriram no fluxo espontâneo de imigrantes qualificados, composto por correntes imigratórias oriundas de pequenas áreas da Itália, direcionados para as zonas urbanas, estimulando uma experiência de mobilidade. Portanto, acredito que a análise histórica decorrente deste estudo de caso permitirá avanços nas investigações acerca deste fluxo imigratório, trazendo contribuições historiográficas à compreensão mais profunda das dinâmicas de imigração e de funcionamento das redes sociais estabelecidas, que viabilizaram a permanência e a inserção social de grupos, numérica e culturalmente expressivos, no desenvolvimento de Porto Alegre. Da mesma forma, este estudo pode contribuir para o entendimento de questões de identidade étnica, como a forma de organização social e de identificação dos membros deste grupo, assim como das atividades transnacionais dos marmoristas italianos.

1 LEONE DOMENICO LONARDI E O CONTEXTO DOS MARMORISTAS ITALIANOS EM PORTO ALEGRE

1.1 Leone Lonardi, a imigração italiana e o desenvolvimento urbano

O marmorista italiano Leone Domenico Lonardi, nascido em Fumane, Verona, Itália, em 16 de junho de 1896, chegou a Porto Alegre em novembro de 1927, trazendo consigo uma importante bagagem técnica. Iniciou sua formação aos 14 anos de idade na Academia de Pintura e Escultura de Verona. Produziu vários trabalhos em seu país e trabalhou nos Estados Unidos por dois anos. Até onde se sabe, ele foi o último de uma série de marmoristas italianos que chegaram e se estabeleceram nesta capital. Assim como aos marmoristas, desde o século XIX, Porto Alegre acolhe arquitetos, engenheiros, construtores e muitos outros imigrantes qualificados. A qualificação profissional era o elemento principal para a colocação destes imigrantes no mercado de trabalho dos pequenos centros do país, que viviam um acelerado crescimento urbano. Analisar a trajetória de Leone Lonardi e observar o seu pequeno universo poderá nos ajudar a entender melhor o mundo destes imigrantes qualificados, as questões que envolveram o evento imigratório, suas formas de inserção na nova sociedade, suas dificuldades enfrentadas e as soluções encontradas.

Sobre a história da imigração italiana de massa no Rio Grande do Sul, temos uma vasta bibliografia. Entre eles, é importante citar os inúmeros trabalhos de Rovílio Costa, Luís Alberto De Boni, Vania Beatriz Herédia, entre tantos outros que trataram, principalmente, das colônias e do imigrante camponês. Mais recentemente, surgiram alguns estudos relacionados ao imigrante urbano. Ao pioneiro trabalho de Núncia Santoro de Constantino, *O Italiano da Esquina: Imigrantes na sociedade porto-alegrense*, do final da década de 1980, se seguem outras importantes pesquisas que tratam do imigrante que se desloca diretamente da Itália para a zona urbana de Porto Alegre, como de Stella Borges, Rosemary Brum, Renato Menegotto, Antonio de Ruggiero, Leonardo Conedera, entre outros.

Não pretendendo elaborar um relatório de tudo que já foi escrito a respeito de imigração italiana no Rio Grande do Sul - elegi alguns trabalhos que mais se acercam do meu objeto de pesquisa para entender seu contexto. A fim de me aproximar ainda mais do contexto dos imigrantes italianos nos anos próximos à chegada de Leone Lonardi a Porto Alegre, 1927, decidi observar a imigração a partir dos jornais deste período. Quando Lonardi chegou aqui, a imigração de massa de italianos para o Rio Grande do Sul já tinha mais de cinquenta anos. A partir de 1875, o governo brasileiro decidiu retomar, de forma mais intensa, com os italianos,

um programa de povoamento que havia iniciado em 1824 com os alemães. Uma verdadeira reforma agrária, decidida tanto pelo governo central quanto pelo governo provincial do Rio Grande do Sul. Agências de imigração recrutavam na Itália, principalmente camponeses. As vantagens oferecidas pelo governo brasileiro, aliadas a uma tradição de mobilidade - verificada principalmente entre os habitantes do norte da península itálica- e às mudanças sociais relacionadas com as mudanças no sistema de produção e com a unificação da Itália em 1870, propiciaram um imenso movimento migratório da Itália para o Brasil, especialmente para os estados do sul e sudeste. Entretanto, a entrada de imigrantes italianos ao Rio Grande do Sul antes de 1875 já foi observada por alguns autores e ao longo deste trabalho apresento algumas contribuições neste sentido.

Para alguns autores, como Stella Borges, a mudança do sistema de produção na Europa foi determinante para o movimento de emigração em massa, na medida em que a sociedade camponesa é desmantelada pelo processo de urbanização e proletarização e o novo sistema é incapaz de absorver toda a mão-de-obra disponível.³ Para Paulo César Possamai, a ascensão do pensamento liberal seria a principal causa deste movimento. Nesta visão, os camponeses do norte italiano teriam oferecido resistência às novas ideias e a emigração teria surgido como alternativa para a manutenção da sociedade clerical católica e do modelo patriarcal. O baixo clero teria sido grande apoiador desta emigração para as Américas, num desejo de fundar colônias clericais no novo mundo.⁴

É possível que estes aspectos tenham feito parte de um conjunto de fatores que desencadeou o grande processo migratório. Entretanto, esta discussão historiográfica em torno da imigração de massa sugere algumas questões sobre a imigração urbana profissionalmente qualificada, que talvez a análise da trajetória de Leone Lonardi e de suas redes sociais possa ajudar a responder: Os imigrantes chegados a Porto Alegre no início século XX eram imbuídos das mesmas motivações que moveram os italianos do pós-unificação? Quais os motivos que impulsionavam a imigração urbana de mão-de-obra qualificada?

É importante observar que apesar da vasta bibliografia sobre imigração italiana no Rio Grande do Sul, voltada para imigração de massa, de camponeses que se destinam à zona rural, pouco se sabe sobre os imigrantes que se destinaram às zonas urbanas do estado, especialmente a Porto Alegre. Diversos estudos mostram que, entre imigrantes camponeses,

³ BORGES, Stella. **Italianos: Porto Alegre e trabalho**. Porto Alegre: EST, 1993.

⁴ POSSAMAI, Paulo César. Igreja e Italianidade: Rio Grande do Sul (1875-1945). **Revista de História**. São Paulo: DH/FFLCH/USP, 1999, p. 75-90.

vinham alguns comerciantes e artesãos que se instalavam junto às colônias, criando novos núcleos urbanos. Com o passar do tempo, alguns camponeses também se deslocaram para estas zonas urbanas, voltando-se ao comércio e, em alguns casos, posteriormente, à indústria.

Os estudos de Núncia Constantino sobre imigração urbana no Rio Grande do Sul demonstram que, desde a primeira metade do século XIX, imigrantes urbanos da Itália migraram para os centros urbanos do estado, em um número elevado. Para Constantino, esta imigração se caracterizou por sua heterogeneidade social, considerando que vinham de diferentes regiões da Itália. Ela chamou estes imigrantes de “imigrantes espontâneos”, tendo em vista que não estavam ligados a programas de governo, como ocorreu com a imigração em massa. Estes estudos apontam que, em torno de 1870, já havia a presença de um número significativo de italianos em torno das artes e do comércio. A autora direcionou sua pesquisa especialmente para os comerciantes calabreses que se instalaram na região central de Porto Alegre.⁵ Suas primeiras constatações historiográficas a respeito da imigração em Porto Alegre dão conta quase que exclusivamente da atividade comercial exercida pelos imigrantes provenientes da região de Morano Calabro.

Em 1993, surge o trabalho de Stella Borges, *Italianos: Porto Alegre e trabalho*, voltado para a presença de italianos nos movimentos operários em Porto Alegre. A autora aponta diversas atividades exercidas por italianos, na capital, além de identificar a procedência de alguns deles. A partir de relatórios consulares de 1884, a autora refere que havia engenheiros italianos trabalhando nas estradas de ferro, em construção e em funcionamento, e que todos os empreiteiros de pontes e de edifícios para estações, eram italianos. E, apresenta uma relação de profissões exercidas por italianos na capital: médicos, farmacêuticos, engenheiros, padres, comerciantes, artistas, fotógrafos, músicos, vendedores ambulantes, hoteleiros, carpinteiros, moleiros, pedreiros, etc.⁶ Nota-se, portanto, a presença de imigrantes profissionalmente qualificados, já neste período. Nos levantamentos de pacientes italianos internados na Santa Casa, a autora mostra que entre 1873 e 1880, havia canteiros, pedreiros, pintores, carpinteiros, sapateiros, cozinheiros, funileiros, ferreiros, fundidores, alfaiates, padeiros e mineiros italianos em Porto Alegre.⁷

Algumas destas profissões estavam vinculadas ao trabalho dos marmoristas. O canteiro desbastava a pedra bruta, dando o formato às peças – como lápides ou cabeceiras de túmulos, por exemplo - ou retirava as rebarbas da pedra, marcada anteriormente pelo escultor

⁵ CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **O italiano da esquina:** meridionais na sociedade porto-alegrense e permanência da identidade entre moranenses. Porto Alegre: EST, 2007.

⁶ BORGES, Stella. **Italianos:** Porto Alegre e trabalho. Porto Alegre: EST, 1993, p.30.

⁷ Ibid. p.52.

que finalizaria dando forma à escultura. Neste período, geralmente, denominava-se pedreiros os trabalhadores da pedra, aqueles que retiravam as pedras das jazidas (pedreiras) e faziam os primeiros cortes, em barras de vários tamanhos, de acordo com a destinação. Os funileiros e ferreiros produziam peças para fixação das esculturas ou adornos e acabamentos para a construção civil. Os fundidores produziam adornos, placas e letreiros em cobre e bronze que, geralmente, acompanhavam as esculturas públicas ou funerárias e, mais tarde, quando o bronze substituiu o mármore, nas esculturas, o trabalho do fundidor foi de extrema importância para o marmorista, que passou a produzir moldes e formas para suas obras, em vez de esculpir. Da mesma forma, o carpinteiro auxiliava o trabalho do marmorista, produzindo andaimes, formas, pedestais, armações, entre outros trabalhos em madeira. O trabalho dos pintores também era procurado pelas marmorarias. Portanto, uma marmoraria costumava empregar ou contratar os serviços de todos estes profissionais. A tabela apresentada por Barros mostra que em 1874 dois canteiros foram internados na Santa Casa. Provavelmente, estes eram funcionários de Adriano Pittanti ou de Carlo Fossati⁸, os dois marmoristas instalados em Porto Alegre desde a década de 1860, dos quais discorrerei mais detalhadamente mais adiante. Até 1880, foram observados os registros de cinco canteiros.⁹

Desde a segunda metade do século XIX, Porto Alegre passa por grandes alterações urbanas. Arquimedes Fortini aponta várias transformações na infraestrutura da cidade. Em 1858, foi construído o Teatro São Pedro; em 1872, surgiu a companhia Carris, com os bondes de tração animal; neste período foram instalados chafarizes nas principais praças públicas e surgiu a iluminação pública a gás; em 1874, abriu-se a estrada de ferro que ligava Porto Alegre a Novo Hamburgo; e em 1884, foi inaugurada a Companhia Telefônica.¹⁰ Neste mesmo ano, membros da comunidade italiana criaram a Sociedade de Imigração que atuaria junto ao governo da província, em atividades como: a medição dos lotes e discriminação das terras públicas para o estabelecimento de imigrantes; verbas para a manutenção dos colonos em sua chegada; e recebimento de reclamações que os colonos tivessem sobre quaisquer motivos. O marmorista Adriano Pittanti era um dos diretores desta sociedade.¹¹

No início do século XX, muitas cidades do Rio Grande do Sul foram marcadas por grandes transformações urbanas, especialmente a capital. O desenvolvimento urbano atraiu imigrantes alemães e italianos, entre outros em números menores. Porto Alegre, como todo o

⁸ Em alguns registros encontramos o nome italiano Carlo, em outros, o nome brasileiro, Carlos.

⁹ BORGES, Stella. **Italianos: Porto Alegre e trabalho**. Porto Alegre: EST, 1993, p.69.

¹⁰ FORTINI, Archymedes. **Porto Alegre através dos tempos**. Porto Alegre: Divisão de Cultura / SEC, 1962, p. 103-105.

¹¹ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 20.10.1884, p. 2.

Rio Grande do Sul, carecia de profissionais especializados nas mais diversas atividades. Para Stella Borges, grande parte dos imigrantes italianos, que se estabeleceu em Porto Alegre, fez fortuna, pois se tornaram pequenos e médios proprietários. Para a autora, o papel da política positivista neste período favoreceu estes imigrantes, na medida em que o positivismo defendia os interesses das camadas sociais emergentes e da burguesia ascendente, assim como do imigrante urbano que passava a reinvestir na indústria que surgia.¹² O trabalho de Borges demonstra que no início do século XX, Porto Alegre contava com grande número de italianos, entre empresários e operários. Quanto às indústrias de italianos, prevaleciam as de pequeno porte. O número de operários italianos nas indústrias era reduzido. E, havia inúmeras atividades autônomas exercidas sem vínculo empregatício.¹³

Talvez, por isso, “os italianos não fizeram parte hegemônica do movimento operário de Porto Alegre, como fizeram em São Paulo”, como afirma Angelo Trento.¹⁴ Para o autor, aparecem mais proprietários do que operários italianos nos movimentos grevistas deste período. Para Borges, a relação social dos italianos, ao lado dos outros grupos étnicos, se dava pela identificação com determinada classe e essa identificação não era individualizada, e sim grupal, familiar, mas nem sempre étnica.¹⁵ Trento percebe em seu estudo que, em Porto Alegre, os imigrantes italianos, “em geral, ascenderam socialmente; corresponderam ao ideal positivista de trabalho e, fundamentalmente, conquistaram o objetivo primeiro de se tornar proprietários”.¹⁶ Em 1920, o jornalista italiano Alfredo Cusano visitou o Rio Grande do Sul e registrou a presença de cerca de 30 mil italianos em Porto Alegre, compreendendo também os descendentes, entre os quais havia um bom número de pequenos, mas “abastados” *comerciantes* e industriais, muitos artesãos e operários, e poucos profissionais liberais. O jornalista observou a presença de oito associações.¹⁷

Na Itália, no início do século XX, a redução dos índices demográficos e as remessas em dinheiro do exterior, por parte dos emigrantes, favoreceram o desenvolvimento social e financeiro dos que permaneceram no país. Porém, a Primeira Guerra Mundial gerou enormes desgastes sociais e econômicos. Surgiram, então, diversos grupos políticos preocupados em solucionar os problemas da jovem nação. Em 1916, Leone Lonardi foi para a guerra e serviu à

¹² BORGES, Stella. **Italianos: Porto Alegre e trabalho**. Porto Alegre: EST, 1993, p.130.

¹³ *Ibid.*, p. 69.

¹⁴ TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Nobel, 198, p. 141.

¹⁵ BORGES, Stella. **Italianos: Porto Alegre e trabalho**. Porto Alegre: EST, 1993, p. 69.

¹⁶ TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Nobel, 1989, p. 154.

¹⁷ CUSANO, Alfredo. **Il paese dell'avvenire**. Rio Grande do Sul; Roma; São Paulo; Buenos Aires: L'Italo-Sudamericana, 1920, p. 68.

artilharia nos campos do Tirol, nos Alpes. Apesar da guerra terminada em 1918, Leone permaneceu nos Alpes por mais um ano, recolhendo armas, fios, e outros metais.

Em 1920 a desordem tomou conta da Itália, o que pode ser exemplificado pela greve geral daquele ano, que envolveu mais de dois milhões de trabalhadores. Os partidos socialista e comunista tomaram força e em 1922, após a famosa “Marcha Sobre Roma”, o fascista Benito Mussolini ascendeu ao governo. O fascismo impôs um projeto político autoritário e centralizador, aniquilando grande parte das vias de oposição. Entretanto, a campanha de Mussolini foi apoiada pelos setores médios, pela burguesia industrial, pela Igreja e pelos conservadores em geral.

Ao retornar para sua cidade natal, Fumane, Leone realizou várias esculturas públicas: alguns *Caduti* (monumentos aos mortos) da Primeira Guerra Mundial e esculturas e relevos para a Igreja Matriz de Fumane. Em 1923, Leone Lonardi embarcou para a Filadélfia, EUA, e retornou para a Itália, em 1925, para se casar com Maria Beghini, em maio de 1926. Neste ano, segundo a Intendência de Imigração do Serviço de Povoamento, entraram no Brasil 120.000 imigrantes. Destes, 11.000 eram italianos.¹⁸ Através dos jornais, é possível perceber um pouco das relações dos imigrantes italianos residentes em Porto Alegre com seu país de origem. No mesmo ano em que Lonardi se casou, no dia 09 de dezembro, Mussolini conseguiu a aprovação, na Câmara dos Deputados e no Senado italiano, do *Emprestimo Littorio*, o que foi noticiado pelo *Correio Paulistano* do dia 10 do mesmo mês.¹⁹ Vários jornais de cidades de imigração italiana, como São Paulo e Porto Alegre, apresentaram constantes anúncios como este (Figura 1):

Figura 1 - Anúncio do *Emprestimo Littorio*.



Fonte: Jornal *A Federação*, 07.01.1927, pg. 5.

¹⁸ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 22.03.1927, p. 4.

¹⁹ Jornal *Correio Paulistano*, São Paulo, 10.12.1926, p. 2.

O *Prestito Littorio* ou *Emprestimo Littorio* fazia parte de uma campanha de solidariedade dos italianos, seus descendentes e simpatizantes da causa fascista, a fim de saldar a dívida de guerra da Itália com os EUA e contribuir para o êxito do regime fascista. Os patrícios emprestavam dinheiro ao governo italiano adquirindo títulos da campanha. Os jornais não deixam muito claro sobre o reembolso. Encontrei apenas que o reembolso seria feito anualmente, por meio de bônus do *Thesouro*.²⁰ Apesar de se chamar empréstimo, ao que parece muitos imigrantes italianos fizeram grandes doações à campanha de Mussolini. A campanha atingiu todas as regiões da América Latina onde havia imigrantes italianos. Muitos italianos residentes no estrangeiro atendiam com elevadas quantias ao apelo da pátria.

O jornal *A Federação* de 10 de janeiro de 1927, ano em que Leone chegou a Porto Alegre, anunciava que continuava aberta a subscrição do “Empréstimo Nacional Italiano”, denominado “*Littorio*”, na sucursal do Banco Francês e Italiano, e que a Sociedade Dante Alighieri, de Porto Alegre, a fim de auxiliar a propaganda do referido empréstimo, dirigiria um apelo aos italianos e às sociedades co-irmãs de todo o Estado.²¹ A Sociedade Dante Alighieri tinha como principal missão tutelar e difundir a língua e a cultura italiana no mundo, principalmente entre seus compatriotas no exterior. Ela contava com grande número de sócios, em sua maioria, nomes de considerável prestígio na sociedade Porto-alegrense. Certamente, a vinculação de seu nome à campanha de Mussolini influenciou na adesão de um grande número de italianos e descendentes no Rio Grande do Sul. O comprometimento da Sociedade Dante Alighieri com o *Emprestimo Littorio* mostra que uma boa parcela da chamada colônia italiana de Porto Alegre estava a favor de Mussolini e do fascismo.

O jornal carioca *A Noite*, de 12 de janeiro de 1927, anunciou a extinção do *Emprestimo Littorio*, na Itália, para o dia 18 daquele mês. Nos países estrangeiros entraria em vigor até 31 de março do mesmo ano. Segundo a nota, a meta da campanha teria sido cumprida, não sendo mais necessária.²² Aqui em Porto Alegre, *A Federação* de 05 de março de 1927 noticiou a contribuição do comendador Rodolfo Crespi, de dois milhões de liras, “a maior contribuição pessoal da América do Sul”.²³ Rodolfo Crespi, filho de um industrial italiano, foi grande industrial têxtil em São Paulo. Vale comentar que em 1928 recebeu do governo italiano o título de conde. Crespi era dono da segunda maior fábrica de São Paulo, neste período. O maior industrial era o Conde Matarazzo. E este não poderia ficar de fora das doações, mesmo após a data de extinção da campanha. O jornal *A Federação* de 30 de Abril,

²⁰ Jornal **O Paiz**, Rio de Janeiro, 10.12.1926, p. 6.

²¹ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 10.01.1927, p. 5.

²² Jornal **A Noite**, Rio de Janeiro, 12.10.1927, p. 3.

²³ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 05.03.1927, p. 6.

noticiou a “valiosa oferta às obras de beneficência” da Itália, em nome do Conde Francisco Matarazzo, de São. Paulo. Foi entregue a Mussolini, dois milhões de liras.²⁴ A mesma quantia oferecida por Rodolfo Crespi. Segundo, Jacques Marcovitch a rivalidade entre os dois grandes empresários de São Paulo era tanta que Crespi tentou conseguir o título de Marquês, hierarquicamente superior ao de conde.²⁵

O mesmo jornal, no dia 05 de abril, notificou a situação financeira da Itália, dizendo que “o orçamento do Tesouro revelou um ‘superávit’ de 737 milhões de liras, a primeiro de março, comparado com 338 milhões, no período correspondente anterior”.²⁶ Matérias como esta eram comuns neste período, intercalando com a campanha, como forma de reforçar a ideia de sucesso de Mussolini e do projeto fascista de reerguer financeiramente a Itália e garantir a simpatia de grande parte dos italianos, dentro e fora do país. Foi neste contexto que Leone Lonardi deixou sua terra natal, doando sua aliança de casamento para a campanha de Mussolini, segundo depoimento de seu filho Julio Lonardi. O velho argumento explicativo, de grande parte dos historiadores, de que a pobreza determinava a imigração não serve para o caso de Leone Lonardi, que migrou no momento em que a Itália experimentava uma ascensão financeira, graças à política fascista, da qual ele era adepto. Neste sentido, a análise de sua trajetória e o entendimento de suas escolhas traz novas contribuições a respeito da imigração urbana e qualificada.

A grande adesão dos imigrantes italianos ao *Emprestimo Littorio* demonstra, ao mesmo tempo, a forte ligação destes com a pátria-mãe e também que havia um forte apoio ao regime fascista por parte dos imigrantes, neste período. O regime prometera retirar a Itália da crise instalada desde a Primeira Guerra e mostrava resultados. Não é de se espantar que estes indivíduos, que, em muitos casos, migraram para fugir da crise, admirassem o fascismo de Mussolini. Para Angelo Trento, até mesmo o proletário urbano, em seu duro empenho pela sobrevivência acabou sendo conquistado pela insistente campanha do fascismo, porém, superficialmente, pois a adesão maior foi entre a burguesia e a classe média.²⁷

O Jornal *A Federação*, de 1927, está repleto de matérias sobre Mussolini e o fascismo. Os temas são diversos: repúdios aos movimentos antifascistas; descobertas de conspirações;

²⁴ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 30.04.1927, p. 7.

²⁵ MARCOVITCH, Jacques. **Pioneiros e Empreendedores: A Saga do Desenvolvimento no Brasil**. 2 ed. rev. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Editora Saraiva, 2006, p.103.

²⁶ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 05.04.1927, p. 6.

²⁷ TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Nobel, 1989, p. 301-302.

punições, como degredo aos conspiradores; os voos do Marquês De Pinedo²⁸ pelo mundo, principalmente na Argentina e no Brasil; a adesão de figuras de relevância social ao *Emprestimo Littorio*; as boas relações do Brasil com a Itália; exemplos de progressos na Itália; etc. Pouco depois da chegada de Lonardi a Porto Alegre, por exemplo, faltando poucos dias para o final do ano de 1927, o jornal *A Federação* publicou, em primeira página, uma extensa coluna, em letra itálica, com uma espécie de crônica, sem assinatura. O texto é recheado de adjetivos que exaltam a figura de Mussolini e o regime fascista, critica as “injustas” oposições ao Duce e o apresenta como o salvador da Itália destruída após a Primeira Guerra.²⁹ Matérias de repúdio não são evidentes, enquanto a propaganda fascista é farta no jornal *A Federação* deste período. As raras menções ao antifascismo, encontradas neste jornal, no período estudado, se restringiram às ações de controle por parte do governo de Mussolini e alguns anúncios da chegada do jornalista antifascista Candido Testa a Porto Alegre, no mês de março de 1927, e de suas conferências. Porém, estas notícias eram colocadas de forma duvidosa, como é o caso da matéria do dia 23 de fevereiro: “O sr. Candido Testa seguiu, pelo vapor Comandante Alvim, para esse Estado, onde vae fazer conferencia sobre imigração italiana e o fascismo”.³⁰ Ao dizer que a conferência seria sobre fascismo em vez de antifascismo, o jornal omite a existência de um movimento antifascista na cidade. É importante lembrar que o jornal *A Federação* foi um veículo dos ideais políticos do Partido Republicano Rio-Grandense (PPR), de tendência positivista, que defendia a ideia de um estado intervencionista, como ocorria com o fascismo.

Em contrapartida, o *Correio do Povo*, que mantinha uma posição mais neutra por não ser um jornal ligado a nenhuma agremiação, apresentava, em extensas matérias, a cobertura completa das atividades do referido jornalista, tanto em Porto Alegre, quanto em outras várias cidades do Brasil por onde levou sua campanha. No dia 12 de junho de 1926, o jornal *Correio do Povo* comunicou que na sede do Comité Dante Alighieri, no dia 10 do mesmo mês, ocorrera uma reunião de membros da chamada colônia italiana de Porto Alegre, partidários do fascismo, onde “foi resolvido fundar-se o Grupo Fascista Porto-Alegrense, que já conta com

²⁸ O marquês italiano, coronel Francesco de Pinedo, da Regia Aeronáutica, a força aérea italiana, liderou o chamado “Reide das Duas Américas”, em um hidroavião que saiu de Gênova, voou de Roma a Cabo Verde, Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Buenos Aires, Fernando de Noronha, Floresta Amazônica e Arizona onde o avião incendiou e afundou em um lago. Tinha como missão promover os avanços tecnológicos da Itália e o regime de Mussolini. In: ARRAYS, Raimundo. **De Rochedo a Arquipélago: A Emergência de São Pedro e São Paulo na pesquisa científica brasileira**. Recife: Cepe, 2018; IELPI, Rafael Oscar. **Rosario, del 900 a la "década infame"**: Los fervores del centenario; El umbral de los "años locos. Rosario: Homo Sapiens, 2005, p. 237.

²⁹ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 26.12.1927, p. 1.

³⁰ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 23.02.1927, p. 6.

muitos sócios.”³¹ Assim como, anunciou, em 26 de junho de 1926, a fundação do grupo antifascista Giacomo Matteotti³², por membros da colônia italiana, residentes em Porto Alegre.³³ Os marmoristas Aman e Ferruccio Piattelli³⁴ faziam parte do comitê diretor deste grupo. Sabemos, então, que houve uma forte propaganda fascista, no Rio Grande do Sul, na época da chegada de Leone Lonardi em Porto Alegre. Assim como houve também uma campanha antifascista.

Em 14 de maio de 1925 o *Correio do Povo* apresentou o relatório da “Diretoria Geral do Serviço de Povoamento”, que informava que, em 1924, 13.844 imigrantes italianos entraram no Brasil.³⁵ O jornal *A Federação* de 22 de março de 1927 mostra que, segundo o mesmo órgão, em 1926 o número de imigrantes italianos chegados ao Brasil, caiu para 11.000.³⁶ Entre 1927 e 1928, os principais jornais de Porto Alegre, *A Federação* e *Correio do Povo*, refletem a preocupação do governo brasileiro em atrair e manter os imigrantes no país. O interesse especial sobre os imigrantes italianos pode ser percebido na notícia do jornal paulista, *Diário Nacional*, do dia 20 de novembro de 1927, dia em que Leone Lonardi chegou ao Brasil com sua esposa. O jornal noticiou um pedido do prefeito do Rio de Janeiro ao embaixador da Itália, para que os navios das companhias italianas que faziam a linha do Rio da Prata realizassem uma pequena parada a fim de que os passageiros desembarcassem e visitassem a cidade. A mesma nota diz que a companhia Lloyd Sabaudó já havia tomado providências para que seu navio, Conte Verde, permanecesse por sete horas neste porto.³⁷ Leone Lonardi e sua esposa Maria Beghini chegaram ao Brasil a bordo deste navio, na segunda classe, tendo embarcado em Barcelona.

A notícia de Roma no jornal *A Federação* de 6 de abril de 1927 que dizia que o governo italiano “resolveu abolir o ‘Commissariado Geral da Emigração’”, passando seus serviços à jurisdição do Ministério do Exterior³⁸, não parecia ameaçar o fluxo imigratório da Itália para o Brasil. Porém, mais tarde, percebe-se que este era o prenúncio de um acirrado combate de Mussolini à emigração italiana. Em setembro de 1928, quase um ano depois da chegada de Leone a Porto Alegre, o *Correio do Povo* anunciava que Mussolini acabara de

³¹ Jornal *Correio do Povo*, Porto Alegre, 12.06.1926, p. 4.

³² O cirurgião e deputado socialista Giacomo Matteotti foi sequestrado, assassinado e teve o corpo queimado por membros do regime fascista. Tornou-se símbolo da luta contra o fascismo e deu nome a muitos grupos antifascistas que surgiram naquele período. *A Gazeta*, 20.08.1924, p.6; *República*, 25.06.1924, p.2.

³³ Jornal *Correio do Povo*, Porto Alegre, 26.06.1926, p. 4.

³⁴ Em alguns casos encontramos os nomes abrigados, Amâncio e Ferrucci.

³⁵ Jornal *Correio do Povo*, Porto Alegre, 14.05.1925, p. 4.

³⁶ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 22.03.1927, p. 3.

³⁷ Jornal *Diário Nacional*, São Paulo, 20.11.1927, p. 1.

³⁸ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 06.04.1927, p. 5.

estabelecer condições à emigração italiana, a fim de restringi-la e combatê-la. O Instituto Central de Estatística da Itália mostrava que, em dezembro de 1927, o número de italianos residentes no exterior chegara a 9.350.000, contra 40.796.000 vivendo no reino. O governante italiano não via com bons olhos as simpatias que os italianos manifestavam pela América do Sul. Por isso, resolveu por em prática os maiores empecilhos possíveis à corrente emigratória, que não surtiram grande efeito. Por isso, baixou um decreto regulando a saída da Itália. Somente o governo poderia consentir, quando houvesse chamado de parentes residentes no exterior ou um contrato de trabalho, mas com prazo determinado, que não poderia ser superior a três anos, nem revalidado, sob qualquer pretexto. O chamado teria que corresponder a certos fins essenciais: do marido para a mulher; dos pais para os filhos que não fossem do sexo masculino ou de maior idade ou casados dos dois sexos; do filho para seus pais; do irmão para a irmã solteira ou viúva, se esta não tivesse outras pessoas da família no reino e do neto para os avós.³⁹ Portanto, sabemos que, a partir de 1928, houve uma grande redução do fluxo imigratório italiano. É possível que esta medida tenha afetado o andamento das marmorarias que utilizavam basicamente a mão-de-obra de operários italianos. De fato, ao que se sabe, Leone foi o último marmorista italiano a chegar a Porto Alegre.

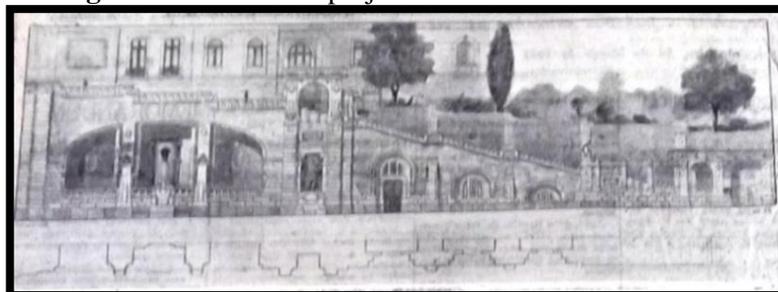
O desenvolvimento econômico, industrial e urbano atraiu muitos imigrantes qualificados a Porto Alegre. Desde a década de 1890, com o fim da escravidão, a nova ordem política republicana e o crescimento demográfico - vinculado à imigração, principalmente de alemães e italianos, e ao início do processo de industrialização – teve início em Porto Alegre um ciclo de crescimento econômico. O desenvolvimento do setor industrial, no início do século XX, esteve também ligado à presença, desde o século XIX, de imigrantes qualificados, artífices que montaram aqui suas pequenas oficinas, que gradativamente se transformaram em indústrias. Este crescimento do setor industrial ampliou outros setores como o comércio e a construção civil. Nasceu aí uma burguesia que construía luxuosas residências e prédios imponentes para as suas empresas e atraía grande número de operários e profissionais qualificados. Consequentemente, surgiu a necessidade de se construírem novos prédios residenciais para atender um público de variado poder aquisitivo, como demonstra o estudo de Renato Menegotto sobre a cultura arquitetônica italiana em Porto Alegre.⁴⁰ O aumento populacional e as exigências da burguesia nascente demandaram mudanças estruturais na cidade e a modernização dos espaços públicos.

³⁹ Jornal **Correio do Povo**, Porto Alegre, 17.08.1928, p. 3.

⁴⁰ MENEGOTTO, Renato. **Cultura arquitetônica italiana na construção de residências em Porto Alegre: 1892-1930**. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011, p. 67-68.

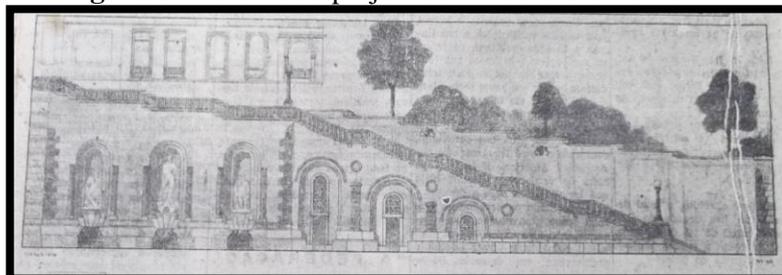
Entre 1924 e 1928, a administração de Otávio Rocha remodelou a cidade, com abertura de largas avenidas, pavimentação, calçamento, arborização, praças, e estruturas de saneamento. A Usina do Gasômetro, inaugurada em 1928, que além de iluminar as residências e os espaços, fornecia energia para os bondes elétricos, para o comércio e para a indústria. Este processo de modernização urbana teve continuidade nos anos seguintes, com a administração de Alberto Bins. Porto Alegre iniciou 1927, ano da chegada de Leone Lonardi, com a aprovação dos projetos para a abertura da Avenida Borges de Medeiros e o viaduto Otávio Rocha. O Jornal *A Federação* de 24 de março de 1927 traz uma reportagem de duas páginas sobre o assunto, com detalhes do projeto do viaduto (Figuras 2, 3, 4 e 5).

Figura 2 - Detalhe do projeto do Viaduto Otávio Rocha.



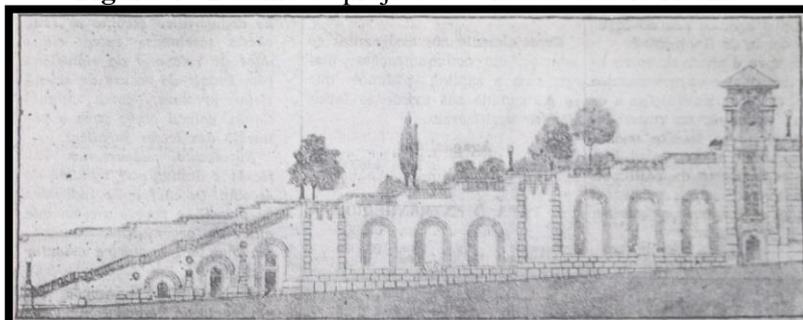
Fonte: Jornal *A Federação*, 24.03.1927, p. 2.

Figura 3 - Detalhe do projeto do Viaduto Otávio Rocha.



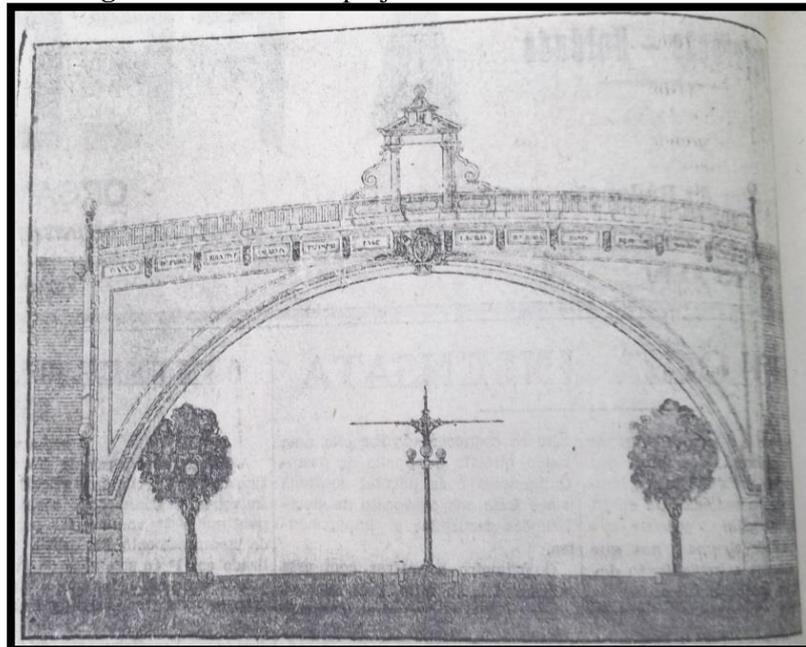
Jornal *A Federação*, 24.03.1927, p. 2.

Figura 4 - Detalhe do projeto do Viaduto Otávio Rocha.



Jornal *A Federação*, 24.03.1927, p. 2.

Figura 5 - Detalhe do projeto do Viaduto Otávio Rocha.



Fonte: *Jornal A Federação*, 24.03.1927, p. 2.

Durante todo aquele ano, os jornais estamparam notícias em torno da modernização da cidade e eram muito frequentes os editais e anúncios de abertura de novas empresas, o que denota um crescimento econômico da cidade e um campo promissor para os ramos comercial e da construção civil, aos quais as atividades das marmorarias estão atreladas. A burguesia emergente e a efusão de obras públicas demandavam materiais nobres como o granito e o mármore, para revestimentos internos e externos de residências e edifícios. Para Arnoldo Doberstein, a imprensa teve um importante papel no surto imobiliário que ocorreu em Porto Alegre no início do século XX. Escultores, engenheiros, arquitetos, decoradores e pintores teriam sido atraídos pelos noticiosos, colocando “sua formação europeia a serviço do enriquecimento plástico formal do espaço urbano gaúcho”.⁴¹

Neste contexto de crescimento econômico e desenvolvimento urbano que vivia Porto Alegre, em 1927, inserido em um processo de imigração espontânea de imigrantes qualificados, é que o marmorista italiano Leone Lonardi chegou a Porto Alegre com a bagagem técnica que esta realidade exigia.

⁴¹ DOBERSTEIN, Arnoldo Walter. **Estatuários, Catolicismo e Gauchismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 42-43.

1.2 A imigração qualificada e a atividade dos marmoristas italianos

O conceito de *imigração qualificada* tem sido bastante utilizado nos estudos sobre imigração contemporânea. Noto que há uma ideia generalizada entre grande parte dos estudiosos de imigração de que este tipo de imigração é um fenômeno atual e que no passado houve apenas aquela imigração em massa, voltada para o trabalho agrícola ou para o operariado industrial. Me junto aos pesquisadores que buscam demonstrar que imigrantes qualificados começaram a chegar ao Brasil mesmo antes da imigração em massa. Entretanto, este conceito utilizado por pesquisadores da atualidade, de diversas áreas, como da História, das Ciências Sociais, das Relações Internacionais, da Psicologia Social, entre outras, nos é muito útil e dá conta de uma tipologia migratória que no passado não foi devidamente estudada. Os pesquisadores de Relações Internacionais, Fabrício Bastos e Leticia Mageste, ao tratar da imigração para o Brasil no século XXI classificam os migrantes com altos níveis de escolaridade e qualificação como “migrantes qualificados” ou “mão-de-obra internacional qualificada” e consideram que estes podem alterar drasticamente os níveis de competitividade do país receptor.⁴²

A trajetória de Leone Lonardi é importante para mostrar um contexto mais amplo no qual ele está inserido, mais especificamente dos marmoristas italianos e dos imigrantes qualificados chegados a Porto Alegre no início do século XX. Este contexto está relacionado às atividades dos comerciantes, artistas, artesãos e operários que contribuíram para a construção da capital. Entendendo que o valor do indivíduo está ligado à sua capacidade de se relacionar e de se inserir socialmente através de redes sociais, procuro enquadrar o fenômeno da “imigração qualificada” na dinâmica de história social, das relações internacionais e da imigração da Itália em direção ao Brasil, num enfoque que se coloca no meio, entre a abordagem macro social, como de Marx e Durkheim - que tratam de grandes estruturas - e a abordagem micro social - que trata do indivíduo isoladamente. Portanto, busco o meio termo, numa abordagem que relaciona o indivíduo ao seu contexto social.

O termo “imigração qualificada” trata daqueles imigrantes, geralmente, com formação técnica ou superior que procuravam os centros urbanos em expansão econômica e carentes de profissionais especializados nas mais diversas áreas. Leonardo Conedera menciona Regina Soria que na década de 1990 realizou a primeira grande investigação sobre a imigração artística ou qualificada na América, a obra *Fratelli Lontani*. A autora observa um grande

⁴² BASTOS, Fabrício H. Chagas, MAGESTE, Leticia. Migração internacional qualificada e política migratória no Brasil (2000-2017) In: **Revista Conjuntura Austral**, v.9, n.48. Porto Alegre, 2018, p.72-97.

número de profissionais qualificados do ramo artístico que se fixaram e difundiram seu trabalho nos Estados Unidos e destaca a importante contribuição deixada pelos italianos neste âmbito.⁴³ Antonio de Ruggiero cita alguns estudiosos de arte e arquitetura italianos e brasileiros, como Anita Salmoni e Emma Debenedetti, Giovana Rosso Del Brenna, Arlindo Trevisan, que observaram o fenômeno da “imigração culta” direcionada da península itálica aos centros urbanos da América do Sul.⁴⁴

No Brasil, historiadores como Manuel Diégues Júnior, Vittorio Cappelli, Antonio de Ruggiero, entre alguns outros, também realizaram relevantes estudos que observam a presença do imigrante qualificado. Entretanto, trata-se de uma tipologia migratória ainda pouco estudada. A presença de uma imigração qualificada em Porto Alegre é observada, de forma secundária, em trabalhos como de Núncia Constantino que estudou a imigração “espontânea” na capital. Os estudos de Constantino, que desde os anos de 1980 trouxeram grande contribuição para a historiografia, a respeito da imigração urbana, demonstraram que existiu, desde a primeira metade do século XIX, um número elevado de imigrantes “espontâneos”, vindos de diferentes regiões da Itália. Estes estudos apontam que a maior parte destes imigrantes é constituída por comerciantes, porém a autora observa a presença de engenheiros, arquitetos e artistas, entre outros imigrantes qualificados.⁴⁵

Vittorio Cappelli ao tratar da relação entre imigração e urbanização salienta que este é um “terreno pouco frequentado na historiografia”.⁴⁶ Seu trabalho dedicado aos pequenos fluxos imigratórios espontâneos apontam aspectos presentes nos comportamentos observados nos marmoristas italianos aqui pesquisados. Ao estudar os hábitos dos vendedores ambulantes e dos artesãos, a partir da década de 1860, o autor observou que houve uma ativa experiência de mobilidade e uma significativa contribuição para a construção das modernas redes urbanas. Estes imigrantes não procuravam o isolamento em ambientes rurais, tampouco as grandes capitais. Escolhiam, geralmente, os pequenos centros urbanos, frequentemente, as cidades portuárias em desenvolvimento no começo do século XX. Os laços comunitários destes imigrantes não interferiram no processo de integração, pois suas atividades comerciais e

⁴³ Apud. CONEDERA, Leonardo de Oliveira. **Músicos no Novo Mundo: A presença de musicistas italianos na Banda Municipal de Porto Alegre (1925-1950)**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação, PUCRS. Porto Alegre, 2017. P. 86-87.

⁴⁴ RUGGIERO, Antonio de. Empreendedores toscanos do mármore nas cidades brasileiros (1875-1914). In: MUSA FAY, Claudia, RUGGIERO, Antonio de. (org.) **Imigrantes Empreendedores na História do Brasil: estudos de casos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. P. 80.

⁴⁵ CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **O italiano da esquina: meridionais na sociedade porto-alegrense e permanência da identidade entre moraneses**. Porto Alegre: EST, 2007.

⁴⁶ CAPPELLI, Vittorio. A propósito de imigração e urbanização: correntes imigratórias da Itália meridional às “outras Américas”. **Revista de Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 7-37, jul. 2007, p. 9.

artesanais eram voltadas ao mercado global das cidades e das regiões de acolhimento e não exclusivamente para a clientela de conterrâneos italianos. Desta forma, os imigrantes qualificados prestaram ampla contribuição ao desenvolvimento geral dos mercados, ao sistema produtivo e ao processo de modernização destas pequenas cidades que exigia maior competência profissional, técnica e artística, indisponível na sociedade local, no início do século XX.⁴⁷

Imigrantes italianos qualificados atraídos pelas oportunidades geradas por este processo de modernização originaram e mantiveram correntes e redes imigratórias. No desenvolvimento destes centros urbanos, engenheiros, construtores, arquitetos, mestres-de-obras e artistas italianos projetavam, executavam e decoravam novos edifícios e espaços públicos e privados. No Rio Grande do Sul, as grandes transformações urbanas ocorridas, no início do século XX, em muitas cidades, especialmente Porto Alegre, aliadas à carência de profissionais especializados, atraiu muitos imigrantes qualificados, alemães e italianos, entre outros, em menor número, principalmente, em torno do comércio, da construção civil e da indústria. Para Manuel Diéguas Júnior a industrialização do Rio Grande do Sul, está diretamente ligada aos imigrantes qualificados, na medida em que as pequenas oficinas deram origem às indústrias.⁴⁸

Os marmoristas italianos traziam a qualificação profissional em suas “bagagens”. A longa tradição artística italiana, que no período do Renascimento teve um crescimento impar, deu origem às inúmeras escolas de Belas Artes que formaram verdadeiras legiões de pintores e escultores que difundiram a cultura artística italiana por todo o mundo ocidental. Muitos dos marmoristas que aqui chegaram frequentaram escolas superiores de Belas Artes na Itália, se especializando em escultura, modelagem e desenho. Outros frequentavam escolas profissionais, tendo uma formação de nível técnico, como canteiros, por exemplo, que se encarregavam dos primeiros cortes e desbaste da pedra bruta, quando o Brasil não contava com escolas que oferecessem esta formação. Em muitos casos, imigrantes qualificados foram protagonistas da abertura de novas escolas superiores ou profissionais, no Brasil. Além dos imigrantes com formação superior ou técnica, vieram também muitos artesãos com conhecimento prático, aprendido nas oficinas que sempre mantiveram a tradição mestre-aprendiz, surgido nas *guildas*. No Brasil, os mestres marmoristas também reproduziram seus

⁴⁷ Ibid., 9-11.

⁴⁸ DIÉGUAS JÚNIOR, Manuel. **Imigração, urbanização e industrialização**: estudo sobre alguns aspectos da contribuição cultural do imigrante no Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa Educacional, 1964, p. 210.

conhecimentos, constituindo aprendizes nas grandes oficinas. Estes, geralmente, eram pedreiros, que retiravam as pedras das jazidas ou polidores que davam acabamento às peças.

O caráter qualificado dos marmoristas pode ser percebido em anúncios de marmorarias de Ribeirão Preto, estudadas por Maria Elizia Borges que afirmavam dispor de “*pessoal técnico de reconhecido valor*”, pois em suas oficinas possuíam “*a capacidade técnica desses inteligentes industriais e o gosto artístico que presidem os seus excelentes trabalhos*”.⁴⁹ Stella Borges ao analisar as atividades a que se dedicavam os imigrantes italianos, em Porto Alegre, na década de 1890, observa, entre estabelecimentos comerciais, artistas, sapatarias, construtoras, ourives, professores, profissionais liberais, alfaiatarias e fabricantes, a presença de três marmorarias.⁵⁰ É possível perceber a importante presença de imigrantes italianos qualificados em Porto Alegre, no final do século XIX e início do século XX, em estudos que tratam dos arquitetos, engenheiros e construtores e artistas deste período, como de Fernando Corona (1940), Athos Damasceno (1971), Walter Faé (1975) e Günter Weimer (2004), que mencionam nomes como: Bernardo Grasseli, Carlo Fossati, Domingos Betolotti, Eduardo de Martino, Egisto Girolami, Romoaldo Pratti, Fulvio Piacenza, Francisco Mana, Jose Obino, Rainieri Fortini, Giovanni Falconi, José Boscagli, Oreste Colvini, Ricardo Albertazzi, Ricardo Giovanni, Antonio Cauduro, Romano Tertulini, Salvador Lambertini, Duílio Bernardi, Pietro (Pedro) Biondani, Armando Faccini, Vitório Fortini, Angelo Negri, Paolo Paganini, Angelo Peroni, Egídio Petrucci e Augusto Sartori.

Como já foi possível observar, uma importante característica destes profissionais qualificados é a mobilidade, uma vez que costumavam se deslocar por vários centros urbanos a procura de melhores oportunidades de trabalho. Estes deslocamentos eram facilitados pela formação de redes sociais - compostas por laços familiares, de amizade e de vizinhança, entre outros, amparadas na identidade étnica - que forneciam informações sobre oportunidades de trabalho, e em alguns casos, viabilizavam a viagem e auxiliavam seu estabelecimento no país de destino. Alguns historiadores consideram que a mobilidade faz parte da cultura italiana, que seria uma tradição, principalmente no que se refere à elite intelectual e ao imigrante qualificado.

Oswaldo Truzzi, ao estudar um histórico de mobilidade apontado pela vasta literatura italiana, percebeu uma ancestral mobilidade local já existente no Antigo Regime. Estes deslocamentos se davam dentro de uma mesma região ou entre regiões próximas, em

⁴⁹ BORGES, Maria Elízia. **Arte Tumular**: a produção dos marmoristas de Ribeirão Preto no Período da Primeira república. Tese (Doutorado) ECA/USP. São Paulo, S.C.P., 1991, p.57.

⁵⁰ BORGES, Stella. **Italianos**: Porto Alegre e trabalho. Porto Alegre: EST, 1993, p. 57.

intervalos de tempo definidos, relacionados a questões sazonais ou oportunidades de trabalho. Com o passar do tempo essa mobilidade assumiu uma característica de *cadeia*. Parentes e conterrâneos, emigrados anteriormente, bem-sucedidos, agiam como uma corrente transmissora de informações que alimentavam os deslocamentos, dando origem a uma cultura da emigração.⁵¹

Quando os imigrantes italianos vinham para a América, já existia entre eles uma tradição migratória consolidada. A mobilidade já fazia parte do esquema mental dos italianos, especialmente dos que vinham do norte. Os agricultores das zonas alpinas, a fim de garantir a sobrevivência durante o rigoroso inverno, desciam para a planície em busca de trabalho na agricultura, sob o regime de jornada, para comercializar artesanatos produzidos a partir de matérias primas abundantes nas montanhas, como madeira, pedra ou gesso.

Leone Lonardi se constitui num exemplo de como os marmoristas italianos se inseriram no fluxo espontâneo de imigrantes qualificados, composto por correntes imigratórias oriundas de pequenas áreas da Itália, direcionados para as zonas urbanas, estimulando uma experiência de mobilidade. Portanto, através do estudo de caso de Leone Lonardi será possível alcançar uma análise histórica que permita investigar melhor a presença deste fluxo espontâneo de imigrantes qualificados e trazer contribuições à historiografia que ajudem a compreender mais profundamente as causas, as dinâmicas, o funcionamento das redes sociais estabelecidas, que caracterizaram a inserção social de grupos, numérica e culturalmente expressivos, no desenvolvimento de Porto Alegre. Assim como, podem viabilizar o entendimento de questões de identidade étnica, como a forma de organização social e de identificação dos membros deste grupo, assim como a constituição e o funcionamento das redes sociais estabelecidas em torno destes profissionais.

O ofício dos marmoristas, segundo Arnold Hauser, surgiu entre os séculos XII e XVII, a partir *loggia* dos pedreiros, uma organização cooperativa de artistas e artesãos contratados para a construção de uma grande igreja ou catedral. A partir daí, inicia-se a exploração das primeiras pedreiras, locais de onde se extrai o mármore bruto do solo. Nas oficinas o entalhador desbastava os pedaços de pedra bruta. A *loggia* se instalava no local da obra e ali permanecia enquanto houvesse trabalho. Apesar de ser uma organização, permitia que um operário deixasse seu grupo e se reunisse a outro. Assim, começou a surgir um mercado regular de obras de arte, possibilitando que o artista deixasse a *loggia* e se instalasse nas cidades como mestre independente, ao longo do século XIV. Os pintores e os escultores

⁵¹ TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social** – Revista de Sociologia da USP, São Paulo, 2008, p. 209.

foram os primeiros a se libertarem da *loggia*, se reunindo em corporações de ofício, as *guildas*.⁵²

Ao estudarmos a atuação dos marmoristas, no Brasil, precisamos considerar a importância da arte cemiterial, desde a segunda metade do século XIX, quando os cemitérios se secularizaram. Segundo Maria Elizia Borges, a partir do século XVI o mármore estatuário começou a ser largamente empregado nas sepulturas suntuosas das pessoas ilustres. E, no fim do século XIX, os marmoristas se encontravam numa posição privilegiada. Este foi o período áureo da sua profissão, pois prestavam serviços aos inúmeros cemitérios secularizados e às construções ecléticas que surgiam na Europa e no Brasil.⁵³ A arte funerária foi amplamente utilizada a fim de afirmar o gosto e o *status* da camada mais abastada da sociedade. No que se refere à importância dos cemitérios, neste período, Maria Elizia coloca que “no início do século XX o cemitério era o local mais visitado de uma cidade. Ele proporcionava a toda a comunidade entrar em contato com um tipo de obra veiculadora de um ideário estético determinado”.⁵⁴ No início do século XX, nos maiores centros urbanos do Brasil, houve uma grande procura por marmorarias e esculturas. Apesar de haver um declínio na produção dos monumentos públicos neste período, as famílias abastadas mantinham o gosto pelas esculturas funerárias que refletiam seu *status* social e econômico. Para além dos muros dos cemitérios, a atuação dos marmoristas esteve relacionada à construção civil - produzindo revestimentos internos e externos para edifícios, em mármore e granito - e à estatuária, de mármore de Carrara e posteriormente, em bronze.⁵⁵

Até as duas primeiras décadas do século XIX, o mármore, importado da Europa, principalmente da Itália, prevaleceu na estatuária, em todo o Brasil. O mármore de Carrara, originário da província de Massa-Carrara, na Itália foi por muito tempo o mais ambicionado pelos escultores e construtores. No século XIX, no Rio Grande do Sul, surgiu uma primeira tentativa de extração de mármore que merece ser estudada mais profundamente. Sabemos que em 1869 o governo da Província criou uma companhia para exploração e manufatura de mármore, em Encruzilhada do Sul e Caçapava do Sul e que Adriano Pittanti iniciou a exploração destas minas. Mais tarde, em 1871, outro italiano, Carlo Fossati seria contratado

⁵² HAUSER, Arnold. **História Social da Literatura e da Arte**. São Paulo, 1972, p. 329-334.

⁵³ BORGES, Maria Elízia. **Arte Tumular: a produção dos marmoristas de Ribeirão Preto no Período da Primeira república**. Tese (Doutorado) ECA/USP. São Paulo, S.C.P., 1991, p. 49.

⁵⁴ Id. **Arte Funerária: apropriação da Pietá pelos marmoristas e escultores contemporâneos**. In: **Revista de Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v XXIII, n.2, p. 15-28, dezembro 1997. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997, p.23.

⁵⁵ RUGGIERO, Antonio de. Os italianos nos contextos urbanos do Rio Grande do Sul: perspectivas de pesquisa. In: VENDRAME, Maíra Ines; KARSBURG, Alexandre; Beatriz WEBER e FARINATTI, Luis Augusto. (Org.) **Micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Oikos, 2015.

pelo governo do estado para orientar tecnicamente os trabalhos de extração de mármore nestas jazidas. Porém, por carência de mão-de-obra especializada, Fossati rescindira o contrato, mesmo antes de iniciar o trabalho.

Athos Damasceno cita uma nota do jornal *A Reforma* que menciona algumas obras da marmoraria de Pittanti, produzidas com o mármore rio-grandense, jazida que teria sido explorada por mais de um ano. O autor diz que os trabalhos eram prova de habilidade e perfeição em pedras de grande qualidade, mas que, entretanto, não foram vendidos e continuavam na vitrine do estabelecimento de Rondelli, à Rua dos Andradas. Em 1875, apareceria no mesmo jornal uma última referência a trabalhos de Pittanti com o mármore de Encruzilhada.⁵⁶ É possível que o motivo para o fracasso das vendas destas peças residisse no fato de não terem sido produzidas com o mítico mármore de Carrara. Surge uma nova menção ao mármore rio-grandense em 1907. Uma pequena nota na primeira página do jornal *A Federação* que menciona um bonito bloco de mármore retirado, desta vez, das minas de Lavras. O referido bloco fazia parte de um carregamento de mármore que seguia em um comboio da Viação Férrea para os marmoristas de Rio Grande.⁵⁷

A partir da década de 1920, diante da crise financeira que assolava o Brasil e os altos impostos estabelecidos pela Itália à pedra bruta, neste período, a importação de mármore reduziu drasticamente. O produto foi, paulatinamente, substituído pelo bronze nas esculturas e pelo granito nas lápides e nos revestimentos dos túmulos e dos edifícios. Raros foram os casos de uso de granito para esculturas, por ser um material mais duro e difícil de ser lapidado. As marmorarias, muitas vezes, importavam esculturas prontas, que possuíam impostos mais baixos. A partir de 1920, o nome do ofício do marmorista se mantém pela tradição e pela formação que muitos escultores tiveram nas grandes escolas da Europa ou como aprendizes destes escultores, aqui no Brasil. As técnicas de cantaria e de extração do granito e de outras pedras brasileiras eram muito semelhantes as do mármore. Porém, eram grandes as diferenças entre as técnicas para a escultura do mármore e do bronze. Enquanto o mármore era marcado, desbastado e cinzelado, para a escultura em bronze, as técnicas de modelagem prevaleciam. A escultura era realizada, inicialmente, em um molde de barro que daria origem a uma forma em gesso, onde seria fundida a “escultura” final. Numa peça de mármore, um pequeno erro poderia levar à perda de toda a peça. No trabalho em bronze, tanto o molde quanto à peça fundida poderiam ser refeitos sem grandes perdas de materiais.

⁵⁶ DAMASCENO, Athos. **Artes Plásticas no Rio Grande do Sul (1755-1900)**. 1971. P.161-162.

⁵⁷ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 26.04.1907, p. 1.

É consenso entre os autores que pesquisaram arte no Rio Grande do Sul que o campo dos marmoristas foi aberto no estado pelo italiano Adriano Pittanti, em 1868. Porém, a presença de outro italiano, José Obino, desde 1861 no estado, gera dúvidas. Obino se instalou, inicialmente, em Bagé, onde realizou importantes trabalhos de construção, como a catedral São Sebastião. Em 1877 se transferiu para Porto Alegre, onde instalou uma marmoraria. O primeiro autor a mencionar José Obino parece ter sido Athos Damasceno, e este não tem informações sobre sua formação, mas acreditava que trouxera suficiente conhecimento e preparo da Europa. Não é possível precisar se Obino foi o primeiro marmorista a chegar ao Rio Grande do Sul, se ele se tornou marmorista posteriormente ou apenas teria constituído sua oficina para trabalhar com marmoristas contratados.

Como já foi dito, em 1869 foi criada uma companhia para exploração e manufatura de mármore, junto ao governo da Província. Pittanti explorou, diretamente, em Encruzilhada do Sul e Caçapava do Sul, as primeiras pedreiras do Rio Grande do Sul. E em 1871 o governo do estado contrata o italiano Carlo Fossati para orientar tecnicamente os trabalhos de extração de mármore nestas jazidas. Aos poucos foram surgindo outros marmoristas no estado e grande parte deles era de italianos ou filhos de italianos. Em uma matéria do jornal *Il Commercio Italiano* de 10 de novembro de 1892, Stella Borges observa em uma relação de atividades a que se dedicavam os imigrantes italianos, a presença de três marmorarias.⁵⁸

Em fevereiro de 1893, o jornal *A Federação* divulga uma tabela do regulamento de impostos de indústrias e profissões, com valores para cidades, vilas e outros lugares. Nela, aparecem, entre outros valores, os atribuídos às profissões de escultor ou marmorista; e a produtos, como: estátua; imagens, entre outros.⁵⁹ Isso mostra que a profissão estava devidamente regulamentada e era economicamente significativa, neste período. Borges apresenta também uma tabela retirada de um relatório de estatística econômico da Repartição de Estatística da Secretaria do Interior, de 1916 onde entre as várias pequenas fábricas pertencentes a italianos, em Porto Alegre, aparecem cinco são de artigos de mármore⁶⁰, conforme a tabela:

⁵⁸ BORGES, Stella. **Italianos: Porto Alegre e trabalho**. Porto Alegre: EST, 1993. P. 57.

⁵⁹ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 28.02.1893, p.1.

⁶⁰ BORGES, Stella. **Italianos: Porto Alegre e trabalho**. Porto Alegre: EST, 1993. P. 64.

Tabela 1 – Fábricas de artigos de mármore pertencentes a italianos ou descendentes, em Porto Alegre, 1916.

Nome	Capital	Valor da Produção	Nº de operários
Carlos Fossati	150.000	150.000	3
Corona & Ghiringheli	30.000	30.000	8
Francisco Priori	10.000	2.000	4
Henrique Paccini	10.000	2.000	4
José Floriani	150.000	160.000	12

Fonte: Borges (1993).

Nota-se que nesta segunda década do século XX, houve um aumento no número de marmorarias, sendo que duas delas apresentam acentuados valores de capitais e valores de produção. Todas as empresas pertencem a italianos, sendo que apenas em uma delas, aparece um sobrenome de outra etnia. O sócio de Ghiringhelli era espanhol, Corona, provavelmente, Jesus Maria Corona, pai de Fernando Corona. Pai e filho foram arquitetos e escultores. Sabemos que Carlo Fossati chegou a Porto Alegre em 1869. José Floriani era filho de um italiano residente em Pelotas. O valor de produção da empresa de Floriani aparece um pouco acima do de Fossati, entretanto com um número quatro vezes maior de operários. Se relativizarmos os números de funcionários com os valores de produção, a empresa de Fossati apresentará o maior êxito. Há duas hipóteses prováveis para esta disparidade: A primeira é que, enquanto Fossati realizava grandes monumentos, de valores elevados, necessitando de poucos operários, Floriani produzia um grande volume de obras de valor mais baixo - como pequenos esculturas e adornos tumulares - necessitando para isso de muitos funcionários. A segunda hipótese é que Fossati utilizasse mais a mão-de-obra terceirizada, enquanto Floriani preferisse trabalhar com empregados formalmente registrados. Quanto às firmas de Francisco Priori e Henrique Paccini⁶¹, considerando os baixos valores de capital e de produção, é possível imaginar que se dedicassem mais ao comércio de pequenas esculturas. O primeiro aparece na lista de Registro Eleitoral, de 1921, como comerciante de 56 anos.⁶²

Em 1906, por iniciativa do Sindicato dos Marmoristas, ocorre em Porto Alegre a primeira greve geral. Ao tratar das associações operárias e sindicatos, Borges menciona este sindicato, dirigido por anarquistas que entrou em greve em 1906 para reivindicar 8 horas de trabalho. A maioria dos filiados trabalhava na marmoraria Friederichs - esta marmoraria

⁶¹ Henrique Paccini é o nome brasileiro de Enrico Pacini. A forma italiana é observada em matérias relacionadas à comunidade italiana em Porto Alegre, como na matéria que trata do novo serviço de navegação entre a América do Sul e Itália (Jornal **A Federação**, 21.10.1932, p.2.) ou a que trata da construção da sede da “Sociedade Itálica Domus” (Jornal **A Federação**, 25.06.1934, p.4.). Henrique Paccini era cunhado de Arlindo Teixeira que se tornou sócio de Leone Lonardi, como se tratou posteriormente.

⁶² Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 16.08.1921, p.7.

pertencia a imigrantes alemães, que mais tarde daria origem a duas marmorarias: a oficina de João Vicente Friederichs e Casa Aloys, de seu tio Jacob Aloys Friederichs, uma das maiores marmorarias do Rio Grande do Sul, onde Leone Lonardi trabalhou por seis meses, ao chegar da Itália. Uma nota do jornal *A Federação* de março de 1906 dizia que algumas associações realizaram duas reuniões com o fim de angariar meios materiais para auxiliar os seus companheiros das oficinas do Aloys Friederichs e tomar outras resoluções. Compareceram mais de cem pessoas, entre marmoristas, chapeleiros e diversos operários não pertencentes a associações. Os presentes decidiram concorrer com o auxílio pecuniário para o qual foram colocadas listas para subscrição em várias oficinas da capital, tendo já angariados ou prometidos, mais de 300\$000. Havia informação de uma proposta de Aloys de dias de 9 horas de trabalho.⁶³ Os grevistas saíram vitoriosos, conquistando a jornada de 8 horas de trabalho, o pagamento por hora trabalhada e o direito de não serem despedidos por terem participado da greve.⁶⁴ A iniciativa dos marmoristas estimulou a entrada em greve de outras categorias. A sede do sindicato funcionava no Restaurante Faccini do italiano Henrique Faccini que em 1906, era tesoureiro da entidade. Foi ele quem assinou a carta das reivindicações dos grevistas.⁶⁵

Este episódio mostra que, no início do século XX, havia um número considerável de marmoristas em Porto Alegre, e que estes constituíam uma categoria razoavelmente organizada, na medida em que conseguiram um êxito sem precedentes. O movimento ocorreu em outros centros do país e parece ter sido bem articulado no Rio de Janeiro, onde em 1906 foi publicado o jornal *O Marmorista*, criado pelo movimento dos operários marmoristas, em 1906, como órgão de propaganda. No número 2, do jornal mensal, há quase uma página dedicada ao movimento ocorrido em Porto Alegre, mencionando os funcionários das oficinas de Friederichs. A matéria finaliza com o relato de que 10 grevistas, em virtude da greve, embarcaram rumo a capital federal, tendo que procurar trabalho em outros locais. Junto ao trapiche, reuniram-se diversas associações de operários em manifestação de solidariedade aos marmoristas. Uma comissão composta pelos operários Arquimedes Fortini, Henrique A. Martins e Armando A. Martins, do *Jornal do Comércio* ofereceu um ramalhete de flores na despedida.⁶⁶

⁶³ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 03.09.1906, p. 2.

⁶⁴ TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico*: um século de imigração italiana no Brasil. São Paulo: Nobel, 1989. P.138.

⁶⁵ BORGES, Stella. *Italianos*: Porto Alegre e trabalho. Porto Alegre: EST, 1993. P. 77-79.

⁶⁶ Jornal *O Marmorista*, Rio de Janeiro, 01.12.1906, p.3.

Em 1914, os marmoristas promovem uma nova greve. O jornal *A Federação* de 24 de janeiro de 1914, veicula uma nota do Rio de Janeiro, na seção de Serviço Telegráfico, com o título *Greve em Porto Alegre*, na qual a Federação Operária daquela cidade comunicava o recebimento de um telegrama da Federação de Porto Alegre pedindo que evitassem o embarque de trabalhadores de lá para cá. Informava também que correspondendo ao pedido, fora solicitado aos marmoristas, pela imprensa, para não embarcarem, “a fim de manter solidariedade”.⁶⁷ No dia 18 do mesmo mês, o mesmo jornal publica uma longa nota, dizendo que sua redação recebera o marmorista André Arjonas, operário da Casa Aloys, mostrando um ofício da Sociedade Resistência dos Marmoristas que o pressionava para aderir à greve, imposição que ele não pretendia acatar. Arjonas declarou que 14 operários continuavam trabalhando na Aloys, que dois estavam sendo esperados e que Antonio Costa e Antonio Billoto voltaram ao trabalho.

Sobre a formação de escultores em Porto Alegre, sabemos que Giuseppe Gaudenzi foi contratado em 1910 pela Escola de Engenharia para lecionar modelagem na recém-fundada Escola Técnica Profissional.⁶⁸ Quanto à formação de marmoristas, o padre Antonio Bianco, da Congregação Salesiana, fundou, em Porto Alegre, em 1918, as Escolas Profissionais Dom Bosco, com seções de carpintaria, marcenaria, marmoraria, modelação, mecânica e serralheria. Acredito que esta escola formasse canteiros.⁶⁹

Em 1927, quando Leone Lonardi chegou a Porto Alegre, o campo de atuação de marmoristas em Porto Alegre estava largamente desenvolvido. As encomendas eram feitas tanto por particulares, quanto por órgãos públicos. Seus trabalhos adornavam praças, cemitérios, residências, repartições públicas, entre outros locais. Escultores fixados em Porto Alegre e em algumas cidades do interior do estado, como Pelotas, Rio Grande, Bagé e Caxias, produziam esculturas em mármore e bronze, não somente para o Rio Grande do Sul, mas também para vários outros estados, e ao que parece, para outros países. É o que nos leva a imaginar, a tabela de Estatística Econômica do Município de Caxias apresentada pelo jornal *A Federação* de 06 de abril de 1927, com os números referentes à exportação no primeiro trimestre de 1927. Entre diversos produtos exportados, aparece 628 Kg de estatuetas, somando o valor de 2:570\$000 (dois contos e quinhentos e setenta mil réis).⁷⁰ Nos meses de março e abril de 1927, os pomposos anúncios da Marmoraria Floriani, uma das maiores

⁶⁷ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 24.01.1914, p. 5.

⁶⁸ DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. *Estatuária e Ideologia*. 2. Ed. rev. e ampl. – Porto Alegre: ed. da Cidade; Letra e Vida, 2011. P. 157.

⁶⁹ Jornal *A Federação*, 30.07.1918, pg. 5.

⁷⁰ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 06.04.1927.

marmorarias de Porto Alegre deste período, apareciam quase que diariamente no jornal *A Federação*.

1.3 Os antecedentes: os primeiros marmoristas italianos, século XIX

O primeiro escultor italiano a chegar ao Rio Grande do Sul foi Adriano Pittanti. Segundo Athos Damasceno, Pittanti chegou em 1868, aconselhado por seu amigo Giuseppe Garibaldi a quem serviu em 1867, na Itália, como voluntário. No começo de 1869 instalou sua oficina de mármore em Porto Alegre, na Rua do Rosário, 35. Participou, como único marmorista da Província, na Grande Exposição Comercial e Industrial de 1875. O autor menciona que Pittanti foi escolhido para produzir o monumento funerário para o túmulo do Vigário da Igreja do Rosário, José Inácio de Carvalho Freitas, em 1878. Pittanti aproveitou a ocasião para divulgar seu variado sortimento de pedras e esculturas e sua habilidade para fazer qualquer retrato, como o do Vigário José Inácio.⁷¹ Walter Faé considera que a boa qualidade dos retratos feitos por Pittanti & Cia. justificava a exposição das obras na Galeria de Arte da Exposição Brasileiro-Alemã, em 1881.⁷²

Entre 1884 e 1885, o atelier Pittanti & Cia produziu a primeira escultura pública de Porto Alegre, a estátua do Conde de Porto Alegre (Figura 6). Ao pesquisar os nomes dos marmoristas e das marmorarias nos jornais, as menções mais recorrentes, são das suas importações, geralmente de mármore bruto e de mármore em obras. Num destes registros encontrei uma importação de Pittanti de uma caixa com um modelo de gesso e uma com um bloco de pedra mármore, em julho de 1884.⁷³ inicialmente, não considerei importante. Mas, arqueei o registro tendo em mente que qualquer fragmento é, potencialmente, um indício importante para reconstrução do passado. Considerei, porém, a próxima referência que encontrei com o nome do escultor, de 49 dias depois, realmente importante. O mesmo jornal tratava da famosa estátua do general Marques (Conde de Porto Alegre) produzida na casa dos Irmãos Pittanti que seria colocada na Praça Pedro II ou Praça do Palácio (hoje Praça da Matriz).⁷⁴ No primeiro momento, não relatei as duas notícias e não percebi a proximidade das datas, até tentar acessar a trajetória de Pittanti pela via bibliográfica. Deparei-me com uma afirmação do marmorista espanhol Fernando Corona na obra de José Francisco Alves. Corona, que conheceu alguns escultores deste período, como Pittanti, teria afirmado que o

⁷¹ DAMASCENO, Athos. **Artes Plásticas no Rio Grande do Sul (1755-1900)**. 1971. P 160-161.

⁷² FAÉ, Walter José. **Italianos no Rio Grande do Sul: 1875-1975**. Americana, SP: FOCAM, 1975. P. 150-151.

⁷³ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 10.07.1884, p. 3.

⁷⁴ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 28.08.1884, p.2.

modelo da escultura do Conde veio da Itália.⁷⁵ Apesar de não ser possível comprovar que o molde e o bloco de mármore tenham servido à produção da referida escultura, este registro é um forte indício de que a afirmação de Corona esteja correta.

Figura 6 - Estátua do Conde de Porto Alegre.



Fonte: Site Sul21.⁷⁶

Sobre a escolha do marmorista que produziria a estátua, Athos Damasceno conta que, em 1879, o marmorista Gustavo Saeger, estabelecido no município de Cacimbinhas, hoje Pinheiro Machado, teria vencido o concurso criado para escolher o escultor da referida obra, apresentando a proposta com desenhos e pormenores descritivos, que seria entregue dentro de dois anos, pela quantia de dez contos de réis (10:000\$000), em pagamentos de três prestações. Trinta dias após o exame das propostas e julgamento da concorrência, Saeger teria assinado contrato para execução da obra. Adriano Pittanti e José Obino eram os outros candidatos inscritos. O monumento acabou sendo executado por Pittanti.⁷⁷ Segundo Clóvis de Oliveira, o monumento foi inaugurado pela Princesa Isabel, em 2 de fevereiro de 1885, na Praça da Matriz.⁷⁸ Faé cita uma nota do jornal *O Mercantil* que além de elogiar, deu detalhes da obra. A estátua com dois metros de altura seria colocada sobre um pedestal de mais de dois metros e setenta e cinco centímetros. O jornal considera que a semelhança da obra com a figura do conde é completa.⁷⁹

⁷⁵ ALVES, José Francisco. **A Escultura Pública de Porto Alegre: História, contexto e significado**. Porto Alegre: Artífólio, 2004. P.15.

⁷⁶ Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/cidades/2016/07/conheca-os-cinco-monumentos-mais-antigos-de-porto-alegre/#>>

⁷⁷ DAMASCENO, Athos. **Artes Plásticas no Rio Grande do Sul (1755-1900)**. 1971. P. 167.

⁷⁸ OLIVEIRA, Clovis Silveira de. **Porto Alegre: a cidade e sua formação**. 2ª ed. Porto Alegre: Editora Gráfica Metrópole S.A, 1993. P. 201.

⁷⁹ FAÉ, Walter José. **Italianos no Rio Grande do Sul: 1875-1975**. Americana, SP: FOCAM, 1975. P. 151.

Damasceno diz que devido ao seu grande sucesso, o escultor transferiu seu atelier para um local mais amplo e melhor na Rua da Praia. Com o passar do tempo, surgiram concorrentes. Entretanto, Pittanti os acompanhava na variedade de peças que compunha e executava.⁸⁰ As importações realizadas pelo marmorista nos dias que se seguem comprovam este sucesso. Apenas oito dias depois de receber o modelo e o mármore que se supõe tenham servido à confecção da estátua do conde, Pittanti recebeu uma nova remessa de pedra mármore.⁸¹ Passados mais 19 dias, outra remessa da mesma pedra e 57 caixas com mármore em obras.⁸² Em 1885, então, é inaugurada a estátua do Conde de Porto Alegre. Mas, por que teria sido a oficina de Pittanti a executar a obra e não Saeger? Uma nota do jornal *A Federação* mostra que foi criada uma comissão para arrecadar fundos, entre os cidadãos para a construção do monumento. O balancete (Figura 7) mostra que Pittanti recebeu 6:000\$000. Bem, ao longo da pesquisa, deparei-me com vários casos parecidos, o que mostra que estes concursos não tinham as regras que tem uma licitação pública. O concurso não obrigava que a execução da obra ficasse com o vencedor. Neste caso, cinco anos se passaram entre a realização do concurso e a execução da obra. Não sabemos se em 1884 Saeger ainda estava disposto a realizar a obra por um valor mais baixo do que o apresentado em sua proposta, pois a comissão havia arrecadado somente 8:861\$100 (oito contos e oitocentos e sessenta e um mil e cem réis), que deveriam cobrir todas as despesas envolvidas na construção, colocação e inauguração do monumento.

Figura 7 - Balancete dos valores referentes à estátua do Conde de Porto Alegre.

Balancete da comissão incumbida de erigir uma estatua ao conde de Porto Alegre:	
RECEITA	
Recebido de diversos cidadãos, conforme foi publicado nos jornaes d'esta cidade	8:025\$000
Juros do dinheiro depositado no Banco da Provincia	836\$100
	8:861\$100
DESPEZA	
Importe do pedestal	1:300\$000
Aos estatuarios Pittanti & C.	6:000\$000
Diversas despesas	106\$500
Idem com a inauguração.	225\$000
	7:631\$500
Saldo depositado no Banco da Provincia	1:229\$600
Porto Alegre, 28 de fevereiro de 1885.	
—O thesoureiro, <i>João Pinto da Fonseca Guimarães</i> .	
O saldo existente no Banco da Provincia é destinado aos reparos que no futuro forem necessarios no pedestal e gradil da estatua.	

Fonte: Jornal *A Federação*, 04.03.1885, p. 2.

⁸⁰ DAMASCENO, Athos. *Artes Plásticas no Rio Grande do Sul (1755-1900)*. 1971. P 167.

⁸¹ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 18.07.1884, p. 3.

⁸² Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 06.08.1884, p. 3.

Quanto à produção das oficinas de Pittanti, podemos perceber que nem todos os adornos e esculturas vendidos pela empresa eram ali produzidos. Em três remessas encontradas nos jornais, em 1887, por exemplo, é possível observar que a firma de Pittanti importou 78 caixas de obras de mármore em obras.⁸³ O mesmo foi observado em importações anteriores, como já foi dito. Sabemos que, em alguns momentos, os impostos de importação sobre as peças prontas eram menores do que sobre a pedra bruta. Além disso, é provável que a demanda, neste momento, superasse a capacidade de produção da oficina, considerando a escassez de mão-de-obra especializada.

Sabemos que Adriano Pittanti sabe cultivar suas redes de sociabilidade, tendo uma importante atuação social, tanto junto à colônia italiana, quanto à sociedade local. Em 1884 foi um dos diretores da recém-surgida Sociedade de Imigração. Em 1886, era membro efetivo da *Società Italiana di Mutuo Socorro Vittorio Emanuele II*⁸⁴. Quando o então deputado federal, republicano, Demétrio Ribeiro, visitou Novo Hamburgo, em 1890, a convite de uma comissão representativa da região colonial, acompanhado por diversas figuras ilustres, após o almoço de recepção, seguiu em um passeio a pé e em meio a manifestações calorosas e chegou à casa de Adriano Pittanti. Segundo o jornal *A Federação*: “O digno cavalheiro correspondeu à visita fraternal com inequívocas provas de amabilidade. Na sua pessoa foi saudada pelo dr. Demétrio a grande nação italiana”.⁸⁵ Estas participações mostram que Pittanti contava com elevado prestígio social, assim como, exerceu um papel político entre os imigrantes italianos no Rio Grande do Sul. A nota da visita de Demétrio Ribeiro mostra que em 1890, Pittanti já morava em Novo Hamburgo, entretanto o jornal mostra que em 1892, as oficinas de mármore de Adriano Pittanti & C., continuavam em Porto Alegre, à Rua dos Andradas.⁸⁶ Outra nota se refere a um incêndio que consumiu a residência de Pittanti, em Novo Hamburgo, em 1894.⁸⁷ Mesmo assim, em 1918, ainda residia em Novo Hamburgo. No anúncio de premiação da loteria do Estado, Pittanti é identificado como capitalista e não como marmorista.⁸⁸ Talvez tenha feito investimentos na região de colonização alemã e por isso, fora identificado desta forma.

⁸³ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 08.02.1887, p.2; Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 18.02.1887, p.3; e Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 18.04.1887, p.3.

⁸⁴ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 22.11.1886, p. 3.

⁸⁵ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 12.03.1890, p. 1.

⁸⁶ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 12.12.1892, p. 3.

⁸⁷ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 13.06.1894, p.2.

⁸⁸ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 07.07.1918, p. 3.

Em 1871, chegaria Carlo Fossati. Segundo Faé, o escultor-marmorista Carlos⁸⁹ Fossati nasceu em de julho de 1844, em Turim, Piemonte.⁹⁰ Damasceno nos conta que o artista estudou no famoso liceu da sua cidade natal, onde fez cursos de desenho, concluindo-os com distinção. Aprendeu escultura com o pai, Bartholomeu Fossati, permanecendo no atelier paterno até os 25 anos de idade. Foi encarregado pelo governo da Itália para executar uma série de trabalhos de sua especialidade no Palácio Real de Turim. Recebeu do Rei Vitorio Emanuele II o título de Cavaleiro da Coroa Real e a Medalha de Ouro (Honra ao Mérito) em reconhecimento público à perfeição de seus trabalhos artísticos. Antes de vir para o Brasil, Fossati trabalhava em Atenas, na Grécia, onde foi convidado pelo governo para se estabelecer, porém, agradeceu o convite e preferiu o Brasil. Chegou ao Rio de Janeiro por volta de 1869, contratado pelo governo para orientar tecnicamente os trabalhos de extração de mármore nas jazidas de Encruzilhada e Caçapava, no Rio Grande do Sul, em princípios de 1871. Mas por falta de operários qualificados para o serviço resolveu rescindir o contrato, a fim de não comprometer o seu nome. Fixou-se em Porto Alegre, onde se casou com Maria Weingärtner, em 1871. Deste casamento, nasceram 15 filhos, dos quais, sete homens. Desses, dois seguiram a carreira paterna: Arthur, falecido em 1907, aos 33 anos, e Bernardo, que em 1900 começou a se destacar na profissão.⁹¹

Segundo Faé, Fossati foi um mestre generoso e eficiente, tendo distribuído lições a muitos operários, transformando-os em profissionais competentes. Teria sido com ele que João Vicente Friederichs aprendeu os primeiros ensinamentos, lições transmitidas nas próprias oficinas.⁹² Sobre a autoria da estátua do Conde de Porto Alegre, paira uma dúvida. Athos Damasceno nos conta que Paschoal Fossati, filho de Carlos Fossati, teria lhe afirmado, num depoimento, em 1956, que seu pai fora o autor da obra e não Adriano Pittanti, e que na última fase da obra, teria recebido a colaboração de Domenico Pittanti, irmão de Adriano.⁹³ José Francisco Alves aponta outra referência a este respeito, dada por Fernando Corona, que teria ouvido do escultor André Arjonas, em uma palestra:

Conheci a oficina de Pittanti. O modelo da figura do Conde veio da Itália. Era de gesso, mais ou menos um metro de altura. Pittanti importou um bloco de Mármore de Carrara e quem ampliou a estatueta, pelo processo de pontos e compasso de redução, foi o escultor Carlos Fossati, contratado pela firma Pittanti & Cia.⁹⁴

⁸⁹ Carlos Fossati, nome abreviado de Carlo Fossati.

⁹⁰ FAÉ, Walter José. **Italianos no Rio Grande do Sul: 1875-1975**. Americana, SP: FOCAM, 1975. P. 163.

⁹¹ FAÉ, Walter José. **Italianos no Rio Grande do Sul: 1875-1975**. Americana, SP: FOCAM, 1975, p. 163-164.

⁹² *Ibid.*, 165.

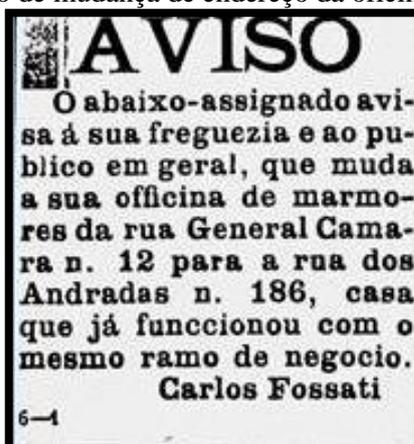
⁹³ DAMASCENO, Athos. **Artes Plásticas no Rio Grande do Sul (1755-1900)**. 1971, p. 167.

⁹⁴ ALVES, José Francisco. **A Escultura Pública de Porto Alegre: História, contexto e significado**. Porto Alegre: Artífólio, 2004, p.15.

Sabemos que os donos das oficinas costumavam assumir as autorias dos trabalhos ali produzidos, mesmo quando tinham uma pequena participação, ou nenhuma, nas obras.

Assim como Pittanti, em 1886, Carlo Fossati era membro efetivo da *Società Italiana di Mutuo Soccorso Vittorio Emanuele II*.⁹⁵ Em 1887, fez parte de uma comissão criada pelo Clube Italiano para socorrer os italianos desabrigados por conta de um terremoto ocorrido na Itália⁹⁶. O marmorista fazia parte da comissão executiva deste clube.⁹⁷ Portanto, Fossati estava inserido nas mesmas redes sociais de Pittanti, que por sua vez estavam vinculadas à identidade étnica dos dois marmoristas. Sabemos que antes de 1900, Fossati possuía sua própria oficina, pois o jornal *A Federação* anunciou sua mudança de endereço, para a Rua dos Andradas, a mesma da oficina de Pittanti (Figura 8).

Figura 8 - Aviso de mudança de endereço da oficina Carlos Fossati.



Fonte: *Jornal A Federação*, 17.08.1900, p. 3.

A importação de Fossati de 138 tábuas de mármore, em 1904,⁹⁸ o maior volume de mármore observado nas notas de importação dos jornais pesquisados, leva a crer que no início do século XX, esta oficina fosse uma das mais produtivas de Porto Alegre. Em março de 1910 a Junta Comercial publicou o pedido de arquivamento do contrato social da empresa Carlos Fossati & Filhos. Os sócios eram Carlos Fossati Filho, Victorino Fossati e Virgilino Fossati. O capital era de 4:500\$000 (quatro contos e quinhentos mil réis) para comércio de mármore, esculturas ou Lioz^{99, 100}. Aqui, vale lembrar a tabela apresentada por Stella Borges, que

⁹⁵ *Jornal A Federação*, Porto Alegre, 22.11.1886, p. 3.

⁹⁶ A nota do jornal não dá mais referências a respeito deste clube. Possivelmente, tratava-se da Sociedade de Imigração, anteriormente mencionada.

⁹⁷ *Jornal A Federação*, Porto Alegre, 11.04.1887, p. 2.

⁹⁸ *Jornal A Federação* Porto Alegre, 26.10.1904, p. 2.

⁹⁹ Lioz é uma pedra calcária comum em Portugal.

¹⁰⁰ *Jornal A Federação*, Porto Alegre, 29.03.1913, p. 2.

apontava que em 1916, a oficina de Carlos Fossati contava com uma grande produção e apenas três operários. É possível que os seus três filhos fossem os operários apontados.

A última alusão ao nome de Fossati que encontrei nos jornais foi em 1913, quando este fez parte do grupo de construtores da base para o monumento (pedestal, placas com inscrições, símbolos, etc.) em memória a José e Anita Garibaldi, de Porto Alegre. As peças do monumento, que pesava 29 toneladas, chegaram da Itália no vapor *Pyrineus*, da *Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro*. Da construção participaram também Pedro Bonotto, Paulo Paganini, Alexandre Piccini, Nicola Muccillo, e Julio Pizza.¹⁰¹ Segundo Faé, Fossati era extremamente modesto, não se preocupava em assinar as obras, o que dificulta a identificação. No entanto, “sabe-se que era um artista consumado e que entre os próprios colegas e concorrentes desfrutava de alto conceito e consideração muito significativa”. O escultor costumava trabalhar em silêncio no seu atelier de escultura e obras de mármore, no início na Rua dos Andradas, depois, na Rua General Câmara, e, por fim, na Rua Voluntários da Pátria, onde permaneceu até 1920, ano em que, “já velho, e cansado, dá por encerrada suas atividades, recolhendo-se à vida íntima”.¹⁰²

Carlos Fossati morreu em Porto Alegre, em 21 de agosto de 1928 - coincidentemente, no mesmo mês em que Lonardi estabeleceu sua empresa na cidade. Deixou obras na ornamentação de edifícios, locais públicos e privados e nos cemitérios. Dentre as obras por ele realizadas, de que temos notícias: um medalhão com o perfil de Caldas Junior, fundido posteriormente em bronze e colocado no túmulo do conhecido jornalista e os quatro leões de mármore que guarnecem as escadarias laterais do Palácio da Prefeitura Municipal.

Dois irmãos de Adriano Pittanti também eram escultores, porém pouco se sabe sobre eles. Tomei conhecimento da existência de Angelo Pittanti por sua nota de falecimento, em 1886, em Novo Hamburgo. A nota diz que ele era estabelecido com oficina de mármore nesta capital.¹⁰³ Sobre Domenico Pittanti, Athos Damasceno refere que quando Adriano Pittanti se instalou à Rua da Praia, em 1872, tinha seu irmão Domenico como seu colaborador.¹⁰⁴ O autor questiona se: os retratos produzidos na firma de Pittanti seriam do próprio Adriano que alardeava esta competência de sua oficina, ou seriam do seu irmão, Domenico?¹⁰⁵ Damasceno também menciona Domenico numa discussão em torno da autoria da estátua do Conde de Porto Alegre, em 1884. Além destas referências, encontrei um único

¹⁰¹ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 20.05.1913, p. 3.

¹⁰² FAÉ, Walter José. **Italianos no Rio Grande do Sul: 1875-1975**. Americana, SP: FOCAM, 1975. p.163-164.

¹⁰³ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 20.07.1886, p.3.

¹⁰⁴ DAMASCENO, Athos. **Artes Plásticas no Rio Grande do Sul (1755-1900)**. 1971, p. 161

¹⁰⁵ *Ibid*, p. 163.

registro de seu nome, em 1886, entre os nomes dos membros da colônia italiana aos quais foi dedicado um espetáculo da Grande Companhia Lyrica Italiana, no Theatro São Pedro, juntamente com Adriano Pittanti, Egisto Girolami e Carlo Fossati, entre outros convidados.¹⁰⁶ A impressão que tenho até aqui é que o trabalho dos irmãos de Adriano Pittanti ficou à sombra de seu nome. O que me leva a pensar que ainda há muito, a saber, sobre a atuação dos marmoristas italianos em Porto Alegre.

José Obino foi construtor e proprietário de uma importante oficina de mármore de Porto Alegre do século XIX. Entretanto, não encontrei comprovação de que ele fosse marmorista. Segundo Carlos Alberto Santos, José Obino migrou primeiramente para ao Uruguai, com seus pais e irmãos menores, aos 26 anos de idade, em 1861. Para Damasceno, neste mesmo ano, Obino se instalou em Bagé, onde permaneceu até 1867, quando se mudou para Porto Alegre.¹⁰⁷ Nasceu na Itália em 1835. Antes de seguir para a capital se responsabilizou pelo projeto e construção da Igreja Matriz de Bagé, Catedral de São Sebastião, concluída em 1863.¹⁰⁸ Uma obra que lhe concedeu grande reputação. Considerada uma verdadeira obra artística, com duas torres, além do altar-mor, oito altares laterais enriquecidos pelos trabalhos em entalhe. José Obino construiu também o quartel da cidade de Bagé, pois em 1864, recebeu da tesouraria da fazenda, 11:000\$000 (onze contos de réis) referentes a terceira prestação e conclusão desta obra.¹⁰⁹

Ao chegar a Porto Alegre, em 1867, residiu à Rua Riachuelo, nas imediações do Theatro São Pedro. Oferecia “seus préstimos para execução, por empreitada ou administração, de todo e qualquer trabalho de arquitetura, tais como – igrejas, edifícios públicos, casas residenciais e de campo, bem como, mausoléus e túmulos, etc.”. Em Porto Alegre, Obino consolidou seu prestígio, realizando inúmeras obras, inclusive para o interior da Província. A obra de maior vulto seria o projeto e construção da Ponte do Jacuí. Em 1868, é publicada a proposta de José Obino para a construção da dita ponte, na estrada de Rio Pardo à Santa Maria, por 87:342\$000 (oitenta e sete contos e trezentos e quarenta e dois mil réis) ou 93:225\$000 (noventa e três contos e duzentos e vinte e cinco mil réis) fazendo algumas alterações na planta. Obino propôs que se esta não fosse aceita, poderia construir a ponte do

¹⁰⁶ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 15.03.1886, p.3.

¹⁰⁷ SANTOS, Carlos Alberto Ávila. Construtores e artífices Italianos no ecletismo do sul do Rio Grande do Sul: 1870-1931. In: **SAMPAP: 19º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas “Entre Territórios” – 20 a 25/09/2010**. Cachoeira – Bahia – Brasil, p. 2596.

¹⁰⁸ **Almanak Litterario e Estatístico do Estado do Rio Grande do Sul**. 22º ano. RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org). Porto Alegre: editores - Pinto & C., 1910, p. 195.

¹⁰⁹ **Anexo de 29.03.1864 do Relatório do Presidente da Província ao Império**, Rio Grande do Sul, 10.03.1864, p. 104.

Ibirapuitã, em Alegrete, que fora concedida a José Francisco dos Santos Queima.¹¹⁰ Em 1871 é intimado a fazer reparos exigidos pelos engenheiros responsáveis pela vistoria da mesma ponte para que esta pudesse ser aceita pela província.¹¹¹ Um expediente do governo da província trata dos exames que seriam realizados pelo Coronel Innocêncio Velozo Pederneiras a respeito das exigências de reparos na ponte do Jacuí, construída por José Obino.¹¹² Em 1873 é publicado um ofício à repartição de obras públicas pedindo que José Obino prestasse, com urgência, as informações exigidas em parecer da Comissão de Justiça da Assembleia Legislativa Provincial.¹¹³ Em 1 de julho de 1873, finalmente, Obino entrega a ponte do Jacuí à câmara municipal da cidade de Cachoeira.¹¹⁴

Em Porto Alegre, Obino criou projetos de urbanização, como da Praça da Harmonia em 1872. Seu grande sucesso financeiro pode ser observado no volume de suas obras e nas suas pretensões de negócios. Em 1874 o prédio do Theatro São Pedro estava à venda. José Obino pretendia comprar ou arrendar o móvel. O presidente da província colocara o edifício a disposição do império para que servisse de sede ao recém-criado Tribunal da Relação, entretanto, para transformá-lo em repartição pública seriam necessários, pelo menos, 76:229\$040 (setenta e seis contos, duzentos e vinte e novel mil e quarenta réis). O presidente da província outorgou a decisão ao governo imperial.¹¹⁵

Em agosto de 1874, o *Jornal do Comércio* publicou uma resposta de José Obino a uma ofensa dirigida pela Câmara de Vereadores de Porto Alegre, na publicação da ata de sessão no mesmo jornal, onde foi colocado que todas as obras municipais que tinham José Obino como empreiteiro foram suspensas por ter sido reconhecida sua “má fé e incompetência”. Obino realizava obras de calçamento e limpeza e conserto nas docas e cais do mercado. A resposta ocupou duas colunas do jornal e nela José Obino acusa o vereador Lisboa, que elaborou tal resolução da câmara, tratando de afastá-lo das obras para colocar em seu lugar um protegido. Obino lista suas maiores obras como prova de sua competência: calçamento e obras municipais, conclusão do quartel doze e das obras da igreja matriz de Bagé, do teatro de Sant’Anna e da grande ponte do Jacuí, a primeira ponte da província. Obino finaliza dizendo: “(...) me teria resignado, se não houvesse consignado na acta uma injúria ao meu character. (...)”

¹¹⁰ **Anexo de 14.07.1868 do Relatório do Presidente da Província ao Império**, Rio Grande do Sul, 13.04.1868, p. 18.

¹¹¹ **Anexo de 20.10.1871 do Relatório do Presidente da Província ao Império**, Rio Grande do Sul, 12.09.1871, p.8.

¹¹² *Jornal O Constitucional*, Porto Alegre, 12.12.1872, p.1.

¹¹³ *Jornal O Constitucional*, Porto Alegre, 04.06.1873, p.1.

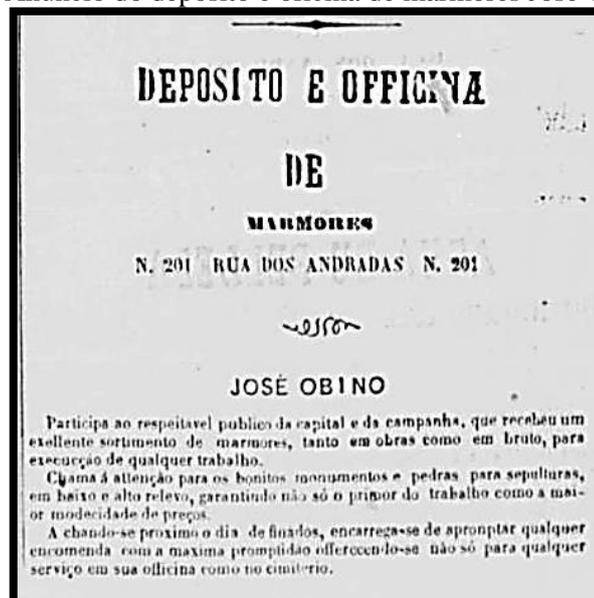
¹¹⁴ **Relatório do Presidente da Província ao Império**, Rio Grande do Sul, 07.03.1874, p.56.

¹¹⁵ **Relatório do Presidente da Província ao Império**, Rio Grande do Sul, 07.03.1874, p.70.

Sou um modesto estrangeiro, simples homem do trabalho, mas não troco a minha honra pela dos maiores fidalgos”.¹¹⁶

Apesar da represália que aparentemente sofreu, Obino seguiu sendo bem sucedido e ampliando o ramo de suas atividades. Em 1877, instalou uma bem equipada oficina de marmoraria, à Rua dos Andradas (Figura 9), e a cuja direção dedicou boa parte de seu tempo, até falecer, em 1879, aos 44 anos. A firma continuou funcionando com seus artistas e aprendizes, conservando o nome José Obino no frontispício das oficinas. Em 1885, surgem anúncios do sucessor de Obino (Figura 10). Em 1887, esse sucessor, que não se sabe quem fora, recrutava aprendiz de lustrador e pedia que fosse “de cor” (Figura 11). O motivo dessa exigência é desconhecido, mas a primeira hipótese que ocorre é o baixo custo desta mão-de-obra, pouco antes do fim da escravidão no país. Entre os dias 2 e 5 de janeiro de 1888, os anúncios da referida marmoraria se referem a “sucessores”, no plural (Figura 12). Não se sabe se houve engano da tipografia ou se houve uma sociedade na empresa, neste período. Pois, a partir de 20 de janeiro do mesmo ano, os anúncios voltam a referir “sucessor” (Figura 13). Em 1892, a oficina se muda do número 233 para o número 203 da Andradas (Figura 14). Damasceno não soube precisar quantos foram os sucessores, entretanto, diz que Egisto Girolami assumiu a casa em 1897. E que outro sucessor foi o italiano Rainieri Fortini que chegou da Argélia no final do século XIX e ali exercia suas atividades.¹¹⁷

Figura 9 - Anúncio do depósito e oficina de mármore José Obino, 1877.



Fonte: *Jornal Correio da Tarde*, 28.12.1877, p. 3.

¹¹⁶ *Jornal do Commercio*, Porto Alegre, 23.08.1874, p.2.

¹¹⁷ DAMASCENO, Athos. *Artes Plásticas no Rio Grande do Sul (1755-1900)*. 1971. P. 156-158.

Figura 10 - Anúncio da oficina de mármore José Obino (Sucessor), 1885.

GRANDE OFFICINA DE

Marmore

JOSÉ OBINO (Sucessor)
229 --- RUA DOS ANDRADAS --- 229

TABOLETA ENCARNADA

O proprietario d'esta officina offerece á sua distincta freguezia um lindo sortimento de monumentos, catacumbas, tumulos, jazigos de familia, lousas para sepulturas e catacumbas, pedras para mobilia, etc., etc.

Preços, como sempre sem competencia

(1162)

Fonte: *Jornal A Federação*, 05.09.1885, p. 4.

Figura 11 - Anúncio da oficina José Obino e Sucessor recrutando aprendiz.

PRECISA-SE de um rapaz de cor, de 16 a 18 annos, que queira aprender a lustrador de marmore na officina de José Obino Sucessor, á rua dos Andradas n. 233.

Fonte: *Jornal A Federação*, 28.03.1887, p.3.

Figura 12 - Anúncio da oficina de José Obino Sucessores.

Officina de marmores

233 RUA DOS ANDRADAS 233

José Obino Sucessores

N'esta officina tem sempre um grande sortimento de ladrilhos de marmore manco e preto de diversas medidas, monumentos, tumulos, lousas para sepulturas e catacumbas, figuras para o cemiterio, almofariz, pedras para mobilia, o que tudo se vende por preços e em competencia.

Jornal A Federação, 03.01.1888, p.3.

Figura 13 - Anúncio da oficina de José Obino Sucessor na Rua dos Andradas.

**Grande officina de marmores
de José Obino, Successor**

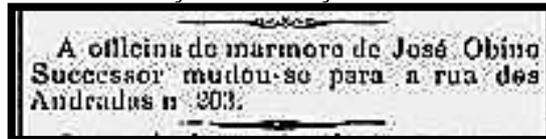
Rua dos Andradas n. 233, taboleta

N'esta casa existe sempre um variado sortimento de pedras para sepulturas e catacumbas, monumentos, tumulos, cruces, urnas, vasos e figuras, proprias para o cemiterio, etc., etc.

Emquanto á perfeição dos trabalhos e preços modicos das obras executadas n'esta officina serve de prova o grande monumento erigido no cemiterio, á memoria do finado coronel João Carlos Augusto Bordini e que custou apenas 8:000\$000 sendo superior dos que ali se acham e que custaram mais do dobro d'essa quantia. 30—25 s. n.

Jornal A Federação, 16.07.1889, p.3.

Figura 14 - Aviso de mudança de endereço da oficina José Obino Sucessor.



Fonte: *Jornal A Federação*, 30.04.1892, p.2.

Sobre Egisto Girolami, o primeiro contato que tive com seu nome foi pesquisando nos jornais do século XIX. Teria nascido, portanto, entre 1842 e 1843. Recorrendo à bibliografia, encontrei poucas informações, em Athos Damasceno e Walter Faè. Segundo Damasceno, o marmorista italiano trabalhou “como simples prático” de marmoraria nas oficinas de José Obino Sucessores, a partir de 1870. Segundo o autor, não era um grande talento, mas depois de muitos anos de ofício, em 1897, assumiu o comando da Casa Obino que realizava uma grande variedade de trabalhos do ramo, tanto em mármore como em cimento e barro. Na concorrência pública para a construção do monumento ao Conde de Porto Alegre, Girolami representou a firma junto ao Governo.

Apesar do seu conhecimento artístico e sua segurança no manejo das ferramentas do ofício, teria se limitado ao ornamentalismo. Encaminhava a outras marmorarias ou outros profissionais as obras que exigiam maior responsabilidade, confiadas às suas oficinas. Encarregava-se da montagem dos trabalhos artísticos, que apareciam com a etiqueta de Obino e Sucessores. Comumente as oficinas de mármore colocavam suas etiquetas nas obras, sem mencionar os nomes dos artistas. Um dos artistas que aceitou encomendas da Casa Obino, como de outras oficinas, foi Carlo Fossati. Segundo Damasceno, Egisto Girolami contribuiu para o bom conceito das oficinas de mármore da época e se esforçou para não ficar aquém de seus concorrentes. As especialidades da firma eram as obras que se destinavam aos cemitérios. Os sucessores de Obino se encarregavam de quaisquer trabalhos, tanto em mármore como em cimento e barro, produzindo pinhas, jarras, pirâmides, vasos, estatuetas, globos, cornucópias, cornijas, frisos, cartelas e molduras, além de chafarizes, pilastras, pérgolas e balaústres para jardins e praças públicas.¹¹⁸

O primeiro registro que encontrei de seu nome nos jornais é de 15 de março de 1886, no jornal *A Federação*, entre os nomes dos membros da colônia italiana aos quais foi dedicado um espetáculo da Grande Companhia Lyrica Italiana, no Theatro São Pedro, anteriormente citado.¹¹⁹ Em 1891, a Junta Comercial publicou que Egisto Girolami abrisse uma sociedade de capital com Waldemar Schreiner, em uma oficina de mármore em São

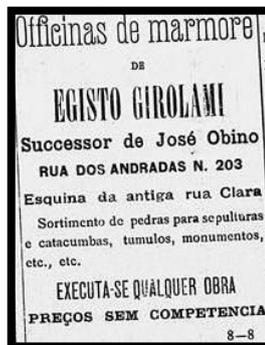
¹¹⁸ DAMASCENO, Athos. *Artes Plásticas no Rio Grande do Sul (1755-1900)*. 1971, p. 420-421.

¹¹⁹ *Jornal A Federação*, Porto Alegre, 15.03.1886, p. 3.

Leopoldo, da qual, fica claro que somente este último sócio faria uso¹²⁰. Ao contrário de Pittanti que nos deixa a dúvida a respeito da expansão de seus negócios para a região de colonização alemã, o italiano Girolami, sem sombra de dúvidas, o fez. Em 5 de julho de 1892 foi instalado no Theatro São Pedro o Congresso Italiano, para o qual Egisto Girolami foi escolhido presidente da comissão de Beneficência e Instrução.¹²¹

Em janeiro de 1893, o *jornal L'Avvenire* publicou uma contribuição sua de 2\$000 (dois mil réis) a uma subscrição da *Società Italiana di Mutuo Soccorso Vittorio Emanuele II*.¹²² Portanto, sabemos que pertencia a esta sociedade, como Pittanti e Fossati. Em 1895, Egisto acrescentou seu nome nos anúncios da oficina (Figura 15).¹²³ E em 1900 transferiu a oficina de mármore Egisto Girolami Sucessor de José Obino, da Rua dos Andradas, 203 para em frente ao Portão do Cemitério da Santa Casa (Figura 16).¹²⁴ O cemitério da Santa Casa foi fundado em 1850. Os trabalhos para a abertura da Estrada do Cemitério iniciaram em 1848.¹²⁵ Egisto parece ter sido o primeiro de muitos marmoristas que se instalaram na Estrada do Cemitério, que mais tarde passa a se chamar Lomba do Cemitério e, hoje, Avenida Professor Oscar Pereira.

Figura 15 - Anúncio das oficinas de mármore de Egisto Girolami, 1895.



Fonte: *Jornal A Federação*, 01.01.1895, p.4.

Figura 16 - Anúncio da oficina de mármore de Egisto Girolami, 1900.



Fonte: *Jornal A Federação*, 26.03.1900, p.4.

¹²⁰ *Jornal A Federação*, Porto Alegre, 23.02.1891, p. 3.

¹²¹ *Jornal A Federação*, Porto Alegre, 08.06.1892, p. 1.

¹²² *Jornal L'Avvenire*, Porto Alegre, 14.01.1893, p. 3.

¹²³ *Jornal A Federação*, Porto Alegre, 01.02.1895, p. 4.

¹²⁴ *Jornal A Federação*, Porto Alegre, 26.03.1900, p. 4.

¹²⁵ *Catálogo de Atas da Câmara de Vereadores de Porto Alegre; 1846-1855*; v. IX. Porto Alegre, EU/ Porto Alegre, 1999. P.61 e 76.

Egisto Girolami faleceu em 01 de fevereiro de 1909, aos 73 anos. No dia 09 do mesmo mês, foi anunciado o leilão judicial de seus bens.¹²⁶ Em torno deste nome os jornais sugerem questionamentos para os quais não encontrei respostas, nem na bibliografia e nem na imprensa. Por vezes, encontramos o nome Egisto Girolamo, como no anúncio do *Almanak Laemmert* de 1905¹²⁷. Em 18 de maio de 1893, um Egisto Girolamo é nomeado capitão da 7ª companhia do 6ª pelotão de infantaria da Guarda Nacional.¹²⁸ Não parecia ser a mesma pessoa, pela terminação do sobrenome e pela profissão. Mas, o nome Egisto Girolamo aparece também na publicação do registro eleitoral de março de 1900, com o nome composto Egisto Tacito. Egisto Tacito Girolamo, marmorista, de 57 anos, solteiro.¹²⁹ Este teria nascido, portanto, entre 1842 e 1843. Parece se tratar da mesma pessoa, por ser um marmorista. A nota de falecimento de Egisto Girolami, de 31 de março de 1909, se refere ao antigo escultor estabelecido com oficina na Lomba do Cemitério, natural da Itália, com 73 anos.¹³⁰ Sabemos que este último que é o nosso conhecido marmorista, pelo endereço da oficina. Considerando que tinha 73 anos em 1909, ele teria nascido, então, entre 1835 e 1836. As datas de nascimento deste e do marmorista Egisto Tacito Girolamo divergem. Os dados não permitem concluir se Egisto Girolami e Egisto Tacito Girolamo seria a mesma pessoa. Os dois nomes aparecem relacionados à função de marmorista, porém somente o segundo tem referência à Guarda Nacional e há divergência nas datas de nascimento.

Outro marmorista pouco conhecido foi Ghiringhelli. Stella Borges aponta dois registros de marmorista com este sobrenome, em 1889. O primeiro em processos comerciais do Arquivo Público, referente à dívida de 183\$000 de Angelo Ghiringhelli para Paulo Ghiringhelli.¹³¹ A segunda, na tabela que se refere às cinco fábricas de artigos de mármore existentes em Porto Alegre naquele período. A autora encontrou também um registro de 1916, em um relatório de estatística econômico da Repartição de Estatística da Secretaria do Interior. Ghiringhelli está entre as cinco pequenas fábricas de artigos de mármore pertencentes a italianos, em Porto Alegre.¹³² Este sobrenome aparecerá em alguns anúncios, ao longo deste estudo, sempre em sociedades com outros marmoristas. Na década de 1930, foi sócio do escultor espanhol Fernando Corona. Pouco se sabe sobre esta família, por isso, é importante observarmos que em 1889 já estavam em Porto Alegre.

¹²⁶ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 09.02.1909, p. 2.

¹²⁷ **Almanak Laemmert**, Rio de Janeiro, 1905, p. 1945.

¹²⁸ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 09.06.1893, p. 1.

¹²⁹ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 27.03.1900, p. 3.

¹³⁰ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 01.02.1909, p. 2.

¹³¹ BORGES, Stella. **Italianos: Porto Alegre e trabalho**. Porto Alegre: EST, 1993, p.59.

¹³² *Ibid.*, p.64.

Por volta de 1892, chegou a Porto Alegre Rainieri Fortini. Segundo Damasceno, Fortini nasceu em Carrara, na Itália, em 1848, e era filho de família acostumada à exploração e manufatura do mármore de Carrara. Dedicou-se a essa arte desde criança, se aperfeiçoando na escola local de desenho e arquitetura. Na Itália era profissionalmente conhecido. Segundo o autor, constava em sua carteira de trabalho que possuía uma carreira consolidada tanto em seu país, como na França, na Argélia e na Argentina. Neste último país, fora contramestre nas obras do Teatro Colón de Buenos Aires.

No Brasil, trabalhou na decoração em mármore do Teatro Municipal do Rio de Janeiro e na restauração da Igreja Candelária, na mesma cidade. Quando chegou a Porto Alegre, Fortini começou a operar nas oficinas de Egisto Girolami, como ornamentador. Mas seria como canteiro que se destacaria em Porto Alegre, pela utilização do grés rio-grandense em obras de arte – material naquela época de nenhum uso em trabalhos desse gênero. Foi o primeiro a verificar a excelência do grés gaúcho que pesquisou por ordem do governo, empregando os mesmos processos utilizados em Carrara. Segundo Damasceno, Rainieri conseguiu um torno emprestado nas oficinas do Estaleiro Mabilde para experimentar seus trabalhos com a pedra grés de Taquari. Obteve ótimos resultados com o polimento, dando a ela um novo e brilhante aspecto. Esta pedra foi utilizada na balaustrada que guarnece a parte principal do cais do porto, bem como com outras obras posteriormente feitas para alguns edifícios da capital.¹³³

Rainieri comercializava obras de mármore importadas¹³⁴ e importava também gesso em obras¹³⁵, que poderiam ser imagens de santos ou moldes para esculturas ou adornos funerários, como anjos, cruzes, guirlandas, medalhões, etc. Em 18 de dezembro de 1911 o jornal *A Federação* anunciou o falecimento, aos 63 anos de idade, do marmorista, natural da Itália, pai de Archimedes Fortini, da redação do *Correio do Povo*.¹³⁶ No ano anterior, o mesmo jornal comunicou seu aniversário, em 27 de setembro.¹³⁷ Portanto, se todas as datas fornecidas pelo jornal estiverem corretas, Rainieri Fortini nasceu em 27 de setembro de 1848.

No começo do século XX, o campo dos marmoristas em Porto Alegre estava consolidado. Nos anúncios do *Almanak Laemmert* de 1902 a 1907, encontramos seis marmoristas: Antonio J. da Silva, Carlos Fossati, Egisto Girolamo, Fernando Geber, J. Aloys Friederichs e Briganti Ayona. De 1907 a 1911, apenas o nome de Briganti Ayona desaparece

¹³³ DAMASCENO, Athos. *Artes Plásticas no Rio Grande do Sul (1755-1900)*. 1971. p. 421-423.

¹³⁴ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 18.08.1902, p. 3.

¹³⁵ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 01.08.1903, p.3.

¹³⁶ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 18.12.1911, p.4.

¹³⁷ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 26.09.1910, p.4.

e surge José Martins Lopes.¹³⁸ Mesmo sabendo que nem todos os profissionais anunciavam neste almanaque, é importante notar que havia a presença de dois portugueses, dois italianos, dois alemães e um espanhol entre os marmoristas anunciantes. Isso mostra que o mercado estava aberto para os estrangeiros que possuíam qualificação profissional.

Uma das marmorarias em funcionamento no início do século XX, em Porto Alegre, pertencia a Hugo Girolami, filho de Egisto Girolami. Entretanto, não encontrei registro de esculturas em seu nome. O jornal *A Federação* de 13 de fevereiro de 1909 registrou o casamento de Hugo Girolami com Rosa Dessart.¹³⁹ Seu nome é bastante recorrente nos jornais. Ao que parece, era um jovem de vários talentos. Além de proprietário da marmoraria, era professor de esgrima e competia em regatas. Era também um assíduo frequentador de enterros. Seu nome aparece nas listas de presentes nos enterros de várias personalidades de destaque da época, como: o Major Bento Olinto de Carvalho¹⁴⁰, Anna Lydia Vieira de Andrade, esposa do Coronel Marcos A. de Andrade¹⁴¹, de Eudoxia de Sampaio Ribeiro Damasceno Ferreira¹⁴², o Coronel Antonio Pedro Caminha¹⁴³ e o comerciante Carlos Pinto Bento¹⁴⁴. Provavelmente, esta era uma forma de Hugo lembrar a família do morto de que poderiam dispor de seus préstimos na construção dos mausoléus e monumentos fúnebres. Mas, aos 29 anos de idade, Hugo se fez presente em um último enterro, o seu. Após velejar com amigos, se jogou do barco para nadar e morreu afogado no Guaíba. Segundo a matéria que relata o desastre, em detalhes, Hugo era de nacionalidade italiana e possuía oficina de mármore à Rua Azenha, próximo à Lomba do Cemitério¹⁴⁵. Se Athos Damasceno estava correto ao dizer que Egisto chegou a Porto Alegre em 1870, onde se casou em 1871, Hugo nascera no Brasil, porém teria optado pela nacionalidade italiana.

¹³⁸ **Almanak Laemmert**, Rio de Janeiro, 1905, p. 1945.

¹³⁹ **Jornal A Federação**, Porto Alegre, 13.02.1909, p. 2.

¹⁴⁰ **Jornal A Federação**, Porto Alegre, 02.07.1910, p. 4.

¹⁴¹ **Jornal A Federação**, Porto Alegre, 30.11.1912, p. 2.

¹⁴² **Jornal A Federação**, Porto Alegre, 18.12.1913, p. 8.

¹⁴³ **Jornal A Federação**, Porto Alegre, 07.04.1914, p. 5.

¹⁴⁴ **Jornal A Federação**, Porto Alegre, Porto Alegre, 09.06.1914, p. 4.

¹⁴⁵ **Jornal A Federação**, Porto Alegre, 10.12.1914, p. 5.

2 LEONE DOMENICO LONARDI , A IMIGRAÇÃO E A INSERÇÃO NA NOVA SOCIEDADE

2.1 A mobilidade na família de Leone Domenico Lonardi

A partir da observação de que “casos individuais e práticos e socioculturais surgem como indicadores de novos problemas para a compreensão de fenômenos históricos mais gerais”¹⁴⁶, e das constatações destes autores em relação aos estudos de trajetória, considero que o pequeno universo de Leone Lonardi, seus projetos migratórios, as dificuldades enfrentadas, as estratégias utilizadas - bem sucedidas ou fracassadas -, as decisões tomadas, a teia de acontecimentos em que esteve envolvido e suas redes sociais, ajudam a entender um universo maior, dos imigrantes italianos qualificados que atuaram no processo de modernização urbana de Porto Alegre e seus vínculos de interdependência. Buscando entender estes vínculos, procurei conhecer um pouco da trajetória dos indivíduos que se relacionaram com Leone Lonardi e sua empresa. Os nomes foram evidenciados no arquivo privado da família e nos primeiros depoimentos tomados.

A partir da árvore genealógica organizada pela família, sabe-se que Leone era o filho mais novo de Caterina e Giulio Lonardi (Figura 17), pais de doze filhos, sendo quatro homens e oito mulheres. Das oito irmãs de Leone, quatro entraram para a congregação das Pias Madres da África. Teresa Maria (Figura 18), a mais velha, nascida em 1871, e Carolina (figura 19), nascida em 1873, foram as primeiras a entrarem para a congregação, em 1898. Erminia (Figura 20), nascida em 1875, entrou em 1901 e Amália (Figura 20), nascida em 1883, em 1905. Das outras quatro irmãs de Leone, Maria (Figura 21), nascida em 1877, faleceu em 1900; Elvira (Figura 22), nascida em 1888, casou-se em 1926 e Aurora (Figura 23), nascida em 1891, casou-se em 1923. Apenas Pasqua (Figura 24), nascida em 1886, era solteira quando Leone veio para o Brasil e assim permaneceu até a sua morte em 1947. Dos três irmãos, Fioravante (Figura 25), nasceu em 1878 e se sabe que em 1911 estava casado e tinha um filho; Luigi (Figura 26), nascido em 1880, migrou para os Estados Unidos em 1907¹⁴⁷; e Paolo nasceu em 1893 e faleceu em 1912.

¹⁴⁶VENDRAME, Maíra Ines et al. (Org.) Apresentação. In: VENDRAME, Maíra Ines et al. **Micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Oikos, 2015, p. 9.

¹⁴⁷ Registro de chegada de Luigi Lonardi à Nova York. In: Site **familysearch**. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3Q9M-C95S-YCC9?cc=1368704>>

Figura 17 - Caterina e Giulio Lonardi.

Fonte: Site *MyHeritage*.¹⁴⁸

Figura 18 - Teresa Maria Lonardi.

Fonte: Site *MyHeritage*.

Figura 19 - Carolina Lonardi.

Fonte: Site *MyHeritage*.

Figura 20 - Erminia Lonardi e Amália Lonardi.

Fonte: Site *MyHeritage*.

¹⁴⁸ Disponível em:

<<https://www.myheritage.com/research?action=query&formId=master&formMode=1&qname=Name+fn.Leone+fnmo.2+fnmsvos.1+fnmsmi.1+ln.Lonardi+lnmo.3+lnmsdm.1+lnmsmf3.1+lnmsrs.1&oft=ppc+data>>

Figura 21 - Maria Lonardi.

Fonte: Site *MyHeritage*.

Figura 22 - Elvira Lonardi.

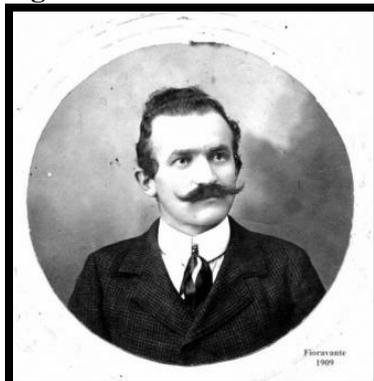
Fonte: Site *MyHeritage*.

Figura 23 - Aurora Lonardi.

Fonte: Site *MyHeritage*.

Figura 24 - Pasqua Lonardi.

Fonte: Site *MyHeritage*.

Figura 25 - Fioravante Lonardi.

Fonte: Site *MyHeritage*.

Figura 26 - Luigi Lonardi.

Fonte: Site *MyHeritage*.¹⁴⁹

Sobre a configuração e os encaminhamentos da família Lonardi é possível observar que as filhas mais velhas seguiram a vida religiosa, enquanto que Elvira e Aurora não tiveram o mesmo destino, apesar de terem se casado com 38 e 32 anos, respectivamente, ou seja, com idades mais avançadas do que aquelas que tinham suas irmãs quando se tornaram freiras. E a

¹⁴⁹ Disponível em:

<<https://www.myheritage.com/research?action=query&formId=master&formMode=1&qname=Name+fn.Leone+fnmo.2+fnmsvos.1+fnmsmi.1+ln.Lonardi+lnmo.3+lnmsdm.1+lnmsmf3.1+lnmsrs.1&oft=ppc+data>>

mais nova, Pasqua, apesar de jamais ter se casado, não entrou para o convento. A análise destes dados aponta para uma considerável desigualdade numérica entre homens e mulheres na família de Leone.¹⁵⁰ Esta desigualdade nos induz a pensar que a entrada de suas irmãs para congregação religiosa e a partida para a África fizesse parte de uma estratégia de sobrevivência familiar, considerando que nesta época, por questões morais e financeiras, havia grande preocupação em arranjar casamentos para as filhas.

E em 1898, quando as duas irmãs mais velhas, Tereza Maria e Carolina entraram para congregação “Pias Madres da África”, o casal Giulio e Caterina já tinha os 12 filhos e cinco das oito moças tinham idades entre 15 e 27 anos. Além da preocupação com o futuro das filhas, é possível imaginar que a família passasse por dificuldades financeiras, visto que não havia nesta época um mercado de trabalho voltado às mulheres e a família contava com apenas dois filhos homens em idade para trabalhar. No final do século XIX a Itália enfrentava uma crise que se arrastava desde a unificação, em 1871. Vale lembrar que é nas últimas décadas deste século que se inicia a grande imigração de italianos do norte para o Brasil.

Laços familiares e de amizade costumavam ser acionados nestes momentos. Sabe-se que houve, ao menos, um membro desta família que se dedicara a vida religiosa, antes das irmãs de Leone. O tio avô, Giuseppe Lonardi (1824-1887), fora reverendo. Estudou teologia no seminário de Verona e, apesar de não ter atribuições pastorais após se tornar padre, ajudou na paróquia e contribuiu para a construção do Santuário de Salette, em Fumane.¹⁵¹

Neste período, havia uma estreita relação entre as famílias da região do Vêneto com a Igreja, devido ao distanciamento do poder central. É possível imaginar que na família Lonardi esta relação fosse ainda mais estreita pela contribuição paroquial de Giuseppe Lonardi. Giovanni Levi ressalta a importância de se considerar as relações de parentesco entre grupos distintos de parentes não corresidentes, as ajudas, as solidariedades, as alianças, os conflitos, as estratégias comuns e diversificadas.¹⁵² Portanto, a influência do reverendo Giuseppe Lonardi nesta escolha familiar deve ser levada em conta.

Um texto organizado pela família diz que Amália apresentava grande vocação e decidira seguir a vida religiosa apesar do grande apego que tinha pelo irmão mais novo, Leone, de quem cuidava. Quando Amália entrou para a congregação, já tinha sete anos que

¹⁵⁰ De acordo com a árvore genealógica de Leone Lonardi. In: Site **MyHeritage**. Disponível em: <<https://www.myheritage.com.br/research?s=341553611&formId=trees&formMode=&action=query&exactSearch=0&useTranslation=1&catId=5000&qname=Name+fn.Leone%2F3+ln.Lonardi+fnmo.1>>

¹⁵¹ De acordo com dados anexados à árvore genealógica de Leone Lonardi. In: Site **MyHeritage**. Disponível em: <<https://www.myheritage.com.br/research?s=341553611&formId=trees&formMode=&action=query&exactSearch=0&useTranslation=1&catId=5000&qname=Name+fn.Leone%2F3+ln.Lonardi+fnmo.1>>

¹⁵² LEVI, Giovanni. Micro-história e história da imigração. In: VENDRAME, Maíra Ines et al. (Org.) **Micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Oikos, 2015, p. 12.

suas irmãs mais velhas haviam partido. Provavelmente, as irmãs a tenham influenciado. É importante considerar que em 1905, todas as irmãs mais velhas de Amália eram freiras, com exceção de Maria, falecida em 1900. As irmãs mais velhas costumam ser referência para as irmãs mais novas. Observando o acervo documental da família, percebe-se que as freiras costumavam enviar cartas às sobrinhas do Brasil, em período, evidentemente, posterior ao que tratamos aqui. Entretanto, isso leva a crer que elas escrevessem também para as suas irmãs que viviam na Itália, desde as suas partidas para a África.

A estratégia de sobrevivência familiar como possível explicação para imigração das irmãs de Leone para a África, vinculada à entrada para vida religiosa, se aproxima da explicação de Giovanni Levi para mobilidade italiana, neste período. Para ele, esta mobilidade está relacionada com características específicas da realidade familiar derivada da presença capilar da Igreja Católica e do distanciamento e fragmentação do poder político central, “que permitiu a proliferação de infinitos mecanismos de proteção, e a solidariedade da periferia, que tem como patrimônio fundamental o parentesco em amplas estratégias de sobrevivência e de mobilidade social”.¹⁵³ Levi aponta também para a importância de se levar em conta a transformação do patrimônio entre as gerações e a relação cruzada entre dote e herança.¹⁵⁴

Tendo em vista estas considerações, é possível imaginar também que o consenso familiar na decisão das irmãs de Leone de se dedicarem à vida religiosa tenha surgido como solução ao problema do dote que ainda estava em uso, neste período, para famílias com algumas posses, como a dos Lonardi que eram pequenos proprietários de terras. Porém, precisamos considerar outros aspectos que podem ter influenciado nas decisões da família, como a forte influência do pensamento religioso que se intensificava cada vez que mais uma das irmãs fazia seus votos. Outro aspecto, que considero relevante é o vislumbre de uma profissão para estas mulheres. Elas teriam a oportunidade de desenvolver novas habilidades, conhecer outros mundos e exercer trabalhos humanitários. Trabalhos estes que poderiam, talvez, parecer mais interessantes do que a vida no lar, num período em que não havia outra opção considerada digna.

Em 1907 a família Lonardi ainda tinha, em casa, quatro filhos homens e três mulheres, sendo que apenas dois rapazes tinham idades para o trabalho. Mais uma vez, a imigração parece ter surgido como estratégia de sobrevivência familiar. O irmão de Leone, Luigi, partira

¹⁵³ LEVI, Giovanni. Micro-história e história da imigração. In: VENDRAME, Maíra Ines et al. (Org.) **Micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Oikos, 2015, p. 15.

¹⁵⁴ *Ibid.*, p. 13.

neste ano para os EUA. Em 1909 e 1910, morreram na África, respectivamente, Teresa Maria e Carolina, acometidas por epidemias.

Leone Domenico Lonardi se acostumou cedo à vida longe da casa dos pais. Em 1910, aos catorze anos de idade ingressou na Academia de Pintura e Escultura de Verona, a Escola Brenzoni. Como sua família vivia na comuna de Fumane, cerca de 20 km do centro de Verona, Leone ficava em uma pensão durante o período letivo. Em 1911, Fioravante, o mais velho dos rapazes, já estava casado e tinha o primeiro filho. Aparentemente, houve a decisão da família em investir na qualificação profissional de Leone, o último filho homem. É possível que este investimento tenha contado com a ajuda de recursos enviados pelo irmão Luigi que trabalhava como portuário nos Estados Unidos.

Giovanni Levi observa que a transmissão de bens imateriais, como prestígio e relações (como de parentesco e vizinhança), faz parte das estratégias comuns e diversificadas de ajuda e solidariedade.¹⁵⁵ O autor enfatiza os condicionamentos familiares e os estímulos parentais nos fenômenos de mobilidade social, tanto no sentido da escolha e da transmissão das funções, condições ou profissões como também dos condicionamentos culturais e psicológicos derivados de tais escolhas. As escolhas e as possibilidades, para cada indivíduo, são largamente determinadas por uma multiplicidade de representações, pelo conjunto de valores e pelas motivações familiares e parentais.¹⁵⁶ Levando em consideração estas ponderações de Levi, podemos imaginar que, estrategicamente, a família Lonardi tenha apoiado a imigração de Luigi, para que mais tarde, este pudesse recompensar a família ajudando seus irmãos mais novos.

Observando que não é conhecido outro escultor na família Lonardi, também é possível pensar que a escolha profissional de Leone possa ter sido influenciada por Luigi, que vivia nos Estados Unidos, onde o prestígio da escultura italiana era tanto que os escultores americanos buscavam a qualificação de seu trabalho na Itália. Fixavam-se na Itália, com a ajuda de escultores italianos, a fim de absorver a cultura artística italiana e posteriormente abrir ateliers nos Estados Unidos, utilizando o trabalho de escultores italianos e ficando com o prestígio, como trata Regina Soria.¹⁵⁷

Leone concluiu seus estudos em 1915, com menção honrosa.¹⁵⁸ Em 1916, aos 20 anos, foi convocado pelo exército e enviado para a região dos Alpes, em virtude da Primeira

¹⁵⁵ Ibid., p. 14.

¹⁵⁶ Ibid., p. 26.

¹⁵⁷ SORIA, Regina. *Artisti nell'emigrazione*. In: BEVILACQUA, Piero, CLEMENTI, Andreina De, FRANZINA, Emilio. **Storia dell'emigrazione italiana**. Donzelli Editore, 2001, p. 714-715.

¹⁵⁸ Segundo consta em seu diploma.

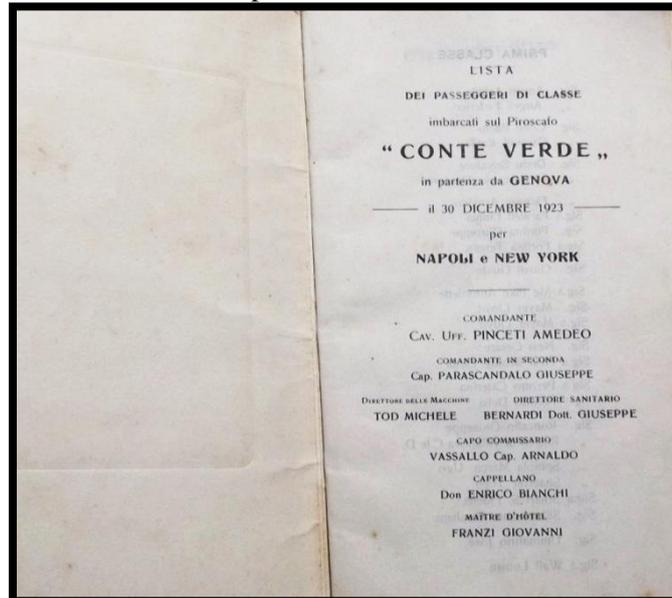
Guerra Mundial. Quando a guerra acabou, ele permaneceu nos campos, por um ano, recolhendo armas e metais. Ao retornar para a sua cidade, foi convidado a esculpir monumentos aos mortos de guerra, entre outros trabalhos, em Fumane e outras comunas de Verona.

Em 1923, ano da partida de Leone para os Estados Unidos, sua irmã Aurora se casou, aos 32 anos. Elvira, por sua vez, se casou aos 38 anos de idade, mas desde os 26 anos possuía a profissão de Knitter, uma espécie tecelã, segundo informações colocadas por um dos seus filhos no site de genealogia *MyHeritage*. Isso mostra que ao atingir a idade em que suas irmãs mais velhas seguiram a vida religiosa, Elvira encontrou outra opção, embora ainda fosse esperado que uma moça de família não permanecesse solteira. Mais de 20 anos se passaram desde a partida das primeiras irmãs para a África, até os casamentos de Aurora e Elvira. Já eram outros tempos e a família era menor, sendo que quatro irmãos haviam falecido. Em 1926, os irmãos Elvira e Leone se casaram e seu pai faleceu. Em 1927, quando Leone partiu com a esposa para o Brasil, Pasqua estava com 30 anos e sua mãe Caterina estava viúva. Talvez, Pasqua tenha preferido permanecer solteira para cuidar da mãe. O que provavelmente, foi aceito pelo consenso familiar. Antes da invenção das casas geriátricas, os filhos assumiam os cuidados com os pais idosos, prioritariamente, as filhas mulheres e de preferência as solteiras, se houvesse.

Logo após ficar noivo de Maria Carolina Beghini, em 30 de dezembro 1923, Leone partiu para os Estados Unidos, saindo do porto de Gênova, aos 27 anos de idade, no navio Conte Verde (Figura 27), tendo seu irmão Luís (Luigi), como contato de chegada, conforme consta em seu registro de entrada na Ellis Island, Nova York, EUA ¹⁵⁹.

¹⁵⁹ Disponível em: <<https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:JN8V-GJQ>>

Figura 27 - Primeira página da lista de passageiros do navio Conte Verde, no qual Leone viajou da Itália para os EUA.



Fonte: Acervo da família Lonardi.

Leone chegou à Ellis Island, na cidade de Nova York, em 11 de janeiro de 1924.¹⁶⁰ Segundo depoimento de seu filho Julio, buscava a oportunidade de ganhar mais dinheiro.¹⁶¹ O imigrante qualificado está sempre em busca de melhores oportunidades. E a qualificação profissional sempre foi um fator facilitador para a imigração. Alguns historiadores consideram que a mobilidade faz parte da cultura italiana, que seria uma tradição, principalmente no que se refere à elite intelectual e ao profissional qualificado.

A peculiar mobilidade dos escultores se enquadra muito bem nas definições de Oswaldo Truzzi, mencionadas anteriormente. O autor considera a formação de uma cultura migratória dentro da própria península itálica, a partir da uma mobilidade dos agricultores da região dos Alpes condicionada por questões climáticas.¹⁶² Em muitos casos, estes agricultores desenvolveram habilidades artesanais como forma de sobrevivência. Sabe-se que os escultores mantêm uma cultura migratória desde as *guildas*. Deslocavam-se de seus locais de origem para o local de uma grande obra, como a construção de uma igreja, por exemplo. Concluída a obra, retornavam temporariamente ao local de origem, até assumirem uma nova empreitada que poderia ser em outro território.

¹⁶⁰ Registro de chegada de Leone Lonardi à Nova York. In: Site **familysearch**. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3Q9M-C9T9-HDDDB?i=161&cc=1368704>>

¹⁶¹ Trecho da entrevista da autora com Julio Lonardi, realizada em 01 de agosto de 2018. Transcrita e depositada no acervo do Lapho, PUCRS, p. 2.

¹⁶² TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social** – Revista de Sociologia da USP, São Paulo, 2008, p. 209.

Para Truzzi, com o passar do tempo, essa tradição ou cultura da emigração assumiu uma característica de *cadeia*, fomentada por agentes de propaganda ou parentes e conterrâneos, emigrados anteriormente, bem-sucedidos, que agiam como uma corrente transmissora de informações que alimentavam os deslocamentos.¹⁶³ Este movimento em cadeia é observado no caso de Leone Lonardi que foi para os Estados Unidos ao encontro do irmão Luigi que lá estava havia cerca de dezenove anos¹⁶⁴, e naquele momento trabalhava na cidade de Nova Iorque, como portuário (Figura 28)¹⁶⁵. No site *MyHeritage* se encontra uma fotografia de Leone Lonardi junto ao irmão Luigi. Considerando que Luigi migrou para os EUA em 1907, quando Leone tinha apenas 12 anos, e viveu lá até seu falecimento, aos 80 anos de idade, podemos concluir que esta foto foi feita no período em que Leone esteve naquele país, entre 1924 e 1925.

Figura 28 - Leone Lonardi e o irmão Luigi nos EUA.



Fonte: Site *MyHeritage*.¹⁶⁶

¹⁶³ TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social** – Revista de Sociologia da USP, São Paulo, 2008, p. 209.

¹⁶⁴ Conforme registro de imigração de Luigi Lonardi. In: Site **familysearch**. Disponível em: <<https://familysearch.org/ark:/61903/3:1:3Q9M-C95S-YCC9?cc=1368704>>

¹⁶⁵ É possível concluir que a fotografia de Leone Lonardi junto ao irmão Luigi (Figura 28), encontrada no site **MyHeritage** foi feita no período em que Leone esteve nos EUA, entre 1924 e 1925, considerando que Luigi migrou para aquele país em 1907, quando Leone tinha apenas 12 anos, e viveu lá até seu falecimento, aos 80 anos de idade.

¹⁶⁶ Disponível em:

<<https://www.myheritage.com/research?action=query&formId=master&formMode=1&qname=Name+fn.Leone+fnmo.2+fnmsvos.1+fnmsmi.1+ln.Lonardi+lnmo.3+lnmsdm.1+lnmsmf3.1+lnmsrs.1&oft=ppc+data>>

Segundo depoimento de Julio Lonardi, filho de Leone Lonardi, a vida boemia do irmão não agradou seu pai que decidiu seguir para a Filadélfia onde se instalou na residência de membros da colônia italiana daquela cidade e trabalhou esculpindo capitéis de colunas em prédios bancários.¹⁶⁷ A preferência de Leone pela Filadélfia, em vez de Nova York não surpreende se lembrarmos de que era uma característica dos imigrantes qualificados dar preferência aos pequenos centros em desenvolvimento, como salienta Vittorio Cappelli.¹⁶⁸ Entre a península itálica, assim como outras regiões da Europa, e estes pequenos centros se formavam as correntes e redes migratórias de profissionais qualificados atraídos pela expansão urbana e pela oportunidade de construir edifícios públicos e privados, de reorganizar praças e espaços públicos, colocando monumentos e outros elementos decorativos.

Leone pretendia ligar sua noiva italiana a esta corrente migratória. Segundo seu filho Julio, pretendia retornar aos Estados Unidos, com sua esposa, logo após o casamento.¹⁶⁹ Entretanto, foi impedido de retornar, devido às restrições à imigração impostas pelo governo daquele país. No *Emergency Immigration Restriction Act* de 1921, que foram mantidas no *Immigration Act* de 1924¹⁷⁰, foi introduzida uma medida para criar cotas de imigração que foram fixadas em três por cento da população total de nascidos no exterior de cada nacionalidade nos Estados Unidos¹⁷¹. Por isso, passados menos de dois anos, em 14 de outubro de 1925 (Figura 29), Leone retornou para a Itália para se casar com Maria Beghini que ficara a sua espera, segundo conta seu filho Julio:

Voltou para casar. A minha mãe, era... Cinco irmãs e um irmão... Ela estava cortando o cabelo do irmão que tinha uns 16 anos, quando disseram: “O Leone chegou, está na estação de trem de Verona”. Na central ferroviária de Verona. Ela largou a tesoura. Ela sabia que ele iria voltar dos Estados Unidos. Mas pensava que ele ainda estava em Gênova. O porto de Gênova. Já tinha pegado o trem e já estava em Verona. Aí, ele casou com ela. Os Estados Unidos tinha restrição de imigração. Se não, ele tinha voltado com a minha mãe.¹⁷²

¹⁶⁷ Entrevista da autora com Julio Lonardi, realizada em 29 de agosto de 2018. Transcrita e depositada no acervo do Lapho, PUCRS, p. 22.

¹⁶⁸ CAPPELLI, Vittorio. A propósito de imigração e urbanização: correntes imigratórias da Itália meridional às “outras Américas”. *Revista de Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 7-37, jul. 2007, p. 11.

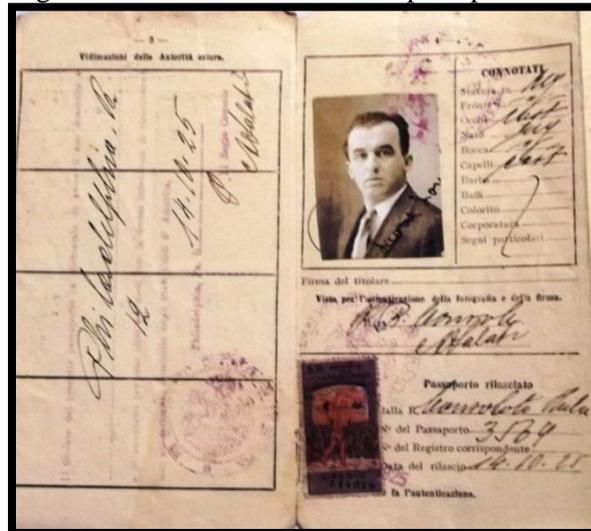
¹⁶⁹ Entrevista da autora com Julio Lonardi, realizada em 01 de agosto de 2018. Transcrita e depositada no acervo do Lapho, PUCRS, p. 3.

¹⁷⁰ SILVA, João Carlos Jarochinski. A história das políticas imigratórias dos Estados Unidos. In: *Textos&Debates*, Boa Vista, n.20, p. 7-21, jan./jun. 2013, p. 12.

¹⁷¹ In: Office of the Historian. Disponível em: <https://history.state.gov/milestones/1921-1936/immigration-act>

¹⁷² Trecho da entrevista da autora com Julio Lonardi, realizada em 01 de agosto de 2018. Transcrita e depositada no acervo do Lapho, PUCRS, p. 03.

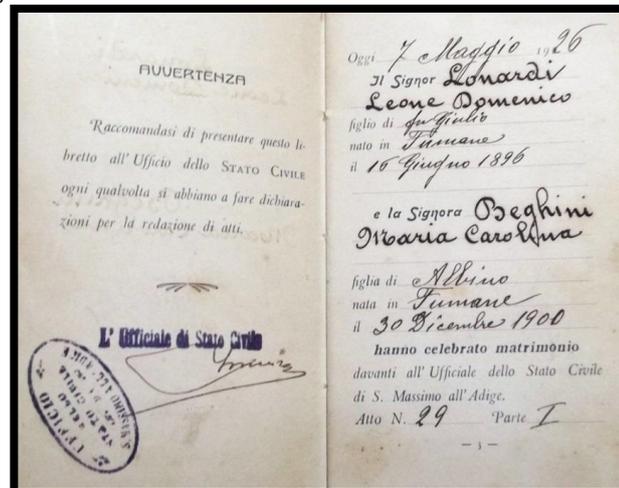
Figura 29 - Registro de saída da Filadélfia no passaporte de Leone.



Fonte: Acervo da família Lonardi.

De volta à Itália, Leone trabalhou em um monumento aos mortos em Badia Calavena, em Verona, entre 1925 e 1926¹⁷³. Neste período, fez amizade com um jovem chamado Pietro Biondani¹⁷⁴, que trabalhava na construção de uma estrada de ferro próxima dali. Pietro contou a Leone que havia estado em Porto Alegre e planejava retornar, pois lá estava noivo da filha de um grande construtor italiano e, então, convidou Leone para acompanhá-lo. No dia 7 de maio de 1926, Leone Domenico Lonardi se casou com Maria Carolina Beghini (Figura 30).

Figura 30 - Ofício de casamento de Leone e Maria Lonardi.



Fonte: Acervo da família Lonardi.

O casamento impedia o jovem casal Lonardi de migrar para os Estados Unidos, e talvez por isso Leone tenha decidido ceder ao convite do amigo Pietro. Assim, o casal saiu do

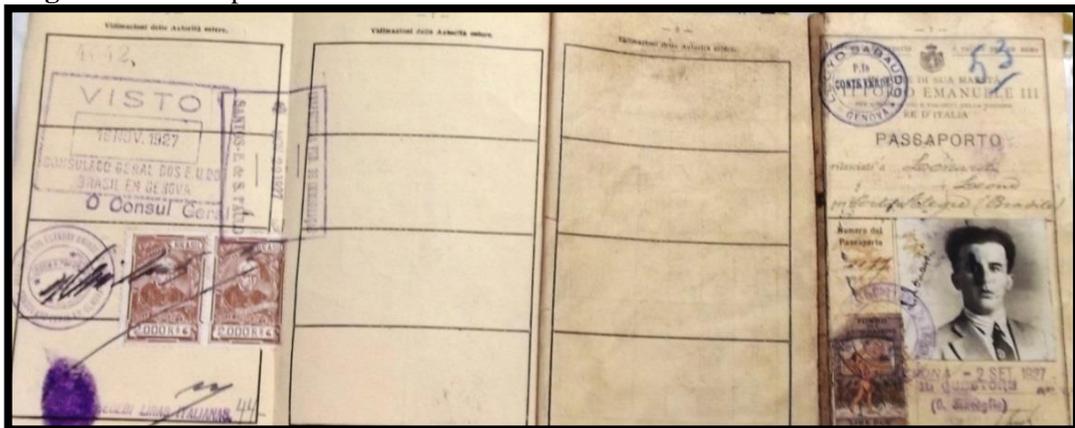
¹⁷³Disponível em:

<http://www.catalogo.beniculturali.it/sigecSSU_FE/dettaglioScheda.action?keycode=ICCD11160482&valoreRicerca=&titoloScheda=monumento%20ai%20caduti&stringBeneCategoria=&selezioneSchede=&contenitore=&flagFisicoGiuridico>

¹⁷⁴ Nos registros do Brasil o nome aparece abreviado, Pedro Biondani.

porto de Gênova, no dia 17 de novembro de 1927, (Figuras 31 e 32) a bordo do Navio Conte Verde, viajando na segunda classe do mesmo navio em que, na primeira classe, viajava o Conde Francisco Matarazzo com mais cinco membros da sua família que também embarcaram em Gênova e desembarcam no Porto de Santos, segundo consta na lista de passageiros do referido navio (Figuras 33, 34 e 35). Os Lonardi seguiram viagem e chegaram a Porto Alegre em 29 de novembro de 1927.

Figura 31 - Passaporte de Leone Lonardi com visto do consulado brasileiro em Gênova.



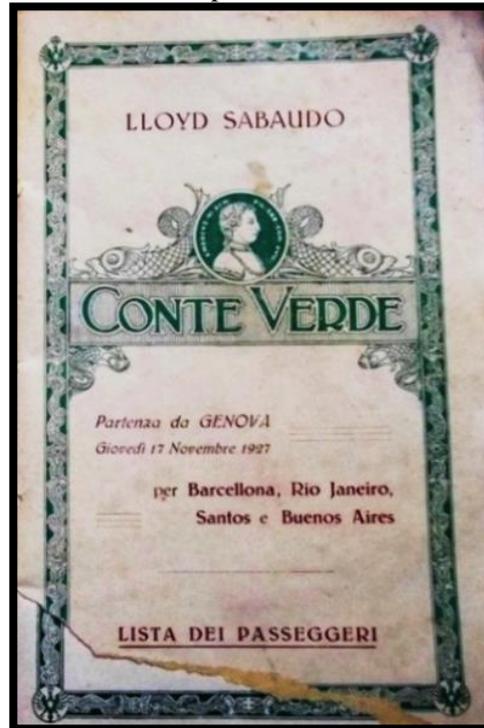
Fonte: Acervo da família Lonardi.

Figura 32 - Atestado de liberação de passaporte de emigrante de Maria Beghini.



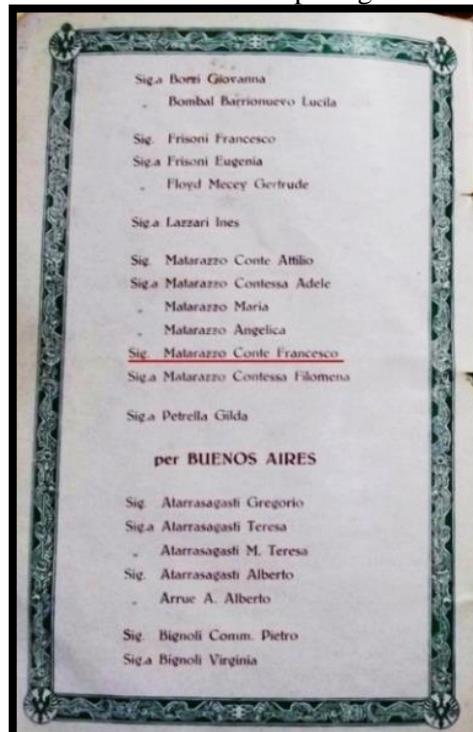
Fonte: Acervo da família Lonardi.

Figura 33 - Primeira página da lista de passageiros do navio Conte Verde, no qual Leone viajou da Itália para o Brasil.



Fonte: Acervo da família Lonardi.

Figura 34 – Conde Matarazzo na lista de passageiros do navio Conte Verde



Fonte: Acervo da família Lonardi.

Figura 35 - Leone e Maria Lonardi na lista de passageiros do navio Conte Verde.



Fonte: Acervo da família Lonardi.

Ao analisar o aspecto migratório neste pequeno universo que é a família de Leone Lonardi, emergem as dificuldades enfrentadas por estes indivíduos e as estratégias por eles utilizadas. A primeira e maior dificuldade percebida é a de equilibrar, financeira e moralmente, a numerosa família Lonardi, com um número de filhas mulheres significativamente maior do que de homens, num período em que elas pouco podiam fazer por seu sustento e da família. Além disso, a moral da época exigia que as moças se casassem, com um homem ou com Deus. A entrada das irmãs mais velhas de Leone para a congregação africana, aparentemente, surgiu como parte de uma estratégia de sobrevivência familiar em que as redes sociais, de parentesco e amizade, foram acionadas. Percebe-se, também, a presença da Igreja e a forte influência do pensamento católico. A imigração de Luigi para os Estados Unidos, a formação técnica de Leone na Academia de Pintura e Escultura, sua também partida para o continente americano, assim como a permanência da irmã mais nova na casa paterna, cuidando da mãe idosa, reforçam a ideia de que a família funcionava como um mecanismo de proteção e solidariedade e que as decisões eram tomadas pelo grupo. O primeiro evento migratório de Leone, de certa forma, foi uma tentativa fracassada, na medida em que a política migratória daquele país não permitia o seu casamento com Maria Beghini. Em contrapartida, a imigração para o Brasil, surgiu como uma nova estratégia, apoiada, mais uma vez, pelas redes sociais, como vimos, a convite do amigo Pietro Biondani.

2.2 O mercado da escultura italiana encontrado por Leone Domenico Lonardi em Porto Alegre e o transnacionalismo

Quando Leone Lonardi aqui chegou, em dezembro de 1927, já havia um mercado da escultura em Porto Alegre, desde a chegada de Adriano Pittanti, em 1868, como demonstrado no capítulo anterior. A preferência por escultores italianos é evidente. Apesar da presença de alguns escultores espanhóis, como Ayona e Corona, e alemães, como João Vicente Friederichs, Aloys Friederichs e Alfred Adloff, o número de marmoristas italianos que teve relevância artística é notadamente maior do que de outras etnias.

Além disso, mesmo a Casa Aloys, do alemão Jacob Aloys Friederichs, buscava a mão-de-obra dos artistas italianos para o seu atelier. Nas listas de funcionários da Casa Aloys, de 1914 e 1919, encontradas no acervo da empresa¹⁷⁵, cerca de 40% dos sobrenomes são italianos: Luiz Pianta, Pedro Baptista Grigolo, Martine Gavasso, Carlos Gionanni, Walter Livi, Anselmo Manzoli, Adriano Franzoni, Henrique Faccini, Maximiliano Possinato, João Escarpine, Paolo Faccini, Manoel Monterosso, Leonildo Sartori, Luiz Venturi, Angelo Zianalatto, Adão Mattiola, Nelso Bertanha, Armando Cusinato, Armando Pellin, Paulo Pellanda, Alfredo Spinetti, Aristide Gavasso, Ralfin Giacomo, Eriberto Piovesan, Gisberto Grassechi, Miguel Staffi, Umberto Grecco. Não há referências a respeito das funções exercidas por cada um e quanto à nacionalidade. É possível que muitos deles fossem operários como canteiros ou pedreiros, que assumiam a parte mais bruta do trabalho do mármore. Sobre alguns deles temos outras referências, como Leonildo Sartori que aparece no histórico da Casa Aloys¹⁷⁶ como contramestre e Armando Cusinato que aparece no livro ponto da Marmoraria Lonardi como canteiro e marmorista. O referido histórico mostra que Angelo Giusti também foi contramestre da Casa Aloys, entre os anos de 1898 e 1901. Onde trabalharam também como escultores os italianos ou descendentes, Oreste Gemigniani, entre 1894 e 1898 e João Parussini, entre 1904 e 1908. Sabemos que também havia muitos operários portugueses trabalhando nas marmorarias de Porto Alegre, entretanto, nenhum deles teve destaque como escultor. Os portugueses tem longa tradição de cantaria. No histórico, consta que em 1903 o mestre Aloys viajou para a cidade de Carrara, na Itália - a metrópole do

¹⁷⁵ Acervo da Casa Aloys, Arquivo Delphos, Biblioteca da PUCRS.

¹⁷⁶ **Histórico da Casa Aloys:** Indústria do mármore, granito e bronze - noticiário semanal, 1950. (página referente a 16 de julho de 1950).

mármore, como é referida no histórico – “a fim de conseguir vantagens econômicas com a importação de mármore bruto e de esculturas”.¹⁷⁷

Em 1902, João Vicente Friederichs contratou o escultor italiano Frederico Pellarin para executar a escultura decorativa do edifício da família Chaves Barcellos, do arquiteto Rodolfo Ahrons, na esquina da Rua dos Andradas com a Rua da Ladeira. Na outra esquina ficava a Confeitaria Central, dos mesmos autores. Pellarin trabalhou na Argentina antes de vir para Porto Alegre. Doberstein considera o escultor um cidadão do mundo, por ser formado em Milão, Veneza e Roma, além de ter passado por Buenos Aires. Pellarin participou da ornamentação do Palacete Chaves, da Confeitaria Central e produziu a figura principal do frontão da Faculdade de Direito. Em 1903 modelou um dos primeiros bustos póstumos de Júlio de Castilhos. Segundo Fernando Corona, o escultor residia em Buenos Aires, mas desde 1890 costumava visitar familiares residentes em Porto Alegre. Era formado na Escola de Belas Artes de Veneza com prêmio na Real Academia de Roma. Os modelos decorativos do antigo prédio da Caixa Econômica também eram de Pellarin, assim como, as esculturas da faculdade de direito.

Segundo Doberstein, Pellarin foi um dos primeiros colaboradores de João Vicente Friederichs. Em 1903, Pellarin modelou o busto póstumo de Júlio de Castilhos destinado ao clube homônimo.¹⁷⁸ E de acordo com Corona, o escultor, moldou em gesso a máscara mortuária de Castilhos, usada por Décio Villares para modelar a cabeça do monumento funerário.¹⁷⁹ Para Doberstein, foi um desafio para Pellarin, pois “serviu-se apenas da fotografia” do político.

Mais tarde, por recomendação deste, João Vicente Friederichs contratou Luiz Sanguin em Buenos Aires¹⁸⁰. Corona comenta que o marmorista Pellarin abandonou a oficina de Friederichs, em 1906, no momento da chegada de Sanguin para trabalhar com Gustavo Steingleder. O autor diz desconhecer o motivo, mas, ao que parece, Pellarin indicou Sanguin para ocupar o seu lugar, já que estava se desligando de Friederichs para iniciar uma sociedade. Nestes dois exemplos a característica de mobilidade dos marmoristas é bastante evidente. Sempre que surge uma nova e melhor oportunidade, eles não hesitam em partir.¹⁸¹

¹⁷⁷ **Histórico da Casa Aloys:** Indústria do mármore, granito e bronze - noticiário semanal, 1950. (página referente a 16 de julho de 1950).

¹⁷⁸ DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. **Estatuários, Catolicismo e Gauchismo.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 66.

¹⁷⁹ CORONA, Fernando. 50 anos de formas plásticas e seus autores. In. BECKER, Klaus. **Enciclopédia Rio-grandense.** Canoas: Editora Regional Ltda., 1957. P.251.

¹⁸⁰ DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. **Estatuários, Catolicismo e Gauchismo.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 66.

¹⁸¹ *Ibid.*, p. 101.

Por volta de 1908, Pellarin produziu as esculturas do Instituto Tecnológico.¹⁸² Em 1912 Pellarin aparece em um despacho da Intendência Municipal.¹⁸³ Sabe-se que, em 1913, o escultor permanecia na sociedade com Steingleder, pois naquele ano, o jornal publicou uma requisição de pagamento por obras públicas em nome da firma Gustavo Steingleder & Frederico Pellarin.¹⁸⁴ Outro trabalho de Pellarin é a figura da Luz, colocada na parte superior da Confeitaria Rocco.

A imprensa da época veiculou poucas notícias sobre as atividades da oficina Pellarin & Steingleder. Em 1912, um despacho da Intendência Municipal, mostra que Frederico Pellarin pagou impostos sobre construções, naquele ano.¹⁸⁵ Em 1913 foram realizados despachos em requisições da Secretaria de Obras Públicas a Gustavo Steingleder & Frederico Pellarin no valor de 101\$500.¹⁸⁶ Segundo Corona, Pellarin se destacou por volta de 1912, “criando modelos para o atelier Steingleder”. E em 1940 ainda vivia, beirando os oitenta anos e ainda trabalhava.¹⁸⁷

Luiz Sanguin chegou a Porto Alegre em 1906, como conta Fernando Corona. Segundo o autor, Sanguin era um excelente decorador e, ao mesmo tempo, figurista (esculpia figuras humanas), autor de inúmeros bustos e retratos em bronze espalhados pelo estado.¹⁸⁸ Segundo Arnaldo Doberstein, Luiz Sanguin nasceu em 28 de março de 1877, na localidade de Cantanaro, Itália. Formou-se pelo Régio Instituto de Belas-Artes de Veneza, onde estudou entre 1888 e 1896. Frequentou também a Escola de Desenho e Artes Plásticas de Pádua, antes de embarcar para Buenos Aires, onde trabalhou por algum tempo. Segundo o autor, o marmorista se transferiu para Porto Alegre “em busca de melhores oportunidades”, em 1908.¹⁸⁹

Um dos primeiros trabalhos de Sanguin, em Porto Alegre, foi a decoração da fachada do edifício do Café Colombo, projeto de Theo Wiedersphan. É autor também da decoração e

¹⁸² Ibid., p. 67.

¹⁸³ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 11.01.1912, p. 4.

¹⁸⁴ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 11.02.1913, p. 2.

¹⁸⁵ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 11.01.1912, p.4.

¹⁸⁶ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 11.02.1913, p.2.

¹⁸⁷ CORONA, Fernando. Directrizes da Arquitetura: Casas de Porto Alegre. In. ALVARO, Franco; DE COUTO E SILVA, Morency; SCHIDROWITZ, Léo Jerônimo (org.). **Porto Alegre: biografia duma cidade – monumento do passado, documento do presente, guia do futuro**. Porto Alegre: Editora Tipografia do Centro S.A., 1940, p. 477-480.

¹⁸⁸ CORONA, Fernando. Directrizes da Arquitetura: Casas de Porto Alegre. In. ALVARO, Franco; DE COUTO E SILVA, Morency; SCHIDROWITZ, Léo Jerônimo (org.). **Porto Alegre: biografia duma cidade – monumento do passado, documento do presente, guia do futuro**. Porto Alegre: Editora Tipografia do Centro S.A., 1940, p. 480.

¹⁸⁹ DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. **Estatuários, Catolicismo e Gauchismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 101.

da figura simbólica do edifício do antigo jornal A Federação.¹⁹⁰ Doberstein aponta outro prédio projetado por Wiedersphan que teve sua ornamentação entregue ao atelier de João Vicente Friederichs, a Cervejaria Bopp, com diversos trabalhos de escultura executados por Luiz Sanguin, como uma estátua de cimento com 2,5 metros, simbolizando Mercúrio.¹⁹¹ Segundo Bellomo, Luiz Sanguin trabalhou nos ateliers mais importantes de Porto Alegre, sendo autor da Ressureição Lázara que está no Cemitério São Miguel e Almas de Porto Alegre e do Cristo sentado no cemitério de Dom Pedrito.¹⁹² Para Doberstein, o conjunto de medalhões da Biblioteca Pública “é um trabalho soberbo que por si só, serviria para incluí-lo entre os melhores retratistas que trabalharam em nosso estado”.¹⁹³

Segundo Doberstein, em 1913, Sanguin se desligou do atelier Friederichs e se associou aos marmoristas Alfred Staege e Ghiringhelli.¹⁹⁴ Neste mesmo ano, o jornal *Correio do Povo* promoveu uma campanha de arrecadação de fundos para a ereção da herma de seu fundador, Caldas Junior, tendo um grande apoio popular. Sanguin venceu a disputada concorrência, o que reforçou sua fama de grande retratista. Em dezembro de 1913, o busto de Caldas Junior, de Sanguin, fez parte da Exposição no Centro Artístico.¹⁹⁵ No mesmo mês, segundo o jornal *A Federação*, foi inaugurada, na Praça 15 de Novembro, a referida herma. Jacinto Ferrari fotografou o ato de inauguração que foi acompanhado por duas bandas musicais, a do exército e a da Sociedade Floresta Aurora.¹⁹⁶ Em 1915 sua sociedade com Staege foi desfeita. Sabe-se que Luiz Sanguin foi casado, pois o jornal *A Federação* comunicou o aniversário de Dona Amelia Sanguin, esposa do escultor Luiz Sanguin Em 1915¹⁹⁸, 1917¹⁹⁹ e 1933²⁰⁰.

Em 1921, Sanguin esteve presente na reunião geral do Comitê Italo-brasileiro que ocorreu na Confeitaria Rocco, a fim de promover as comemorações do sexto centenário de

¹⁹⁰ CORONA, Fernando. **Caminhada nas Artes 1940-76**. Porto Alegre. Ed. Da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Instituto Estadual do Livro, 1977.

¹⁹¹ DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. **Estatuários, Catolicismo e Gauchismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 67.

¹⁹² BELLOMO, Harry Rodrigues. A produção da estatuária funerária no Rio Grande do Sul. In: BELLOMO, Harry Rodrigues (org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul: Arte, Sociedade e Ideologia**. 2. ed. rev. e ampl. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p.30.

¹⁹³ DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. **Estatuários, Catolicismo e Gauchismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 67.

¹⁹⁴ Ibid., p. 69.

¹⁹⁵ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 06.12.1913, p. 4.

¹⁹⁶ Clube fundado por jovens negros forros, em 31 de dezembro de 1872, na esquina das Ruas Aurora (atual Barros Cassal) e Floresta (hoje Cristóvão Colombo). In: NONNENMACHER, Marisa Schneider. Tudo começou em uma madrugada: Sociedade Beneficente Floresta Aurora (1972-2015). Porto Alegre: Medianiz, 2015, p. 15-16.

¹⁹⁷ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 14.12.1913, p.3.

¹⁹⁸ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 12.08.1915, p. 3.

¹⁹⁹ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 13.08.1917, p. 1.

²⁰⁰ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 14.08.1933, p. 3.

Dante Alighieri. Estiveram presentes várias personalidades como o desembargador André da Rocha, Leonardo Truda, Virgilio Callegari, Pedro Weingärtner e José Gaudenzi. Sanguin, que fazia parte da comissão artística, ofereceu, para ser reproduzida em um postal tri-crômico, uma alegoria que representava a aparição de Beatriz ao poeta Dante.²⁰¹ Provavelmente, o postal seria produzido por um dos irmãos litógrafos da família Weingärtner. Em 1922, o escultor também modelou diversos medalhões de vultos das letras nacionais para as salas de leitura da Biblioteca Pública de Porto Alegre.²⁰² Em 1926, o artista produziu o medalhão da Mãe Humanidade, do Templo Positivista, em Porto Alegre. Daí até o início da década de 1930, não encontrei notícias a seu respeito.²⁰³

Na década de 1930 o nome de Luiz Sanguin ressurgiu na documentação do objeto central da minha pesquisa, o marmorista Leone Lonardi. Aparece nos livros caixas como um prestador de serviços. Em 1932 sua esposa a professora Amelia Sanguin era diretora de uma escola na sociedade italiana Humberto I.²⁰⁴ Doberstein realizou um levantamento das obras de Sanguin, deste período. Observou que o escultor produziu em 1932, o busto de Garibaldi para a cidade do mesmo nome; em 1933, o busto de João Corrêa, para a cidade de Canela; em 1935, o medalhão e relevo do monumento a Sepulveda, em Porto Alegre e a herma do professor Inácio Montanha; em 1936, a herma de Orlando Fett, para a cidade de Lajeado; em 1937, o relevo da Deposição, para o jazigo da família Ferreira Vianna, no Cemitério da Santa Casa; e em 1939, o Cristo Coroado de Espinhos para o jazigo da família Brum, em Cruz Alta, posteriormente transferido para o cemitério de Dom Pedrito; em 1944, o busto de Apeles Porto Alegre, em Porto Alegre. Produziu diversas outras obras para cemitérios que por não ter assinado, hoje se torna difícil identificar.²⁰⁵ O jornal *A Federação*, de junho de 1935 notifica a inauguração da herma do professor Inácio Montanha, na Praça Argentina. Luiz Sanguin esculpiu o busto de bronze nas oficinas dos Irmãos De Angeli.²⁰⁶ Produziu também um busto em relevo de Getúlio Vargas para a Delegacia Regional do Trabalho (Figura 36). Segundo Bellomo, Luiz Sanguin faleceu em 1949.²⁰⁷ Julio Lonardi conta que o artista viveu seus

²⁰¹ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 03.09.1921, p. 5.

²⁰² DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. *Estatuários, Catolicismo e Gauchismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 130.

²⁰³ *Ibid.*, 68-69.

²⁰⁴ Jornal *Correio do Povo*, Porto Alegre, 25.02.1932, p.7.

²⁰⁵ DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. *Estatuária e Ideologia* 2. Ed. rev. e ampl. – Porto Alegre: ed. da Cidade; Letra e Vida, 2011. P. 159-160.

²⁰⁶ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 26.06.1935, p. 6.

²⁰⁷ BELLOMO, Harry Rodrigues. A produção da estatuária funerária no Rio Grande do Sul. In: BELLOMO, Harry Rodrigues (org.). *Cemitérios do Rio Grande do Sul: Arte, Sociedade e Ideologia*. 2. ed. rev. e ampl. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. P.30.

últimos anos de vida na solidão, morando em um quarto no sótão da marmoraria Keller.²⁰⁸ Junto ao acervo de moldes produzidos por seu pai, Julio Lonardi guarda um de Sanguin, o busto de Otávio Rocha (Figura 37), que ficou na marmoraria Keller e foi resgatado por Leone Lonardi quando esta fechou.

Figura 36 - Busto de Getúlio Vargas em relevo. **Figura 37** - Molde do busto de Otávio Rocha.



Fonte: Livro Porto Alegre: biografia duma cidade.²⁰⁹



Fonte: Acervo da família Lonardi.

Quando Leone Lonardi fundou sua firma, em 1928, a Marmoraria Lonardi & Teixeira, uma das suas maiores concorrentes, provavelmente, a segunda depois da Casa Aloys, foi a marmoraria José Floriani Filho, fundada em 1908, segundo Harry Bellomo. Segundo o autor, José Floriani era filho de italianos, nascido em Pelotas, e fundou a firma com seu nome aos 21 anos de idade. Realizando trabalhos de mármore e granito, a empresa se expandiu rapidamente, atendendo encomendas para edifícios e mausoléus, assim como artefatos e estátuas funerárias. O escultor espanhol André Arjonas foi um dos escultores desta marmoraria.²¹⁰

O granito vermelho era das pedreiras de Porto Alegre e o negro de São Leopoldo; as estátuas de mármore vinham da Itália ou da Alemanha, enquanto os blocos de mármore vinham da Itália, França, Bélgica e Portugal. O jornal *A Federação* de julho de 1913, publicou que José Floriani Filho importara 100 tábuas de mármore²¹¹, o que denota uma grande produção já nos primeiros anos. A partir do ano seguinte suas importações aparecem com mais frequência. Em fevereiro de 1915, enquanto a Casa Aloys importou 123 taboas de

²⁰⁸ O depoimento consta na entrevista da autora com Julio Lonardi, realizada em 01 de agosto de 2018. Transcrita e depositada no acervo do Lapho, PUCRS, p. 17-18.

²⁰⁹ ALVARO, Franco; DE COUTO E SILVA, Morency; SCHIDROWITZ, Léo Jerônimo (org.). **Porto Alegre: biografia duma cidade – monumento do passado, documento do presente, guia do futuro.** Porto Alegre: Editora Tipografia do Centro S.A., 1940. P. 508.

²¹⁰ BELLOMO, Harry Rodrigues. A produção da estatuária funerária no Rio Grande do Sul. In: BELLOMO, Harry Rodrigues (org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul: Arte, Sociedade e Ideologia.** 2. ed. rev. e ampl. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. P. 27.

²¹¹ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 31.07.1913, p. 5.

mármore bruto, Floriani importou 961 tábuas do mesmo mármore.²¹² Nos primeiros anúncios no jornal *A Federação*, em 1916, a empresa salientava a eletro-mecanização de sua oficina (Figura 38), o que garantia maior produção, entregas mais rápidas e melhores acabamentos, e era uma novidade no ramo.

Figura 38 - Anúncio da marmoraria Floriani Filho, 1916.



Fonte: Jornal *A Federação*, 20.07.1916, p. 3.

Em 1928, Floriani adquiriu um terreno na Lomba do Cemitério, por 10:000\$000 (dez contos de réis).²¹³ Poucos meses depois, Lonardi adquiriu o terreno, na mesma rua para abrir sua oficina. O terreno da Marmoraria Lonardi & Teixeira custou 8:055\$000 (oito contos e cinquenta e cinco mil réis), conforme registro na primeira página do primeiro livro caixa, de agosto de 1928. Segundo depoimento de Julio Lonardi, seu pai foi ver o terreno durante a noite para que Floriani não visse, pois certamente, não ficaria contente com a concorrência.²¹⁴ Nos anúncios de 1927 e 1928, anos da chegada e instalação de Leone Lonardi em Porto Alegre, observa-se que, Floriani, além de salientar a mecanização, oferece, agora, além do mármore, o granito (Figuras 39 e 40).

²¹² Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 20.02.1915, p.4.

²¹³ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 20.06.1928, p.4.

²¹⁴ O depoimento consta na entrevista da autora com Julio Lonardi, realizada em 01 de agosto de 2018. Transcrita e depositada no acervo do Lapho, PUCRS, p. 7.

Figura 39 - Anúncio de Floriani, 1927.



Fonte: Jornal *A Federação*, 06.07.1927, p. 7.

Figura 40 - Anúncio de Floriani, 1928.



Fonte: Jornal *A Federação*, 22.10.1928, p.7.

Em 1º de julho de 1928, José Floriani foi escolhido como conselheiro da Consulta Comercial, constituída junto ao Consulado Geral Italiano em Porto Alegre, dedicada à organização e desenvolvimento das transações comerciais entre Itália e Rio Grande do Sul.²¹⁵ O Embaixador italiano Victorio Cerruti visitou vários estabelecimentos de membros da colônia italiana de Porto Alegre, entre eles, a oficina José Floriani Filho²¹⁶. Floriani aparece em 1934, no jornal *Correio do Povo* entre os sócios da Sociedade Dante Alighieri, entre nomes como de Raphael Guaspari, Julio Bozano, Domingos Faillace, Guido Mondin, Natale Piccolli, entre vários outros nomes de relevante prestígio social.²¹⁷ Isso mostra que o marmorista se mantinha em boa posição social e cultivava suas redes sociais com a comunidade italiana. A imprensa destacou também o nome da empresa de José Floriani Filho na grande Exposição Farroupilha de 1935.²¹⁸ E na criação da Paróquia Santo Antonio do Pão dos Pobres, em 1936, Floriani produziu uma pia batismal em mármore português e nacional.²¹⁹

Ainda na primeira década do século XX, chegou a Porto Alegre o escultor italiano Giuseppe Gaudenzi. Gaudenzi não era marmorista, antes sim, um modelador. Criava o molde da obra que daria origem a uma forma para a fundição do bronze ou para a produção da estátua de cimento. Segundo Günter Weimer, foi em torno de 1908 que o engenheiro Lüderitz, professor da Escola de Engenharia de Porto Alegre, viajou para a Europa a fim de

²¹⁵ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 25.08.1928, p.4.

²¹⁶ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 24.02.1932, p.3.

²¹⁷ Jornal *Correio do Povo*, Porto Alegre, 29.05.1934 p. 9.

²¹⁸ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 29.08.1935, p.2.

²¹⁹ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 09.03.1936, p.2.

contratar professores de ofício para o Instituto Profissional Parobé. Ao chegar a Roma, se encontrou com o pintor gaúcho Pedro Weingärtner, que lhe apresentou o escultor italiano Giuseppe Gaudenzi. Gaudenzi e Weingärtner eram amigos desde 1895, quando se conheceram em rodas artísticas.²²⁰

Segundo Doberstein, Giuseppe Gaudenzi nasceu na localidade de Cesenático, província de Forli, Itália, em 22 de agosto de 1875. Estudou pintura e desenho na escola de Pésaro, passando depois pela Academia de Belas Artes de Bolonha e terminando sua formação em quatro anos de estudos na Real Academia de Roma. Recebeu uma sólida formação em projetos de ornamentação de interiores, recebendo diversos prêmios, como a decoração da sala dos artistas romanos na Exposição de Belas-Artes de Veneza, em 1900. Adquiriu a sólida formação em escultura como discípulo de Ettore Ferrari, um dos mais renomados escultores italianos do final do século XIX. Foi contratado como professor do Instituto Técnico Profissional de Roma, onde atuava como diretor quando conheceu Pedro Weingärtner.²²¹

Giuseppe Gaudenzi foi contratado em 1910 pela Escola de Engenharia para lecionar modelagem na recém-fundada Escola Técnica Profissional. Ajudou a montar as oficinas de modelagem e fundição daquele estabelecimento, onde passou a lecionar desenho e modelagem²²², atuando também como escultor. Em 1912, Gaudenzi lecionou para os 1º, 2º e 3º anos do curso profissional do Instituto Técnico Profissional Benjamin Constant, que funcionava sob a direção da Escola de Engenharia. E esteve como mestre, dirigindo as oficinas de escultura e modelagem da escola profissional²²³.

Os jornais mostram Gaudenzi bastante participativo, principalmente na década de 1910, tanto em eventos promovidos pela comunidade italiana, como pelos demais grupos da sociedade. Em 1911, esteve presente em um cortejo marítimo que recepcionou os deputados João Simplício Alves de Carvalho e o general Diogo Fortuna, que chegavam do Rio de Janeiro.²²⁴ Juntamente com membros das sociedades e escolas italianas da capital, o cônsul italiano e figuras importantes da colônia italiana - como Stefano Paternó, Stefano Rocco, Adolfo de Agostini e o major Dante Patinelli - José Gaudenzi também tomou parte nas

²²⁰ WEIMER, Güinter. **Arquitetos e Construtores no Rio Grande do Sul**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2004. P. 68.

²²¹ DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. **Estatuários, Catolicismo e Gauchismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. P. 103.

²²² A modelagem é o primeiro passo para a produção da escultura inédita. A partir do molde, geralmente de argila, é feita a transferência para a pedra através da técnica de pontos ou é feita uma forma para a fundição da escultura metálica.

²²³ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 27.11.1913, p. 22.

²²⁴ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 21.09.1911, p. 4.

festividades de 20 de setembro de 1912, data que, ao mesmo tempo em que buscava consolidar a boa imagem da comunidade italiana e seu amor pela pátria mãe, procurava mostrar a plena integração e gratidão à pátria adotiva, levando à frente do cortejo, as bandeiras, italiana e brasileira, entrelaçadas.²²⁵ Para os italianos e seus descendentes que viviam no Rio Grande do Sul, o dia 20 de setembro tinha uma dupla importância. No mesmo dia em que no Rio Grande do Sul se comemora a Revolta Farroupilha, na Itália é celebrada a tomada de Roma pelas Tropas do Piemonte que levou à unificação daquele país em 1870.²²⁶

Em 1913 Gaudenzi fez parte de uma comissão do Centro Artístico, assim como o seu amigo Pedro Weingärtner.²²⁷ E, no mesmo ano, fez parte da comissão que elegeu a maquete de João Vicente Friederichs para a construção do monumento ao Barão do Rio Branco que o Clube da Guarda Nacional ergueria com subscrição popular.²²⁸ Em 1917, inúmeros italianos, amigos e admiradores do Consul Beverini, entre eles Giuseppe Gaudenzi, ofereceram um banquete, no Clube do Comércio de Porto Alegre, por ocasião da partida do cônsul para São Paulo, onde seria promovido a Consul Geral da Itália.²²⁹ No mesmo ano, juntamente com Manuel Itaquí e Eduardo Guimarães, escolheu a maquete do escultor Pinto do Couto, que concorreu com Germano Dreshler & Filhos, com oficina no bairro Tristeza, Sylvio de Sá Valle, Eduardo de Sá e Gregorio Baldi do Rio de Janeiro, para o monumento ao Barão de Santo Angelo.²³⁰ Em 1918, Gaudenzi foi encarregado de desenhar os diplomas da Exposição Industrial organizada pela Sociedade Carnavalesca Gondoleiros.²³¹

Em 1920, Gaudenzi fez parte do júri que escolheria as propostas para a construção de um monumento em homenagem aos ditos heróis de 1835, assim como um panteão aos rio-grandenses notáveis.²³² Em 1925 modelou uma coroa de bronze que foi confeccionada nas oficinas de João Vicente Friederichs, para o túmulo de Paschoal Truda.²³³ Em 1927, construiu o mausoléu do coronel Affonso Emilio Massot. O trabalho que iniciou em dezembro de 1926, foi concluído em outubro de 1927.²³⁴

²²⁵ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 21.09.1912, p. 4.

²²⁶ CORRÊA, Marcelo Armellini. A Identidade dos imigrantes trentinos através do jornal Il Trentino. In: RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz, ARENDT, Isabel Cristina, WITT, Marcos Antônio (Orgs.). **Festas, comemorações e lembranças na imigração**. São Leopoldo: OIKOS, 2014, p. 1142.

²²⁷ Jornal **Correio do Povo**, Porto Alegre, 20.11.1913, p. 4.

²²⁸ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 31.12.1913, p.3.

²²⁹ Jornal **Città di Caxias**, Caxias do Sul, 25.06.1917, p.4.

²³⁰ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 30.05.1917, p.4; e Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 02.06.1917, p.5.

²³¹ Jornal **Correio do Povo**, Porto Alegre, 06.02.1918, p. 4.

²³² Jornal **Correio do Povo**, Porto Alegre, 05.08.1920, p. 4.

²³³ Jornal **Correio do Povo**, Porto Alegre, 10.07.1925, p. 4.

²³⁴ Jornal **Correio do Povo**, Porto Alegre, 21.10.1927, p. 4.

Segundo Weimer, Gaudenzi dirigiu a oficina de João Friederichs fazendo projetos para o interior da Biblioteca Pública e foi o autor do monumento a Giuseppe e Anita Garibaldi.²³⁵ O autor não aponta a localização deste monumento. Corona conta que Gaudenzi esculpiu as figuras e decorou a fachada do Ginásio Julio de Castilhos, assim como os Atlantes da Confeitaria Rocco.²³⁶ Segundo Doberstein, além desses trabalhos, Gaudenzi modelou diversas figuras funerárias, como o Cristo Suplicante, para o jazigo da família Bastian, assim como diversos bustos e medalhões. Produziu o primeiro busto fundido em bronze no estado. Esteve em sociedade com Alfred Adloff projetando diversos mausoléus, entre os quais, o mais celebre é o jazigo da família Mathias Velho, no cemitério São Miguel e Almas, entre muitos outros trabalhos.²³⁷

Doberstein considera que Gaudenzi foi um dos modeladores estrangeiros que mais rapidamente se integrou nos círculos da intelectualidade local. Essa oportunidade teria vindo através da revista Kodak, editada por um grupo de intelectuais independentes, sem maiores aportes de recursos. Era editada na gráfica da Escola Técnica Profissional, onde Gaudenzi era professor. Em diversos de seus números iniciais, Gaudenzi foi encarregado de ilustrar suas capas, com o pseudônimo de Giga (Giuseppe Gaudenzi).²³⁸ De fato, Gaudenzi parece ter sido bem articulado socialmente, sabendo cultivar suas redes sociais, o que não era incomum aos italianos que tinham em suas redes de relacionamento estratégias para a inserção e manutenção em seus locais de destino.

Em 1912 e 1913 chegaram da Itália os irmãos Aman e Ferrucci Piattelli ou Amance e Ferruccio (nomes traduzidos para o português) e, segundo Harry Bellomo, em 1921 fundaram a firma Irmãos Piattelli, especializada em granitos. Produziram alguns dos monumentos funerários mais importantes no estado, como as capelas das famílias Sá Berthe e Mathias Velho. Trabalharam nesta empresa, os escultores André Arjonas, Antonio Caringi, Luiz

²³⁵ WEIMER, Güinter. *Arquitetos e Construtores no Rio Grande do Sul*. Santa Maria: Ed. UFSM, 2004. P. 68.

²³⁶ CORONA, Fernando. *Directrizes da Arquitetura: Casas de Porto Alegre*. In. ALVARO, Franco; DE COUTO E SILVA, Morency; SCHIDROWITZ, Léo Jerônimo (org.). **Porto Alegre: biografia duma cidade – monumento do passado, documento do presente, guia do futuro**. Porto Alegre: Editora Tipografia do Centro S.A., 1940. P. 485.

²³⁷ DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. **Estatuária e Ideologia**. 2. Ed. rev. e ampl. – Porto Alegre: ed. da Cidade; Letra e Vida, 2011. P. 157-158.

²³⁸ DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. **Estatuária e Ideologia**. 2. Ed. rev. e ampl. – Porto Alegre: ed. da Cidade; Letra e Vida, 2011, p. 157-158.

Sanguin e Alfred Adloff.²³⁹ Aman Piattelli e Ferrucci Piattelli estão entre os membros fundadores do grupo anti-fascista Giacomo Matteoti.²⁴⁰

O jornal *Correio do Povo* de 6 de agosto de 1926 veiculava que os Piattelli Irmãos concorreriam à Exposição-Feira Internacional de Roma, com um mostruário de granito polido dos arredores da capital. Em uma caixa, exposta na vitrine do jornal, era possível observar vinte e quatro qualidades de granito. A matéria salienta que os Irmãos Piattelli tiveram seu estabelecimento premiado em vários concursos.²⁴¹ O mesmo jornal em 20 de julho de 1927 anunciou que os Piattelli Irmãos, estabelecidos na Lomba do Cemitério, nº 7, expuseram na vitrine do jornal, um mostruário de granitos dos arredores de Porto Alegre, que foi apresentado na Exposição Feira Internacional de Roma, na qual receberam o grande prêmio; e na Exposição Feira do Cinquentenário da Colonização Italiana, onde receberam medalhas de ouro. Os prêmios também foram expostos nesta vitrine. O mostruário seria oferecido ao Museu Julio de Castilhos.²⁴² O Jornal *A Federação* também notificou a participação dos Irmãos Piattelli na referida exposição, assim como o prêmio e a doação do mostruário para o museu.²⁴³

Diferentemente dos outros marmoristas que trabalharam entre irmãos, em tempos anteriores, entre os Piattelli não há destaque de um dos irmãos em detrimento de outro. Uma explicação possível para essa diferença é que eles não fossem escultores, e sim marmoristas canteiros que se transformaram em “empresários da pedra”. Ideia que é reforçada se considerarmos que nem a bibliografia e nem a imprensa apontam esculturas de autoria dos irmãos Piattelli, mas dos escultores que para eles trabalhavam. Além disso, neste período, muitas vezes, a imponência dos túmulos e mausoléus ficava por conta da quantidade e qualidade do granito, que prevalecia também nos revestimentos de edifícios. Assim sendo, os irmãos Piattelli teriam ficado distante dos sedutores “holofotes da fama” que costumavam incidir sobre um dos irmãos escultores marmoristas, deixando os demais à sombra.

Em 1921, surge a famosa “A Graniteira”, a firma Irmãos De Angeli. Segundo Bellomo, Natale De Angeli fundou a firma juntamente com seus filhos Ghino e Alfredo que

²³⁹ BELLOMO, Harry Rodrigues. A produção da estatuária funerária no Rio Grande do Sul. In: BELLOMO, Harry Rodrigues (org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul: Arte, Sociedade e Ideologia**. 2. ed. rev. e ampl. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p. 27.

²⁴⁰ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 23.06.1926, p.5.

²⁴¹ Jornal **Correio do Povo**, Porto Alegre, 06.08.1926 p. 4.

²⁴² Jornal **Correio do Povo**, Porto Alegre, 20.07.1927, p. 4.

²⁴³ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 17.08.1927, p.3.

após a morte do pai, em 1940, teriam assumido a empresa.²⁴⁴ Ainda em 1921, aparece o nome de Natale em um despacho da Secretaria de Obras Públicas, em uma sociedade, na empresa Antonio Cadoria & Natale De Angeli.²⁴⁵ Antonio Cadoria aparece em vários despachos da mesma secretaria, em requisições de pagamentos, como de julho de 1914.²⁴⁶ Isso indica que Cadoria trabalhava nas obras públicas de Porto Alegre, pelo menos, desde 1914 e que por volta de 1921 se tornou sócio de Natale De Angeli. É possível que trabalhassem com pavimentação, pois o granito era o material utilizado para a produção de paralelepípedos. Em 1934 a Junta Comercial publicou o pedido de arquivamento da firma Irmãos De Angeli, dos sócios Ghino e Alfredo De Angeli, com capital de 50:000\$000 (cinquenta contos de réis) para granitos, mármore, bronzes, etc.²⁴⁷ Bellomo conta também que Sanguin, Adloff e Arjonas trabalharam para De Angeli e que a empresa produziu algumas das colunas da Catedral, o pórtico da Biblioteca Pública, alguns trabalhos no Palácio Piratini e vários monumentos fúnebres, entre tantos outros trabalhos.²⁴⁸ O busto de bronze de Luiz Sanguin ao professor Inácio Montanha, teria sido produzido nas oficinas dos Irmãos De Angeli.²⁴⁹ Em 1955, os De Angeli encerraram as atividades.²⁵⁰ Não foram encontrados outros dados biográficos de Natale e seus filhos.

Outro nome ligado à Marmoraria Lonardi & Teixeira, desde a sua fundação, foi o de Higyno Bertanha. Nos primeiros meses de funcionamento, aparecem, nos livros caixas, alguns pagamentos de serviços a Bertanha, de valores consideravelmente altos. Entre julho de 1930 e fevereiro de 1931, a empresa pagou vultosas quantias a H. Berthanha, A. Farias e Cia. Não encontrei nenhum registro a respeito desta empresa, na imprensa ou na bibliografia. Entretanto, é possível imaginar que o sócio de Higyno Bertanha fosse Agostinho Leite de Farias, que, mais tarde, se tornou sócio de Lonardi. A partir de abril de 1932 aparecem registros nos livros caixas relacionados a despesas de bonde do senhor Farias. Mais tarde, surge a marmoraria Bertanha & Keller (Figura 41). Segundo Bellomo, esta firma foi fundada em 1933, por Alberto Keller, nascido em Caxias, em 1883, e falecido em 1962.

²⁴⁴ BELLOMO, Harry Rodrigues. A produção da estatuária funerária no Rio Grande do Sul. In: BELLOMO, Harry Rodrigues (org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul: Arte, Sociedade e Ideologia**. 2. ed. rev. e ampl. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p. 27.

²⁴⁵ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 01.03.1921, p.1.

²⁴⁶ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 17.07.1914, p.1.

²⁴⁷ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 23.07.1934, p. 4.

²⁴⁸ BELLOMO, Harry Rodrigues. A produção da estatuária funerária no Rio Grande do Sul. In: BELLOMO, Harry Rodrigues (org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul: Arte, Sociedade e Ideologia**. 2. ed. rev. e ampl. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p. 27.

²⁴⁹ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 26.06.1935, p. 6.

²⁵⁰ BELLOMO, Harry Rodrigues. A produção da estatuária funerária no Rio Grande do Sul. In: BELLOMO, Harry Rodrigues (org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul: Arte, Sociedade e Ideologia**. 2. ed. rev. e ampl. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p. 27.

Figura 41 - Assinatura da marmoraria Bertanha, Keller & Cia.



Fonte: Fotografia da autora.²⁵¹

Encontrei anúncios da empresa Bertanha, Keller & Cia no *Almanak Laemmert*, a partir de 1935.²⁵² Segundo Julio Lonardi, que conheceu Alberto Keller, apesar do sobrenome alemão, esta família veio da região, então italiana, do Tirol. A empresa se dedicou ao ramo de mármore e granitos. Segundo consta no inventário de Leone Lonardi, em 1951, este comprou um terreno que pertencia à herança de Higyno Bertanha, que fazia divisa com uma propriedade de Irmãos De Angeli. Mais tarde, possivelmente após o falecimento de Higyno, surgiu a empresa Keller & Santos. Segundo Bellomo, em 1947, Alfredo Marcelino dos Santos fora o novo sócio de Keller. Entretanto, segundo o inventário de Lonardi, Alfredo se tornou sócio da Marmoraria Lonardi em 1948. Anos depois, a filha de Alfredo se casou com o filho de Leone. Em 1965 a empresa passaria a se chamar, viúva Keller. A empresa Bertanha, Keller & Cia produziu vários monumentos fúnebres. Sanguin fez vários trabalhos, por encomenda, para esta empresa, inclusive uma escultura de Otávio Rocha. Não foram encontrados outros dados biográficos de Higyno Bertanha.

Os documentos da Marmoraria Lonardi apontam o nome de um escultor quase desconhecido no Rio Grande do Sul, Bottari. O nome deste artista é uma incógnita. A única referencia bibliográfica que encontrei a seu respeito é uma observação de Arnaldo Doberstein que também pesquisou nos livros da Marmoraria Lonardi & Teixeira. O autor aponta que a Pietá do mausoléu da família Moura foi executada por Bottari, em 1934, quando este trabalhava para a marmoraria Lonardi, por 800\$000.²⁵³ Porém, no livro caixa de 1934, no dia 29 de maio, a Marmoraria Lonardi & Teixeira pagou ao Bottari 2.500\$000 pela execução do

²⁵¹ Túmulo de Frederico Carlos Gomes, nº 307 do Cemitério da Santa Casa de Misericórdia.

²⁵² *Almanak Laemmert*, Rio de Janeiro, 1935, p. 1082.

²⁵³ DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. *Estatuária e Ideologia*. 2. Ed. rev. e ampl. – Porto Alegre: ed. da Cidade; Letra e Vida, 2011, p. 284.

grupo piedade (Pietá), um valor bem acima da média dos trabalhos pagos pela marmoraria por outros trabalhos de escultores. Não encontrei a referência de que a aludida Pietá seria a mesma do túmulo da família Sebastião Moura (Figura 42).

Figura 42 - Pietá no túmulo da família Sebastião Moura.



Fonte: Fotografia da autora.

No livro caixa de 1934 aparece, entre outros trabalhos menores de Bottari, um pagamento também vultoso de 800\$000, por um “grupo”, referindo-se a grupo escultórico. Em um rascunho no final do livro ponto de 1933, com a lista de vales recebidos pelo escultor, aparece o nome Benjamin Bottari. Com estas poucas informações sobre o escultor, parti para uma busca no arquivo público e nos jornais, sem êxito. Encontrei apenas o nome de Dulsolina Araújo Bottari, nas listas eleitorais publicadas no jornal *A Federação* de 1933, votando na Rua José de Alencar e de 1934, votando na Praça Nossa Senhora da Glória. Ambos os locais ficam nas proximidades da Lomba do Cemitério, onde se localizava a maior parte das marmorarias, neste período. Portanto, Dulsolina poderia ser parenta do nosso Bottari.

Na busca aos registros de imigração, no site *familysearch*, encontrei dois registros com o nome Benjamin Bottari. O primeiro, no censo dos EUA, de 1930, na Filadélfia, Pensilvânia, o registro de residência de um Benjamin Bottari, nascido na Itália em 1893 e imigrado em 1912. É importante observar que o nome Benjamin é muito utilizado nos Estados Unidos, mas não é comum entre os italianos. Porém, os imigrantes costumavam traduzir ou adaptar seus primeiros nomes para a língua local. Benjamin seria a versão em inglês para o nome italiano Beniamino. Considerando que Leone Lonardi esteve na Filadélfia em 1923 e se instalou na

casa de imigrantes italianos e que a mobilidade era comum a estes imigrantes qualificados, é possível imaginar que este seja o mesmo Benjamin Bottari que esteve em Porto Alegre em 1934 e que talvez tenha conhecido Leone nos Estados Unidos.

O segundo registro que encontrei trás mais indícios de que possa se tratar do Bottari da Marmoraria Lonardi. O registro de estrangeiros, de 1941, de Benjamin Bottari, escultor (Figura 43). Não tem data de nascimento e estado civil, apenas nacionalidade, nome dos pais, profissão e o endereço, em São Paulo. Verificando o endereço no *google maps*, observa-se que fica há poucas quadras de um grande cemitério de São Paulo, o Cemitério Quarta Parada. É importante lembrar que os marmoristas costumavam instalar suas oficinas proximate aos cemitérios. Revisando o livro caixa de 1933, encontrei um registro com o nome de Valente Bottari, no mês de março.

Figura 43 - Registro de estrangeiro de Benjamin Bottari.

REGISTRO DE ESTRANGEIROS	
DELEGACIA DE FISCALIZAÇÃO DE ENTRADA, PERMANENCIA E SAIDA DE ESTRANGEIROS	
Nº 5235	
NOME	BENJAMIN BOTTARI
Admitido em território nacional em caráter	PERMANENTE
Nacionalidade	ITALIANA
Pai	JOAQUIM BOTTARI
Mãe	TEREZA BELLI
Profissão	ESCUULTOR
Carteira de identidade n.º	601.867
Registro n.º	99.468, EXP. 12/3/41
Residência	RUA PADRE ADELINO 248,
Emprego	Local
	14/3/41
	<i>Imat. Santos</i>
	DELEGACIA DE FISCALIZAÇÃO DE ENTRADA, PERMANENCIA E SAIDA DE ESTRANGEIROS

Fonte: *Site familysearch*.²⁵⁴

Voltei ao site *familysearch* e encontrei o registro de estrangeiros de Valente Bottari (Figura 44) e seu filho Renato Bottari, os dois também escultores. Pela paternidade, foi possível perceber que Benjamin e Valente eram irmãos. Encontrei também os registros da esposa de Valente, Argia Lazzarini Bottari e da filha Rita Bottari Sartorato, casada, que desembarcou no porto de Santos em 17 de novembro de 1922. No verso do registro de estrangeiros de Valente, consta que ele desembarcou no porto de Santos em 23 de março de 1921, viajou para a Itália em 08 de janeiro de 1927 e regressou em 12 de abril de 1927. A esposa Argia chegaria ao Brasil somente em 29 de novembro de 1927. Os registros de Valente, Argia e o filho Renato apresentam o mesmo endereço de residência, sendo que no verso do registro de Renato, este mesmo endereço é apresentado como endereço de emprego.

²⁵⁴ Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3Q57-898G-JJFF?i=236&cc=2140223>>

Portanto, sabemos que Valente voltou à Itália no ano de 1927, ano da vinda de Leone para o Brasil, provavelmente para encaminhar a imigração da esposa. Pelos registros da Marmoraria Lonardi, Teixeira & Cia, sabemos que os irmãos Benjamin e Valente Bottari estiveram em Porto Alegre nos anos de 1933 e 1934. Arnaldo Doberstein possui em seu acervo algumas fotografias que faziam parte de um álbum desta marmoraria e entre elas, uma de um escultor trabalhando em uma obra com a inscrição “V. Bottari” no pedestal. Ao que tudo indica, trata-se do escultor Valente Bottari (Figura 45).

Figura 44- Registro de estrangeiro de Valente Bottari.

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA Superintendência de Segurança Política e Social DELEGACIA ESPECIALIZADA DE ESTRANGEIROS	
REGISTRO DE ESTRANGEIROS	
NOME: VALENTE BOTTARI	
Admitido em território nacional em caráter: PERMANENTE - ART. 150 § 1º 2ª	
Nacionalidade: ITALIANA	CASADO
Pai: GIOVACCHIO BOTTARI	Mãe: TEREZA BELLI
Profissão: ESCULTOR	
Carteira de identidade n.º 559.392	Registro n.º 221.879 exp.27-6-44
Residência: RUA CORONEL MORAES Nº 240	
Emprego: *****	
Local: *****	
50-6-44	
T. G. L. - Mod. 162	DELEGADO ESPECIALIZADO DE ESTRANGEIROS

Fonte: Site *familysearch*.²⁵⁵

Figura 45 – Valente Bottari no atelier da Marmoraria Lonardi, Teixeira & Cia.



Fonte: Acervo de Arnaldo Doberstein.

²⁵⁵ Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3Q57-898G-JJFF?i=236&cc=2140223>>

Um marmorista que trabalhou por muito tempo para a Marmoraria Lonardi & Teixeira foi Sylvio Giusti, tanto como empregado, como prestador de serviços por encomenda. Em 1934, Giusti trabalhou para a Marmoraria Lonardi & Teixeira, produzindo capitéis para a Catedral Metropolitana. No livro ponto de 1931 e 1932 da Marmoraria Lonardi & Teixeira consta o nome de Sylvio Giusti, que segundo Julio Lonardi era canteiro. Segundo Harry Bellomo, Sylvio Michelotti Giusti, nasceu em Lucca, na Itália, em 1896. Chegou ao Brasil após a Primeira Guerra. Logo que chegou, residiu em Pelotas, onde aprendeu escultura com o tio Angelo Giusti, dono de uma Marmoraria. Trabalhou para Keller, Piattelli, Lonardi, Floriani e Aloys Friederichs. Era especialista em detalhes, flores e festões. Tinha preferência por esculpir anjos e Cristos. Esculpiu as figuras de granito dos arcos do Monumento ao Expedicionário do Parque Farroupilha. Esculpiu também um Sagrado Coração de Jesus, com pétalas, para a Catedral Metropolitana. Produziu inúmeros trabalhos para os cemitérios, como: um Cristo abençoando e uma figura da Justiça tendo aos pés um leão, para o cemitério São Miguel e Almas; um Cristo abençoando Lázaro e a cortina de mármore que veda a porta do mausoléu da família Coelho de Sousa, para o Cemitério da Santa Casa de Misericórdia. Sylvio Giusti faleceu em 1970.²⁵⁶

Nas curtas biografias dos marmoristas italianos que, de alguma forma, se relacionaram com Leone Lonardi fica evidente a existência de um fluxo migratório que, em certa medida, alterou o comportamento dos porto-alegrenses, inserindo e ampliando o gosto pelas esculturas. A maior difusão da escultura italiana no Brasil se deu, seguramente, através da arte funerária, seguida da escultura fachadista²⁵⁷. Estes processos através dos quais os imigrantes constroem campos sociais que conectam seu país de origem e seu país de destino, desenvolvendo e mantendo múltiplas relações – familiares, econômicas, sociais, organizacionais, religiosas, políticas – que ultrapassam fronteiras, a socióloga norte-americana Cizina Célia Resstel define como transnacionalismo.²⁵⁸

Analisando a atuação dos escultores contemporâneos a Leone Lonardi em Porto Alegre, observa-se uma predominância de marmoristas e escultores italianos. Nota-se a preferência por estes profissionais, mesmo entre os operários, canteiros e pedreiros. Devido a grande mobilidade dos imigrantes qualificados, muitas vezes, eles eram procurados em países

²⁵⁶ BELLOMO, Harry Rodrigues. A produção da estatuária funerária no Rio Grande do Sul. In: BELLOMO, Harry Rodrigues (org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul: Arte, Sociedade e Ideologia**. 2. ed. rev. e ampl. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p.30.

²⁵⁷ Escultura produzida para a fachadas de edifícios.

²⁵⁸ RESSTEL, Cizina Célia Fernandes Pereira. Transnacionalismo. In: **Desamparo psíquico nos filhos de dekassegui no retorno ao Brasil** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, p. 54.

vizinhos, como Uruguai e Argentina. Para tanto, eram acionadas as redes sociais destes imigrantes. Este fato vai ao encontro do enfoque do sociólogo italiano Maurizio Ambrosini que se volta para o transnacionalismo econômico, tratando dos “imigrantes que mobilizam seus contatos através das fronteiras para a procura de novos mercados e possibilidades”.²⁵⁹ Com uma produção intensa, estes profissionais alteraram a aparência e os costumes da cidade. Em um tempo em que as pessoas frequentavam assiduamente os espaços públicos, como praças, cemitérios e as principais ruas da cidade, os monumentos públicos, a escultura funerária e a escultura fachadista promoviam o gosto pela tradicional arte italiana.

O caso de Giuseppe Gaudenzi demonstra claramente esta influência e a necessidade de criar, em Porto Alegre, uma escola para suprir este mercado consumidor de arte italiana, instituído ao longo dos anos de atuação dos marmoristas italianos em Porto Alegre, desde a chegada de Adriano Pittanti. Uma mobilidade interna também é observada entre estes profissionais, que circulavam por diversas empresas. É possível encontrar um mesmo nome fazendo e desfazendo sociedades, trabalhando como empregado ou assumindo empreitadas (prestando serviços como profissional autônomo). As sociedades entre escultores italianos e alemães sugerem que estas estavam calcadas na habilidade artística dos primeiros, aliada ao pendor empreendedor dos segundos.

A preocupação com a manutenção das redes sociais fica evidente, por exemplo, no convite de Pellarin a Sanguin para trabalhar em Porto Alegre; na intensa participação de Giuseppe Floriani junto à colônia italiana, o consulado e a embaixada; na rápida inserção social de Gaudenzi em Porto Alegre; na constante presença dos Irmãos De Angeli e de Higyno Bertanha nos negócios da Marmoraria Lonardi e nos longos anos de trabalho de Sylvio Giusti para a mesma marmoraria. Por fim, deste estudo emerge um nome quase desconhecido, Bottari, que pode suscitar novas e interessantes pesquisas.

2.3 O apoio das redes sociais nos eventos migratórios e na inserção na sociedade porto-alegrense

A ideia de rede para Manuela Cunha é uma abstração para facilitar a descrição de um conjunto de relações em um determinado espaço social; não trata de um grupo bem definido e limitado, mas de “um campo de relações entre indivíduos (...). As redes se apoiam em relação

²⁵⁹ Apud. RUGGIERO, Antonio de. Empreendedores toscanos do mármore nas cidades brasileiros (1875-1914). In: MUSA FAY, Claudia, RUGGIERO, Antonio de. (org.) **Imigrantes Empreendedores na História do Brasil: estudos de casos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

à solidariedade e confiança, sendo que, habitualmente, a família é a base da rede”.²⁶⁰ Maria do Rosário Salles, ao estudar as trajetórias familiares e a constituição de diferentes formas de redes sociais, observou que “são bastante significativos os organismos de apoio, de ajuda internacional e todos aqueles que se formaram dentro das comunidades, dentro e fora do Brasil”. Salles cita como tipos de rede: a relação entre família e grupos de parentesco ou vizinhança e a relação das comunidades com os bairros.²⁶¹

Desde a primeira experiência imigratória de Leone, para os Estados Unidos, o apoio das redes sociais fica evidenciado. Leone Lonardi foi ao encontro de seu irmão Luigi, que apesar de não ter a mesma profissão poderia oferecer informações a respeito do “Novo mundo” e fornecer contatos que poderiam apontar locais de alojamento e referências para emprego. Segundo depoimento de Julio Lonardi, ao surgir uma oportunidade de trabalho na Filadélfia, para produzir capitéis para colunas de grandes bancos, Leone se instalou junto à colônia italiana daquela cidade.

Segundo depoimentos orais, a ideia da imigração de Leone Lonardi para o Brasil surgiu de conversas que este teve com seu novo amigo Pietro Biondani, em sua cidade, Fumane, em 1927. Os fragmentos dos diálogos entre Pietro e Leone são memórias herdadas pelo filho de Leone, Julio Lonardi e do sobrinho de Pietro, Renzo Biondani.²⁶² Para Michael Pollak, tanto a memória individual quanto a coletiva são constituídas, em primeiro lugar, por acontecimentos vividos pessoalmente e em segundo lugar, por acontecimentos que ele chama de “vividos por tabela”, que são os acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade a qual a pessoa se sente pertencer. Além dos acontecimentos, a memória é constituída de personagens e lugares que também podem ser memórias pessoais ou herdadas²⁶³. Ao utilizarmos depoimentos orais, precisamos ter em mente também que a memória é construída coletivamente e, como tal, sofre constantes mudanças, transformações e flutuações. Pollak lembra também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes e imutáveis²⁶⁴. Portanto, os depoimentos orais são utilizados aqui com a mesma lucidez com que utilizamos outras fontes, como documentos escritos e fotografias, por exemplo. Ou seja, devemos ter presente que as fontes não contêm verdades absolutas, que são produzidas pelo homem e que, portanto, estão sujeitas a múltiplas interferências e

²⁶⁰ CUNHA, Manuela Carneiro da. **Antropologia do Brasil**: mito, história e etnicidade. São Paulo: Brasiliense/Edusp, 1986.

²⁶¹ SALLES, Maria do Rosário R.. **Imigração, Família e Redes Sociais**: a experiência dos ‘deslocados de guerra’ em São Paulo, no pós Segunda Guerra Mundial. Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú- MG – Brasil, de 20- 24 de Setembro de 2004, p. 2.

²⁶² Depoimentos orais de Julio Lonardi e Renzo Biondani, arquivados no LAPHO PUCRS.

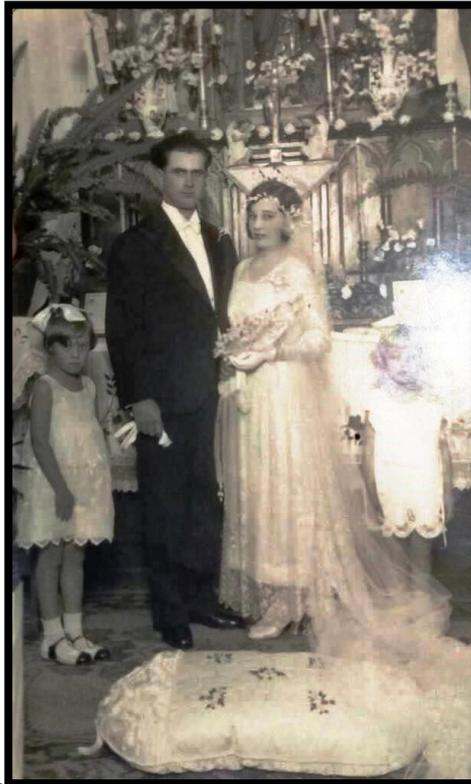
²⁶³ POLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: 1992. p. 201.

²⁶⁴ POLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: 1992. p. 201.

contradições. Reconhecendo a impossibilidade de atingir a verdade absoluta, meu esforço é, tão somente, de tentar entender o passado, buscando me aproximar ao máximo possível da verdade em relação aos acontecimentos passados, acreditando que esta aproximação se dá a partir do confronto entre diversas fontes, de naturezas também diversas.

Segundo Renzo Biondani, seu tio Pietro chegou a Porto Alegre em 1927, no mesmo ano da chegada de Leone. Julio Lonardi, em seu depoimento, diz que os dois não vieram juntos. Confirmando este depoimento, o nome de Pietro não consta na lista de passageiros do navio em que o casal Lonardi viajou para o Brasil. Portanto, não temos a data exata da chegada de Pietro Biondani. Em 1931, o jornal *A Federação* publica o edital de preparação de casamento de Pietro (Pedro) Biondani e Helenita Coelho Caldas.²⁶⁵ O casamento se realizou na igreja São Pedro (Figura 46). Esta era uma das igrejas mais requisitadas para os casamentos da elite porto-alegrense.

Figura 46 - Casamento de Pedro Biondani com Helenita Coelho Caldas.



Fonte: Acervo da família Biondani.

Em 1935, o mesmo jornal noticia o nascimento do filho do casal, Ernani.²⁶⁶ Pedro Biondani é citado por Günter Weimer, como construtor licenciado, nascido em 2 de janeiro de 1897 e falecido em 1944, associado ao engenheiro Deusdedit Vianna Nagel. Entretanto, o

²⁶⁵ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 09.03.1931, p.03 e 07.

²⁶⁶ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 01.07.1935, p.05.

autor encontrou um registro de que Biondani era arquiteto da firma Nagel, Biondani Ltda²⁶⁷. Na sessão de construtores do *Almanak Laemmert* de 1935 há um anúncio da firma Nagel & Biondani, na Rua Dr. Flores, 192 e outro anúncio com apenas o nome de Pedro Biondani, na Rua Felipe Camarão, 284. Da mesma forma, Deusdedit Nagel possui anúncio particular, com endereço na Rua Tomaz Flores, 82.²⁶⁸ A partir de 1936 o endereço da firma Nagel & Biondani muda para a Galeria Municipal, 25.²⁶⁹ O *Diário Oficial* de Porto Alegre de 1936 notifica o licenciamento de construtor de Pedro Biondani²⁷⁰. Em 2011, por virtude do alargamento viário no cruzamento da Rua Anita Garibaldi com a Avenida Carlos Gomes, a prefeitura de Porto Alegre declara a desapropriação de parte de um terreno que diz pertencer ou ter pertencido a Pedro Biondani.²⁷¹ Atualmente este é um dos locais de metro quadrado mais caro da cidade. Portanto, é possível observar que o amigo de Leone atingiu uma boa posição social e profissional em Porto Alegre.

Não podemos resgatar, na íntegra, os diálogos entre Leone e Pietro na Itália, mas é possível imaginar que Pedro tenha passado para Leone as informações sobre as oportunidades de trabalho existentes em Porto Alegre, relacionadas ao crescimento urbano da capital, assim como os contatos que viabilizaram moradia e trabalho no primeiro momento da imigração, considerando que Pietro era construtor e conhecia bem este mercado. Os conhecimentos adquiridos em sua experiência anterior, repassados a Leone, caracterizam uma cadeia ou rede migratória, tal como define Oswaldo Truzzi. O autor utiliza os termos para dar conta dos eventos imigratórios apoiados em informações prévias de imigrantes anteriores a respeito de oportunidades e dificuldades relacionadas às questões de emprego, alojamento e recursos para financiar a viagem. Estas cadeias ou redes se formam a partir de laços de parentesco, amizade e vizinhança entre migrantes, migrantes anteriores e não migrantes, nas áreas de origem e de destino.²⁷²

Segundo os relatos de Julio Lonardi²⁷³ e Renzo Biondani²⁷⁴, Leone estava esculpindo um monumento aos mortos da Primeira Guerra, em sua cidade, Fumane, comuna da província

²⁶⁷ WEIMER, Güinter. **Arquitetos e Construtores no Rio Grande do Sul**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2004, p. 33.

²⁶⁸ *Almanak Laemmert*, Rio de Janeiro, 1935, p. 1061-1063.

²⁶⁹ *Almanak Laemmert*, Rio de Janeiro, 1936, p. 1233; *Almanak Laemmert*, Rio de Janeiro, 1938, p.788.

²⁷⁰ *Diário Oficial*, Porto Alegre, 03.08.1936, p. 17011.

²⁷¹ Disponível em: <<http://www2.portoalegre.rs.gov.br/cgi-bin/nph-brs?s1=000031909.DOCN.&l=20&u=/netahtml/sirel/simples.html&p=1&r=1&f=G&d=atos&SECT1=TEXT#hb>>

²⁷² TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social** – Revista de Sociologia da USP, São Paulo, 2008, p. 203.

²⁷³ Entrevista da autora com Julio Lonardi, realizada em 01 de agosto de 2018. Transcrita e depositada no acervo do Lapho, PUCRS, p. 02.

de Verona, quando conheceu Pietro Biondani que trabalhava na construção de uma estrada de ferro, próxima dali. Os dois começaram a conversar e se tornaram amigos. Pietro contou que estivera em Porto Alegre, para onde pretendia retornar, pois estava noivo da filha de um grande construtor italiano, para o qual trabalhara. E, então, convidou Leone para vir para Porto Alegre com ele. Ao ser questionado sobre a ida de Leone para os Estados Unidos, Julio Lonardi disse que “O serviço ali na Itália parou, diminuiu”. Provavelmente, esta foi a ideia que seu pai lhe passou. Entretanto, não conhecemos as circunstâncias que levaram a esta diminuição de trabalho e se isso era uma realidade do país, da região ou pessoal de Leone.

Sabemos que em 1923, quando Leone vai para os Estados Unidos, a Itália ainda passava por dificuldades, se recuperando lentamente dos prejuízos contabilizados com sua participação na Primeira Guerra Mundial. Porém, em 1927, quando Leone vem para o Brasil, seu país vive um período de ascensão econômica. Apesar disso, é possível imaginar que o mercado de trabalho para os escultores fosse um tanto saturado naquela região, considerando que Verona formava estes profissionais, além da proximidade com Florença e Veneza, grandes centros artísticos da Itália. Não há relatos ou fontes escritas que mostrem que Leone tivesse vínculo com alguma empresa na Itália, assim como não encontramos nenhum outro escultor na família Lonardi. Podemos imaginar, portanto, que lhe faltasse uma rede de relações forte, ligada à sua profissão, que garantisse seu pleno estabelecimento na Itália e que, por isso, procurasse estabelecer vínculos com profissionais da construção civil, área em que havia trabalhado nos Estados Unidos.

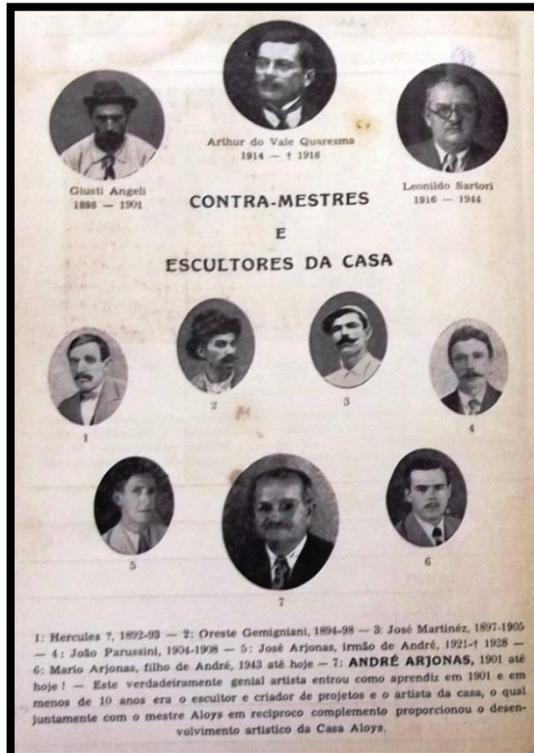
Logo no início da pesquisa, numa das primeiras conversas com o senhor Julio Lonardi, antes de começar as entrevistas, ele me contou que quem buscou seu pai no porto, na chegada a Porto Alegre, fora um homem do qual ele só lembrava o sobrenome, Sartori. Contou também que logo que seu pai chegou trabalhou na Casa Aloys, uma das maiores marmorarias do Rio Grande do Sul deste período. Examinando o Histórico Comemorativo da Casa Aloys, de 1950²⁷⁵, encontrei o nome de Leonildo Sartori, um contramestre da Aloys que, segundo este histórico, teria trabalhado na empresa de 1916 a 1944 (Figura 47). No entanto, a assinatura de Leonildo aparece na lista dos funcionários grevistas de 1914, da Casa Aloys²⁷⁶ (Figura 48), o que prova que ele já trabalhava há mais tempo nesta firma.

²⁷⁴ Entrevista da autora com Renzo Biondani, realizada em 13 de setembro de 2017. Transcrita e depositada no acervo do Lapho, PUCRS.

²⁷⁵ **Noticiário Semanal – Histórico da Casa Aloys, indústria do mármore, granito e bronze.** Oferecido aos seus amigos e fornecedores em comemoração aos 65 anos de sua fundação e atividade 1884-1949 para o ano de 1950, n.p. O exemplar pesquisado se encontra junto ao acervo da família Lonardi. (Há também um exemplar deste álbum no acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul).

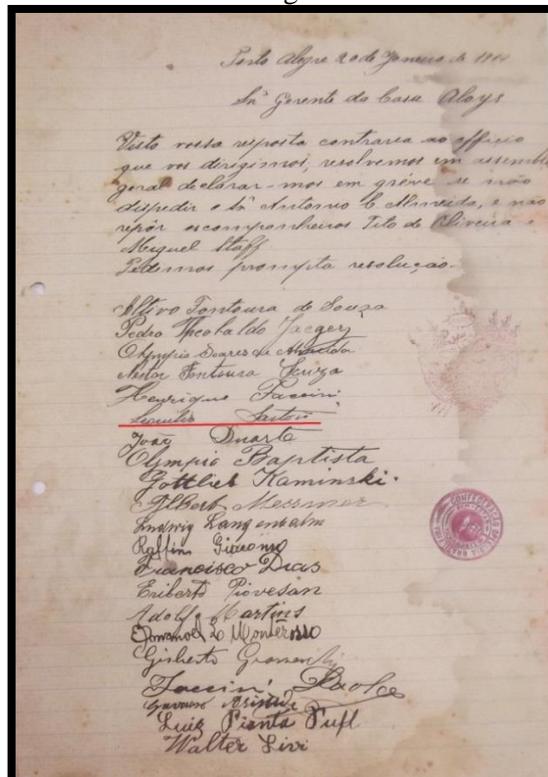
²⁷⁶ Acervo da Casa Aloys – Arquivo DELPHOS – Biblioteca Central – PUCRS.

Figura 47 – Leonildo Sartori no Álbum Comemorativo da Casa Aloys.



Fonte: Noticiário Semanal – Histórico da Casa Aloys²⁷⁷.

Figura 48 – Leonildo Sartori na lista de grevistas de 1914 da Casa Aloys bronze.



Fonte: Acervo da Casa Aloys, Arquivo Delphos, Biblioteca da PUCRS.

²⁷⁷ Noticiário Semanal – Histórico da Casa Aloys, indústria do mármore, granito e bronze. Oferecido aos seus amigos e fornecedores em comemoração aos 65 anos de sua fundação e atividade 1884-1949 para o ano de 1950, n.p.

O jornal *A Federação* do dia 18 de fevereiro de 1928, reproduz um comunicado do Rio de Janeiro de que o Ministro da Justiça havia naturalizado brasileiros, dois italianos residentes no Rio Grande do Sul, entre eles, Leonildo Sartori²⁷⁸. Na listagem eleitoral de 1929, publicada no mesmo jornal, consta que Leonildo Sartori tinha 46 anos de idade, era marmorista, residia à Avenida Teresópolis, número 2128 e apresentara carta de naturalização²⁷⁹. Segundo depoimento de Julio Lonardi, seu pai residiu à Rua Santo Antonio, logo que chegou a Porto Alegre, mas pouco tempo depois, se mudou para Teresópolis. As coincidências do local de trabalho e de residência entre Leone Lonardi e Leonildo Sartori, levam a crer que tenha sido este o Sartori que buscou Lonardi no porto.

Após trabalhar seis meses na Casa Aloys, em agosto de 1928, como consta no primeiro livro caixa da empresa, Leone se associou a Arlindo Teixeira que fora letrista²⁸⁰ daquela empresa. Os dois fundaram a Marmoraria Lonardi & Teixeira, instalada na Lomba do Cemitério. Provavelmente, a possibilidade de ser proprietário de uma marmoraria foi a maior motivação da decisão de imigração de Leone Lonardi. O objetivo geral dos imigrantes era de alcançar fortuna. Para Stella Borges grande se tornar pequenos e médios proprietários também era um objetivo dos imigrantes urbanos.²⁸¹

Além das entradas de capital dos sócios, contaram também com um empréstimo de um capitalista italiano do ramo têxtil, Henrique Paccini, como consta na primeira página do primeiro livro caixa da empresa, referente às entradas de caixa do mês de agosto de 1928. (Figura 49). Henrique Paccini era cunhado de Arlindo Teixeira. Paccini fazia parte do conselho fiscal do “Club Canottieri Duca Degli Abruzzi”²⁸². O marmorista Vittorino Zani também fazia parte deste clube, assim Egisto Zani, Dante Damiani e Italo Damiani.²⁸³ Em 1929, Vittorino Zani, que era sócio da firma Zani & Gringhelli projetou a nova sede social e

²⁷⁸ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 16.02.1928, p.06.

²⁷⁹ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 24.09.1929, p.12.

²⁸⁰ O letrado era quem produzia as letras, geralmente em metal, que eram colocadas nos túmulos e nos monumentos.

²⁸¹ BORGES, Stella. Italianos e o Movimento Operário em Porto Alegre. In: **Revista de Estudos Ibero-Americanos / Pós-Graduação de História PUCRS** – Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995, p. 130.

²⁸² O Clube italiano “Canottieri Duca Degli Abruzzi” foi um clube de regatas, constituído por italianos e seus descendentes em sessão na “Società Vittorio Emmanuele II”, presidida por Alexandre Piccini, no dia 9 de fevereiro de 1908. In: *Estudo sobre o Clube italiano Canottieri Duca Degli Abruzzi sua criação em ordem cronológica*. 48p. O documento integra o acervo doado por Henrique Licht. Centro de Memória do Esporte. Repositório digital Lume, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/71025>>

²⁸³ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 04.02.1922, p.02.

garagem de remo do referido clube. Em 1922, o mesmo clube inaugurou o busto do Duque de Abruzzi, Amedeo di Savoia, de autoria do escultor Vittorio Zani.²⁸⁴

Os inúmeros clubes, associações e sociedades de mútuo socorro, italianos, que se formaram no Rio Grande do Sul, tiveram um importante papel na formação e manutenção de redes sociais entre os imigrantes que apoiavam os recém-chegados. Mesmo que Lonardi não fizesse parte de nenhuma destas agremiações, é possível perceber que desde a sua chegada ele esteve próximo de sua rede étnica e manteve ligação com italianos que já haviam atingido importantes posições na sociedade local.

Figura 49 – Primeira página do primeiro livro caixa da Marmoraria Lonardi & Teixeira.

Deve	Caixa do mez
Capital Leone Lonardi	4.348.000
Armando Teixeira	4.348.000
Am. Aralino H. Sacchi	3.000.000
Colo. p. conta W. Kumpferger	2.000.000
21 Teodoro Talão 47	160.000
22 " " " 2	180.000
27 " " " 3	0 50.000
30 1 M. M. M. M. M.	2.000.000
31	

Fonte: acervo da família Lonardi.

Na primeira folha de saídas de caixa, encontra-se o nome de Eugênio, efetuando uma retirada em dinheiro de 155\$000 (cento e cinquenta e cinco mil réis), valor mais alto do que a do sócio Teixeira, que retirou 105\$000 (cento e cinco mil réis), enquanto Lonardi não fez nenhuma retirada neste primeiro mês. Nas páginas seguintes, aparecem registros com o nome completo de Eugênio Balestrin. E nos meses que se seguem as retiradas de Eugênio continuam sendo maiores do que as dos sócios e constantemente aparecem retiradas menores para o bonde. Enquanto o pagamento de outros profissionais aparece como salário, o de

²⁸⁴ **Estudo sobre o Clube Italiano Canottieri Duca Degli Abruzzi sua criação em ordem cronológica.** p. 4-5. In: Repositório digital Lume, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/71025>>

Eugênio aparece como retiradas, assim como dos sócios. Julio Lonardi se lembra dele como um gerente de vendas da marmoraria. Porém, na listagem eleitoral de 1924, consta que Eugênio Balestrin era marmorista. Consta também que ele estava com 23 anos de idade, portanto, tinha em torno de 27 anos quando começou a trabalhar para Lonardi e Teixeira.²⁸⁵ Em 1929, Eugenio Balestrin fazia parte da Sociedade Beneficente União e Progresso.²⁸⁶ Ao longo dos anos, o nome de Eugênio continua aparecendo, tanto nos livros caixas, quanto no livro ponto. No livro caixa de 1934 os pagamentos de Eugênio aparecem como ordenados ou comissões. Não sabemos qual era a função inicial dele na marmoraria, mas as constantes retiradas de dinheiro para o bonde levam a crer que ele fizesse um trabalho externo que poderia ser vendas ou supervisão das obras. Em um processo de despejo, de 1949, movido por Eugenio e sua esposa Nilza Balestrin, consta que ele era industriário.²⁸⁷ Este termo era utilizado por empregados de algumas marmorarias que cresceram ao ponto de não serem mais consideradas oficinas, e sim, pequenas indústrias.

Nos negócios realizados no segundo mês, os sobrenomes italianos prevalecem. Como mostra o livro caixa, em setembro a marmoraria contou com mais 4:000\$000 (quatro contos de réis) de empréstimos de Henrique Paccini e realizou trabalhos ou vendas para Capelleti, Damiani, Bertanha e Brunelli. Alguns destes nomes podem ser encontrados nos jornais da época. Encontrei os nomes: Máximo Capelleti e Cornélio Capelleti. Este último fazendo parte do sindicato do Álcool e Aguardente, em 1937²⁸⁸, o mesmo sindicato do qual fez parte Julio Brunelli. Em outubro, a empresa de Lonardi produziu um monumento de cantaria para Damiani. Os irmãos Damiani eram industriais do ramo alimentício, mais precisamente, fabricavam massas, um produto étnico destinado, principalmente, ao uso dos imigrantes e descendentes italianos. Desde 1911, se encontram anúncios da empresa Irmãos Damiani, dos sócios: Agostinho, Abraão, Elias e Virgílio Damiani.²⁸⁹ E vale lembrar que os Damiani faziam parte do mesmo clube ao qual pertencia Henrique Pacini. Bertanha era sócio da oficina de mármore Bertanha, Keller & Cia.²⁹⁰, que ficava ao lado da Marmoraria Lonardi & Teixeira. O que mostra que, apesar da concorrência, havia um bom relacionamento entre estes empresários. Na página referente às saídas de caixa de setembro, há o pagamento de 500\$000 (quinhentos mil réis) por conta da construção da marmoraria, pagos a Pedro. Segundo

²⁸⁵ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 03.04.1924, p.14.

²⁸⁶ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 10.03.1926, p.06.

²⁸⁷ Ação de despejo de número 13.40, do 5º Tabelionato de Notas, de 01.12.1949, requerida por Eugenio Balestrin e Nilza Balestrin – Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS).

²⁸⁸ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 05.01.1937, p.01.

²⁸⁹ **Almanak Laemmert**, Rio de Janeiro, 1911, p. 3836 e 3837.

²⁹⁰ **Almanak Laemmert**, Rio de Janeiro, 1935, p. 1082.

noiva. Segundo a listagem eleitoral de 1929, Julio Brunelli, filho de José Brunelli, tinha 24 anos de idade e era solteiro.²⁹¹ Portanto, em 1927, Julio Brunelli tinha apenas 22 anos idade. Surge, então, um novo Brunelli, José Brunelli, o pai de Julio e Luiz. Talvez a jovem em questão fosse irmã de Julio e o Brunelli ao qual Renzo se referiu, fosse seu pai, José. Esta hipótese é reforçada pelo anúncio de nascimento de Othylia, filha de José Brunelli no jornal *A Federação* do dia 04 de novembro de 1907.²⁹² Ela teria, portanto, 20 anos de idade quando Pietro retornou para o Brasil. Seria, então, possível que ela fosse a mencionada noiva do amigo de Leone Lonardi.

Como já referido, Pietro Biondani estaria noivo da filha de um grande construtor e capitalista de Porto Alegre. Eis que os jornais mostram que José Brunelli era um grande construtor e capitalista. Em 1909, aparece no jornal *A Federação* a sua cobrança ao estado do valor de 800\$000 (oitocentos mil réis) referentes a duas carroças e muares para o serviço de estradas.²⁹³ Em 23 de setembro do mesmo ano, há um despacho da Secretaria de Obras Públicas em seu nome, referente a obras de uma ponte.²⁹⁴ Em 1910, seu nome está entre nomes como João Meneghetti, Mario Totta, General Mena Barreto, entre outros. Ele era um dos diretores da comissão criada para a ereção da igreja Nossa Senhora da Saúde, no Bairro Teresópolis.²⁹⁵ Em Junho de 1910, há um ofício do secretário de obras públicas determinando o pagamento de 5:664\$612 (cinco contos, seiscentos e sessenta e quatro mil e seiscentos e dose réis) a José Brunelli, referentes à construção da estrada de Garibaldi a Montebelo.²⁹⁶ Em 21 de dezembro do mesmo ano, recebeu 8:626\$880 (oito contos, seiscentos e vinte e seis mil e oitocentos e oitenta réis), referentes às obras da mesma ponte.²⁹⁷ Em 14 de janeiro de 1911, recebeu 2:162\$968 (dois contos, cento e sessenta e dois mil e novecentos e sessenta e oito réis), referentes à mesma obra.²⁹⁸ José Brunelli também era produtor de uvas em Porto Alegre, sendo premiado na exposição de 1919, juntamente com Vicente Monteggia, entre outros.²⁹⁹

Portanto, podemos imaginar que José Brunelli fosse o grande construtor para o qual Pietro trabalhara na primeira vinda ao Brasil. Embora, para Julio Lonardi, seu pai tenha conhecido a família Brunelli apenas quando foi morar no bairro Teresópolis³⁰⁰, é possível

²⁹¹ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 24.09.1929, p.14.

²⁹² Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 04.11.1907, p.02.

²⁹³ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 11.08.1909, p.01.

²⁹⁴ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 23.09.1909, p.01.

²⁹⁵ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 31.03.1910, p.04.

²⁹⁶ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 28.06.1910, p.01.

²⁹⁷ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 21.12.1910, p.01.

²⁹⁸ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 14.01.1911, p.01.

²⁹⁹ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 25.01.1919, p.01.

³⁰⁰ Entrevista da autora com Julio Lonardi, realizada em 01 de agosto de 2018. Transcrita e depositada no acervo do Lapho, PUCRS, p. 04.

imaginar que Pietro tenha conhecido esta família antes disso. Esta hipótese nos leva a outra. Podemos imaginar também que Lonardi tenha recebido, já na Itália, através de Pietro, as informações a respeito das negociações em torno das obras da catedral e do possível apoio dos Brunelli em sua inserção nos trabalhos da dita igreja. Em todos os livros caixas existentes da Marmoraria Lonardi, de 1928 a 1934, aparecem trabalhos realizados na Catedral Metropolitana. Esta obra foi fundamental para o estabelecimento de Lonardi em Porto Alegre.

Em 20 de dezembro de 1917, José Brunelli adquiriu uma casa na Avenida Teresópolis, no valor de 4:000\$000 (quatro contos de réis).³⁰¹ Esta era, provavelmente, a casa vizinha a de Leone Lonardi, a qual Julio Lonardi se referia quando disse que seu pai conheceu o Brunelli quando foi morar no bairro Teresópolis. No cadastramento eleitoral de 1929, Julio Brunelli comprovou residência através de recibos do prédio nº 2471 da Avenida Teresópolis.³⁰² Em janeiro de 1927, meses antes da chegada de Lonardi a Porto Alegre, Brunelli comprou um terreno à Avenida Teresópolis, por 4:800\$000 (quatro contos e oitocentos mil réis).³⁰³ Em janeiro de 1928, José Brunelli adquiriu outro terreno na Avenida Orfanotrófio, por 11:250\$000 (onze contos e duzentos e cinquenta mil réis).³⁰⁴ Era um valor bastante alto, principalmente para esta avenida que era pouco povoada à época. Isso indica que era um terreno grande. Provavelmente este era o terreno da referida pedreira. A Avenida Orfanotrófio fica aos fundos de uma grande pedreira do bairro Teresópolis, de onde imagino que foi retirado o granito para a construção da Catedral.

Segundo o jornal *A Federação*, o granito das colunas da catedral foi extraído de uma pedreira localizada no bairro Teresópolis e as obras eram dirigidas pelo cônego José de Nadal.³⁰⁵ Segundo Julio Lonardi, havia uma oficina de granitos para a catedral nas proximidades da igreja Medianeira, no bairro de mesmo nome, adjacente ao bairro Teresópolis. José Brunelli adquiriu também partes de casinhas da Estrada da Cascata, por 5:000\$000 (cinco contos de réis)³⁰⁶, também no bairro Medianeira, que podem ter dado lugar às oficinas para o granito da catedral.

O necrológio de José Brunelli de 91 anos de idade, falecido em 06 de fevereiro de 1955, conta que ele era construtor e também condutor de obras do Estado; que abriu as estradas de Taquara e no distrito de Criúva, em Caxias do Sul; colocou a ponte Sokorf sobre o rio das Antas, entre outras; “colaborou na construção da nova Catedral Metropolitana, cujos

³⁰¹ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 20.12.1911, p.06.

³⁰² Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 24.09.1929, p.14.

³⁰³ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 08.01.1927, p.04.

³⁰⁴ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 17.01.1928, p.05.

³⁰⁵ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 27.09.1933, p.02.

³⁰⁶ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 10.11.1928, p.04.

serviços de pedras lavradas e colocação das colunas, desde embasamento de cripta até aos grandes arcos da cúpula, foram feitos sob a sua direção”. Deixou os filhos Antonio, Luiz, Julio e Ercilia esposa de Piero Sassi.³⁰⁷ Esta que neste anúncio aparece como Ercilia, no casamento com Piero Sassi, diretor do Sindicato da Banha, aparece como Odilia³⁰⁸ e parece ser a mesma que no nascimento aparece como Othylia.³⁰⁹ Segundo Julio Lonardi, o noivado de Pedro Biondani com a filha do grande construtor para quem trabalhava foi desfeito devido a desentendimentos nos negócios. Não encontrei nenhuma referência ao Pedro Biondani nos documentos relacionados às obras da catedral.

O sucesso empresarial do sócio de Leone Lonardi, Julio Brunelli, nos anos que se seguem é percebido em diversos anúncios dos jornais da época. Em 1934, era membro do sindicato do Álcool e Aguardente Sul Riograndense.³¹⁰ Em 1935 estava na lista dos participantes de uma homenagem, no Novo Hotel Jung, a Fernando Scalzilli, industrialista e diretor da Sociedade Brasileira de Vinhos e do Sindicato do Álcool e Aguardente Sul Riograndense que faria uma viagem marítima ao Rio de Janeiro.³¹¹ Na década de 1950, Julio Brunelli compôs a comissão de produtores de leite recebida pelo governador Ildo Meneghetti.³¹² Recebeu dois prêmios na exposição Estadual de Animais: reprodutores puros e produtores de leite. E foi homenageado pelo governador Ildo Meneghetti. Brunelli possuía a Granja Maripiera desde 1950. Era criador de vacas holandesas e possuía um tambo de leite no bairro Belém Velho.³¹³ Foi premiado na XXIII Exposição Nacional de Pecuária.³¹⁴ Em dezembro de 1957, os produtores de leite lançaram a candidatura de Julio Brunelli a Deputado Estadual.³¹⁵ Segundo a revista *Veja*, foi deputado estadual e um dos fundadores da extinta Arena e do PDS. Foi também fundador-presidente da Companhia Rio Grandense de Laticínios e Correlatos e secretário da extinta União Democrática Nacional, a UDN. Julio Brunelli morreu no dia 19 de fevereiro, 1990, aos 84 anos, em Porto Alegre.³¹⁶

Os livros caixas e o livro ponto de 1931 e 1932 evidenciam que alguns dos trabalhadores da Marmoraria Lonardi eram italianos ou descendentes. No terceiro mês de funcionamento da marmoraria, em outubro de 1928, há registros de três pagamentos de salário

³⁰⁷ **Jornal do Dia**, Porto Alegre, 08.02.1955, p.05.

³⁰⁸ **Jornal A Federação**, Porto Alegre, 08.09.1931, p.03.

³⁰⁹ **Jornal A Federação**, Porto Alegre, 04.11.1907, p.02.

³¹⁰ **Jornal A Federação**, Porto Alegre, 22.11.1934, p.04.

³¹¹ **Jornal A Federação**, Porto Alegre, 26.07.1935, p.06.

³¹² **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 15.06.1955, p.02.

³¹³ **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 11.09.1955, p. 09.

³¹⁴ **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 23.09.1956, p.06.

³¹⁵ **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 18.12.1957, p. 13.

³¹⁶ Revista *Veja*, 28.02.1990, p. 65.

ao marmorista José Giusti, sobre o qual não encontrei nenhum outro registro, na bibliografia, na imprensa ou em qualquer outro documento. Provavelmente, tinha parentesco com Sylvio Giusti que trabalhou para Lonardi e para a Casa Aloys. Este último, por sua vez, como já foi mencionado anteriormente, era italiano. Seu nome aparece em todos os livros caixas pesquisados da empresa. Segundo Julio Lonardi, Sylvio era canteiro. Até junho de 1932, ele aparece no livro ponto como graniteiro e um dos funcionários mais bem pagos. Apenas na última página, ele aparece como canteiro.

O livro ponto da marmoraria apresentam outros sobrenomes italianos, como de Armando Cucinatto, que em outubro de 1931 passa de graniteiro a marmorista. Segundo Julio Lonardi, Armando Cucinatto possuiu uma pequena oficina próxima a Marmoraria Lonardi & Teixeira.³¹⁷ O nome de Cucinatto consta em uma das listas de funcionários da Casa Aloys, sem data.³¹⁸ Havia, também, seu gerente de vendas Eugenio Balestrin, o ferreiro Gustavo Sundin, os escultores Luiz Sanguin e Benjamin Bottari, o freteiro Arlindo Lonarte e Otavio Balboni, cuja função não foi identificada.

Inúmeros fios se entrelaçam nas redes de relacionamentos de Leone Lonardi. Uma matéria do jornal *A Federação*, com uma história um tanto cômica, mostra a amizade entre dois italianos da rede de relações de Lonardi: Leonildo Sartori e Virgilio Zani³¹⁹. O primeiro foi colega de trabalho de Leone na Casa Aloys e, provavelmente, foi quem o recebeu no porto quando este chegou à cidade. O segundo foi fornecedor e prestador do serviço de Lonardi, como serviços de armação que aparecem nos livros caixas. A referida matéria diz que Zani e outros dois amigos eram de nacionalidade italiana.³²⁰

Ao perceber a amizade de Sartori e Zani e notar o sobrenome Zani nos livros caixas da marmoraria, perguntei ao senhor Julio Lonardi se lembrava deste nome. O senhor Julio Lonardi menciona em seu depoimento que o Zani, que fazia serviços para o seu pai, possuía uma oficina nas proximidades da marmoraria. Menciona também que Virgilio Zani fazia parte

³¹⁷ Trecho da entrevista da autora com Julio Lonardi, realizada em 29 de setembro de 2018. Transcrita e depositada no acervo do Lapho, PUCRS, p. 3.

³¹⁸ Acervo da Casa Aloys, Arquivo Delphos, Biblioteca da PUCRS. Na documentação da Casa Aloys, Cucinatto assina com “s” e apenas um “t”, Cusinato.

³¹⁹ A referida matéria conta que Virgilio Zani, em 1917, possuía uma oficina mecânica à Rua Venâncio Aires. Neste ano, este se envolveu em um cômico acidente. Tomou de empréstimo, sem pedir permissão, um luxuoso automóvel de um cliente e resolveu dar um passeio com três amigos, entre eles, Leonildo Sartori. Andando em alta velocidade pelos trilhos do bonde, no sentido do Bairro Azenha para o Bairro Glória, ao chegar ao Bairro Teresópolis tentou desviar do bonde que vinha no sentido contrário e foi atingido por outro que vinha logo atrás do automóvel, que foi lançado em direção ao outro bonde. O veículo ficou totalmente destruído. O motorista e os passageiros foram socorridos pelo intendente José Montauray que passava pelo local.

³²⁰ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 27.08.1917, p.08.

do grupo de caça de Leone e que a família Zani fez a Garagem Fiat, na Lima e Silva. Acredita que Virgilio fosse irmão do marmorista Vittorino Zani.³²¹

No convite para o enterro de Virgilio Zani, consta o nome e Victorino Zani³²², sem mencionar o grau de parentesco. Havia em Porto Alegre, neste período, um escultor, filho de italianos, chamado Victorino Zani, que foi discípulo de Giuseppe Gaudenzi e sócio da firma Zani & Ghiringhelli. Vittorino Zani foi arquiteto, construtor, escultor e modelador, realizou um grande número de obras, incluído muitas igrejas.³²³ Este último, como demonstrado anteriormente, fazia parte da diretoria de um clube italiano, juntamente com Damiani. Reforçando a ideia de que todos faziam parte da mesma rede de relações, há uma despesa da marmoraria Lonardi em nome de Zani e Damiani, do mês de setembro de 1930.

O apoio de membros da chamada colônia italiana de Porto Alegre na primeira fase da empresa de Lonardi fica evidente nas primeiras páginas do livro caixa, pela forte presença de sobrenomes italianos, entre clientes, fornecedores, credores, sócios e empregados. Lonardi tem como clientes nomes como Faccinati, da oficina de mármore M. Faccinati; Higyno Bernardi; Henrique Cia e Filhos. Estas duas empresas eram vizinhas de Lonardi, na Lomba do Cemitério. Higyno Bernardi era sócio da firma Bernardi & Sassi.³²⁴ Aqui é importante lembrar que um membro da família Sassi viria a ser cunhado de Julio Brunelli; Na década de 1930, essa oficina se chamava Bertanha, Keller e Cia.³²⁵ Keller também foi sócio da empresa Keller & Santos com o português Alfredo Marcelino Santos que, mais tarde, saiu desta sociedade e em 1948 se tornou sócio da Marmoraria Lonardi.³²⁶ Em 1951, Lonardi comprou um prédio pertencente à herança de Hygino Bertanha.³²⁷ Os negócios com Bertanha são muito frequentes nos meses que se seguem. Este era cliente e prestava serviços a Lonardi. Negócios com outros marmoristas vizinhos, como os Irmãos De Angeli, e Piattelli também aparecem constantemente nos livros. Vários outros nomes italianos aparecem nos livros caixas como: Natale Calcagni, Filippeto, Carlos Bertoni, Fuccini, Friteli, Falanga, Fogassi, Baccari, Cecchini, José Carillo, Luiz Scoziero, Ricieri Zandonai, Scalzili, Gotuzzo.

³²¹ Entrevista da autora com Julio Lonardi, realizada em 29 de setembro de 2018. Transcrita e depositada no acervo do Lapho, PUCRS, p. 12.

³²² **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 14.11.1959, p.6.

³²³ **Jornal do Dia**, Porto Alegre, 14.07.1960, p.06.

³²⁴ **Jornal A Federação**, Porto Alegre, 12.07.1932, p.04.

³²⁵ **Almanak Laemmert**, Rio de Janeiro, 1936, p. 1247.

³²⁶ Conforme alteração do contrato social, anexo ao inventário de Loene Lonardi, de 1962 (folhas 15 e 16). Acervo do Arquivo Público do Rio Grande do Sul (APERS).

³²⁷ Segundo consta na folha 9 do inventário de Leone Lonardi, de 1962, pertencente ao acervo do Arquivo Público do Rio Grande do Sul (APERS).

Leone costumava caçar com um grupo de italianos e descendentes, entre eles Virgílio Zani, Angelo Piattelli e Guilherme Scoziero. Este último trabalhava no cemitério São Miguel e Almas construindo carneiras subterrâneas e foi quem apresentou a Leone sua segunda esposa, a professora Genoveva, após o falecimento da primeira esposa, Maria.³²⁸ Nos casamentos, a manutenção da rede de relacionamentos também é evidente. Elvira Santos, filha de Alfredo Santos, do sócio de Leone, casou-se com seu filho Julio Lonardi. A filha Leda se casou com Telêmaco Piattelli, filho do marmorista Ferruccio Piattelli, e a filha Eda, casou-se com o primo Giulio Franchetto, filho de Elvira, irmã de Leone.

Estes imigrantes provinham de diversas regiões da Itália, onde por conta da recente unificação ainda não havia um forte sentimento de identidade étnica italiana. Entretanto, no país de destino este sentimento se fortalecia. Como bem notaram Bevilacqua, De Clementi e Franzina, o imigrante italiano, embora tenha se adaptado facilmente à realidade brasileira e conservado sua identidade localista, ao longo do tempo, a etnicidade implicaria em duas noções “nós” e “eles”. Pelo fato de serem considerados, pelos brasileiros, genericamente italianos, os imigrantes adquiriram um sentido de pertencimento comum mais forte do que em sua pátria.³²⁹ Para Manuela Carneiro da Cunha, a etnicidade é, sobretudo, funcional nos processos de inserção e de ascensão social.³³⁰

As sociedades e clubes italianos tiveram um importante papel no fortalecimento deste sentido de pertencimento étnico e no apoio aos novos imigrantes. Nos jornais da época fica clara a participação ativa dos imigrantes italianos bem sucedidos nas inúmeras sociedades e clubes, não só de Porto Alegre, como em todas as cidades do Rio Grande do Sul onde havia uma presença significativa de italianos. O apoio de imigrantes já estabelecidos aos novos imigrantes, em fase de inserção social, mantinha o funcionamento dos canais étnicos e das redes migratórias, assim como facilitava a ascensão social do grupo no novo país.

Mas, a rede de relacionamento de Lonardi não se restringia aos imigrantes italianos. Apesar de manterem fortes seus laços étnicos, não convinha ao processo de inserção na sociedade local que estes grupos se isolassem. As redes se baseavam também em outras

³²⁸ Trecho da entrevista da autora com Julio Lonardi, realizada em 29 de setembro de 2018. Transcrita e depositada no acervo do Lapho, PUCRS, p.14.

³²⁹ “Pur inserendosi facilmente nella realtà brasiliana e conservando a lungo un’indentità localistica, il fatto che l’eticità implicasse solo due nozioni – “noi” e loro” - e che i brasiliani li vedessero come genericamente italiani, spiense gli immigrati ad acquisire un senso di comune appartenenza più forte che in pátria.” In: BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio (org.). Apresentação. In: BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio. **Storia dell'emigrazione italiana**. Donzelli Editore, Roma: 2000. P15-16.

³³⁰ CUNHA, Manoela Carneiro da. **Antropologia do Brasil: mito, história e etnicidade**. São Paulo: Brasiliense/Edusp, 1986, p. 117.

identidades de grupo, como a religiosa, a profissional e de posição social. No caso de Leone Lonardi, é possível observar que, ao chegar a Porto Alegre, Leone trabalhou na marmoraria de imigrantes alemães, a Casa Aloys. Seis meses depois, se associou a um funcionário de origem portuguesa. E, mais tarde, constituiu dois novos sócios, portugueses, sendo que um deles foi padrinho de seus quatro filhos e a filha do outro se casou com seu único filho homem.

A continuidade das boas relações entre Lonardi e os Friederichs se percebe desde os primeiros meses de funcionamento da firma, no registro de compra de mármore da Casa Aloys para a Marmoraria Lonardi & Teixeira. Nos anos seguintes, a Casa Aloys de Jacob Aloys Friederichs e a oficina de seu sobrinho João Vicente Friederichs continuam aparecendo como fornecedores nos livros da marmoraria Lonardi.

Outra empresa de alemães que aparece constantemente entre os fornecedores de Lonardi é a Warstat & Ely. A empresa Irmãos Ely foi por muito tempo uma das maiores empresas de materiais de construção. A Warstat & Ely possuía uma oficina de galvanoplastia³³¹, onde provavelmente, Lonardi mandava fundir as esculturas de bronze até que sua oficina estivesse devidamente equipada para tal.

É importante notar que os indivíduos de outras etnias, presentes na rede de relacionamento do italiano Leone Lonardi, pertencem a mesmo campo profissional, das marmorarias e da construção civil. Portanto, é possível observar que as redes sociais de Leone Lonardi se formam a partir de dois grupos, o étnico e o profissional. Sendo que, o primeiro grupo se apresenta mais numeroso e mais próximo, em diversos mecanismos de apoio.

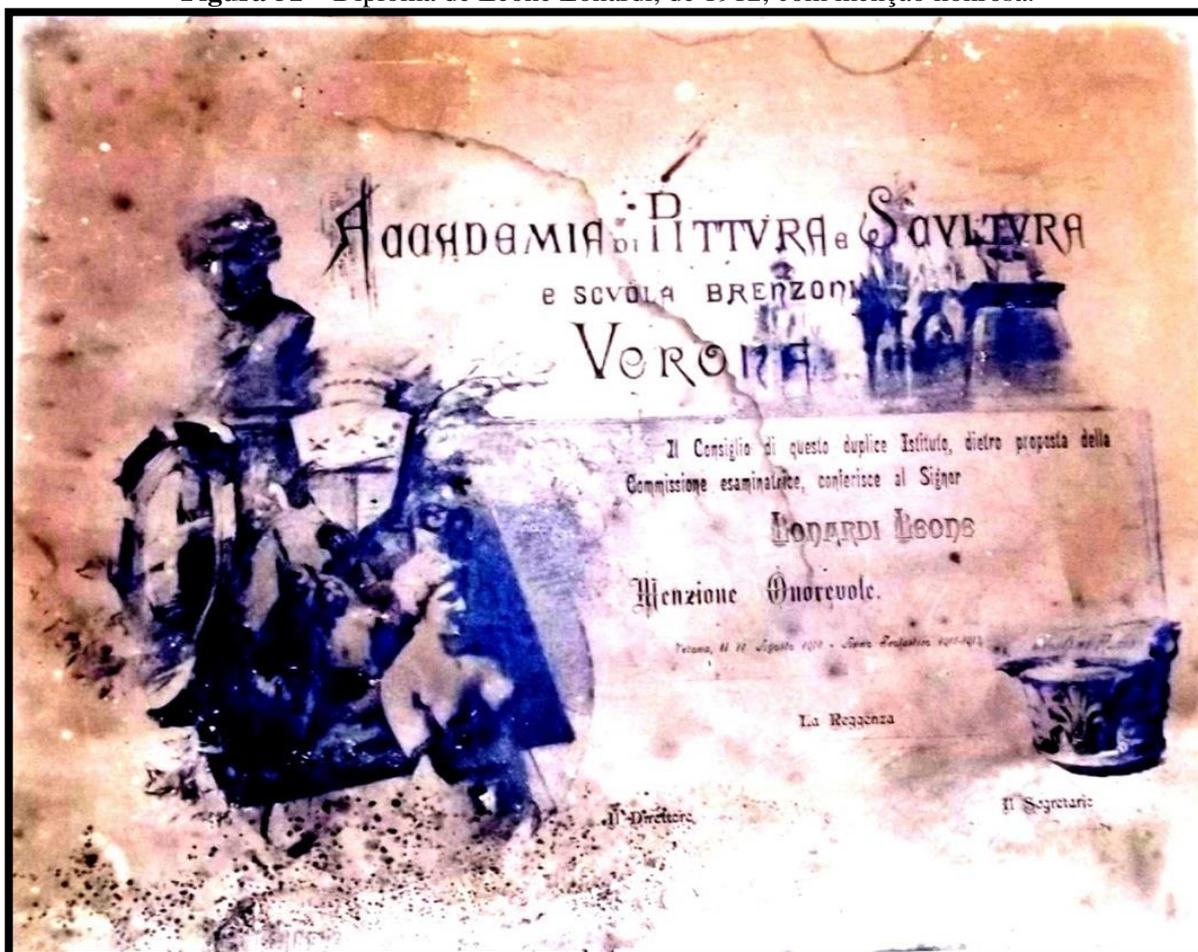
³³¹ DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. **Estatuários, Catolicismo e Gauchismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. P. 181.

3 A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE LEONE DOMENICO LONARDI

3.1 A formação e a experiência profissional antes de chegar ao Brasil

Quando Leone Lonardi chegou a Porto Alegre já tinha uma bagagem técnica. Possuía uma qualificação profissional que poderia ser útil dentro do processo de desenvolvimento urbano que a capital gaúcha estava vivenciando. Sua formação como escultor começou aos catorze anos de idade, em 1910, quando ingressou na “Academia de Pintura e Escultura e Escola Brenzoni de Verona”, onde recebeu menção honrosa em 1912 (Figura 51) e teve o seu trabalho de conclusão de curso premiado em segundo lugar, em 1915 (Figura 52).

Figura 51 – Diploma de Leone Lonardi, de 1912, com menção honrosa.



Fonte: Acervo da família Lonardi

Figura 52 – Diploma de Leone Lonardi, de 1912, com o prêmio de segundo lugar.



Fonte: Acervo da família Lonardi.

Em 1916, Leone teve o começo de sua carreira profissional interrompido pela Primeira Guerra Mundial. Foi convocado pelo exército italiano para servir à artilharia nos Alpes, posição mais segura nos campos de batalha. Segundo seu filho Julio, retornou à sua comuna, Fumane, somente em 1919, pois após o término da guerra sua tropa permaneceu por mais um ano nas montanhas do Tirol, recolhendo armamentos e outros metais.³³²

Sobrevivido à guerra, Leone passou a produzir monumentos em homenagem aos mortos no conflito (*Caduti*). Ele ainda não sabia, mas os monumentos fúnebres iriam marcar toda a sua carreira profissional. Segundo o site “1418 documenti e immagini dela grande guerra”³³³, em 15 de agosto de 1920 foi inaugurado um monumento aos mortos, um obelisco medindo 4,32 x 2,88 x 2,88 m, de mármore e bronze, em Sant’Anna d’Alfaedo, em Verona, no Veneto (Figura 53). Este conjunto escultórico é o primeiro trabalho de Leone Domenico Lonardi que temos conhecimento. Ao lado oeste do obelisco estão gravadas as assinaturas dos

³³² Entrevista da autora com Julio Lonardi, realizada em 01 de agosto de 2018. Transcrita e depositada no acervo do Lapho, PUCRS, p.1.

³³³ Disponível em: <http://www.1418.it/lapide/SBSAE_VR_S118/40/01?search=37a6259cc0c1dae299a7866489dff0bd&searchPos=2>

autores, o escultor Lonardi e o construtor responsável pela base de alvenaria onde se fixou o monumento, Ditta Cubi. (Figura 54). Como é possível observar, trata-se de um trabalho simples, do ponto de vista artístico. Sem figuras humanas ou zoomórficas, o obelisco foi esculpido em mármore. Foram colocadas placas nos quatro lados do obelisco, com homenagens aos mortos, às segundas vítimas, aos que se dedicaram e aos que foram vítimas de bombas. A frente do obelisco apresenta uma inscrição dedicatória, um baixo-relevo de mármore com os símbolos da guerra. No topo há uma cruz e, logo abaixo, inscrições em bronze. Nas laterais, foram esculpidas coroas também em baixo-relevo.

Figura 53 – Monumento aos mortos em Sant’Anna d’Alfaedo, Verona, Itália, 1920.



Fonte: site 1418-Documenti e imagine dela grande guerra.³³⁴

Figura 54 - Assinatura dos artistas no monumento aos mortos de Sant’Anna d’Alfaedo.



Fonte: Site 1418-Documenti e imagine dela grande guerra.³³⁵

³³⁴ Disponível em: <http://www.14-18.it/lapide/SBSAE_VR_S118/40/01?search=37a6259cc0c1dae299a7866489dff0bd&searchPos=2>

Segundo o site italiano “*Archivio Scultura Veronese dell ‘800 e del ‘900*”³³⁶, também em 1920, Leone esculpiu estátuas (Figura 55) e medalhões (Figura 56) para a fachada da igreja de Fumane, inaugurada em 1923. Em 1922, o artista produziu o monumento aos mortos para sua cidade, Fumane. O obelisco encimado por uma águia de bronze traz a alegoria da saudade em mármore e foi colocado em frente à prefeitura municipal de Fumane (Figura 57). No site citado anteriormente é possível ver os detalhes deste monumento (Figura 58). Percebe-se um considerável aumento no grau de complexidade das obras. Nestes dois trabalhos fica mais evidente a capacidade artística e técnica do escultor ao representar as anatomias feminina e zoomórfica, com suas formas e movimentos. Na primeira figura, Leone utiliza o mármore e na segunda o bronze. Ou seja, o primeiro foi esculpido e o segundo, modelado. Segundo Julio Lonardi, foi trabalhando neste monumento aos mortos para a prefeitura de Fumane que Leone conheceu Pietro Biondani que trabalhava na reforma de uma casa. Biondani disse para Leone que esteve em Porto Alegre e pretendia retornar.³³⁷

Figura 55 – Estátuas da fachada da Igreja de Fumane, Verona, 1920.



Fonte: Site “*Archivio Scultura Veronese dell ‘800 e del ‘900*”.³³⁸

³³⁵ Disponível em: < http://www.14-18.it/lapide/SBSAE_VR_S118/40/01?search=37a6259cc0c1dae299a7866489dff0bd&searchPos=2>

³³⁶ Disponível em: <<https://www.archivio-scultura-veronese.org/portfolio-items/leone-domenico-lonardi/#prettyPhoto>>

³³⁷ Entrevista da autora com Julio Lonardi, realizada em 01 de agosto de 2018. Transcrita e depositada no acervo do Lapho, PUCRS, p. 1-2.

³³⁸ Disponível em: <<http://www.archivio-scultura-veronese.org/portfolio-items/leone-domenico-lonardi/#prettyPhoto>>

Figura 56 – Medalhões da fachada da Igreja de Fumane, Verona, 1920.



Fonte: Site “*Archivio Scultura Veronese dell ‘800 e del ‘900*”.³³⁹

Figura 57 – Familiares de Lonardi diante do monumento aos mortos da 1ª Guerra de Fumane.



Fonte: Acervo da família Lonardi.

Figura 58 – Detalhes do monumento aos mortos de Fumane, Verona, 1922.



Fonte: Site *Archivio Scultura Veronese dell ‘800 e del ‘900*.³⁴⁰

Neste período, Leone ficou noivo de Maria Beghini. A Itália ainda sofria com a crise econômica e social do pós Primeira Guerra. E então Leone partiu, sem a noiva, para sua primeira experiência migratória, em 1923. Viajou para Nova York, nos Estados Unidos. Ao

³³⁹ Disponível: <<http://www.archivio-scultura-veronese.org/portfolio-items/leone-domenico-lonardi/#prettyPhoto>>

³⁴⁰ Disponível em: <<http://www.archivio-scultura-veronese.org/portfolio-items/leone-domenico-lonardi/#prettyPhoto>>

que se sabe, não estava ligado a nenhum programa de imigração que utilizasse recursos de governo. Ao que parece, o apoio recebido por Leone nesse evento migratório veio de sua rede de relações parentais, considerando que foi ao encontro do irmão Luigi, que trabalhava como portuário em Nova York. É possível, também, que outros familiares e amigos tenham oferecido ajuda financeira e contatos nos Estados Unidos. Esta hipótese se reforça no estudo já mencionado de Giovanni Levi que ao analisar a mobilidade social na Itália observa que características da realidade familiar italiana permitiram o desenvolvimento de infinitos mecanismos de proteção e solidariedade que apoiaram suas estratégias de sobrevivência no parentesco.³⁴¹

Apesar de não haver fontes que atestem que Leone financiou sua viagem com recursos próprios, é possível imaginar que isso tenha ocorrido, considerando que realizou os trabalhos acima mencionados em sua cidade antes desse evento migratório. Ao ser questionado a respeito do motivo que levou Leone Lonardi aos Estados Unidos, seu filho Julio Lonardi respondeu:

Para ganhar mais. O serviço ali na Itália parou, diminuiu. Fez aquele monumento, fez mais outro em Castelfranco, uma cidadezinha uns 40 quilômetros de Verona. Depois, viu que... Ele tinha um irmão que era marítimo, trabalhava no Porto, lá em Nova Iorque...³⁴²

Este depoimento do filho de Leone Lonardi evidencia duas das principais características dos imigrantes qualificados: a mobilidade, sempre em busca de melhores oportunidades e o apoio em redes de relacionamento e de parentesco. A qualificação profissional permite que o imigrante se desloque de um local que não o agrada para outro que ofereça melhores condições de trabalho e de vida, quantas vezes ele julgar necessário.

Pouco tempo após a sua chegada à Nova York, Leone partiu para a Filadélfia, onde permaneceu por dois anos. Trabalhou esculpindo capitéis de colunas para grandes bancos. Neste período, morou com uma família de italianos da colônia italiana daquela cidade. Não sabemos se ele conheceu esta família ao chegar à Filadélfia, se foi indicação recebida em Nova York ou se fazia parte da sua rede de relações na Itália. Seu filho Julio acredita que ele tenha sido apresentado à dita família ao chegar à Filadélfia. De qualquer forma, as redes de proteção italianas foram acionadas a fim de viabilizar a permanência do escultor.

Segundo o site *Archivio Scultura Veronese dell '800 e del '900*, nos Estados Unidos, Leone trabalhou para as comissões públicas. Seu filho Julio Lonardi relata que ele trabalhou

³⁴¹ LEVI, Giovanni. Micro-história e história da imigração. In: VENDRAME, Maíra Ines et al. (Org.) **Micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Oikos, 2015, p. 15.

³⁴² Trecho da entrevista da autora com Julio Lonardi, realizada em 01 de agosto de 2018. Transcrita e depositada no acervo do Lapho, PUCRS, p. 2.

esculpindo capitéis de colunas em fachadas de bancos. Como consta nos cartões de contribuição da Associação de Escultores Arquitetônicos e Entalhadores da Filadélfia e Vizinhança, Leone Lonardi contribuiu para esta associação nos anos de 1924 (Fig. 59) e 1925 (Fig. 60). Isso demonstra que ele realmente atuou como escultor nos Estados Unidos e ao que parece, de forma autônoma.

Figura 59 – Contribuições de Lonardi à Associação de Escultores Arquitetônicos e Entalhadores da Filadélfia e Vizinhança, 1924.

PAYMENTS BY		
Brother Leone Lonardi		
DATE	DUES PAID	SECRETARY'S SIGNATURE
Jan. 1924		
Feb. "		
Mar. "		
April "		
May '24		Oscar Hopding
June "		Oscar Hopding
July "		
Aug. "	400	Oscar Hopding
Sept. "	400	
Oct. "		
Nov. "		
Dec. "		

Fonte: Acervo da família Lonardi.

Figura 60 - Contribuições de Lonardi à Associação de Escultores Arquitetônicos e Entalhadores da Filadélfia e Vizinhança, 1925.

PAYMENTS BY		
Brother Leone Lonardi		
DATE	DUES PAID	SECRETARY'S SIGNATURE
Jan. 1925		
Feb. "		
Mar. "		
April "		
May '25		Oscar Hopding
June "		Oscar Hopding
July "		
Aug. "	400	Oscar Hopding
Sept. "	400	
Oct. "		
Nov. "		
Dec. "		

Fonte: Acervo da família Lonardi.

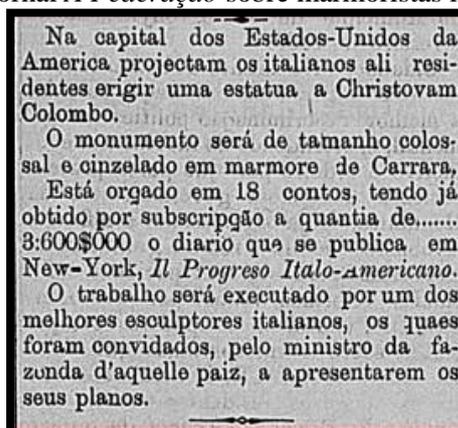
Como já foi mencionada, Regina Soria, na obra *Fratelli Lontani* observa um grande número de artistas italianos que se fixaram e difundiram seu trabalho nos Estados Unidos, deixando uma importante contribuição.³⁴³ No artigo *Artisti nell'emigrazione*, a autora menciona escultores americanos que se fixaram na Itália e, com a ajuda de escultores

³⁴³ Apud. CONEDERA, Leonardo de Oliveira. **Músicos no Novo Mundo: A presença de musicistas italianos na Banda Municipal de Porto Alegre (1925-1950)**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação, PUCRS. Porto Alegre, 2017. p. 86-87.

italianos, abriram, posteriormente, studios na America, desfrutando da capacidade destes escultores, muitas vezes considerados meros "cortadores de pedra". A autora cita o historiador de arte norteamericano, Lorado Talf, que em 1923 notou uma forte presença de escultores italianos, trabalhando ao lado de escultores americanos, que ele chamou de um exército de escultores tradicionais. Talf apontou este fato como um dos mais importantes do desenvolvimento artístico da América. Entretanto, para Soria, apesar das obras dos italianos serem admiradas e conhecidas, os nomes dos artistas, muitas vezes são ignorados, pois muitas vezes eram apenas considerados como escultores da pedra, pedreiros ou canteiros que executavam os esboços feitos por artistas americanos.³⁴⁴

Mesmo que os artistas italianos não fossem devidamente reconhecidos nos Estados Unidos, os artistas americanos buscavam especialização na Itália e apesar de seus ateliers na América levarem seus nomes, quem executava os trabalhos eram os escultores italianos. Isso comprova o interesse na tradicional arte italiana e a transnacionalidade desta cultura artística. Uma notícia do jornal *A Federação* de 1890 confirma o prestígio e o valor dado a estes escultores, assim como ao mármore de Carrara. A matéria é um convite aos escultores italianos (Figura 60) para uma espécie de licitação destinada à criação de uma estátua que seria erguida pelos italianos residentes nos Estados Unidos. A estátua de Cristóvão Colombo, em tamanho colossal, seria cinzelada em mármore de Carrara.

Figura 61 - Notícia do jornal *A Federação* sobre marmoristas italianos nos EUA.



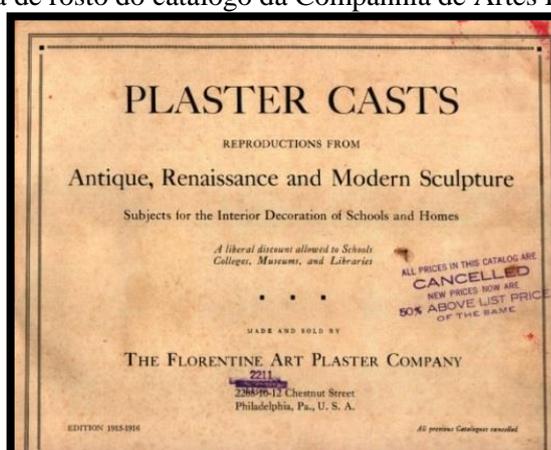
Fonte: Jornal *A Federação*, 19.03.1890, p. 2.

Nos Estados Unidos, Leone adquiriu um catálogo da Companhia Florentina de Artes Plásticas da Filadélfia (Figuras 62-63). O catálogo apresenta uma infinidade de moldes de esculturas, bustos colunas, ermas, relevos e ornamentos com temas clássicos que eram vendidos pela empresa (Figuras 64-65). Os artistas costumavam utilizar estes moldes para

³⁴⁴ SORIA, Regina. *Artisti nell'emigrazione*. In: BEVILACQUA, Piero, CLEMENTI, Andreina De, FRANZINA, Emilio. *Storia dell'emigrazione italiana*. Donzelli Editore, 2001. p. 714-715.

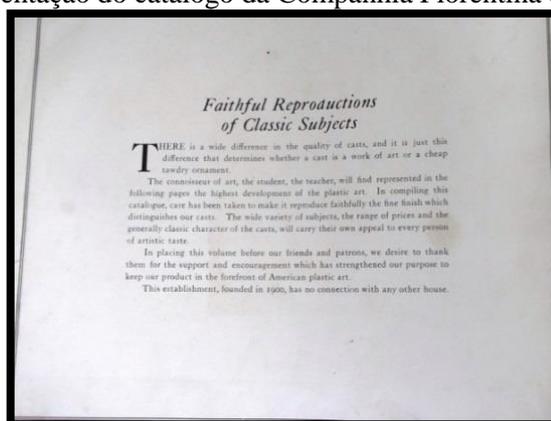
reproduzirem obras clássicas e renascentistas, em bronze ou cimento. Eram muito usados, principalmente, na produção dos adornos para túmulos e fachadas de edifícios que costumavam ser de cimento e produzidos em grande quantidade à época. Os moldes também serviam como base para novas criações. Os escultores alteravam o tamanho com processo de redução ou ampliação de escala, por pontos. Leone carregou consigo este catálogo, possivelmente para tirar dali a inspiração para os seus trabalhos. Não há informações de que ele tenha encomendado moldes nos Estados Unidos. O catálogo permanece junto ao acervo documental da família.

Figura 62 – Folha de rosto do catálogo da Companhia de Artes Plásticas Florentina.



Fonte: Acervo da família Lonardi.

Figura 63 – Apresentação do catálogo da Companhia Florentina de Artes Plásticas.³⁴⁵



Fonte: Acervo da família Lonardi.

³⁴⁵ Tradução da apresentação do catálogo: Reproduções fiéis de temas clássicos. Há uma grande diferença na qualidade dos moldes, e é justamente essa diferença que determina se um molde é uma obra de arte ou um ornamento barato e de mau gosto. O conhecedor da arte, o estudante e o professor, encontrarão nas páginas seguintes o maior desenvolvimento da arte plástica. Ao compilar este catálogo, tomou-se cuidado para que reproduzisse com fidelidade o acabamento fino que distingue nossos moldes. A grande variedade de temas, a variedade de preços e o caráter geralmente clássico dos moldes, terão seu próprio apelo para todas as pessoas de gosto artístico. Ao colocar este volume diante de nossos amigos e clientes, desejamos agradecer-lhes pelo apoio e incentivo que fortaleceu nosso propósito de manter nossos produtos na vanguarda da arte plástica americana. O estabelecimento, fundado em 1900, não tem conexão com nenhuma outra casa.

Figura 64 – Foto do show room da Companhia de Artes Plásticas Florentina, no catálogo.



Fonte: Acervo da família Lonardi.

Figura 65 – Moldes de ornamentos, bustos e baixos-relevos – Catálogo da Companhia de Artes Plásticas Florentina.



Fonte: Acervo da família Lonardi.

Não há notícias de nenhuma obra de repercussão artística de Leone nos Estados Unidos. É possível supor que a falta de reconhecimento, relacionada à subordinação dos artistas italianos aos artistas americanos, tenha sido um fator de descontentamento. Sabemos que, em outubro de 1925, Leone retornou para a Itália para se casar. Segundo Julio Lonardi, Leone pretendia retornar aos Estados Unidos, mas foi impedido pela política de imigração daquele país, como já foi mencionado. Em 1925, Leone realizou pagamentos adiantados à associação de escultores, referentes aos meses de outubro, novembro e dezembro. Isso pode indicar que a decisão de Leone de retornar foi repentina ou que ele fez as contribuições porque ainda não conhecia as regras de imigração norte-americana, planejando retornar casado.

De volta à Itália, trabalhou em novos monumentos aos mortos, entre 1925 e 1926. Em 1925, produziu o monumento aos mortos de Sant'Andrea, uma fração do município de Badia Calavena, no Veneto (Figura 66). Este monumento é citado no livro *Eroi e Antieroi: la scultura a Verona nell'epoca dela Grande Guerra* de Camilla Bertoni. Ao tratar de um

monumento aos mortos dos irmãos Egisto e Celeste Zago, juntamente com Pighi, em Velo Veronese, onde aparece um anjo com coroa de flores, a autora diz que os anjos eram uma iconografia muito difundida em cemitérios, mas raramente utilizadas em monumentos aos mortos deste período. Aponta, então, outro exemplo desta iconografia, o monumento de Sant'Andrea de Badia Calavena, de Leone Domenico Lonardi, executado em 1925.³⁴⁶ Este fato evidencia a autonomia criativa de Leone.

Figura 66 - Monumento aos mortos de Sant'Andrea de Badia Calavena, 1925.



Fonte: Archivio Scultura Veronese dell' 800 e del 900.³⁴⁷

Em 1926, Lonardi produziu um monumento com o mesmo fim, para o próprio município de Badia Calavena, na província de Verona (Figura 67). São dois trabalhos em bronze, nos quais o movimento, distintivo dos trabalhos sucessivos de Lonardi no Brasil, é muito evidente. No primeiro, Lonardi representa a Alegoria da Vitória com algumas semelhanças com a Estátua da Liberdade, que ele teve oportunidade de observar em suas passagens por Nova York.

³⁴⁶ BERTONI, Camilla. **Eroi e Antieroi: la scultura a Verona nell'epoca dela Grande Guerra**. Verona: Biblioteca Civica, 2016. p. 100.

³⁴⁷ Disponível em: <<http://www.archivio-scultura-veronese.org/portfolio-items/leone-domenico-lonardi/#prettyPhoto>>

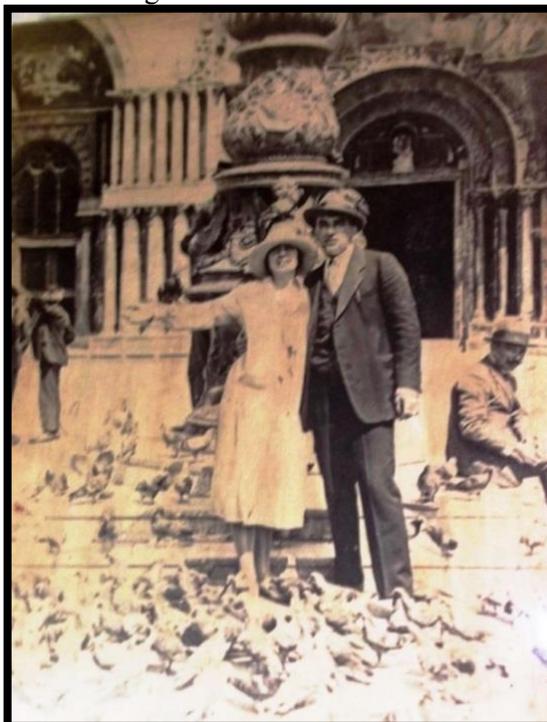
Figura 67 – Monumento aos mortos de Badia Calavena, Verona, 1926.



Fonte: Archivio Scultura Veronese dell' 800 e del 900.³⁴⁸

Estes dois últimos trabalhos demonstram que Leone era um artista preparado o que permitia que ele seguisse em busca de melhores oportunidades e reconhecimento profissional. Em 07 de maio de 1926 Leone e Maria se casam (Figura 68).

Figura 68 – O casal Maria Beghini e Leone Lonardi em Veneza, em “Lua de Mel”.



Fonte: Acervo da família Lonardi.

³⁴⁸ Disponível em: <<http://www.archivio-scultura-veronese.org/portfolio-items/leone-domenico-lonardi/#prettyPhoto>>

Apesar da campanha de Mussolini na Itália já mostrar avanços econômicos neste período, é possível imaginar que o mercado da escultura estivesse um tanto saturado naquele país, considerando o enorme contingente de escultores formados em suas escolas. Procurando uma alternativa, Leone se lembrou da conversa que teve com seu novo amigo Pedro Biondani, antes de viajar para os Estados Unidos. Segundo seu filho, Julio:

Quando ele estava indo para os EUA. Ele estava fazendo o monumento, aquele em frente à prefeitura, o caduti, o monumento aos mortos da guerra de catorze, em Fumane, que era a cidadezinha dele. Passou o Biondani que era pedreiro, tio do Renzo. O pai disse: “Estou com vontade de ir para os Estados Unidos trabalhar”. E ele disse: “Eu estou em Porto Alegre, eu tenho uma noiva lá”. (...) ³⁴⁹

Em 1927, influenciado pelo amigo Pietro Biondani, decidiu migrar para o Brasil. Não conhecemos os detalhes que envolveram esta decisão, os contatos realizados com sua rede de relacionamentos e as tratativas que viabilizaram a sua colocação imediata no mercado. Sabemos que o mercado era promissor, haja vista a grande quantidade de esculturas públicas e funerárias produzidas naquele período e a presença de grandes marmorarias, como Casa Aloys, Marmoraria Floriani, Irmãos Piattelli, Irmãos De Angeli, entre tantas. Sabemos também que a Casa Aloys realizava grande parte de seus trabalhos para a comunidade alemã do Rio Grande do Sul. ³⁵⁰

Entretanto, a cultura artística italiana era bastante reverenciada pela elite porto-alegrense que buscava nos temas clássicos uma forma de reforçar seu *status*. José Floriani, dono daquela que parece ter sido a segunda maior marmoraria de Porto Alegre, no início do século XX, era descendente de italianos, nascido em Pelotas. Os irmãos Piattelli e os irmãos De Angeli se dedicavam mais aos trabalhos com granito, como a construção de túmulos, colunas, escadarias e acabamentos de edifícios, do que às esculturas em mármore e bronze. Ao que se sabe, ao final da década de 1920, em Porto Alegre, havia apenas um grande

³⁴⁹ Trecho da entrevista da autora com Julio Lonardi, realizada em 01 de agosto de 2018. Transcrita e depositada no acervo do Lapho, PUCRS, p. 3.

³⁵⁰ Em 1884, o canteiro alemão Miguel Friederichs (1849-1903) fundou uma oficina de cantaria. No mesmo ano, seu irmão mais novo, Jacob Aloys Friederichs chegou da Alemanha para ser seu aprendiz. Em seguida, Miguel fundou a firma construtora “Friederichs & Koch”, na Rua Voluntários da Pátria, nº 54, em sociedade com o arquiteto Gustavo Koch, incorporando a oficina de cantaria. Em 1887 Jacob Aloys se transformara em oficial canteiro. Em 1888 esta firma foi dissolvida e sucedida pela “Bins & Friederichs”. Miguel se associara a Alberto Bins, recém-chegado da Alemanha. Esta firma negociava ferro bruto e materiais de construção, anexada à oficina de cantaria. Em 1891, o jovem Aloys assumiu a pequena oficina de mármore cantaria. Em dezembro 1893 um grande incêndio destruiu as fábricas e as moradias de Aloys Friederichs e Jorge Petersen. Em fevereiro de 1894, Aloys conseguiu se instalar na mesma rua, em prédio cedido pela “Cervejaria Campani”. Em 1897, contava com a colaboração de um grupo de escultores, marmoristas, canteiros e polidores que deu origem ao renome da futura Casa Aloys. Em 1903, viajou para Alemanha e Carrara, na Itália, para negociar mármore. Em 1905, conseguiu comprar o terreno e prédio da antiga “Cervejaria Campani”, com a ajuda do sogro, o canteiro João Grünewald. Em janeiro de 1909, quando comemorava os 25 anos da fundação da oficina, pelo irmão Miguel Friederichs, o mestre Aloys denominou a oficina de “Casa Aloys”. O espanhol André Arjonas foi seu escultor-chefe. In: **Histórico da Casa Aloys**: Indústria do mármore, granito e bronze - noticiário semanal, 1950.

escultor de origem italiana, Luiz Sanguin, que foi trazido de Buenos Aires por João Vicente Friederichs.³⁵¹ Porém, por motivos que desconhecemos, apesar dos importantes trabalhos realizados e de sua atuação social junto à comunidade italiana, após sua saída da Casa Aloys, em 1913, Sanguin parece ter entrado, paulatinamente, em um período de decadência profissional. Seu nome ressurgirá atrelado à Marmoraria Lonardi & Teixeira, na década de 1930.

Portanto, Leone Lonardi veio preencher uma lacuna no mercado de esculturas de Porto Alegre. O italiano que havia iniciado sua formação profissional aos 14 anos de idade em Verona, que produziu obras públicas em seu país e trabalhou nos Estados Unidos, tinha a qualificação profissional desejada pela elite porto-alegrense.

3.2 Os primeiros anos de atuação do escultor marmorista Leone Domenico Lonardi em Porto Alegre (1927-1940)

Apesar das dúvidas que acompanhavam qualquer imigrante, Leone Domenico Lonardi quando chegou a Porto Alegre em novembro de 1927 tinha como garantia a qualificação profissional e o apoio do amigo Pietro Biondani que provavelmente foi o responsável pelo contato que levou à sua colocação na Casa Aloys.

Recebido no porto por um homem de sobrenome Sartori, como relatou seu filho Julio, logo começou a trabalhar na famosa Casa Aloys, a marmoraria de Jacob Aloys Friederichs, localizada nos números 589 e 630 da Rua Voluntários da Pátria.³⁵² É provável que o cicerone de Leone fosse o contramestre italiano da Casa Aloys, Leonildo Sartori e que este tenha sido o contato entre Pietro Biondani e o mestre Aloys, a fim de arranjar a colocação de Leone naquela firma, como acredita seu filho Julio:

Eu acho que o Sartori... Ele estava recomendado... “Oh, vai chegar um homem italiano aí, que é escultor e vamos arrumar pra ele trabalhar na Casa Aloys”. Daí, meu pai trabalhou seis meses.³⁵³

Não temos notícias das obras produzidas por Leone nestes seis meses em que trabalhou na Casa Aloys. Ali, conheceu o letrista³⁵⁴ Arlindo Teixeira com quem se associou e,

³⁵¹ João Vicente Friederichs – filho de Miguel Friederichs e sobrinho de Jacob Aloys – foi concorrente do tio. Tendo se especializado também em outros materiais, além do mármore. In: SILVA, Heike Roselane Kleber da. **Biografando um imigrante: mas por que Jacob Aloys Friederichs?** MÉTIS: historia & cultura – v.2, n.3, p. 141-159, jan/jun. 2003, p. 154.

³⁵² **Noticiário Semanal – Histórico da Casa Aloys, indústria do mármore, granito e bronze.** Oferecido aos seus amigos e fornecedores em comemoração aos 65 anos de sua fundação e atividade 1884-1949 para o ano de 1950, n.p.

³⁵³ Trecho da entrevista da autora com Julio Lonardi, realizada em 01 de agosto de 2018. Transcrita e depositada no acervo do Lapho, PUCRS, p. 8.

em agosto de 1928, fundou a Marmoraria Lonardi & Teixeira, instalada na Lomba do Cemitério. Os recursos financeiros de Leone provinham das economias feitas nos Estados Unidos, conforme relato de seu filho:

O meu pai trabalhou seis meses na Casa Aloys. Ali ele conheceu o Teixeira. (...) Foi sócio dele. Teixeira... Aí o pai conheceu... O pai estava com os dólares que tinha arrumado nos Estados Unidos. Compraram a esquina, ali onde é o motel. Um canto. Depois ampliaram mais tarde.³⁵⁵

Novos desafios, novos riscos e novas incertezas surgiam com a decisão de abrir uma empresa em tão pouco tempo após a chegada ao novo país. Era a primeira experiência de Lonardi como empresário e ele conhecia o seu novo sócio havia tão pouco tempo quanto conhecia Porto Alegre. Além disso, havia a concorrência. A estatística comercial de Porto Alegre, do ano de 1928, mostra que havia nove escultores e oito marmoristas na zona urbana.³⁵⁶ Possivelmente, alguns artistas foram contabilizados nas duas categorias. A marmoraria de José Floriani era, provavelmente, a segunda maior marmoraria no que concerne a produção de esculturas em Porto Alegre, naquele período. O terreno adquirido por Lonardi ficava há poucos metros da Marmoraria Floriani. Segundo relato de seu filho Julio, Leone comprou o terreno na Lomba do Cemitério, para a construção da marmoraria, durante a noite para que José Floriani, que estava instalado na outra esquina, não visse, pois acreditava que Floriani não gostaria de ter mais concorrentes.³⁵⁷

Os primeiros investimentos da empresa foram com a compra de um terreno, 8:055\$000 (oito contos e cinquenta e cinco mil réis); os gastos com construção, 3:750\$000 (três contos e setecentos mil réis); e a compra de mármore 652\$000 (seiscentos e cinquenta e dois mil réis). Cada um dos sócios da marmoraria entrou, igualmente, com o capital de 4:348\$000. Contaram também com um empréstimo de 3:000\$000 (três mil réis) de um capitalista italiano do ramo têxtil, Henrique Pacini, como consta na primeira página do primeiro livro caixa da empresa, referente às entradas de caixa do mês de agosto de 1928. Como já foi mencionado anteriormente, em 1916, Henrique Pacini, cunhado do sócio de Lonardi, Arlindo Teixeira, possuía uma pequena fábrica de artigos de mármore, como aponta Stella Borges.³⁵⁸ Portanto, esta não era a primeira vez que o empresário investia neste ramo.

³⁵⁴ O letreiro era quem produzia as letras, geralmente em metal, que eram colocadas nos túmulos e nos monumentos.

³⁵⁵ Trecho da entrevista da autora com Julio Lonardi, realizada em 01 de agosto de 2018. Transcrita e depositada no acervo do Lapho, PUCRS, p. 6.

³⁵⁶ *Jornal A Federação*, Porto Alegre, 15.10.1928, p. 39.

³⁵⁷ Entrevista da autora com Julio Lonardi, realizada em 01 de agosto de 2018. Transcrita e depositada no acervo do Lapho, PUCRS, p. 7.

³⁵⁸ BORGES, Stella. *Italianos: Porto Alegre e trabalho*. Porto Alegre: EST, 1993, p. 64.

Já no primeiro mês de funcionamento, a marmoraria Lonardi & Teixeira realizou, entre alguns trabalhos pequenos, um de valor consideravelmente alto. A marmoraria recebeu 2:000\$000 (dois contos de réis) de A. Ramsperger, possivelmente, a viúva A. Ramsperger.³⁵⁹ O registro diz que foi um “pagamento por conta”, o que significa que este valor foi o adiantamento por um serviço que seria iniciado. Em outubro, a empresa recebeu mais 1:000\$000 (Hum conto de réis) de A. Ramsperger, com a mesma descrição. Através dos jornais foi possível saber que Jacques Ramsperger foi um engenheiro suíço e que trabalhava nas obras públicas de Porto Alegre, assim como José Brunelli³⁶⁰, amigo e pai do futuro sócio de capital de Lonardi. Eis o fio da rede social que ligou Lonardi a Ramsperger.

Graças a este trabalho, a empresa encerrou o primeiro mês de funcionamento com saldo positivo. No mês de setembro, foram mais 4:000\$000 (quatro contos de réis) de empréstimo de Pacini. Ainda no mês de setembro, Lonardi fez uma volumosa compra de mármore, da cidade de Pelotas, no valor de 1:579\$000 (Hum conto e quinhentos e setenta e novel mil réis), o que mostra que o volume de serviços da marmoraria crescia. E no mês de outubro o novo sócio da marmoraria Lonardi, Julio Brunelli, um sócio de capital investiu na empresa ao mesmo tempo em que a colocou na execução das obras da Catedral de Porto Alegre, como já foi visto.

Os sobrenomes italianos são os que aparecem com mais frequência nestes primeiros meses de funcionamento da Marmoraria Lonardi & Teixeira, tanto entre clientes, fornecedores, credores, sócios e empregados da empresa. Isso mostra que se formou uma rede étnica de proteção em torno de Leone Lonardi. Com exceção de Pietro Biondani, não se tem informações de que Lonardi conhecesse alguma destas pessoas antes de chegar ao Brasil. É interessante observar como Leone estabeleceu uma considerável rede de relacionamentos em curtíssimo espaço de tempo. Apesar desta rede não ter sido exclusivamente étnica – o que se observa, por exemplo, na sociedade com Arlindo Teixeira e a na boa relação que manteve

³⁵⁹ Em vários despachos da Secretaria da Fazenda, como o do dia 7 de outubro de 1909 (*Jornal A Federação*, Porto Alegre, 11.10.1909, p.01), aparece o nome do desenhista Jacques Ramsperger, em ordem de pagamentos por conta de serviços. Isso indica que Ramsperger realizava serviços para o Estado. Em um despacho da Intendência Municipal, do dia 23 de fevereiro de 10, aparece o nome de Antonia Ramsperger (*Jornal A Federação*, Porto Alegre, 26.02.1910, p.02.). O último registro do nome de Jacques Ramsperger que encontrei, na imprensa do Rio Grande dos Sul, é de sua identificação para o alistamento eleitoral (*A Federação*, Porto Alegre, 16.12.1920, p.04.). Porém, no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro foi noticiado o seu repentino falecimento, em 25 de fevereiro de 1928. Era um engenheiro suíço que residia junto à esposa na Ilha São Manuel, próximo ao farol de Itapuã. (*Jornal do Commercio*, Porto Alegre, 27 e 28.02.1928, p. 4).

³⁶⁰ Num despacho da Secretaria da Fazenda, logo abaixo de um requerimento de Jacques Ramsperger de um pagamento do secretário de obras públicas, está um requerimento de José Brunelli, ao mesmo secretário (*A Federação*, Porto Alegre, 11.08.1909, p.01).

com os donos da Casa Aloys, de quem costumava comprar mármore e pequenas peças –, a prevalência dos sobrenomes italianos em torno de Lonardi é notória.

Autores como Oswaldo Truzzi, Giovanni Levi e Maíra Vendrame observam que os italianos formaram redes ou cadeias migratórias entre migrantes anteriores e novos migrantes, sustentadas em laços de amizade, vizinhança e parentesco. Uma ponte que viabilizava - através de informações, contatos pessoais e favores - o deslocamento do novo migrante. Para estes autores, muitas vezes, estes laços formavam a base de integração nos locais de destino. Entretanto, o que se observa no caso de Lonardi é que, apesar de, aparentemente, não existirem laços de amizade, vizinhança ou parentesco, anteriores ao evento migratório – exceto com Pietro Biondani - a sua integração na nova sociedade teve um forte apoio de imigrantes e descendentes de imigrantes italianos. O que reforça a ideia de que havia em Porto Alegre, neste período, um sentimento de italianidade entre estes imigrantes. Uma identidade étnica que não era necessariamente e exclusivamente de caráter regionalista, entre conterrâneos do mesmo *paese* ou aldeia.

O registro da firma Lonardi, Teixeira e Cia, para mármore e granitos, com o capital de 30:000\$000 (trinta contos de réis), na Lomba do Cemitério, foi anunciado pela Junta Comercial no jornal *A Federação* de 22 de março de 1929.³⁶¹ Em 31 de março de 1929, a firma registrou o primeiro pagamento referente às obras da catedral, no valor de 4:000\$000 (quatro contos de réis). Assim, no final do mesmo mês, com o apoio da nova rede de relações estabelecida por Leone Lonardi e a convite da família Brunelli, a Marmoraria Lonardi & Teixeira assumiu os trabalhos na nova Catedral Metropolitana.

Julio Lonardi conta que o desenho da nova catedral veio da Itália e foi construída com blocos de pedras sobrepostos que se encaixavam perfeitamente. Quando seu pai chegou a Porto Alegre, a construção estava a cerca de dois metros de altura, vista pela Rua Duque de Caxias. Segundo ele, o italiano Sylvio Giusti esculpiu em granito os capitéis das colunas da catedral a partir dos moldes produzidos por seu pai, Leone, primeiro em barro, depois em gesso.³⁶²

O trabalho com o granito para a construção da catedral exigia a mão-de-obra de bons canteiros. Talvez este tenha sido o motivo que levou Leone a tomar para sócio o mestre canteiro da marmoraria Keller, o português Agostinho Leite de Farias.³⁶³ Os portugueses

³⁶¹ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 22.03.1929. p. 5.

³⁶² Entrevista da autora com Julio Lonardi, realizada em 29 de agosto de 2018. Transcrita e depositada no acervo do Lapho, PUCRS, p. 4.

³⁶³ Entrevista da autora com Julio Lonardi, realizada em 01 de agosto de 2018. Transcrita e depositada no acervo do Lapho, PUCRS, p. 9.

possuem longa tradição de cantaria. A cantaria é a técnica de trabalhar a pedra bruta dando forma e acabamento. A maior parte das obras realizadas pelas marmorarias de Porto Alegre, a partir da década de 1920, utilizava o granito. Os blocos de granito eram transformados em arcos, colunas, chapas para revestimento de túmulos, pisos, escadas, paredes de edifícios, etc. Após o corte, a pedra recebia acabamento apicoado, polido ou martelado. Alguns prédios foram construídos com imensos blocos de granito, sobrepostos, como foi o caso da Catedral Metropolitana de Porto Alegre.

Quem dirigia as obras da Catedral era o monsenhor João Maria Balen, filho de italianos das colônias de camponeses. Sua família foi grande colaboradora destas obras (Figura 69). Leone se tornou amigo do monsenhor Balen, como conta seu filho Julio:

Bom, o monsenhor Balen foi quem me batizou, depois ficou amigo do pai, vinha comer perdiz aí. Ele dizia assim: “Bah, aquela cúria metropolitana é só alemão. Dom Vicente Scherer. E eles perseguem os italianos que estão lá”. (...)

Aqui tinha a fotografia dele. Não sei onde é que parou. Do lado dos canteiros, aí. E os canteiros, todos com as ferramentas na mão. E o monsenhor Balen no meio.³⁶⁴

Figura 69 – Anúncio da legião organizada para angariar fundos para as obras da Catedral dirigidas pelo monsenhor João Maria Balen.



Fonte: Jornal *A Federação*, 09.13.1933. p. 5.

Nos primeiros anos de funcionamento da empresa, Leone ainda trabalhou muito com mármore, apesar de estar ocorrendo, neste período, uma transição para o uso de granito e bronze como substituição àquele material que era importado. A terceira despesa registrada no primeiro livro caixa da Marmoraria Lonardi & Teixeira, em agosto de 1928, foi a compra de mármore, logo depois da aquisição do terreno e a despesa com a construção. Entretanto, não

³⁶⁴Trecho da entrevista da autora com Julio Lonardi, realizada em 29 de setembro de 2018. Transcrita e depositada no acervo do Lapho, PUCRS, p. 4-5.

há especificação da empresa ou local onde foi realizada esta primeira compra. No mês seguinte, a despesa mais vultosa se refere ao mármore de Pelotas. A empresa também não foi especificada. E no início do mês de outubro, adquiriu mármore da Casa Aloys. Logo depois, aparece a despesa de telegrama para Pancetti, e em seguida, o vultoso valor de 2:416\$000 (dois contos e quatrocentos e dezesseis mil réis) referente a Mármore Pancetti, com a referência “1/2” que indica que o pagamento seria realizado em duas parcelas. No dia 16 de outubro é registrado do valor de 146\$000 (cento e quarenta e sei mil réis) referente a despesas do cais, relacionadas ao mármore Pancetti. A partir daí, são frequentes os registros de compra de mármore em nome de Pancetti. O escultor Casimiro Pancetti era representante de mármore para todo o Brasil e proprietário da Marmoraria Pietrasanta, estabelecida em São Paulo, que possuía pedreiras em Carrara, Pietrasanta e Seravezza na Itália (Figura 70). Pancetti também anunciava em língua italiana (Figura 71).

Figura 70 - Anúncio da Marmoraria Pietrasanta.



Fonte: Jornal *Il Moscone*, São Paulo, 1926, Ano II, Nº 69, p.10. ³⁶⁵

Figura 71 - Anúncio da Marmoraria Pietrasanta em idioma italiano.



Fonte: Jornal *Il Moscone*, São Paulo, 1926, Ano II, Nº 76, p.4.

³⁶⁵ Jornal *Il Moscone* - semanário de língua italiana de São Paulo.

Outro fornecedor de Lonardi era Guarneri, que aparece em todos os livros caixas. Os registros de compras são sempre de valores elevados. A importadora de mármore Guarneri pertencia ao engenheiro Eurico Guarneri, da “Societá Marmifera Nord Carara”, do Rio de Janeiro.³⁶⁶ Eurico Guarneri era proprietário de uma grande serraria de mármore na praia do Retiro Saudoso, no Rio de Janeiro. Em 1926, o dito engenheiro, inaugurou o paquete “Guarneri”, construído exclusivamente para transportar mármore para o Brasil. O veleiro de quase cem metros de popa à proa fora adaptado especialmente para o transporte de grandes blocos de mármore. A numerosa tripulação era composta de marinheiros italianos. O investimento tinha em vista o grande surto, naquele período, da indústria do mármore no Brasil.³⁶⁷ A partir de 1937, surgem também anúncios da marmoraria Eurico Guarneri em São Paulo, na sessão de importadores do *Almanak Laemmert*.³⁶⁸

São também recorrentes as compras de mármore de Carlos Bertoni ou somente Bertoni, contudo não encontrei outras referências desta empresa na imprensa. A empresa Barci & Cia, que aparece no primeiro livro caixa, ainda existe e se trata de uma empresa de despachantes aduaneiros, o que sugere que Leone importava materiais e/ou equipamentos. Há inúmeros registros de despesas com cartas e telegramas para o Rio de Janeiro e para a Itália (Figura 72). É possível relacionar estes registros com os registros de despachos no porto ou na alfândega - de mármore, equipamento e materiais - e pagamento de faturas dos mesmos itens (Figura 73). Há também registros de compras de mármore belga.

Figura 72 – Registro de despesa com cartas enviada para a Itália e o Rio de Janeiro.

de Julho de 1929		Haver
	Transporte	2.230,000
13	Carta para p. Italia	46,000
	" " " "	2,500
	" " " "	2,400
	Telegrams: Italia e Brasil	4,000
	Telegrams p. cartões e dello contad.	99,000
	Telegrams: Sulamerica	122,000
	Telegrams (Luzern)	18,000
	Telegrams	11,000
	Telegrams: Eugenio (Luzern)	10,000
	Telegrams	6,000
	Cartas e bonas	13,600
20	Telegrams	0
	Telegrams e missa la praia	37,000
	Telegrams praia	6,000
	Telegrams contad. Lehmann	18,000
	Telegrams carta aa firma	11,000
	Telegrams: Sagani, Sassi e Sassi	172,000
	Telegrams: Sassi e Sassi	374,000
	Telegrams	76,000
	Telegrams	46,000
	Telegrams	46,000
	Transporte	3.339,900

Fonte: Acervo da família Lonardi.

³⁶⁶ *Almanak Laemmert*, Rio de Janeiro, 1926, p. 1470.

³⁶⁷ *Jornal O Imparcial*, Rio de Janeiro, 16.03.1926, p. 03.

³⁶⁸ *Almanak Laemmert*, Rio de Janeiro, 1937, p. 66.

Figura 73 – Registro de pagamento de máquinas adquiridas, no primeiro livro caixa.

de Agosto de 1929		Haver	46
	Transporte	193.000	
Lonardi		40.000	
<u>10 Pagamentos sobre Máquinas, marm.</u>		2.978.000	
Chimica Rauer		5.000	
Alto		6.000	
Salhos de vidro e lajes		12.000	
Química Aneta		60.000	
Escultura: Arco, Lãmara, Trazin		35.400	
Armas, carvão, canelo, canela		28.900	
Armadão		42.000	
Verparano		29.000	
Ferraria		50.000	
Engen.		40.000	
Miguel		1.000	
Felicia		30.000	
Luiz Ferrario - São José, para despesa de 2000		160.000	
Leardi		50.000	
Epumio		1.400	
Marcos Santa Lúcia		25.000	
17 Armadão		40.000	
Verparano		27.120	
Miguel		1.000	
Transporte		2.915.400	

Fonte: Acervo da família Lonardi.

A crise da década de 1930 e o alto custo do mármore que era importado, como já tratado anteriormente, faz com que este fosse substituído, paulatinamente, por bronze na escultura e por granito no revestimento. Entretanto, é possível perceber, nos registros de caixa, que Lonardi comprou um grande volume de mármore nos primeiros anos e podemos identificar algumas obras importantes que ele produziu a partir deste material. Mesmo com alto custo, alguns clientes continuaram dando preferência a este material que remetia ao gosto europeu e ao estilo e ideário clássicos italianos que vinham sendo propagados pelos escultores italianos desde o final do século XIX, que a partir de suas redes de sociabilidade produziram um transnacionalismo cultural. Para Schiller, Basch e Blanc-Szanton, transnacionalismo é “o processo mediante o qual os imigrantes constroem campos sociais que ligam o país de origem e o país de destino”.³⁶⁹ Assim, a forte presença de imigrantes italianos e seus descendentes, em Porto Alegre, enraizou o ideário clássico na mentalidade porto-alegrense.

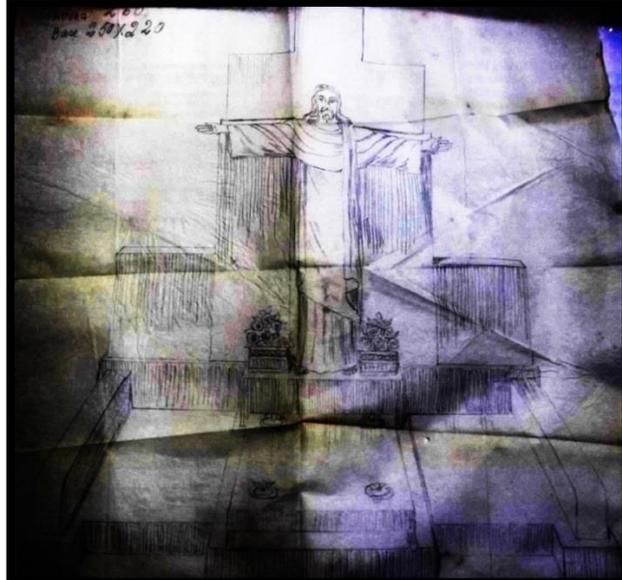
Leone Domenico Lonardi, como a maior parte dos escultores, era também formado em desenho. O artista costumava fazer croquis³⁷⁰ das obras a serem produzidas (Figura 74). A partir deste desenho, o projeto era transferido para o papel vegetal, desenhado com nanquim. Em alguns casos era realizada uma aquarela (Figura 75). Julio Lonardi doou os projetos em

³⁶⁹ SCHILLER, Nina Glick, BASCH, Linda, BLANC-SZANTON, Cristina. **Transnationalism: A New Analytic Framework for Understanding Migration**. Annals New York Academy of Sciences. 1992, p.1.

³⁷⁰ Esboço feito à mão, em grafite sobre papel manteiga.

nanquim e as aquarelas do pai à Dra. Luiza Fabiana Nietzsche Carvalho, por ocasião de sua pesquisa de mestrado, a fim de que estes fossem restaurados e salvaguardados.

Figura 74 – Croqui de túmulo projetado por Leone Lonardi.



Fonte: Acervo da família Lonardi.

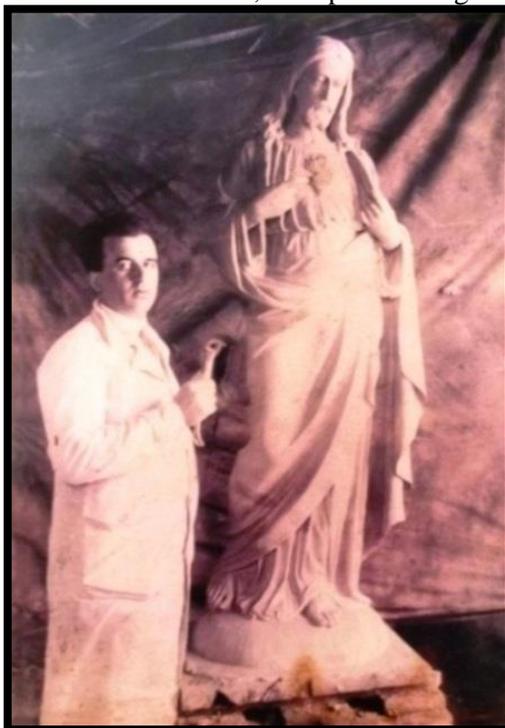
Figura 75 – Aquarela de túmulo projetado por Leone Lonardi.



Fonte: Acervo da Luiza Carvalho.

Na figura 76, vemos Lonardi, em seu atelier, modelando o Sagrado Coração de Jesus para o túmulo da família Valle Freitas Aranha, em 1930. Posteriormente, deste molde surgiu a escultura em bronze (Figura 77). No livro caixa daquele ano, entre os meses de maio e julho, constam os pagamentos da viúva Luiza Aranha, somando 8:000\$000 (oito contos de réis). Para termos uma ideia aproximada deste valor, podemos comparar com o valor pago pelo terreno onde foi construída a marmoraria, dois anos antes, de 8:055\$000 (oito contos e cinquenta e cinco mil réis).

Figura 76 – Leone Lonardi e seu atelier, esculpindo o Sagrado Coração de Jesus.



Fonte: Acervo da família Lonardi.

Figura 77 – Túmulo da família Aranha no Cemitério da Santa Casa.



Fonte: Fotografia da autora.

Um túmulo semelhante ao da família Aranha aparece no cartão de visitas da empresa, ao lado do túmulo da família Dillemburg que está no Cemitério São Miguel e Almas (Figura 78). As esculturas do mausoléu Dillemburg foram produzidas em bronze.

Figura 78 – Cartão de visitas da Marmoraria Lonardi, Teixeira & Cia. Ltda.



Fonte: Acervo da família Lonardi.

No cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, encontra-se um anjo da ressurreição em mármore, de Leone Lonardi (Figura 79). Este anjo é uma reinterpretação da escultura original, produzida pelo escultor italiano Giulio Monteverde, em 1882, para o túmulo da família Oneto, que está no *Cimitero Staglieno de Gênova*, Itália.³⁷¹ Monteverde produziu uma cópia para o seu túmulo, e de sua família, que está no *Cimitero Monumentale del Verano*, Roma, Itália.³⁷² Esta obra está na capa do livro *Lo splendore della forma*.³⁷³ Existem muitas réplicas desta obra espalhadas pelo mundo. É possível perceber algumas diferenças no trabalho de Lonardi. A figura feminina apresenta um corpo mais esguio, a cabeça mais erguida e o rosto retangular, com nariz longo e traços marcantes, diferentemente do rosto oval e feições muito delicadas e roliças, ao estilo renascentista, de Monteverde. As articulações das asas do anjo de Lonardi têm as bases retas, as de Monteverde são arredondadas. O gesso utilizado como molde da obra original se encontra na *Gipsoteca Giulio Monteverde*, em Bistagno, Itália.³⁷⁴ Ainda no início da década de 1930, Leone foi convidado para esculpir, em mármore de Carrara, o busto do bispo Don Sebastião Dias Laranjeiras para o pátio da Cúria Metropolitana de Porto Alegre (Figura 80).

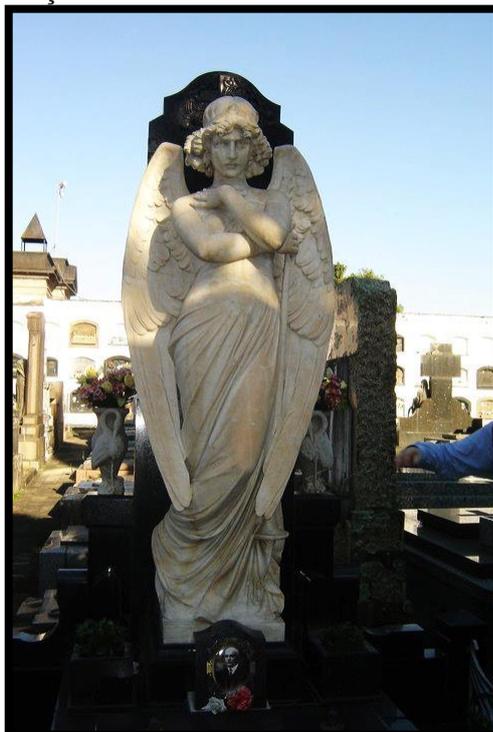
³⁷¹ Disponível em: <<https://www.revolvy.com/page/Giulio-Monteverde>>

³⁷² Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/271553052505163246/?lp=true>>

³⁷³ FELICORI, Mauro, SBORGI, Franco. **Lo splendore della forma: La scultura negli spazi della memoria**. Verona: Luca Sossella, 2006.

³⁷⁴ In: PEDULLA, Raffaella Beccaro. **Monteverde e la scultura dell'Ottocento in Italia**. p. 64. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/chaa/rhaa/downloads/Revista%2011%20-%20artigo%204.pdf>>

Figura 79 - Anjo da Ressureição no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre.



Fonte: Fotografia da autora.

Figura 80 - Monumento ao bispo Dom Sebastião Dias Laranjeiras na Cúria Metropolitana.



Fonte: Fotografia da autora.

Os jornais do período estudado pouco se ocuparam em noticiar os trabalhos dos escultores e marmoristas e quando o fizeram, foi mais para exaltar a figura do homenageado do que para comentar a obra em si ou destacar os artistas. Nos dias 01 e 03 de dezembro de 1935, por exemplo, duas matérias do jornal *Correio do Povo* anunciaram a inauguração do monumento ao imigrante Vicente Monteggia, no bairro Vila Nova, em Porto Alegre, mencionando as qualidades do imigrante e os detalhes da inauguração, ignorando a autoria do monumento.³⁷⁵ Segundo Marcia Saraiva, o monumento foi produzido pela firma Lonardi, Teixeira.³⁷⁶ Da mesma forma, uma obra da firma Lonardi, Teixeira e Cia., de 1936, foi parar numa página do jornal *A Federação*. Podemos dizer que este foi um trabalho de pouca relevância artística, comparado às inúmeros trabalhos de relevo criados por esta empresa. Tratava-se de uma coluna de granito produzida para um bronze que foi oferecido por um grupo de amigos, ao então governador do Estado, General Flores da Cunha. A respeito da dita coluna, a matéria diz:

“(...) Consistirá essa homenagem na oferta ao ilustre rio-grandense de finíssimo bronze de autoria de E. Picault, ‘L’aurore du Droit et de la Liberté’, repousando sobre elegante e valiosa coluna de granito, estilo mourisco, com gravações em bronze... (...) O formoso trabalho de E. Picault foi adquirido na Casa Mason e a coluna na firma Lonardi Teixeira e Cia. (...)”³⁷⁷

A falta registros na imprensa e de assinatura nas obras dificulta a identificação de uma infinidade de monumentos, estátuas, bustos e relevos presentes nos cemitérios. Os acervos familiares têm sido de grande valia para a realização deste trabalho de pesquisa. Através dos livros caixas foi possível identificar mais duas estátuas do Sagrado Coração de Jesus, produzidas por Lonardi na década de 1930, além da já citada do túmulo da família Aranha. Uma, de 1938, está no jazigo da família Lemmertz e outra, de 1939, que está no jazigo de Caetana Graziano (Figura 81), no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Entre 1931 e 1932, Leone produziu uma Pietá para o túmulo da família Horácio Carvalho (Figura 82). Segundo Doberstein, dezenas de cópias desta obra foram colocadas em todas as regiões do estado, sendo que sete ficaram nos cemitérios de Porto Alegre. Segundo ele, estas obras eram destinadas apenas a túmulos realmente monumentais, podendo custar entre 15:000\$000 (quinze contos de réis) e 20:000\$000 (vinte contos de réis).³⁷⁸

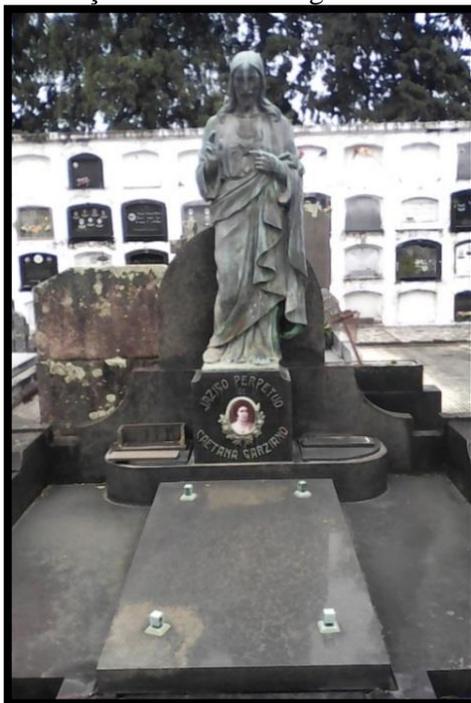
³⁷⁵ In: BRUM, Rosemary Fritsch. **Caderno de Pesquisa:** notícias de imigrantes italianos em Porto Alegre, entre 1911 e 1937. São Luis/MA: EDUFMA, 2009, pg. 426 e 428.

³⁷⁶ SARAIVA, Marcia Raquel de Brito. **Pinduricalhos da Memória:** Usos e abusos dos obeliscos no Brasil. Séculos (XIX, XX e XXI). Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Porto Alegre, 2007, pg. 86.

³⁷⁷ Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 10.01.1936, p. 2.

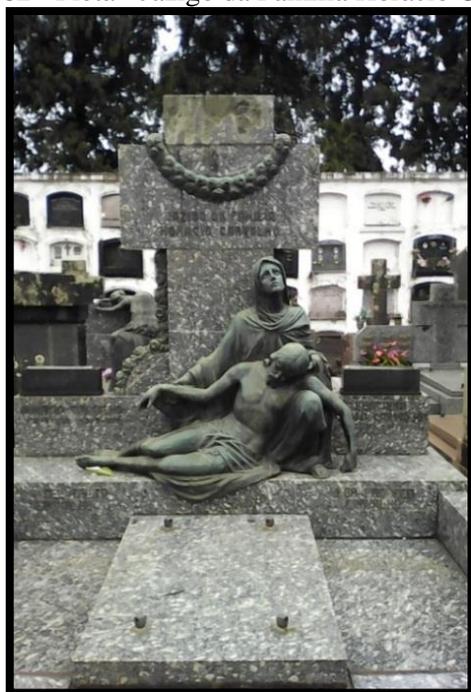
³⁷⁸ DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. **Estatuários, Catolicismo e Gauchismo.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 282-283.

Figura 81 - Coração de Jesus – Jazigo de Caetana Graziano.



Fonte: Fotografia da autora.

Figura 82 - Pietá - Jazigo da Família Horácio Carvalho.



Fonte: Fotografia da autora.

Os trabalhos para a Catedral, a construção de túmulos, os revestimentos, além da produção de esculturas públicas e funerárias, demandavam um grande número de operários. O livro ponto dos anos de 1931 e 1932 mostra que além de sete empregados e alguns

empreiteiros, a oficina utilizava a mão-de-obra de entre oito a doze diaristas (graniteiros, marmoristas, lustradores, ferreiro, carpinteiro e serventes), como demonstra o quadro 1.

Quadro 1 - Trabalhadores da marmoraria no livro ponto de junho de 1931 a julho de 1932.

Vínculo	Funções	Nomes
Diaristas	Graniteiros	Emilio Gonçalves, José Gesteira Villas, Joaquim Pinto Brito, Armando Cuccinato, Sylvio Giusti, Eduardo Moskarefte, Inácio Ferreira, Antonio Moreira, Carlos Gomes de Amorim.
Diaristas	Marmoristas	Armando Cuccinato, Alzelino S. Machado.
Diaristas	Lustradores	Ezequiel dos Santos, Alzelino S. Machado, João Ferassusky, João Costa, João Fernando.
Diarista	Ferreiro	Gustavo Sundin.
Diarista	Carpinteiro	Antonio Azevedo.
Diaristas	Serventes	Anjenor R. Santiago, João Marques, Marciano Pacheco.
Diaristas	Não identificadas	Firminio A. da Silva, Felipe C. de Almeida, Felipe A. de Bairros, Dorvalino J. Silveira.
Empregados	Não identificadas	Eugênio Balestrin, Miguel Fernandes dos Santos, Darcy Fernandes, Fernando Cardoso da Silva, Adroaldo C. Souza, Octavio Balboni, Walter Soares.
Empreiteiros	Escultores	Luis Sanguin, Benjamin Bottari, V. Bottari.
Empreiteiros	Não identificadas	João Fernandes, Arlindo Lonarte, Manoel Filzeiras.

Fonte: A autora (2019).

Na década de 1930, Lonardi precisou disputar espaço de mercado com uma grande concorrência. Alguns aspectos a respeito desta concorrência podem ser observados nos anúncios de jornais e almanaques. Os quadros 2, 3 e 4, apresentados abaixo, foram gerados a partir dos anúncios do *Almanak Laemmert* disponíveis na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, dos anos de 1902-11, 1930-31, 1935-38 e 1940. No quadro 2, que mostra o número de anúncios para cada ano, é possível perceber a atuação de marmoristas e escultores, em Porto Alegre, neste período. É provável que nem todas as empresas do ramo anunciassem neste almanaque. Mas, o próprio crescimento do número de anunciantes pode indicar o crescimento do mercado. Assim como, a redução no número de anúncios pode demonstrar

retração deste mesmo mercado. Entre 1902 e 1911, são apenas seis empresas anunciantes. Nos anos de 1930 e 1931, esse número quase não aumentou. Foram sete empresas anunciantes e apenas uma delas já anunciava em 1902, a empresa de João Vicente Friederichs. Observa-se que de 1935 a 1937 houve um aumento vertiginoso no número de empresas dedicadas ao mármore, ao granito, às esculturas e às imagens. Este número volta a cair em 1938, quando apenas oito empresas anunciaram. Lonardi não anunciou nestes últimos anos, mas sabemos que a empresa continuou crescendo. É importante destacar que as fábricas de imagens, geralmente, não contavam com trabalhos de escultores. As imagens, de gesso ou de bronze, eram produzidas em série. Eram imagens de santos, adornos para túmulos e estatuetas decorativas, produzidas em formas. Por isso, o número de fábricas de esculturas era sempre reduzido.

Quadro 2 – Anúncios de marmorarias, oficinas de mármore, oficinas ou fábricas de esculturas e fábricas de imagens no *Almanak Laemmert*, nos anos de 1902-11, 1930-31, 1935-38 e 1940.

Ano	Marmorarias e Oficinas de Mármore	Oficinas ou Fábricas de Esculturas	Fábricas de Imagens
1902 a 1911	6 marmorarias		
1930		7 oficinas de esculturas	
1931		7 oficinas de esculturas	
1935 2 repetem anúncio	11 oficinas de mármore	2 fábricas de esculturas	19 fábricas de imagens
1936 5 repetem anúncio	11 oficinas de mármore	6 fábricas de esculturas	20 fábricas de imagens
1937 4 repetem anúncio	10 oficinas de mármore	5 fábricas de esculturas	18 fábricas de imagens
1938 3 repetem anúncio	04 oficinas de mármore	3 fábricas de esculturas	2 fábricas de imagens
1940 3 repetem anúncio	4 oficinas de mármore	3 fábricas de esculturas	2 fábricas de imagens

Fonte: A autora (2019).

O quadro 3 sugere que os proprietários das inúmeras empresas que surgiram entre 1935 e 1936 eram imigrantes ou descendentes. As firmas costumavam levar o sobrenome dos proprietários. Os sobrenomes observados são de várias etnias, porém pouquíssimos são portugueses. E devemos considerar que estes também podem ser de imigrantes. No quadro 4, dos endereços das marmorarias, oficinas de mármore, oficinas de esculturas e fábricas de imagens é notável que a Lomba do Cemitério e suas proximidades no bairro Azenha se tornaram um reduto dos marmoristas italianos, salvo raras exceções.

Quadro 3 – Empresas anunciantes nas colunas de marmorarias, oficinas de mármore, oficinas de esculturas e fábricas de imagens no *Almanak Laemmert*, nos anos de 1902-11, 1930-31, 1935-38 e 1940. Alguns anunciavam em mais de uma coluna, portanto o número de empresas anunciantes não coincide com o número de anúncios.

Ano	Marmorarias, oficinas de mármore, oficinas de esculturas e fábricas de imagens.
1902 a 1911	Antonio J. da Silva, Carlos Fossati, Egisto Girolamo, Fernando Geber, J. Aloys Friederichs, Briganti Ayona. (a partir de 1907, somem os anúncios de Briganti Ayona e surgem os de José Martins Lopes.)
1930	Corona & Ghiringhelle, Franz Radermacher, João Vicente Friederichs, Paulo Rapsch, Ramon C. Mattos, Röhe & Allgayer e Victorino Zani & Cia.
1931	Corona & Ghiringhelle, Franz Radermacher, João Vicente Friederichs, Paulo Rapsch, Ramon C. Mattos, Röhe & Allgayer e Victorino Zani & Cia..
1935	Anton Pfeiffer, Bertanha, Keller & Cia, Fascinato & Costa, Herbst & Laeske, Irmãos De Angeli, João Aloys Friederichs, José Floriani Filho, Lonardi, Teixeira & Cia, Leonardi & Cia, Piattelli & Irmãos, Zuckermann & Cia. Ltda, Aloisio Brixner, José Santa Lucia Corrêa, Corrêa Irmãos, Franz Radermacher, Ghiringhelli & Zani, Giuseppe Lucchesi, Luiz Tofani, Ramón C. Mattos, Röhe & Allgayer, Vitorino Zani & Cia, Alfredo Adolf, Fernando Corona, Fernando Klée, Henrique Rüdiger, Jorge Mann, Otto Thiel, Ricardo Oder.
1936	Angeli & Irmãos, Anton Pfeiffer, Bertanha, Keller & Cia, Herbst & Laeske, J. Aloys Friederichs, José Floriani Filho, Leonardi & Cia, Lonardi, Teixeira & Cia, M. Fascinati, Piattelli & Irmãos, Zuckermann & Cia. Ltda, Deppermann & Irmãos De Angel, E. Veysseyere, Ghiringhelli & Zani, Ramon & Barros, Alfredo Adloff, Aloisio Brixner, Atelier Arte Cristã, de Rocha & Allgayer, Atelier Santa Lucia, de José Santa Lucia, Corona & Ghiringhelli, Corrêa Irmãos, Fernando Corona, Franz Radermacher, Irmãos Piattelli, Giuseppe Lucchesi, Irmãos De Angeli, Henrique Rüdiger, Jorge Mann, Luiz Tofani, Otto Thiel, Ramón C. Mattos, Ricardo Oder, Vitorino Zani & Cia.
1937	Angeli & Irmãos, Anton Pfeiffer, Bertanha, Keller & Cia, Herbst & Laeske, J. Aloys Friederichs, José Floriani Filho, Keller & Santos, M. Fascinati, Piattelli & Irmãos, Zuckermann & Cia. Ltda, Deppermann & Irmãos De Angel, E. Veysseyere, Irmãos Piattelli, M. Fascinati, Ramon & Barros, Alfredo Adloff, Aloisio Brixner, Atelier Arte Cristã, de Rocha & Allgayer, Atelier Santa Lucia, de José Santa Lucia, Corrêa Irmãos, Fernando Corona, Franz Radermacher, Ghiringhelli & Zani, Giuseppe Lucchesi, Henrique Rüdiger, Irmãos De Angeli, Jorge Mann, Lonardi, Teixeira & Cia, Luiz Tofani, Otto Thiel, Ramón C. Mattos, Ricardo Oder, Vitorino Zani & Cia.
1938	Irmãos De Angeli, J. Aloys Friederichs, José Floriani Filho, Piattelli & Irmãos, Irmãos Piattelli, J. Veysseyere, Aloisio Brixner, Angeli & Irmãos.
1940	Irmãos De Angeli, J. Aloys Friederichs, José Floriani Filho, Piattelli & Irmãos, Irmãos Piattelli, J. Veysseyere, Aloisio Brixner, Angeli & Irmãos.

Fonte: A autora (2019).

Quadro 4 – Endereços de todas as marmorarias, oficinas de mármore, oficinas de esculturas e fábricas de imagens que anunciaram no *Almanak Laemmert*, nos anos de 1902-11, 1930-31, 1935-38 e 1940.

Alfredo Adloff – Rua Dna. Margarida, 537.	Aloisio Brixner – Cância Gomes, 659.	Anton Pfeiffer – Lomba do Cemitério, 287.
Antonio J. da Silva – Rua dos Andradas, 253.	Atelier Arte Cristã, de Rocha & Allgayer – Rua Santo Antonio, 716.	Atelier Santa Lucia, de José Santa Lucia – Rua Cristóvão Colombo, 1943.
Bertanha, Keller & Cia. - Lomba do Cemitério, 150.	Corona & Ghiringhelle - Rua Cristóvão Colombo, 514.	Corrêa Irmãos – Av. Veneza, 937.
Deppermann & Irmãos De Angel – Estrada Belém, 220.	E. Veysseyere – Rua Cel. Pedra, 658.	Egisto Girolamo – Azenha.
Fascinato & Costa – Lomba do Cemitério, 39.	Fernando Corona – Santo Antonio, 376.	Fernando Geber – Rua Dr. Flores, 32 B.
Fernando Klée – Rua Hoffmann, 488.	Franz Radermacher – Av. Eduardo, 175.	Franz Radermacher – Av. Eduardo, 538.
Ghiringhelli & Zani – Rua Comendador Coruja, 261.	Ghiringhelli & Zani – Rua Cristóvão Colombo, 518.	Giuseppe Lucchesi – Gaspar Martins, 54.
Henrique Rüdiger – Rua Cristóvão Colombo, 1917.	Herbst & Laeske – Rua Conceição, 376.	Irmãos De Angeli – Estrada de Belém (Lomba do Cemitério, 220).
J. Aloys Friederichs – Rua Voluntários da Pátria, 603.	J. Aloys Friederichs , Rua Voluntários da Pátria, 197 B.	J. Veysseyere – Rua Cel. Belo, 650.
João Aloys Friederichs – Rua Voluntários da Pátria, 603.	João Vicente Friederichs - Rua Conceição, 376.	Jorge Mann – Rua Ernesto Alves, 711.
José Floriani Filho – Rua Azenha, 778.	José Santa Lucia – Rua Cristóvão Colombo, 1943.	Keller & Santos – Lomba do Cemitério, 150.
Lonardi & Cia – Estrada Mato Grosso.	Lonardi, Teixeira & Cia – Lomba do Cemitério, 176.	Luiz Tofani – Av. Pernambuco, 2766.
M. Briganti Ayona – Rua Sete de Setembro, 43.	M. Fascinati – Lomba do Cemitério, 39.	Otto Thiel – Rua Santo Antonio, 304.
Paulo Rapsch – Av. Eduardo, 70.	Piattelli & Irmãos – Lomba do Cemitério, 106.	Ramon & Barros – Rua Barros Cassal, 136.
Ramon C. Mattos – Rua Dr. Barros Cassal, 190.	Ricardo Oder – Rua Comendador Coruja, 112.	Röhe & Allgayer - Rua Santo Antonio, 716.
Vittorino Zani & Cia. – Rua Voluntários da Pátria, 939.	Vittorino Zani & Cia – Rua Garibaldi, 636.	Zuckermann & Cia. Ltda. – Rua Conceição, 376.

Fonte: A autora (2019).

Em 1934, Lonardi anunciou no *Calendário para os Alemães no Brasil* (Figura 83)³⁷⁹. Como é possível perceber, Lonardi estendeu seu campo de ação também à comunidade alemã, apesar da forte atuação da Casa Aloys junto a este público. No anúncio, há a imagem de um túmulo ao gosto dos alemães evangélicos. Apenas uma carneira rente ao chão e a cabeceira, com a cruz, a foto, os dados do morto e um relevo (neste caso a cabeça de Cristo). Os alemães

³⁷⁹ “O *Calendário para os Alemães no Brasil* de Rio Grande do Sul (1880-1939) é um calendário em língua alemã, astrológico com signos, anotações astronômicas e geográficas, estações do ano, feriados (por exemplo: dia 25 de julho: dia dos alemães e brasileiros), poemas, histórias (sobre religião & plantação), desenhos e fotos, mapas e anúncios. A primeira edição no arquivo é do ano 1907 com o número 27; a última edição inclui um anexo de uma declaração em português.” Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/calendario-para-os-alemaes-no-brasil-kalender-fur-die-deutschen-in-brasilien/>>

também davam preferência à pedra bruta e os túmulos de arenito ou pedra grés. Neste caso, parece ser o granito apicoado, que lembra a pedra bruta. O anúncio especifica os trabalhos realizados pela firma: “Monumentos de mármore, granito e bronze. Especialidade: estátuas. Solicite desenhos e orçamentos. Monumentos, mausoléus, túmulos, cruzes, molduras, estátuas, bustos, placas, ornamentos, escadas, móveis, etc. etc”. Em 1935 e 1936, Lonardi anunciou no jornal de Caxias do Sul, *Il Giornale Dell'Agricoltore* (Figura 84).

Figura 83 - Anúncio da Marmoraria Lonardi, Teixeira e Cia.

LONARDI, TEIXEIRA & CIA.
PORTO ALEGRE
 Lomba do Cemiterio, 176 – Esq. Placido de Castro

Denkmäler aus Marmor, Granit und Bronze
 Spezialität: Statuen

Man verlange Zeichnungen und Kostenanschläge!

Monumente, Mausoleen, Grabstätten, Kreuze, Einfassungen, Statuen, Büsten, Gedenktafeln, Ornamente, Freitreppen, Möbel usw. usw.

Fonte: *Kalender für die Deutschen in Brasilien (RS)*, 1934, p. 270.

Figura 84 – Anúncio da Marmoraria Lonardi, Teixeira e Cia.

OFFICINA de GRANITOS MARMORES e BRONZES

Estatuas, Mausoléus, Capellas, Frentes de Edificios, Escadarias etc. etc.

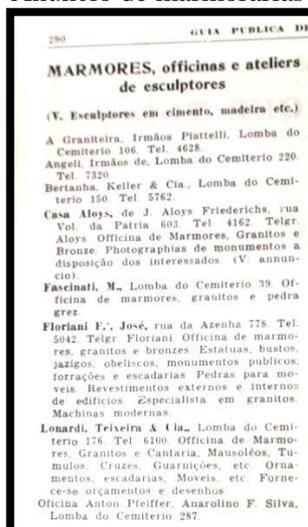
-LONARDI, TEIXEIRA & CIA.
 LOMBA DO CEMITERIO, 176 – TELEPHONE, 6100
 ESQ. PLACIDO DE CASTRO – PORTO ALEGRE

Fonte: *Il Giornale Dell'Agricoltore*, 02.01.1936, pg. 5.

Na *Guia Pública* de Porto Alegre, de 1937, há três anúncios da Marmoraria Lonardi, Teixeira e Cia: na lista geral, por ordem alfabética; na coluna de Escultores, em cimento e

pedra; e na coluna Mármore, oficinas e ateliers de escultores (Figura 85).³⁸⁰ Neste último anúncio, os serviços realizados pela empresa estão especificados: “Oficina de mármore, granitos e cantaria. Mausoléus, cruzes, guarnições, etc. Ornamentos, escadarias, móveis, etc”.

Figura 85 - Anúncio de marmorarias e escultores.



Fonte: *Guia Pública de Porto Alegre* *Guia Pública de Porto Alegre*: Anuário comercial e indicador geral do comércio, indústria, profissões, repartições públicas, institutos e associações da cidade. Ed. 17. Porto Alegre: Hugo Müller, 1937, p. 290.

Apesar da grande concorrência, Leone Lonardi contou com o apoio de sua rede social. E muitos de seus concorrentes faziam parte desta rede, como mostram os documentos da empresa. Os concorrentes compravam, vendiam, prestavam serviços e encomendavam serviços para Lonardi. Provavelmente, este apoio determinou o que observou Arnoldo Doberstein, ao estudar a produção estatuária no Rio Grande do Sul. Para o autor, nas décadas de 1930 e 1940, a Marmoraria Lonardi, Teixeira e Cia. se constituiu em “uma das mais importantes marmorarias e oficinas de esculturas do Estado”.³⁸¹

3.3 A consolidação profissional e a contribuição de Leone Lonardi para o desenvolvimento urbano de Porto Alegre (1940-1961)

Em 1940 Leone Lonardi adquiriu o visto de permanência definitiva no Brasil (Figura 86), o que mostra que ele estava inteiramente estabelecido em Porto Alegre. A firma estava em funcionamento havia 12 anos e o volume de serviços aumentava gradativamente.

³⁸⁰ **Guia Pública de Porto Alegre**: Anuário comercial e indicador geral do comércio, indústria, profissões, repartições públicas, institutos e associações da cidade. Ed. 17. Porto Alegre: Hugo Müller, 1937, p. 95, 238 e 290.

³⁸¹ DOBERSTEIN, Arnoldo Walter. **Estatuária e Ideologia**. 2. Ed. rev. e ampl. – Porto Alegre: ed. da Cidade; Letra e Vida, 2011, p. 160.

Realizou uma infinidade de trabalhos, tanto para Porto Alegre, como para o interior do Rio Grande do Sul e também para outros estados.

Figura 86 - Visto de permanência definitiva de Leone no Brasil, em 1940, no SRE-RS.



Fonte: Acervo da família Lonardi.

Em 1941, Leone ficou viúvo, com quatro filhos. Durante os dois meses em que a sua esposa Maria ficou no hospital, a amizade do sócio português, Agostinho de Farias - padrinho dos quatro filhos de Leone - foi imprescindível, como conta Julio Lonardi. Os quatro ficaram na casa do senhor Agostinho durante esses dois meses, para que Leone pudesse cuidar da esposa. O depoimento a respeito desta passagem de suas vidas também revela que era desejo de Leone e de seu sogro que ele se casasse em segundas núpcias com a cunhada Pasquina, que vivia na Itália, para que essa terminasse de criar os sobrinhos, o que foi impossível em função da guerra:

Agostinho Leite de Farias não teve filhos. Quando a minha mãe foi para o hospital com câncer no seio, nós ficamos lá... Ele morava na Marcilio Dias... Nós ficamos, nós quatro lá, dois meses, enquanto a minha mãe estava lá. Meu pai, coitado, ficou viúvo com quatro filhos, no tempo da Guerra. Senão, teria vindo a tia Pasquina e teria casado com ele. (...)

Ela queria vir pra cá, porque o pai da minha mãe, o vô Albino, ficava louco sabendo que a Maria tinha morrido e tinham ficado quatro netinhos órfãos aqui. Mas era tempo da guerra. Ela foi receber a notícia um ano depois, ou dois anos depois, pela Cruz Vermelha. Então, meu pai ficou viúvo, depois conheceu na praia a Genoveva, professora do Julio de Castilhos.³⁸²

A marmoraria estava em pleno funcionamento, e oferecia muitos serviços, como especifica a nota fiscal do túmulo da família Abraão Sada, construído em 1941 (Figura 87).

³⁸² Trecho da entrevista da autora com Julio Lonardi, realizada em 01 de agosto de 2018. Transcrita e depositada no acervo do Lapho, PUCRS, p. 10.

Especialista em figuras, a empresa executava trabalhos em mármore, pedra grés, granito e bronze, como: monumentos, mausoléus, túmulos, cruzeiros, guarnições, estátuas, bustos, placas comemorativas, ornamentos, escadarias, móveis, entre outros.

Figura 87 – Nota fiscal referente à construção do túmulo da família Abraão Sada.



Fonte: Acervo da família Lonardi.

Neste mesmo ano, segundo Julio Lonardi, seu pai construiu a capela das irmãs Bangel no cemitério São Miguel e Almas. Eram quatro irmãs que tinham uma famosa floricultura na Rua da Praia. “Então, nós estávamos colocando até de noite. E se via as luzes do Congresso Eucarístico”.³⁸³ Esculpiu também, neste ano, a estátua jacente de Dom Hermeto Pinheiro para o interior da catedral de Uruguaiana. O grande prestígio deste trabalho pode ser percebido em um episódio de 1963. Quando, neste ano, faleceu o então bispo de Uruguaiana, Dom Luís Filipe De Nadal, novamente, a empresa Lonardi, Teixeira & Cia foi contratada para realizar uma estátua jacente. Porém, Leone já havia falecido. Foi, então, que seu filho Julio teve a ideia de utilizar o mesmo molde produzido por seu pai para a estátua de Dom Hermeto Pinheiro que ficara guardada na marmoraria durante todos aqueles anos. O escultor espanhol André Arjonas ajudou, colocando no molde o rosto de Dom Luís De Nadal. O molde foi serrado ao meio para ser enviado a São Paulo, onde foi fundido em bronze. Porém, o novo bispo, Dom Augusto Petró, percebeu a montagem e não gostou. Segundo Julio Lonardi, o bispo enviou uma carta reclamando, enquanto reverenciava o trabalho do saudoso escultor Leone Lonardi.³⁸⁴

Apesar do malogro, o episódio revela a boa reputação do escultor Leone Lonardi junto aos membros da igreja católica, assim como o seu talento como retratista. Depois de esculpir,

³⁸³ Trecho da entrevista da autora com Julio Lonardi, realizada em 29 de agosto de 2018. Transcrita e depositada no acervo do Lapho, PUCRS, p. 10.

³⁸⁴ Entrevista da autora com Julio Lonardi, realizada em 29 de agosto de 2018. Transcrita e depositada no acervo do Lapho, PUCRS, p. 10.

em mármore, o busto de Dom Sebastião Dias Laranjeiras, como já foi mencionado, Leone modelou para bronze a estátua jacente de Dom Hermeto Pinheiro e o monumento ao Irmão Weibert, com busto e relevo, colocado na Praça São Sebastião, junto ao colégio Rosário, em 1948 (Figura 88). Os moldes do busto (Figura 89) e do relevo roubado (Figura 90) do monumento ao Irmão Weibert se encontram junto ao acervo de moldes de Leone Lonardi, pertencente à família Lonardi.

Figura 88 – Monumento ao Irmão Weibert na Praça São Sebastião.



Fonte: Fotografia da autora.

Figura 89– Molde do busto do Irmão Weibert.



Fonte: Fotografia da autora.

Figura 90 – Molde do relevo em bronze roubado do monumento.



Fonte: Fotografia da autora.

Ainda em 1948, houve em Porto Alegre o V Congresso Eucarístico Nacional. Um evento católico de grandes proporções, ocorrido na última semana de outubro, que movimentou a cidade e encheu as páginas dos jornais à época. Segundo Julio Lonardi, seu pai participou do congresso:

O pai fez os anjinhos no Congresso Eucarístico, em 48. No carro alegórico, ele com a corneta, assim ó. Os barrigudinhos, os anjinhos, né? Anjinho assim, de um metro. O pai também fez. Saiu no jornal. Teve congresso eucarístico em 1948.³⁸⁵

Segundo Julio Lonardi, seu pai trabalhou muito para as cidades da fronteira, construindo túmulos, principalmente de granito vermelho e cinza. Considera que construíram grande parte do cemitério de Alegrete.³⁸⁶ Provavelmente, sua fama tenha se espalhado a partir da produção da estátua jacente do bispo de Uruguaiana. As famílias abastadas desta região tinham grande apreço pelos túmulos suntuosos e pelas esculturas.

O anúncio da empresa no *Almanaque do Correio do Povo* de 1950 (Figura 91) apresenta duas novidades. Agora, oferece também o serviço de frentes de edifícios, o que está relacionado com a tendência, desta década, de se revestir as fachadas dos prédios com placas de granito polido. Outra mudança está na razão social da empresa que agora deixa de ser Lonardi, Teixeira & Cia., para ser Lonardi, Teixeira & Cia. Ltda. A cópia da escritura da

³⁸⁵ Trecho da entrevista da autora com Julio Lonardi, realizada em 29 de agosto de 2018. Transcrita e depositada no acervo do Lapho, PUCRS, p. 10.

³⁸⁶ Entrevista da autora com Julio Lonardi, realizada em 29 de agosto de 2018. Transcrita e depositada no acervo do Lapho, PUCRS, p. 17.

empresa na Junta Comercial presente no inventário de Leone mostra que a alteração se deu em 1948, quando foi admitido um novo sócio, também português, Alfredo Marcelino dos Santos.³⁸⁷

Figura 91 – Anúncio da Firma Lonardi, Teixeira & Cia. Ltda.



Fonte: *Almanaque do Correio do Povo*, 1952, p. 77.

Em 1952, o irmão de Pedro Biondani, Ghino Biondani chegou a Porto Alegre com a esposa Maria e um casal de filhos, Renzo e Ana Maria (Figura 92). Os cartões de imigração da família mostram que Ghino era construtor civil, Renzo era estudante, Maria e Ana Maria se dedicavam às prendas domésticas. Seus passaportes foram expedidos em Verona, onde residiam. (Figura 93). Ana faleceu pouco tempo depois. Logo, Ghino se tornou amigo de Leone. Seus filhos, os jovens Renzo Biondani e Julio Lonardi, por sua vez, também se tornaram amigos. A amizade dos dois durou até 2017, quando Renzo faleceu aos 86 anos de idade. Julio Lonardi conta que seu pai e Ghino Biondani ficavam conversando durante horas, no período em que Ghino e Renzo trabalhavam no Cemitério da Santa Casa.³⁸⁸ Segundo Renzo Biondani, ele e o pai construíram a capela e as galerias de catacumbas do cemitério da Santa Casa de Misericórdia, onde construíram cerca de quatro mil túmulos.³⁸⁹

³⁸⁷ **Inventário de Leone Lonardi**, nº 7211, de 08.03.1963. Arquivo Público do Rio Grande do Sul.

³⁸⁸ Entrevista da autora com Julio Lonardi, realizada em 01 de agosto de 2018. Transcrita e depositada no acervo do Lapho, PUCRS, p. 5-6.

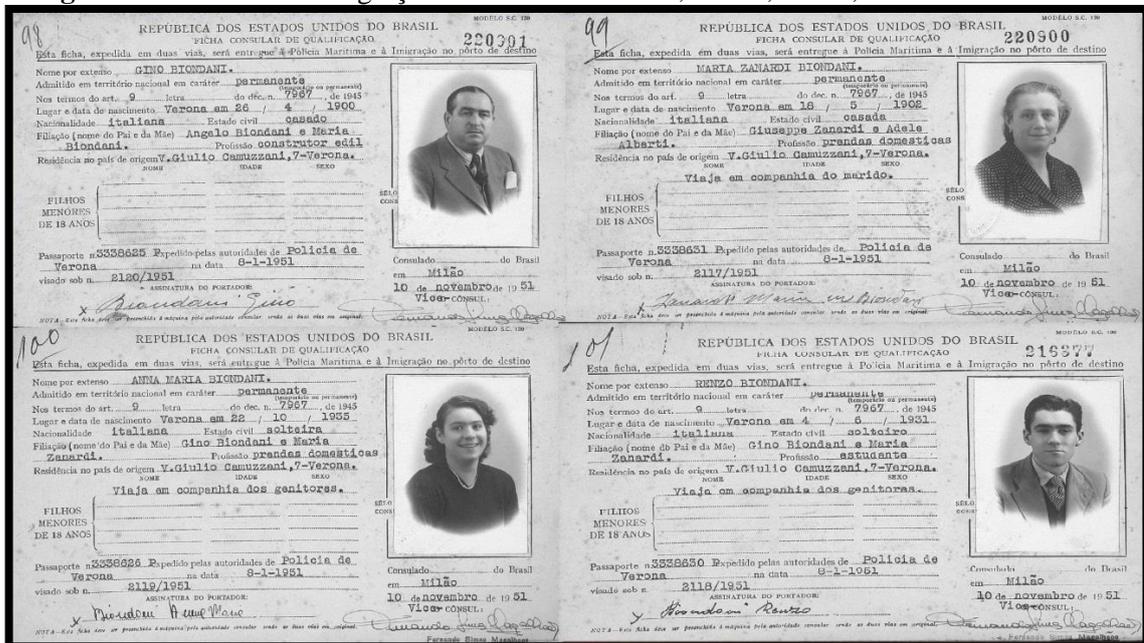
³⁸⁹ Entrevista da autora com Renzo Biondani, realizada em 28 de setembro de 2017. Transcrita e depositada no acervo do Lapho, PUCRS, p.5.

Figura 92 – Ghino Biondani e família na chegada ao Brasil, no Porto do Rio de Janeiro.



Fonte: Acervo da família Biondani.

Figura 93 – Cartões de imigração da família Biondani, Ghino, Maria, Renzo e Anna Maria.



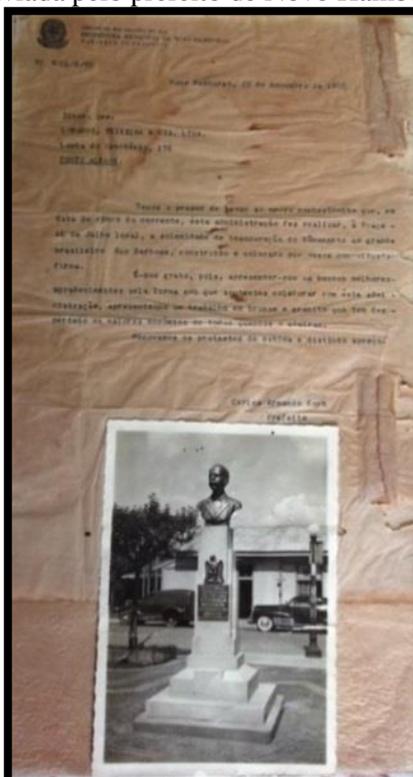
Fonte: Site familysearch.³⁹⁰

³⁹⁰ Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:33S7-95YJ-S83V?i=27&cc=1932363>>

Segundo Julio Lonardi, seu pai trabalhou mais para o cemitério São Miguel e Almas do que para o cemitério da Santa Casa, em função da sua amizade com Vitorio Semensato, que por muitos anos foi zelador daquele cemitério.³⁹¹

Leone Lonardi foi um grande retratista. Representava com perfeição os personagens que esculpia em mármore ou modelava para bronze, o que se pode perceber na escultura do Rui Barbosa³⁹², modelada e fundida em bronze em 1950 para a cidade de Novo Hamburgo. A famosa proeminência craniana de Rui Barbosa foi reproduzida com perfeição pelo artista, assim como todos seus traços faciais. Em 20 de novembro de 1950, o prefeito da cidade, Carlos Armando Koch, enviou uma carta (Figura 94) com agradecimentos e lisonjas, comunicando que, no dia 5 do mesmo mês, houve a cerimônia de inauguração do monumento ao Rui Barbosa na Praça 14 de julho. À carta foi anexada uma foto do referido monumento (Figura 95). O molde deste busto (Figura 96) se encontra junto ao acervo de moldes de Leone Lonardi pertencente à família Lonardi.

Figura 94 – Carta enviada pelo prefeito de Novo Hamburgo a Leone Lonardi.



Fonte: Acervo da família Lonardi.

³⁹¹ Entrevista da autora com Julio Lonardi, realizada em 29 de agosto de 2018. Transcrita e depositada no acervo do Lapho, PUCRS, p. 17.

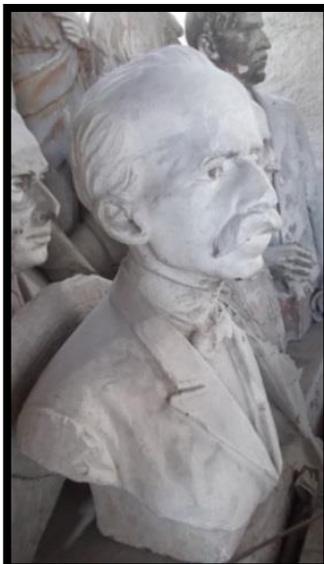
³⁹² In: Ruy Barbosa de Oliveira foi advogado, jornalista, jurista, político, diplomata, ensaísta e orador brasileiro, nascido em Salvador em 1849 e falecido em Petrópolis em 1923. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/rui-barbosa/biografia>>

Figura 95 – Monumento a Rui Barbosa.



Fonte: Acervo da família Lonardi.

Figura 96 – Molde do busto de Rui Barbosa.

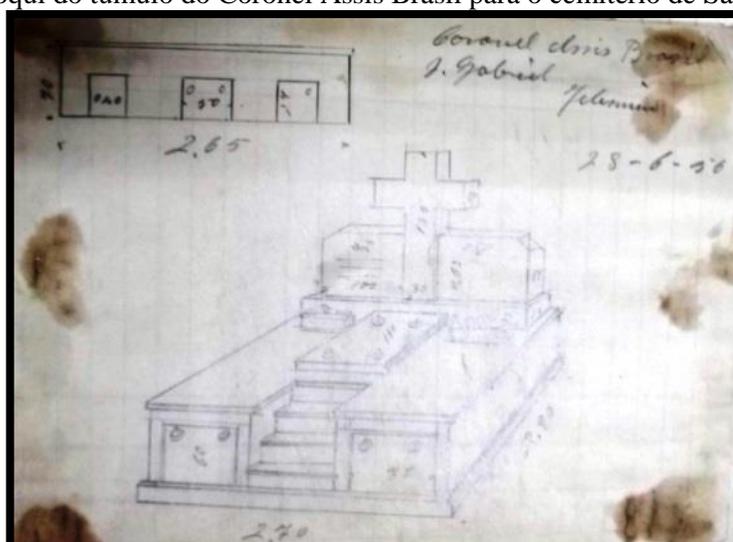


Fonte: Fotografia da autora.

Os trabalhos da Marmoraria Lonardi nas cidades da fronteira parecem ter se intensificado na década de 1950. Sabemos que Lonardi produziu várias obras para o Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé. Segundo Bastianello, na secretaria deste

cemitério existe um álbum fotográfico de túmulos da empresa Lonardi, Teixeira & Cia.³⁹³ A autora realizou um levantamento das empresas que produziram alguns túmulos para o cemitério de Bagé que puderam ser identificados. Segundo ela, a marmoraria Lonardi & Teixeira produziu os seguintes jazigos: família Dido Machado Ferreira, João Henrique Kluwe e Taurina Kluwe (1933), Ernesto Verde Gomes (1952), Otávio José Correa e família (1953) e Lauro Garcia.³⁹⁴ Em 1956, Lonardi desenhou o túmulo do Coronel Assis Brasil para o cemitério de São Gabriel (Figura 97).

Figura 97– Croqui do túmulo do Coronel Assis Brasil para o cemitério de São Gabriel, 1956.



Fonte: Acervo da família Lonardi.

Em 1959, a marmoraria Lonardi, Teixeira & Cia. produziu o monumento em homenagem ao jornalista Francisco Leonardo Truda (Figura 98), um dos fundadores do “Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul”. Leone modelou o busto do jornalista e uma pilha de jornais que, assim como o busto, foi fundida em bronze e colocada junto ao monumento que foi inaugurado em 17 de novembro de 1959, na Praça da Alfândega, em Porto Alegre. Segundo José Francisco Alves, a pilha de jornais em bronze, que ficava na base do pedestal, foi roubada em agosto de 1999.³⁹⁵ Mais tarde, a placa com as inscrições também foi roubada. Resta o pedestal em granito vermelho, o busto em bronze e a rubrica da marmoraria (Figura 99).

³⁹³ BASTIANELLO, Elaine Maria Tonini. **A Memória Retirada da Pedra: A história de Bagé nos monumentos funerários (1858-1950)**. Bagé: Ed. do Autor, 2016, p. 122.

³⁹⁴ *Ibid.*, p. 218-221.

³⁹⁵ ALVES, José Francisco. **A Escultura Pública de Porto Alegre: História, contexto e significado**. Porto Alegre: Artífólio, 2004.

Figura 98 – Monumento a Leonardo Truda, Praça da Alfândega.



Fonte: Fotografia da autora.

Figura 99 - Rubrica da marmoraria Lonardi, Teixeira & Cia.



Fonte: Fotografia da autora.

Quando Leone Lonardi faleceu, em 1961, segundo conta seu filho Julio, ficaram alguns projetos em sua mesa. Um deles foi do túmulo de Cipriano Michelleto, encomendado pela viúva Elisa Micheletto.³⁹⁶ Cipriano Michelleto foi um rico empresário que possuía uma grande oficina de tornos Mitto³⁹⁷. Outro projeto foi do altar da igreja Sagrada Família, localizada na Rua José do Patrocínio em Porto Alegre.³⁹⁸ Julio Lonardi assumiu a empresa e cumpriu os contratos de seu pai.

Lonardi, assim como outros marmoristas que se instalaram em Porto Alegre, possuía pedreiras. A estatística comercial de Porto Alegre, do ano de 1928, aponta que havia uma

³⁹⁶ Entrevista da autora com Julio Lonardi, realizada em 29 de agosto de 2018. Transcrita e depositada no acervo do Lapho, PUCRS, p. 13.

³⁹⁷ Mitto é uma marca de tornos mecânicos para indústria pesada.

³⁹⁸ Entrevista da autora com Julio Lonardi, realizada em 01 de agosto de 2018. Transcrita e depositada no acervo do Lapho, PUCRS, p. 16-17.

pedreira na zona urbana e oito na zona suburbana da cidade.³⁹⁹ Em 1935, além do anúncio da marmoraria na Lomba do Cemitério no *Almanak Laemmert*, Leone anunciou também a sua pedreira na Estrada Mato Grosso. Apesar do aparente erro no nome da empresa, pois no anúncio aparece Leonardi & Cia⁴⁰⁰, Julio Lonardi confirmou, em entrevista⁴⁰¹, se tratar de uma pedreira que possuíam em Viamão. De lá eram retirados enormes blocos de granito que eram colocados com guindaste em um caminhão para serem transportados até a marmoraria, onde se transformariam em colunas ou peças de cantaria para monumentos ou construção civil, ou, então, para compor móveis e acessórios de decoração.

É possível observar que as bases para os monumentos do Bispo Laranjeiras e de Leonardo Truda foram confeccionadas em granito vermelho, o mesmo da Catedral Metropolitana, do Monumento ao Expedicionário, das laterais da ponte da Avenida João Pessoa sobre o Arroio Dilúvio, do Banco do Comércio, do prédio do INSS, como tantas obras de Porto Alegre. A cidade é cercada de morros de granito vermelho, de onde foram tiradas as pedras para edifícios, monumentos, pontes, paralelepípedos para pavimentação entre tantos outros fins, na urbanização da cidade e na decoração de residências e empresas.

Renato Menegotto, ao estudar as obras dos construtores de origem italiana em Porto Alegre, na década de 1920, entende que as manifestações de cultura cotidiana de arquitetura deste grupo de profissionais empreendedores contribuíram para a formação do patrimônio edificado de Porto Alegre.⁴⁰² Seguindo seu pensamento, diria que os marmoristas italianos ao aplicarem seus conhecimentos de extração e beneficiamento de pedras em Porto Alegre, mais especificamente na extração do granito vermelho, também contribuíram grandemente para a formação deste patrimônio, assim como, alteraram a cor da cidade, que ganhou o vermelho do granito porto-alegrense em seus prédios, calçadas, pontes e monumentos.

O granito vermelho deu a cor, a imponência, a solidez e uma característica própria ao espaço urbano. Assim como se pode notar ao redor do mundo, nas edificações de cada localidade predominam os materiais locais. Em zonas próximas a florestas, as construções são de madeira, onde predomina a argila, são de tijolos e na ausência de olarias, de adobe, taipa de barro e pau a pique, como foi na região da pampa gaúcho, em seus primórdios. As regiões

³⁹⁹ Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 15.10.1928, p. 39.

⁴⁰⁰ **Almanak Laemmert**, Rio de Janeiro, 1935, p. 1082.

⁴⁰¹ Entrevista da autora com Julio Lonardi, realizada em 29 de agosto de 2018. Transcrita e depositada no acervo do Lapho, PUCRS, p. 2 e 3.

⁴⁰² MENEGOTTO, Renato. Habitação multifamiliar em Porto Alegre: Anotações sobre obras de construtores italianos nos anos 1920. In: MUSA FAY, Claudia, RUGGIERO, Antonio de. (org.) **Imigrantes Empreendedores na História do Brasil: estudos de casos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. p. 91.

mais privilegiadas são as que possuem, em abundância, determinadas pedras, como mármore, basalto, arenito, pedra grés e granito, o mais sólido de todos.

No início da formação de Porto Alegre, as casas eram de taipa de barro, tijolos e madeira. As pedras eram utilizadas apenas em alicerces, pontes e calçamento das principais ruas. Apesar da abundância do granito vermelho, era escassa a mão-de-obra para a retirada da pedra de suas jazidas, assim como o trabalho de cantaria que beneficiasse essa pedra, transformando-a em blocos e peças para construção. Os imigrantes portugueses trouxeram grande contribuição para o trabalho de cantaria em Porto Alegre. Porém, percebe-se que a exploração do granito local em larga escala se deu através dos marmoristas italianos, como os irmãos Piattelli, os Irmãos De Angeli e Leone Lonardi.

Ao contrário de muitos marmoristas que seguiram uma vida itinerante, sempre em busca de novas paragens, onde surgiam novas grandes obras e em busca de melhores oportunidades de trabalho, Leone Lonardi fixou residência em Porto Alegre. Na Idade Média, os pedreiros viajam para onde houvesse uma igreja em construção. É possível que a construção de nossa catedral tenha atraído Leone Lonardi. Entretanto, ao que parece, a cidade de Porto Alegre ofereceu o que o escultor procurava, um fluxo contínuo de trabalho e reconhecimento profissional. Sem dúvida, o fato de possuir a qualificação que o desenvolvimento urbano carecia, de ser um italiano que trazia em sua bagagem a cultura clássica italiana e o ideário europeu que satisfazia o gosto das elites e o apoio de sua rede de relacionamento, foram elementos determinantes à sua permanência. Até aqui, não foi possível realizar um levantamento minucioso das obras da Marmoraria Lonardi, tendo em vista o imenso número de trabalhos registrados em seus livros caixas. Sabe-se, porém, que seus inumeráveis trabalhos se estenderam tanto em obras particulares quanto públicas, tornando inegável sua importante participação no desenvolvimento urbano de Porto Alegre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendendo que a História Social não pode ser vista como um arco narrativo, como uma série de episódios, e que as sociedades funcionam como tecidos, como teias humanas, onde todas as ações afetam toda a teia, acredito que o pequeno universo do marmorista Leone Domenico Lonardi – captado a partir da análise de sua trajetória e de suas redes sociais – nos ajuda a entender melhor uma série de questões que envolveram, não só o mundo dos marmoristas, mas também dos imigrantes qualificados, assim como de outros indivíduos que participaram do desenvolvimento urbano de Porto Alegre.

Imigrantes qualificados se dirigiram aos centros urbanos em desenvolvimento, multiétnicos, encarando desafios distintos dos enfrentados pelos camponeses que se seguiram para as colônias, por conseguinte, desenvolveram diferentes estratégias. Leone Lonardi se constitui num exemplo de como os marmoristas italianos se inseriram no fluxo espontâneo de correntes migratórias direcionadas às zonas urbanas.

A trajetória de Leone esteve relacionada às atividades dos comerciantes, artistas, artesãos e operários inseridos numa dinâmica de história social, das relações internacionais e da imigração da Itália em direção ao Brasil. Sem dúvida, o fato dele possuir a qualificação profissional que o desenvolvimento urbano carecia, de trazer em sua bagagem a cultura clássica italiana e o ideário europeu que satisfazia o gosto das elites e de contar com o apoio de uma rede de relacionamentos, foram elementos determinantes à sua permanência.

A mobilidade, como estratégia de sobrevivência, é observada no histórico familiar de Leone Lonardi. E ele próprio, quando ingressou na Escola de Pintura e Escultura de Verona, em 1910, aos catorze anos de idade, teve sua primeira experiência longe da casa paterna. Em 1923, quando teve sua primeira verdadeira experiência migratória, percebe-se que houve o apoio das redes parentais e de sociabilidade. Ao chegar a Nova Iorque, foi ao encontro do irmão que lá vivia. Mais tarde, quando trabalhou na Filadélfia, instalou-se junto a uma família de imigrantes italianos.

Em sua imigração para o Brasil, é possível observar que ele esteve inserido em uma cadeia de imigrantes “espontâneos”. A decisão foi tomada a partir do convite do amigo Pietro Biondani, um construtor que havia passado por Porto Alegre, para onde pretendia retornar. É possível imaginar que Biondani tenha alertado sobre o crescimento urbano da cidade naquele período e tenha fornecido informações importantes a respeito das oportunidades de trabalho,

assim como os contatos que viabilizaram moradia e trabalho no primeiro momento da imigração.

Quando chegou a Porto Alegre, em dezembro de 1927, já existia um mercado de escultura e se percebe que havia uma predileção pelo trabalho dos escultores italianos. A presença de imigrantes qualificados italianos é observada desde a década de 1860, anteriormente ao início da imigração de massa de camponeses ao Rio Grande do Sul. A partir da segunda metade do século XIX é possível notar um crescimento urbano gradativo. Obviamente, com isso, houve aumento da procura por profissionais especializados nas áreas relacionadas à construção civil.

A pesquisa evidencia vários exemplos do caráter de mobilidade próprio do imigrante qualificado que sempre está em busca de novas oportunidades de trabalho. O caso mais remoto evidenciado na pesquisa é o do construtor italiano José Obino, que depois de trabalhar por algum tempo no Uruguai, realizou grandes obras públicas em Bagé, se deslocando mais tarde para Porto Alegre, onde instalou uma importante marmoraria e seguiu seus trabalhos em obras públicas. A formação de uma rede de sociabilidade, étnica e profissional também se evidencia em torno de Obino. Em sua oficina trabalharam importantes escultores italianos, como Carlo Fossati e Egisto Girolami e Rainieri Fortini.

Adriano Pittanti – que no consenso dos historiadores de arte foi o primeiro marmorista a chegar ao Rio Grande do Sul, em 1968 – demonstrou grande habilidade de integração na nova sociedade, ao mesmo tempo em que manteve suas redes étnicas. Conquistou um elevado prestígio social, exercendo um papel de conexão entre os imigrantes italianos e os políticos locais.

Os marmoristas italianos deram início à exploração das pedras no Rio Grande do Sul, empregando as mesmas técnicas de extração de pedras utilizadas em Carrara. Adriano Pittanti e Carlo Fossati iniciaram a extração do mármore da Província e, mais tarde, Rainieri Fortini explorou a pedra grés.

No final do século XIX a profissão de marmorista estava devidamente regulamentada e era economicamente significativa, em Porto Alegre. No início do século XX, a capital contava com um considerável número de marmoristas e trabalhadores da pedra, havendo, em 1906, um sindicato dos marmoristas, bem organizado, que promoveu a primeira greve geral. As constantes importações de esculturas prontas e moldes em gesso mostram que havia uma grande demanda de esculturas, superando a capacidade de produção das oficinas aqui instaladas, possivelmente, devido à escassez de mão-de-obra qualificada.

Percebe-se que, neste período, Porto Alegre havia desenvolvido um ambiente artístico e cultural, com escultores, pintores, litógrafos, fotógrafos, músicos e literatos. Porém, até 1910 não havia escolas técnicas ou superiores que ensinassem escultura em Porto Alegre. Observa-se que numa continuidade das *guildas* medievais, os antigos escultores, considerados mestres, preparavam jovens escultores que eram recebidos como aprendizes em suas oficinas. Entretanto, a procura pelo trabalho dos marmoristas, como de outros profissionais qualificados, crescia na medida em que a cidade crescia e que se desenvolvia a indústria. Essa, por sua vez, dava origem a uma burguesia local que cultivava o gosto pela arte clássica. A presença de uma escultura em mármore no jardim ou no interior de uma residência ou até mesmo no túmulo da família, conferia *status* a esta burguesia emergente.

Em alguns casos, os empresários procuravam estes imigrantes qualificados em países vizinhos, como no Uruguai e Argentina, conhecendo o caráter de mobilidade destes profissionais, como ocorreu com os marmoristas italianos Frederico Pellarin e Luiz Sanguin. Estes imigrantes, por sua vez, frequentemente, acionavam suas redes sociais a fim de viabilizarem novos eventos migratórios, na medida em que percebiam melhores oportunidades de trabalho em outros locais.

Observa-se a predominância de trabalhadores de origem italiana nas marmorarias de Porto Alegre, não só entre os escultores, mas também entre os operários, canteiros e pedreiros. A produção intensa destes profissionais alterou, em alguns aspectos, a aparência e os costumes da cidade, gerando o que chamamos de transnacionalismo, processo pelo qual os imigrantes constroem campos sociais que conectam seu país de origem e o país de destino. A escultura funerária, a escultura fachadista e os monumentos públicos promoviam o gosto pela tradicional arte italiana, numa época em que as pessoas frequentavam assiduamente os espaços públicos, que se constituíam nas principais opções de lazer.

A chegada do escultor Giuseppe Gaudenzi trazido da Itália para lecionar modelagem na recém-fundada Escola Técnica Profissional da Escola de Engenharia, em 1910, comprova que existia uma grande demanda de escultura em Porto Alegre. Havia a necessidade de se formar novos profissionais a fim de suprir o mercado consumidor de arte, instituído ao longo dos anos de atuação dos marmoristas italianos. A pesquisa mostra que Gaudenzi soube cultivar suas redes de sociabilidade, tanto entre os seus compatriotas, quanto entre os membros da sociedade local. Essa estratégia de inserção e manutenção na nova sociedade é muito observada entre os imigrantes qualificados italianos.

A exploração das pedras locais iniciada por Pittanti e Fossati que não teve continuidade por falta de mão-de-obra especializada, se desenvolveu a partir da década de

1910 facilitada pela mecanização das oficinas e pela maior abundância de mão-de-obra, gerada pela formação de novos profissionais e a chegada de novos imigrantes, principalmente, canteiros. Surgem empresas especializadas na extração e beneficiamento do granito local, como as firmas Irmãos Piattelli e Irmãos De Angeli que iniciaram a exploração do granito vermelho de Porto Alegre, abundante nos morros que cercam a cidade, apropriado à construção ou revestimento de edifícios, túmulos e monumentos, assim como para a pavimentação.

A repercussão da campanha fascista e a adesão ao *Emprestimo Littorio* observadas nos jornais de Porto Alegre no período da chegada de Leone Lonardi indica que uma boa parcela da comunidade italiana teve contato com a campanha de Mussolini e mantinha um forte elo com a Itália. A doação feita por Leone Lonardi de sua aliança de casamento para a dita campanha, antes de viajar para o Brasil, revela o quanto o regime fascista havia impregnado as mentes italianas, a ponto de um homem recém-casado doar um objeto de tamanho valor afetivo.

O sucesso da campanha noticiado pelos jornais em 1927, como forma de propaganda do êxito do fascismo e a adesão de Leone ao regime, nos afasta da hipótese de que ele tenha vindo para o Brasil fugindo da crise financeira do país e nos aproxima mais da ideia de que ele imigrou em busca de melhores oportunidades de trabalho, seguindo a tradição dos imigrantes qualificados.

A pesquisa na imprensa revelou também que em Porto Alegre, assim como em outros centros que abrigaram imigrantes italianos, houve um movimento antifascista. Enquanto o Jornal *A Federação* – órgão do Partido Republicano Rio-Grandense (PPR), de tendência positivista, que defendia a ideia de um estado intervencionista – se alinhava ao regime fascista, o jornal *Correio do Povo* que, geralmente, se mantinha mais imparcial, cedeu espaço às notícias relacionadas ao movimento antifascista no Rio Grande do Sul, ao qual pertenceram os irmãos marmoristas Aman e Ferruccio Piattelli.

Não foi possível observar a continuidade de uma cadeia imigratória a partir de Leone Lonardi. Somente várias décadas após a sua chegada, é que um de seus sobrinhos italianos veio para Porto Alegre e se casou com uma de suas filhas. Coincidentemente, Leone foi o último marmorista italiano a chegar a Porto Alegre. Esses fatos, possivelmente, estão relacionados com as medidas criadas por Mussolini, em 1927, para coibir a saída de cidadãos italianos de seu país.

O apoio étnico a Leone Lonardi é bastante evidente desde a sua chegada a Porto Alegre e principalmente na constituição de sua marmoraria, tendo apoio financeiro de

importantes capitalistas italianos, aqui instalados, como: Henrique Pacini e José Brunelli. Além disso, através deste último, Lonardi assumiu importantes trabalhos na construção da nova Catedral Metropolitana, já nos primeiros meses de funcionamento da marmoraria o que, provavelmente, determinou o sucesso do empreendimento. O apoio de membros da chamada colônia italiana de Porto Alegre é observado nas primeiras páginas do primeiro livro caixa, pela forte presença de sobrenomes italianos, entre clientes, fornecedores, credores, sócios e empregados.

Os jornais mostram a presença de inúmeras sociedades e clubes italianos, nos quais os imigrantes italianos bem sucedidos tinham participação ativa, tanto em Porto Alegre, quanto em todas as cidades do Rio Grande do Sul onde havia uma presença significativa de italianos. O apoio de imigrantes já estabelecidos aos novos imigrantes, em fase de inserção social, mantinha o funcionamento dos canais étnicos e das redes migratórias, assim como, facilitava a ascensão social do grupo no novo país. As redes de sociabilidade dos imigrantes italianos não se restringiam ao campo étnico, pois o isolamento não convinha ao processo de inserção na sociedade local. As redes se baseavam também em outras identidades de grupo, como religiosa, profissional e de posição social, por exemplo.

Ao final da década de 1920, quando Lonardi chegou a Porto Alegre, ao que se sabe, havia apenas um grande escultor italiano na capital, Luiz Sanguin, que não teve atuação observada entre 1913 e a década 1930, quando prestou inúmeros serviços para a Marmoraria Lonardi e Teixeira. Portanto, Leone Lonardi veio preencher uma lacuna no mercado de esculturas de Porto Alegre. O italiano que havia iniciado sua formação profissional aos 14 anos de idade em Verona, que produziu obras públicas em seu país e trabalhou nos Estados Unidos, tinha a qualificação profissional desejada pela elite porto-alegrense.

Os trabalhos para a construção civil e a produção de esculturas públicas e funerárias demandava um grande número de operários entre graniteiros, marmoristas, lustradores, ferreiros, carpinteiros e serventes. De acordo com os anúncios de jornais e almanaques, na década de 1930, Lonardi precisou disputar espaço de mercado com uma grande concorrência. Entre 1935 e 1937 houve um aumento vertiginoso no número de empresas dedicadas ao mármore, ao granito, às esculturas e às imagens.

A Marmoraria Lonardi, Teixeira e Cia. realizou grandes monumentos funerários para todo o estado, obras para a igreja, monumentos públicos e inúmeros serviços para a construção civil, tanto no âmbito público, quanto no privado. Construiu uma infinidade de túmulos nas cidades da fronteira, principalmente, a partir da década de 1950. Tornou-se uma das mais importantes marmorarias do estado.

Lonardi, assim como outros marmoristas que se instalaram em Porto Alegre, possuía pedreiras de onde retirava enormes blocos de granito que se transformariam em colunas ou peças de cantaria para monumentos, para a construção civil ou para compor móveis e acessórios de decoração. A cidade de Porto Alegre é cercada de morros de granito vermelho. Os marmoristas italianos ao aplicarem seus conhecimentos de extração e beneficiamento do granito vermelho que ofereceu cor, imponência e solidez ao espaço urbano de Porto Alegre, contribuíram grandemente para a formação de nosso patrimônio cultural. Este é um aspecto que merece ser mais profundamente estudado pelos historiadores.

Depois de levar uma vida itinerante, em um determinado momento, os marmoristas decidiam se fixar. Os motivos são diversos, que perpassam por casamentos, problemas de saúde, mercado de trabalho, entre outros. No caso de Lonardi, ao que parece, a cidade de Porto Alegre lhe ofereceu um fluxo contínuo de trabalho e reconhecimento profissional. Além da migração internacional, foi observada também uma grande mobilidade interna entre os marmoristas, que circulavam por diversas empresas. Eles faziam e desfaziam sociedades com certa frequência. Trabalhavam como empregados ou assumiam empreitadas. Foram observados alguns casos de sociedades entre italianos e alemães, sendo que os primeiros, geralmente eram escultores e os segundos construtores ou empresários de outros ramos, o que sugere que estas sociedades aliavam a habilidade artística dos italianos ao pendor empreendedor dos alemães.

Estudar o trabalho dos escultores traz também novas reflexões a respeito dos trabalhos manuais, os manufaturados, que resistiram por algum tempo à concorrência da produção industrial, por carregarem o valor intrínseco do objeto de arte, que conferia *status* a quem o adquiria. Nos dias atuais essa produção se torna cada vez mais rara. E não se trata apenas da substituição do trabalho pela produção em série da indústria ou pelas novas tecnologias, como do desenho gráfico que substituiu o desenho e a pintura, manuais, e a impressora 3D que é capaz de realizar esculturas. Trata-se de novos valores da sociedade. Até o início do século XX as pessoas eram definidas pelo trabalho. Hoje, cada vez mais, as pessoas são definidas por suas posses, pelos seus bens.

Por fim, é possível dizer que a partir do caso do marmorista italiano Leone Domenico Lonardi foi possível demonstrar, em primeiro lugar, o caráter de mobilidade dos imigrantes qualificados. A qualificação profissional dos marmoristas, construtores, arquitetos e engenheiros que se dirigiam aos centros urbanos em desenvolvimento no continente americano, no início do século XX, foi o elemento fundamental para que houvesse a continuidade da tradição itinerante que iniciou com os pedreiros das velhas *guildas* medievais

e foi observada entre os italianos das regiões alpinas que tiveram a cultura de mobilidade relacionada às questões climáticas. A qualificação profissional adquirida no país de origem e tão requisitada no país de destino se constituiu em um elo entre as duas nações, que chamamos de transnacionalismo. Foi possível observar também que os marmoristas que atuaram em Porto Alegre, assim como outros imigrantes qualificados, provocaram um transnacionalismo cultural, na medida em que, a partir do seu trabalho e de sua atuação na nova sociedade, transformaram a dinâmica e a imagem cultural da cidade, da mesma forma que sofreram transformações culturais causadas pelas influências da nova sociedade. E por último, a que, a meu ver, é a mais importante constatação, na medida em que este entendimento poderá ser útil a estudos de outras áreas do conhecimento, como da Sociologia e da Antropologia, por exemplo. Assim como em outros trabalhos sobre imigração urbana, a análise demonstrou a grande importância do papel das redes sociais, tanto no evento imigratório, desde as primeiras informações sobre as oportunidades de trabalho, as possibilidades de alojamento e possível financiamento da viagem, quanto na inserção dos imigrantes italianos qualificados na nova sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁLVARO, Franco; DE COUTO E SILVA, Morency; SCHIDROWITZ, Léo Jerônimo (org.). **Porto Alegre: biografia duma cidade – monumento do passado, documento do presente, guia do futuro.** Porto Alegre: Editora Tipografia do Centro S.A., 1940.

ALVES, José Francisco. **A Escultura pública de Porto Alegre: História, contexto e significado.** Porto Alegre: Artífólio, 2004.

AMBROSINI, Maurizio. **Sociologia dele migrazioni.** Bologna: Il Mulino, 2005.

ARAUJO, Jairo Melo. O Invisível na Teia das Relações Sociais. In: **Fenômeno: uma teia complexa de relações** / Organizado por Julieta Beatriz Ramos Desaulniers. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. P. 113-120.

BARROSO, Vera Lucia Maciel. Os imigrantes na Santa Casa de Porto Alegre: as possibilidades de pesquisa no acervo do Centro Histórico-Cultural/CHC-ISCMIPA (Séc. XIX e XX). In: VENDRAME, Maíra Ines; KARSBURG, Alexandre; Beatriz WEBER e FARINATTI, Luis Augusto. (Org.) **Micro-história, trajetórias e imigração.** São Leopoldo: Oikos, 2015.

BARTH, Fredrik. **Grupos étnicos e suas fronteiras.** In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras, de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1997.

BASTIANELLO, Elaine Maria Tonini. **A Memória retirada da pedra: A história de Bagé nos monumentos funerários (1858-1950).** Bagé: Ed. do Autor, 2016.

BASTOS, Fabrício H. Chagas, MAGESTE, Leticia. Migração internacional qualificada e política migratória no Brasil (2000-2017) In: **Revista Conjuntura Austral**, v.9, n.48. Porto Alegre, 2018, p.72-97.

BELLOMO, Harry Rodrigues (org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul: Arte, sociedade e ideologia.** 2. ed. rev. e ampl. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

BELLOMO, Harry Rodrigues. A produção da estatuária funerária no Rio Grande do Sul. In: BELLOMO, Harry Rodrigues (org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul: Arte, sociedade e ideologia.** 2. ed. rev. e ampl. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

BERTONHA, João Fábio. **O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BERTONHA, João Fábio. **Os italianos.** São Paulo: Contexto, 2005.

BERTONI, Camilla. **Eroi e antieroi: la scultura a Verona nell'epoca dela Grande Guerra.** Verona: Biblioteca Civica, 2016.

BEVILACQUA, Piero; De CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio (org.). **Storia dell'emigrazione italiana.** Donzelli Editore, Roma: 2000.

BORGES, Maria Elízia. Arte Funerária: apropriação da Pietá pelos marmoristas e escultores contemporâneos. In: **Revista de Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v XXIII, n.2, p. 15-28, dezembro 1997. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

BORGES, Maria Elízia. **Arte tumular: a produção dos marmoristas de Ribeirão Preto no Período da Primeira república**. Tese (Doutorado) ECA/USP. São Paulo, S.C.P., 1991.

BORGES, Maria Elízia. **Arte funerária no Brasil (1890-1930): Ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto**. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2002.

BORGES, Stella. Italianos e o Movimento Operário em Porto Alegre. In: **Revista de Estudos Ibero-Americanos /Pós-Graduação de História PUCRS** – Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

BORGES, Stella. **Italianos: Porto Alegre e trabalho**. Porto Alegre: EST, 1993.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de história oral**. São Paulo. Edições Loyola. 1996.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e etnia: construção das pessoas e resistência cultural**. São Paulo, Brasiliense, 1986. P.145 e 149.

BRUM, Rosemary Fritsch. **Caderno de pesquisa: notícias de imigrantes italianos em Porto Alegre, entre 1911 e 1937**. São Luis/MA: EDUFMA, 2009.

BRUM, Rosemary Fritsch. **Uma cidade que se conta**. Imigrantes italianos e narrativas no espaço social da cidade de Porto Alegre nos anos 20-30. São Luis/MA: EDUFMA, 2009. São Luis/MA: EDUFMA, 2009.

CANDOU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CAPPELLI, Vittorio. A propósito de imigração e urbanização: correntes imigratórias da Itália meridional às “outras Américas”. **Revista de Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 7-37, jul. 2007.

CAPPELLI, Vittorio. Imigração italiana e empreendedorismo no Brasil: dois estudos de caso. In: MUSA FAY, Claudia, RUGGIERO, Antonio de. (org.) **Imigrantes empreendedores na história do Brasil: estudos de casos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

CARVALHO, Luiza Fabiana Nietzsche. **A História da arte funerária dos cemitérios São José I e II em Porto Alegre (1888-2014)**. Porto Alegre: Tese de doutorado. Instituto de Artes. UFRGS, 2015.

CASTRO, Hebe. História social. In: CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

Catálogo de atas da Câmara de Vereadores de Porto Alegre; 1846-1855; v. IX. Porto Alegre, EU/ Porto alegre, 1999.

CENNI, Franco. **Italianos no Brasil**. São Paulo: Martins, EDUSP, 1975.

CONEDERA, Leonardo de Oliveira. **A Imigração italiana no pós-guerra em Porto Alegre: memórias, narrativas, identidades de italianos (1956-1976)**. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Porto Alegre, 2012.

CONEDERA, Leonardo de Oliveira. **Músicos no Novo Mundo: A presença de musicistas italianos na Banda Municipal de Porto Alegre (1925-1950)**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação, PUCRS. Porto Alegre, 2017.

CONEDERA, Leonardo de Oliveira. Ferrari, Callegari e Mancuso: Lentes italianas sobre o Rio Grande do Sul. **Oficina do historiador**, Porto Alegre, EDIPUCRS, Suplemento especial – ISSN 21783748 – I EPHIS/PUCRS, 2014. p.773-786.

CONEDERA, Leonardo de Oliveira. **Olhar de Fortini: a presença italiana nas crônicas de Porto Alegre**. In: 1º Colóquio Internacional de História Cultural da Cidade Sandra Jatayh Pesavento. Porto Alegre, UFRGS, 2015.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **A presença italiana no Uruguay e os italianos de Porto Alegre**. Hoy es Historia, Montevideu, v. 29, p. 59-68, 1988.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **O italiano da esquina: meridionais na sociedade porto-alegrense e permanência da identidade entre moraneses**. Porto Alegre: EST, 2007.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Redes sociais e ocupação de espaços econômicos: imigrantes italianos em Porto Alegre. In: MUSA FAY, Claudia, RUGGIERO, Antonio de. (org.) **Imigrantes empreendedores na história do Brasil: estudos de casos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

CONSTANTINO. Núncia Santoro de. **Nas entrelinhas da narrativa: vozes de mulheres imigrantes**. Revista Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXXII, n. 1, p. 63-73, junho 2006.

CORONA, Fernando. Directrizes da Arquitetura: Casas de Porto Alegre. In. ALVARO, Franco; DE COUTO E SILVA, Morency; SCHIDROWITZ, Léo Jerônimo (org.). **Porto Alegre: biografia duma cidade – monumento do passado, documento do presente, guia do futuro**. Porto Alegre: Editora Tipografia do Centro S.A., 1940. 476-486.

CORONA. Fernando. **Caminhada nas artes 1940-76**. Porto Alegre. Ed. Da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Instituto Estadual do Livro, 1977.

CORONA, Fernando. 50 anos de formas plásticas e seus autores. In. BECKER, Klaus. **Enciclopédia Rio-grandense**. Canoas: Editora Regional Ltda., 1957. V.3.

CORONA, Fernando. Cem anos de formas plásticas e seus autores. In. BECKER, Klaus. **Enciclopédia Rio-grandense**. Canoas: Editora Regional Ltda., 1957. V.2.

CUNHA, Manoela Carneiro da. **Antropologia do Brasil: mito, história e etnicidade**. São Paulo: Brasiliense/Edusp, 1986. p. 116.

CUSANO, Alfredo. **Il paese dell'avvenire**. Rio Grande do Sul; Roma; São Paulo; Buenos Aires: L'Italo-Sudamericana, 1920.

DAMASCENO, Athos. **Artes plásticas no Rio Grande do Sul (1755-1900)**. 1971.

DAMASCENO, Athos. **Colóquios com a minha cidade**. Porto Alegre: Globo, 1974.

DE BONI, Luis Alberto. **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: EST, 1991.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. **Imigração, urbanização e industrialização: estudo sobre alguns aspectos da contribuição cultural do imigrante no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa Educacional, 1964.

DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. **Estatuária e ideologia**. 2. Ed. rev. e ampl. – Porto Alegre: ed. da Cidade; Letra e Vida, 2011.

DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. **Estatuários, catolicismo e gauchismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

Estudo sobre o Clube Italiano Canottieri Duca Degli Abruzzi sua criação em ordem cronológica. p. 4-5. In: Repositório digital Lume, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/71025>>

FAÉ, Walter José. **Italianos no Rio Grande do Sul: 1875-1975**. Americana, SP: FOCAM, 1975.

FELICORI, Mauro, SBORGI, Franco. **Lo splendore della forma: La scultura negli spazi della memoria**. Verona: Luca Sossella, 2006.

FORTES, Alexandre. **Nós do quarto distrito: a classe trabalhadora porto-alegrense e a era Vargas**. Caxias do Sul: Garamond, 2004.

FORTINI, Archymedes. **Porto Alegre através dos tempos**. Porto Alegre: Divisão de Cultura / SEC, 1962.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre e seu comércio**. Porto Alegre: Associação Comercial, 1983.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre: guia histórico**. Porto Alegre: UFRGS, 1988.

FRANZINA, Emilio. Parábolas empreendedoras, culturas territoriais e imigração italiana no Brasil entre 1800 e 1900. In: MUSA FAY, Claudia, RUGGIERO, Antonio de. (org.) **Imigrantes empreendedores na história do Brasil: estudos de casos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

GOFF, Jacques Le. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1996.

GOMES, Gisane. Os Fenômenos como Teias de Relações. In: **Fenômeno: uma teia complexa de relações** / Organizado por Julieta Beatriz Ramos Desaulniers. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. P. 101-112.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1992.

HAUSER, Arnold. **História social da literatura e da arte**. São Paulo, 1972.

HERÉDIA, Vania. Empreendedorismo na economia imigrante no sul do Brasil. In: MUSA FAY, Claudia, RUGGIERO, Antonio de. (org.) **Imigrantes empreendedores na história do Brasil: estudos de casos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

IOTTI, Luiza Horn. **Imigração e poder: a palavra oficial sobre os imigrantes italianos no Rio Grande do Sul (1875-1914)**. 2003. 308 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

KARSBURG, Alexandre. A micro-história e o método de microanálise na construção de trajetórias. In: VENDRAME, Maíra Ines; KARSBURG, Alexandre; Beatriz WEBER e FARINATTI, Luis Augusto. (Org.) **Micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Oikos, 2015.

KRIPPENDORFF, K. **Metodologia de análisis de contenido: teoria e práctica**. Barcelona, Ediciones Paidós, 1990.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LEVI, Giovanni. Micro-história e história da imigração. In: VENDRAME, Maíra Ines; KARSBURG, Alexandre; Beatriz WEBER e FARINATTI, Luis Augusto. (Org.) **Micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Oikos, 2015.

LOMNITZ, Larissa Adler. **Redes sociais, cultura e poder**. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

MALLMANN, Maria Izabel; CLEMENTE, Isabel. **Transnacionalismo, paradiplomacia e integração regional: O caso do Brasil e Uruguai**. Civitas, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 417-436, jul.-set. 2016.

MARCOVITCH, Jacques. **Pioneiros e empreendedores: A Saga do Desenvolvimento no Brasil**. 2 ed. rev. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Editora Saraiva, 2006.

MARTINELLI, Maria Lúcia. O Uso de abordagens qualitativas na pesquisa em serviço social. Martinelli, Maria Lúcia (organizador). **Pesquisa qualitativa: um instigante desafio**. São Paulo. Veras editora, 1999. P 19-30.

MARTINELLI, Maria Lúcia. Seminário sobre metodologias qualitativas de pesquisa. Martinelli, Maria Lúcia (organizador). **Pesquisa qualitativa: um instigante desafio**. São Paulo. Veras editora, 1999. P 11-18.

MATTAR, Leila Nesralla. **A modernidade em Porto Alegre: arquitetura e espaços urbanos plurifuncionais em área do 4º. Distrito**. 2010. 354 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

MEIHY, Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. Loyola: São Paulo, 1998.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom, BARBOSA, Fabíola Holanda. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

MENEGOTTO, Renato. **Cultura arquitetônica italiana na construção de residências em Porto Alegre: 1892-1930**. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

MENEGOTTO, Renato. Habitação multifamiliar em Porto Alegre: Anotações sobre obras de construtores italianos nos anos 1920. In: MUSA FAY, Claudia, RUGGIERO, Antonio de. (org.) **Imigrantes empreendedores na história do Brasil: estudos de casos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. p. 91-114.

MILLER, Daniel. **Consumo como cultura material**. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 13, n. 28, p33-63, jul/dez. 2007.

MONNET, Jean. Integração Europeia: o transnacionalismo. **Premio Faculdade de Direito de Coimbra**. Universidade de Coimbra. Disponível em: <https://www.uc.pt/fduc/pdfs/jean_monnet/premio1.pdf>

MONTEIRO, Charles. **Breve história de Porto Alegre**. Porto Alegre: Suliani Editografia Ltda, 2012.

MONTEIRO, Charles. Porto Alegre no Século XX: crescimento urbano e mudanças sociais. In: DORNELLES, Beatriz (Org.). **Porto Alegre em destaque – história e cultura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. P. 51-74.

MORAES, R. Análise de Conteúdo: limites e possibilidades. In: ENGERS, M.E.A. (Org). **Paradigmas e metodologias de pesquisa em educação**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1994.

MORAES, Roque e GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Unijuí, 2007.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, Bauru, SP, 2003, p. 191-211.

NONNENMACHER, Marisa Schneider. Tudo começou em uma madrugada: Sociedade Beneficente Floresta Aurora (1972-2015). Porto Alegre: Medianiz, 2015.

Noticiário Semanal – Histórico da Casa Aloys, indústria do mármore, granito e bronze. Oferecido aos seus amigos e fornecedores em comemoração aos 65 anos de sua fundação e atividade 1884-1949 para o ano de 1950, n.p.

OLIVEIRA, Ana Carolina Rosso de. A Paradiplomacia: conceito e inserção do profissional de relações internacionais. **Anais do X Seminário de Ciências Sociais - Tecendo diálogos sobre a pesquisa social Universidade Estadual de Maringá**. Departamento de Ciências

Sociais 22 a 26 de Outubro de 2012. p. 392. Disponível em: <http://www.dcs.uem.br/xseminario/artigos_resumos/gt4/x_seminarios_gt4-a2.pdf>

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1976.

OLIVEIRA, Clovis Silveira de. **Porto Alegre: a cidade e sua formação**. 2ª ed. Porto Alegre: Editora Gráfica Metrópole S.A, 1993.

OLMI, Alba. **Memória e memórias**: dimensões e perspectivas da literatura memorialista. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

PEDULLA, Raffaella Beccaro. **Monteverde e la scultura dell'Ottocento in Italia**. p. 64. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/chaa/rhaa/downloads/Revista%2011%20-%20artigo%204.pdf>>

PEQUENO, Marçal Dias, **Imigração e mão de obra qualificada**. Rio de Janeiro: Ser viço de Documentação do MTIC, 1957 (Coleção Lindolfo Collor).

PRINS, Gwyn. História oral. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

POLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: 1992. P. 200-212.

POSSAMAI, Paulo César. Igreja e Italianidade: Rio Grande do Sul (1875-1945). **Revista de História**. São Paulo: DH/FFLCH/USP, 1999. P. 75-90.

POSSAMAI, Paulo César. Imprensa e italianidade: RS (1875-1937). In: DREHER, Martin N.; RAMBO, Arthur Blásio; TRAMONTINI, Marcos Justo (org.). **Imigração & Imprensa**. Porto Alegre: EST/São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo, 2004. P. 561-584.

RESSTEL, Cizina Célia Fernandes Pereira. Transnacionalismo. In: **Desamparo psíquico nos filhos de dekasseguis no retorno ao Brasil** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 53-78.

RUGGIERO, Antonio de. Empreendedores toscanos do mármore nas cidades brasileiras (1875-1914). In: MUSA FAY, Claudia, RUGGIERO, Antonio de. (org.) **Imigrantes empreendedores na história do Brasil**: estudos de casos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. p. 9-14.

RUGGIERO, Antonio de. Os italianos nos contextos urbanos do Rio Grande do Sul: perspectivas de pesquisa. In: VENDRAME, Maíra Ines; KARSBURG, Alexandre; Beatriz WEBER e FARINATTI, Luis Augusto. (Org.) **Micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Oikos, 2015.

SANTOS, Carlos Alberto Ávila. Construtores e artífices Italianos no ecletismo do sul do Rio Grande do Sul: 1870-1931. In: **SAMPAP: 19º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas “Entre Territórios”** – 20 a 25/09/2010. Cachoeira – Bahia – Brasil. P. 2596.

SALLES, Maria do Rosário R.. Imigração, Família e Redes Sociais: a experiência dos 'deslocados de guerra' em São Paulo, no pós Segunda Guerra Mundial. Trabalho apresentado no **XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP**, realizado em Caxambú- MG – Brasil, de 20- 24 de Setembro de 2004. Disponível em: <<http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/1330/1294>>

SARAIVA, Marcia Raquel de Brito. **Pinduricalhos da memória: Usos e abusos dos obeliscos no Brasil. Séculos (XIX, XX e XXI)**. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Porto Alegre, 2007.

SCHILLER, Nina Glick, BASCH, Linda, BLANC-SZANTON, Cristina. **Transnationalism: A new analytic framework for understanding migration**. Annals New York Academy of Sciences. 1992.

SCHWARTSMANN, Leonor Carolina Baptista (autor). **Entre a mobilidade e as inovações: a presença de médicos italianos no Rio Grande do Sul (1892-1938)**. Tese (Doutorado em História) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS - Porto Alegre, 2013.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: Universidade de Brasília, 1990.

SILVA, Heike Roselane Kleber da. **Biografando um imigrante: mas por que Jacob Aloys Friederichs? MÉTIS: historia & cultura – v.2, n.3, p. 141-159, jan/jun. 2003.**

SILVA, Heike Roselane Kleber da. **A trajetória de uma liderança étnica: J. Aloys Friederichs (1868-1950)**. Tese (Doutorado em História) Programa de Pós-graduação em História, UFRGS - Porto Alegre, 2005.

SILVA, João Carlos Jarochinski. A história das políticas imigratórias dos Estados Unidos. In: **Textos&Debates**, Boa Vista, n.20, p. 7-21 , jan./jun. 2013.

SILVA, Sérgio Roberto Rocha da, SABALLA, Viviane Adriana. **Pelotas: a arte imortalizada**. Pelotas: Editora Universitária – UFPel, 1998.

SINGER, Paul. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana: análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife**. São Paulo: Nacional, 1968.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SORIA, Regina. Artisti nell'emigrazione. In: BEVILACQUA, Piero, CLEMENTI, Andreina De, FRANZINA, Emilio. **Storia dell'emigrazione italiana**. Donzelli Editore, 2001.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral**. São Paulo: Paz e Terra S.A., 1992.

TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Nobel, 1989.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo social** – Revista de Sociologia da USP, São Paulo, 2008. P. 199-218.

VALLADARES, Clarival do Prado. **Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros**. Rio de Janeiro: Editado pelo Conselho Federal de Cultura. MEC.

VENDRAME, Maíra Ines. Mobilidade, redes e experiências migratórias: reflexões sobre as estratégias de transferência dos imigrantes italianos para o Brasil meridional. In: VENDRAME, Maíra Ines et al. (Org.) **Micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Oikos, 2015.

VENDRAME, Maíra Ines. O Poder da Aldeia: redes e práticas de justiça na ex-colônia de Silveira Martins (1881-1900). **Oficina do historiador**, Porto Alegre, EDIPUCRS, Suplemento especial – eISSN 21783748 – I EPHIS/PUCRS - 27 a 29.05.2014, p.685-705.

VENDRAME, Maíra Ines et al. (Org.) **Micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Oikos, 2015.

VENDRAME, Maíra Ines. **O poder na aldeia: redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre os camponeses italianos (Brasil-Itália)** / Maíra Ines Vendrame. – São Leopoldo: Oikos; Porto Alegre: ANPUH-RS, 2016.

WEIMER, Güinter. **Arquitetos e construtores no Rio Grande do Sul**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2004.

ZAMBERLAM, Jurandir. **O processo migratório no Brasil: e os desafios da mobilidade humana na globalização**. Porto Alegre: Pallotti, 2004.

FONTES DIGITAIS

Blog Prof. Cirio Simon. Disponível em: <<http://profciriosimon.blogspot.com.br/2010/06/arte-em-porto-alegre-05b.html>>

Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>

Site da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Procuradoria Geral do Município. Disponível em: <<http://www2.portoalegre.rs.gov.br/cgi-bin/nph-brs?s1=000031909.DOCN.&l=20&u=/netahtml/sirel/simples.html&p=1&r=1&f=G&d=atos&SECT1=TEXT#hb>>

Site Prinsted. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/271553052505163246/?lp=true>>

Site Revolvly. Disponível em: <<https://www.revolvly.com/page/Giulio-Monteverde>>

Repositório digital Lume, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/71025>>

Site Achivio Scultura Veronese dell' 800 e del 900. Disponível em: <<http://www.archivio-scultura-veronese.org/portfolio-items/leone-domenico-lonardi/>>

FONTES ORAIS:

Entrevista da autora com Julio Lonardi, realizada em 01 de agosto de 2018. Transcrita e depositada no acervo do Lapho, PUCRS.

Entrevista da autora com Julio Lonardi, realizada em 29 de agosto de 2018. Transcrita e depositada no acervo do Lapho, PUCRS.

Entrevista da autora com Renzo Biondani, realizada em 13 de setembro de 2017. Transcrita e depositada no acervo do Lapho, PUCRS.

Entrevista da autora com Renzo Biondani, realizada em 28 de setembro de 2017. Transcrita e depositada no acervo do Lapho, PUCRS.

FONTES DA IMPRENSA

Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial (RJ) - 1891 a 1940.

Almanak Litterario e Estatístico do Estado do Rio Grande do Sul. 22º ano.
RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org). Porto Alegre: editores - Pinto & C., 1910.

Calendário para os Alemães no Brasil, Rio Grande do Sul (1880-1939).

Diário de Notícias, Porto Alegre.

Diário Oficial, Porto Alegre.

Guia Pública de Porto Alegre: Anuário comercial e indicador geral do comércio, indústria, profissões, repartições públicas, institutos e associações da cidade. Ed. 17. Porto Alegre: Hugo Müller, 1937.

Jornal A Federação, Porto Alegre.

Jornal A Noite, Rio de Janeiro.

Jornal Città di Caxias, Caxias do Sul.

Jornal Correio do Povo, Porto Alegre.

Jornal Correio Paulistano, São Paulo.

Jornal **Diário Nacional**, São Paulo.

Jornal do Commercio, Porto Alegre.

Jornal do Dia, Porto Alegre.

Jornal **Il Moscone**, São Paulo.

Jornal **L'Avvenire**, Porto Alegre.

Jornal **O Constitucional**, Porto Alegre.

Jornal **O Imparcial**, Rio de Janeiro.

Jornal **O Marmorista**, Rio de Janeiro.

Jornal **O Paiz**, Rio de Janeiro.

Kalender für die Deutschen in Brasilien (*RS*), 1934.

Relatório do Presidente da Província ao Império, Rio Grande do Sul.

Revista **Veja**.

FONTES DE ARQUIVOS

Acervo Benno Mentz - Delfos - Espaço de Documentação e Memória Cultural do Instituto de Cultura/PUCRS.

Arquivo Público do Rio Grande do Sul (APERS).

Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

FONTES DO ACERVO DOCUMENTAL DA FAMÍLIA LONARDI

Acervo fotográfico da família Lonardi.

Apólices de Seguro a favor do militar combatente (Leone Lonardi) – Roma, Itália.

Árvore genealógica organizada pela família Lonardi.

Bilhete de passagem de Leone Lonardi e Maria Beghini de Gênova a Santos, na segunda classe do navio Conte Verde da Companhia Loyd Sabaudó, de 17 de novembro de 1927.

Caderno de Croquis de projetos de Leone Lonardi.

Cartão de visitas da Marmoraria Lonardi, Teixeira & Cia Ltda.

Cartas da Itália, de familiares italianos de Leone Lonardi.

Cartões de contribuição da Associação de Arquitetos, Escultores e Canteiros da Filadélfia e Vizinhança.

Catálogo da Companhia de Artes Plásticas Florentina, dos Estados Unidos.

Diplomas de Leone Lonardi.

Lista de passageiros da viagem de Leone Lonardi e Maria Beghini da Itália para Porto Alegre em 1927, do navio Conte Verde da Companhia Lloyd Sabaudó.

Livro ponto dos anos de 1931-1932.

Livros caixas dos anos de 1928-59.

Moldes de esculturas de Leone Lonardi.

Notas fiscais da Marmoraria Lonardi, Teixeira & Cia Ltda.

Ofício de casamento de Leone Lonardi e Maria Beghini.

Passaportes de Leone Lonardi e Maria Beghini.

Recortes de jornais sobre Leone Lonardi e suas obras.